JUAN REINALDO SÁNCHEZ

# A VIDA SECRETA DE FIDEL

AS REVELAÇÕES DE SEU GUARDA-COSTAS PESSOAL

JUAN REINALDO SÁNCHEZ
E AXEL GYLDÉN

# A VIDA SECRETA DE FIDEL

## AS REVELAÇÕES DE SEU GUARDA-COSTAS PESSOAL

Tradução
JULIA DA ROSA SIMÕES

paralela

*A minha mãe, luz de meus dias,*
*modelo de humildade e devoção.*
*A meus filhos Aliette e Ernesto.*
*À mãe deles, que tantas vezes*
*desempenhou o papel de pai na minha ausência.*
*A meu tio Manuel, um "pai" que me transmitiu*
*extraordinários valores éticos.*
*A meus avós, Angela e Crespo,*
*anjos da guarda cuja presença sinto sempre.*
*A meus netos, a meu irmão.*
*E a todos os que me apoiaram nos momentos difíceis.*
*Que Deus os abençoe.*

# Sumário

# 1
# Cayo Piedra, a ilha paradisíaca dos Castro

O iate de Fidel Castro singrava o mar do Caribe. Tínhamos desatracado havia dez minutos e os golfinhos brancos já nos alcançavam sobre as ondas azul-petróleo da costa meridional de Cuba. Um bando de nove ou dez mamíferos patrulhava a estibordo, bem perto do casco; outro grupo de cetáceos seguia o sulco da embarcação, trinta metros a bombordo traseiro. Pareciam a escolta motorizada de um chefe de Estado em visita oficial…

— Os substitutos chegaram; você pode ir descansar — eu disse a Gabriel Gallegos apontando para a miríade de nadadeiras dorsais que fendiam a superfície das águas a toda a velocidade.

Meu colega achou graça na brincadeira. Mas três minutos depois os imprevisíveis animais mudaram de direção e se afastaram, desaparecendo no horizonte.

— Mal chegaram e já se foram! Que falta de profissionalismo… — zombou Gabriel.

Em matéria de profissionalismo, éramos especialistas. Fazia treze anos que tínhamos entrado para a Segurança Pessoal do comandante. No ano de 1977. Ora, em Cuba, não havia nada mais sério, rigoroso ou importante que a proteção do chefe de Estado. A mínima saída de Fidel ao mar, mesmo que para algumas horas de pescaria ou de caça submarina, mobilizava um dispositivo de defesa militar impressionante. Assim, o *Aquarama II* — nome do iate de Fidel Castro — era sistematicamente escoltado pela *Pionera I* e pela *Pionera II*, duas potentes lanchas de 55 pés (dezessete metros) quase idênticas, uma das quais completamente equipada para atender o comandante em caso de emergências médicas.

Dez membros da guarda pessoal de Fidel, o corpo de elite do qual eu fazia parte, se dividiam nas três embarcações — em terra, nos dividíamos em três carros. Todos os barcos estavam equipados com metralhadoras pesadas e tinham estoques de granadas, fuzis Kalashnikov AK-47 e munições, prontos para qualquer eventualidade. Era verdade que, desde o início da Revolução Cubana, Fidel Castro vivia sob a ameaça de atentados: a CIA admitiu ter cogitado centenas, com veneno, canetas ou charutos sabotados…

Nas proximidades, um pouco ao largo, um patrulheiro da guarda costeira também participava da operação: ele assegurava a vigilância por radar, marítima e aérea, do setor. A ordem: qualquer barco que se aproximasse a menos de três milhas náuticas do *Aquarama II* deveria ser interceptado. A aviação cubana também comparecia: na base aérea de Santa Clara, a uma centena de quilômetros, um

piloto de caça vestindo uniforme de combate ficava em estado de alerta máximo, pronto para saltar em seu MiG-29 de fabricação soviética, decolar em menos de dois minutos e alcançar o *Aquarama II* a uma velocidade supersônica.

O dia estava bonito. Nada de surpreendente nisso: estávamos em pleno verão, no ano da graça de 1990, sob o 32º ano do reinado de Fidel Alejandro Castro Ruz, que estava com 63 anos. O muro de Berlim tinha sido derrubado no outono anterior. O presidente americano George Bush se preparava para lançar a operação “Tempestade no Deserto”: a invasão ao Iraque de Saddam Hussein. Fidel Castro, enquanto isso, navegava rumo a sua ilha particular e ultrassecreta, Cayo Piedra, a bordo do único barco de luxo da República de Cuba, o seu.

Era uma embarcação elegante com um casco branco de noventa pés (27,5 metros). Em operação desde o início dos anos 1970, tratava-se de uma réplica em escala maior do *Aquarama I*, um iate aristocrático confiscado de um simpatizante do regime de Fulgencio Batista — derrubado, como se sabe, em 1º de janeiro de 1959 pela Revolução Cubana nascida dois anos e meio antes nas montanhas da Sierra Maestra com Fidel e mais sessenta “barbudos”. Além de duas cabines duplas, sendo a de Fidel equipada com banheiro privativo, o barco dispunha de leitos para mais doze pessoas. As seis poltronas do salão principal podiam ser reclinadas. Dois catres serviam a sala de comunicação por rádio. E a cabine reservada à tripulação, na proa, tinha mais quatro deles. Como qualquer iate digno do nome, o *Aquarama II* oferecia todo o conforto moderno: ar-condicionado, dois chuveiros, banheiro, televisão, bar.

Comparado aos brinquedinhos dos novos-ricos russos e sauditas que hoje cruzam as Antilhas ou o Mediterrâneo, o *Aquarama II*, apesar do lindo verniz e do toque vintage, poderia parecer ultrapassado. Mas nos anos 1970, 1980 e 1990, esse luxuoso barco inteiramente decorado com madeiras nobres importadas de Angola nada deixava a desejar àqueles que atracavam nas marinas das Bahamas ou de Saint-Tropez.

Por sua potência, na verdade, era muito superior. Seus quatro motores, oferecidos por Leonid Brejnev a Fidel Castro, eram de fato idênticos aos dos patrulheiros da Marinha soviética. Com força total, propulsionavam o *Aquarama II* à velocidade fenomenal de 42 nós, ou seja, 78 quilômetros por hora! Era imbatível.

Em Cuba, ninguém, ou quase ninguém, sabia da existência desse iate cujo porto de matrícula ficava numa enseada invisível e inacessível aos simples mortais, na costa oriental da famosa Baía dos Porcos, cerca de 150 quilômetros a sudeste de Havana. Desde os anos 1960 era ali, em plena zona militar, que se escondia a marina privada de Fidel. Área de vigilância máxima, o lugar, chamado La Caleta del Rosario, também abrigava uma de suas várias residências secundárias e, num prédio anexo, um pequeno museu pessoal dedicado aos troféus de pesca de Fidel.

Partindo dessa marina, eram necessários 45 minutos para chegar a Cayo Piedra, a ilha paradisíaca do comandante. Fiz essa travessia centenas de vezes. Em todas elas ficava impressionado com o azul do céu, a transparência da água e a beleza do fundo marinho. Os golfinhos vinham nos saudar quase todas as vezes, nadavam ao nosso lado e depois sumiam de repente, sem avisar.

Entre nós, a grande diversão era tentar ser o primeiro a avistá-los; alguém sempre acabava gritando: “*Aquí están!*”. Muitas vezes, também éramos seguidos, das costas cubanas até Cayo Piedra,

por pelicanos. Eu gostava de acompanhar seu voo pesado e um pouco desajeitado. Para nós, membros da elite militar cubana, os 45 minutos de travessia eram um passatempo bem-vindo, pois a proteção de uma personalidade exigente como Fidel requeria nossa atenção constante e não possibilitava nenhum momento de descanso.

Durante toda a viagem, *el jefe* (o chefe), como o chamávamos entre nós, geralmente ficava no salão principal. Era comum instalar-se na grande poltrona presidencial de couro negro, na qual nenhum outro ser humano jamais se sentou. No ambiente sossegado dessa sala de estar, com um copo de uísque Chivas Regal *on the rocks* na mão (sua bebida preferida), ele mergulhava nos relatórios dos serviços de informação, repassava o clipping da imprensa internacional preparado por seu gabinete, analisava a seleção de notícias das agências France-Presse, Associated Press e Reuters.

*El jefe* também aproveitava para discutir os negócios correntes com José Naranjo, fiel assistente apelidado *Pepín*, que acompanhou todos os instantes de sua vida profissional até morrer de câncer em 1995.* Dalia também estava presente, é claro. Mãe de cinco dos nove filhos de Fidel, Dalia Soto del Valle era a mulher com quem ele secretamente compartilhava a vida desde 1961… Mas cuja existência os cubanos só foram descobrir nos anos 2000! Por fim, havia o professor Eugenio Selman, médico pessoal de Fidel até 2010, que *el comandante* apreciava tanto pela competência quanto pela conversa política. A principal atribuição desse homem elegante, atencioso e unanimemente respeitado consistia, é claro, em velar pela saúde do chefe. Mas o médico pessoal de Fidel também cuidava de todos os que o cercavam.

Era raro haver um convidado — empresário ou chefe de Estado — a bordo. Mas isso podia acontecer. *El comandante* o convidava então a acompanhá-lo ao convés superior, de onde podiam admirar a vista das costas cubanas, em especial a da Baía dos Porcos, de onde acabáramos de zarpar. À medida que o *Aquarama II* se afastava, Fidel, narrador sem igual, discorria in loco sobre as horas trágicas da invasão à célebre baía. Do convés da popa, nós o víamos lançar-se a complexas explicações, fazendo gestos amplos e apontando para os diferentes locais da região pantanosa infestada de mosquitos. O professor prodigalizava ao aluno do momento uma aula de história com vista para o palco dos acontecimentos.

— Veja lá no fundo da baía, é Playa Larga! E ali, na entrada oriental da baía, é Playa Girón! Foi ali que exatamente à 1h15 do dia 17 de abril de 1961 o contingente de 1500 exilados cubanos dirigidos pela CIA desembarcou para tentar invadir a pátria, derrubar o governo e tomá-lo. Mas aqui ninguém se rende! E depois de três dias de uma heroica resistência popular, os invasores precisaram recuar para Playa Girón. E entregar as armas.

Planejada sob Dwight Eisenhower e lançada no início do mandato de John F. Kennedy, a operação de fato foi um fiasco completo: 1200 membros da força expedicionária aprisionados e 118 mortos. Do lado castrista, 176 mortos e várias centenas de feridos. Para Washington, a humilhação foi total. Pela primeira vez na história, o “imperialismo americano” sofreu uma derrota militar incisiva, enquanto, no cenário internacional, Fidel Castro se impunha como o indiscutível líder do Terceiro Mundo. Aliado declarado da URSS, ele tratava com as grandes potências de igual para igual.

No convés superior, banhado pelo sol, o convidado de Fidel ouvia
com atenção aquele incontestável protagonista da História com H maiúsculo. Fascinado, tinha a impressão de reviver a batalha. Sem sombra de dúvida, guardaria para o resto da vida a lembrança das horas passadas no iate de Fidel Castro. A seguir, os dois homens voltavam para o salão, onde se encontravam com Dalia e o professor Eugenio Selman. Logo o capitão do *Aquarama II* reduzia a velocidade e a cor da água se tornava esmeralda: nos aproximávamos de Cayo Piedra.

*

Por ironia do destino, indiretamente Fidel Castro devia a descoberta daquele local de descanso à invasão ianque lançada por JFK.

Nos dias de abril de 1961 que se seguiram ao desembarque fracassado na Baía dos Porcos, Fidel explorou a região, onde encontrou um pescador local que todos chamavam *el viejo* Finalé. Ele pediu ao "velho Finalé" que lhe mostrasse os arredores. O pescador, de rosto seco como pergaminho, imediatamente o levou, a bordo de seu barco de pesca, até Cayo Piedra, uma pequena "joia" situada a quinze quilômetros da costa, conhecida apenas pelos moradores da região. Na época, um faroleiro vivia sozinho na ilha, como um eremita, encarregado da manutenção do farol. Fidel logo se apaixonou por aquele lugar de beleza selvagem, digno de Robinson Crusoé. O faroleiro foi convidado a se retirar da ilha, o farol foi desativado e depois desmontado.

Em Cuba, a palavra *cayo* designa uma ilha plana e arenosa, quase sempre estreita e alongada. As costas cubanas têm milhares delas. Muitas são hoje frequentadas por turistas, praticantes de mergulho submarino. A de Fidel se estende por um quilômetro e meio, descrevendo um leve semicírculo de norte a sul. A leste, a costa rochosa dá diretamente para o mar e para as profundas águas azul-petróleo. A oeste, ao abrigo do vento, a costa se abre sobre a areia fina e o mar azul-turquesa. É um lugar paradisíaco cercado de fundos marinhos espetaculares. Tudo está quase tão intacto quanto na época das grandes descobertas dos exploradores europeus. Quem sabe um dia alguns piratas não tenham parado ali para descansar ou para enterrar um de seus tesouros?

Para ser preciso, Cayo Piedra não designa uma ilha, mas duas: um dia, foi dividida pela passagem de um ciclone. Mas Fidel corrigiu o inconveniente: mandou construir uma ponte de 215 metros entre as duas metades de Cayo Piedra, recorrendo ao talento do arquiteto Osmany Cienfuegos, irmão do herói da revolução castrista Camilo Cienfuegos. A ilha Sul, ligeiramente maior que a outra, é a principal, onde o casal Castro construiu uma casa, no terreno do antigo farol. Era uma casa térrea, quadrangular, com um terraço a leste que se abria para o alto-mar.

Muito funcional, essa casa de cimento não tinha nenhum luxo ostentatório. Além do quarto do casal Fidel e Dalia, contava com um quarto para as crianças, uma cozinha e uma sala, que dava para um terraço de frente para o mar cujo mobiliário de madeira era simples; nas paredes, a maioria dos quadros, desenhos ou fotos representava cenas de pesca ou da vida submarina.

Das portas do terraço dessa unidade, à direita, via-se o heliporto. Um pouco adiante, a uma centena de metros, avistava-se a casa reservada a nós, os guarda-costas de Fidel. Na frente dela, elevava-se a construção que abrigava o resto do pessoal: cozinheiros, mecânicos, eletricistas, oficiais de rádio e uma dezena de soldados armados permanentemente acantonados em Cayo Piedra.

Mais longe ainda ficavam o depósito de combustível, uma reserva de água doce (trazida de barco da terra firme) e uma minicentral elétrica.

A oeste, de frente para o poente, os Castro tinham mandado construir um pequeno cais de sessenta metros de comprimento. Ele ficava num nível mais baixo que o da casa, na pequena praia de areia fina que costeava o lado interior do *cayo* em forma de semicírculo. Para permitir a atracação do *Aquarama* e das lanchas *Pionera I* e *II*, Fidel e Dalia também tinham mandado abrir um canal de um quilômetro de comprimento, sem o qual a pequena frota não poderia se aproximar da ilha, cercada por altos bancos de areia, pois seu calado de 2,5 metros era grande demais.

O atracadouro de sessenta metros constituía o epicentro da vida social em Cayo Piedra. Um píer flutuante de quinze metros fora-lhe acrescido, e sobre ele construíram um restaurante com bar e churrasqueira. Era ali que a família fazia a maioria das refeições… quando não eram servidas a bordo do iate. Desse bar-restaurante, era possível admirar o viveiro onde eram criadas, para a grande alegria de adultos e crianças, tartarugas marinhas (algumas chegavam a medir um metro e iam parar no prato de Fidel). Do outro lado do atracadouro, havia um golfinário que alegrava o cotidiano graças às brincadeiras e saltos dos dois golfinhos que ali viviam em cativeiro.

A outra ilha, ao norte, era praticamente deserta: além de uma rampa de lançamento de mísseis antiaéreos abrigava apenas a casa de hóspedes. Maior que a do dono do complexo todo, esta contava com quatro quartos e uma grande sala de estar. Uma linha telefônica comunicava a casa dos hóspedes à casa de Fidel, que ficavam a quinhentos metros de distância uma da outra. Para fazer esse trajeto, usávamos um dos dois Fuscas conversíveis de Cayo Piedra. Um Jeep, de fabricação soviética, era utilizado para o transporte de equipamentos e mercadorias.

A casa da ilha Norte dispunha de uma piscina de água doce ao ar livre, com 25 metros de comprimento, além de uma jacuzzi natural. Escavada na rocha, era abastecida de água do mar por uma espécie de aqueduto talhado na pedra por onde a água salgada penetrava a cada nova onda.

A vida inteira Fidel repetiu que não possuía nenhum patrimônio além de uma modesta “cabana de pescador” em algum ponto da costa. A cabana de pescador, portanto, se transformou numa estação balnear de luxo que mobilizava uma logística considerável para sua segurança e manutenção. A ela devemos acrescentar mais duas dezenas de bens imobiliários, a começar por Punto Cero, sua imensa propriedade em Havana, perto do bairro das embaixadas; La Caleta del Rosario, que também abriga uma marina privada, na Baía dos Porcos; La Deseada, um chalé no coração da zona pantanosa da província de Pinar del Río, onde no inverno Fidel pratica a caça de patos e de aves aquáticas. Sem mencionar as outras propriedades, em todas as províncias administrativas de Cuba, reservadas a seu uso exclusivo.

Fidel Castro também insinuou, e às vezes afirmou, que a Revolução não lhe dava nenhuma trégua, nenhum descanso; que ele ignorava, ou até mesmo desprezava o conceito burguês de férias. Mentira. De 1977 a 1994, acompanhei-o centenas e centenas de vezes ao pequeno paraíso de Cayo Piedra. E participei de inúmeras pescarias e caçadas submarinas.

Na boa estação, de junho a setembro, Fidel e Dalia iam para Cayo Piedra todos os finais de

semana. Na estação das chuvas, em contrapartida, Fidel privilegiava La Deseada. Em agosto, os Castro se instalavam por um mês em sua ilha dos sonhos. Quando um imperativo de trabalho ou a visita de uma personalidade estrangeira obrigava o "comandante da Revolução" a voltar a Havana, não havia problema: ele embarcava no helicóptero que ficava permanentemente estacionado em Cayo Piedra durante sua estada. E ele ia e voltava no mesmo dia, se preciso!

É espantoso que, antes de mim, ninguém jamais tenha revelado ou descrito Cayo Piedra. Com exceção das imagens de satélite do Google Earth (onde vemos perfeitamente a casa de Fidel e a de hóspedes, o canal e a ponte entre as duas ilhas), não existe nenhuma imagem desse paraíso para milionários. Alguns podem se perguntar por que eu mesmo não fotografei o lugar. A resposta é simples: um tenente-coronel da segurança encarregado de proteger uma autoridade importante não anda por aí com uma máquina fotográfica a tiracolo, mas sim com uma pistola automática na cintura! Além disso, a única pessoa autorizada a imortalizar Cayo Piedra era o fotógrafo oficial de Fidel, Pablo Caballero. E ele, como seria de esperar, estava preocupado em imortalizar as atividades do comandante, e não a paisagem que o cercava. Por isso nunca foram divulgadas, que eu saiba, imagens de Cayo Piedra ou do *Aquarama II*.

*

Em Cuba, a vida privada do comandante é o segredo mais bem guardado da Revolução. Fidel Castro sempre se preocupou em ocultar as informações a respeito de sua família. De modo que muito pouco se sabe, há seis décadas, sobre a família Castro, que conta com sete irmãos e irmãs. Herança da época em que ele vivia na clandestinidade, a separação entre vida pública e vida privada chega a níveis inimagináveis.

Nenhum irmão de Castro jamais foi convidado a conhecer Cayo Piedra. É possível que Raúl, de quem Fidel é mais próximo, tenha visitado o local em sua ausência. Pessoalmente, porém, nunca o vi na ilha. Com exceção do círculo familiar mais íntimo, isto é, Dalia e os cinco filhos que ela teve com Fidel Castro, raros, raríssimos são aqueles que podem se orgulhar de ter visto a ilha misteriosa com os próprios olhos. Fidelito, o filho mais velho de Fidel, de um primeiro casamento, esteve lá menos de cinco vezes. E Alina, sua única filha, fruto de um relacionamento extraconjugal, que vive hoje em Miami, na Flórida, nunca pôs os pés na ilha…

De minha parte, exceto alguns empresários estrangeiros cujo nome esqueci e alguns ministros cubanos escolhidos a dedo, lembro-me de ter visto na ilha somente o presidente colombiano Alfonso López Michelsen (1974-8), que passou um fim de semana com a mulher Cécilia por volta de 1977-8; o empresário francês Gérard Bourgoin, o chamado "rei do frango", em visita por volta de 1990, época em que o CEO exportava sua experiência como produtor de aves para o mundo inteiro; o proprietário da CNN Ted Turner; a apresentadora e superestrela da rede de televisão americana ABC Barbara Walters; e Erich Honecker, dirigente comunista da República Democrática Alemã ( RDA) entre 1976 e 1989, um dos principais aliados de Cuba na época.

Nunca esquecerei a visita de 24 horas deste último a Cayo Piedra, em 1980. É preciso saber que oito anos antes, em 1972, Fidel Castro havia rebatizado a ilha Cayo Blanco del Sur de "Ilha Ernst Thälmann". Ou melhor: num impulso de amizade simbólica entre "países irmãos", ele havia

oferecido à RDA aquele pedaço de terra desabitada, de quinze quilômetros de comprimento e quinhentos metros de largura, localizado a uma hora de navegação de sua ilha privada.

Quem foi Ernst Thälmann? Um célebre dirigente do Partido Comunista alemão sob a República de Weimar, posteriormente fuzilado pelos nazistas, em 1944. Em 1980, portanto, durante uma visita oficial de Honecker a Cuba, o representante de Berlim Oriental ofereceu um busto de Thälmann a Fidel. Seguindo a lógica, este decidiu colocar a obra de arte na ilha de mesmo nome. E foi assim que assisti à cena surreal em que dois chefes de Estado, a bordo do *Aquarama II*, desembarcaram no meio de lugar nenhum para inaugurar a estátua de um personagem esquecido numa ilha perdida, tendo como únicas testemunhas as iguanas e os pelicanos. A notícia mais recente a respeito conta que o imenso busto de Thälmann, de dois metros de altura, foi derrubado de seu pedestal pela passagem do furacão Mitch, em 1998…

Na verdade, os dois únicos frequentadores de Cayo Piedra externos à família foram Gabriel García Márquez e Antonio Núñez Jiménez. Como se sabe, o primeiro, que passou uma boa parte da vida em Cuba, foi sem dúvida o maior escritor colombiano, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1982. O segundo, morto em 1998, foi um personagem importante da Revolução Cubana, da qual participou como capitão e em lembrança da qual sempre manteve uma barba espessa. Figura intelectual respeitada, antropólogo e geógrafo, ele também pertencia ao restrito círculo dos verdadeiros amigos de Fidel. Os dois foram os principais usuários da casa de hóspedes de Cayo Piedra.

*

Em Cayo Piedra, o luxo não é calculado por metros quadrados de área útil, nem pelo número de iates atracados. O tesouro da ilha é seu espetacular fundo marinho. Totalmente afastadas do turismo e da pesca, as águas que se estendem à frente da ilha constituem um santuário ecológico incomparável. Fidel Castro dispõe, à entrada de sua casa, de um aquário pessoal com área superior a duzentos metros quadrados! Um campo de esportes submarinos ignorado pelos milhões de cubanos e pelos milhões de turistas que todo ano praticam mergulho ao redor dos *cayos* administrados pelo Ministério do Turismo.

Com exceção do famoso comandante francês Jacques-Yves Cousteau, em missão a bordo do *Calypso* e com autorização expressa de Fidel Castro, nenhuma outra pessoa jamais pôde apreciar a incrível riqueza animal e vegetal de que ele usufrui. Peixe-lua, peixe-esquilo, peixe-gato, peixe-borboleta, peixe-cofre, peixe-flauta, peixe-trombeta, hamlet, cardeal, cirurgião-listrado, olho-de-cão, atum, pargo, lagosta: todas as variedades imagináveis de peixes amarelos, laranjas, azuis ou verdes nadam entre maciços de corais vermelhos ou brancos e algas verdes, pretas e vermelhas. Golfinhos, tubarões-tigre, tubarões-martelo, espadartes, barracudas e tartarugas completam o quadro de fadas desse mundo silencioso.

Fidel Castro era um excelente mergulhador. Posso avaliar isso muito bem, pois ao longo de todos os anos que passei a seu serviço, fui encarregado de auxiliá-lo embaixo d'água durante suas caçadas submarinas. Especialmente para protegê-lo de ataques de tubarões, barracudas e espadartes. Mais do que qualquer outra incumbência sob minha responsabilidade — como organizar sua agenda ou sua

segurança durante viagens ao exterior —, tenho certeza de que essa função aquática foi a que mais despertou inveja. Para a escolta de Fidel, não existia privilégio maior que o de acompanhá-lo em seus passeios submarinos. E comigo eles foram numerosos! Pois por mais que ele gostasse de basquete ou da caça de patos, o mergulho submarino era sua verdadeira paixão. Dotado de uma impressionante capacidade torácica, Fidel (1,91 metro, 95 quilos) era capaz de mergulhar em apneia a dez metros de profundidade sem a menor dificuldade.

Mas ele também tinha uma forma peculiar de praticar a caça submarina. A única maneira de descrevê-la seria compará-la às caçadas reais de Luís XV nas matas ao redor de Versailles. Antes do nascer do sol, enquanto o soberano ainda dormia, uma equipe de pescadores, guiada pelo "velho Finalé", partia em missão de reconhecimento. Seu objetivo: identificar os locais ricos em peixes para antecipar as expectativas do monarca. Ao amanhecer, a equipe voltava a Cayo Piedra. Ali, aguardava o despertar do rei, que raramente dormia antes das três horas da manhã. Então, o "velho Finalé" se apresentava para o relatório diário.

— Então, o que temos para hoje? — perguntava Fidel antes de subir a bordo do *Aquarama II*.

— Comandante, hoje não faltarão os bonitos e dourados. E, se tivermos sorte, as lagostas também comparecerão.

O *Aquarama II* era aparelhado. A bordo, agilizavam-se os preparativos: máscara e snorkel eram providenciados enquanto Fidel sentava de pernas abertas. Alguém se ajoelhava à sua frente para vestir-lhe os pés de pato e as luvas. Depois de equipado, eu era o primeiro a descer pela escada, seguido por *el comandante*. Embaixo d'água, eu nadava a seu lado ou acima dele. Meu instrumento de trabalho era um fuzil de ar comprimido que lançava flechas de ponta redonda, que ricocheteavam no alvo. Elas serviam para dar "socos" na cabeça de tubarões ou barracudas e afugentar os que se aproximassem perigosamente de Fidel.

Mas eu também levava o fuzil de pesca do chefe, já que ele não aguentaria seu peso. Quando Fidel avistava uma presa e decidia usá-lo, estendia o braço em minha direção sem olhar para mim. Eu sabia o que devia fazer: colocar a arma engatilhada em sua mão. Fidel disparava o arpão e imediatamente me devolvia o fuzil. Dependendo de se acertara ou errara o alvo, eu recarregava a arma ou voltava à superfície para depositar a caça no bote acima de nós.

Quando ele ficava cansado, voltávamos a Cayo Piedra. Ao chegarmos, o ritual era sempre o mesmo. As (inúmeras) presas de Fidel eram alinhadas no atracadouro e triadas por espécie: os pargos com os pargos, os dourados com os dourados, as lagostas com as lagostas etc. Os peixes de Dalia, que caçava em separado sob a proteção de dois mergulhadores, eram dispostos ao lado. Fidel e ela davam uma olhada no futuro banquete sob os comentários elogiosos e alegres do séquito.

— *Comandante, es una otra pesca milagrosa!* — eu dizia com a certeza de obter um sorriso do principal interessado e de todos os presentes.

Depois, quando as brasas da churrasqueira já estavam incandescentes, Fidel indicava os peixes que queria grelhar ali mesmo, e os que, magnânimo, oferecia à guarnição, bem como os peixes que levaria para Havana em caixas de gelo para consumir dentro de 48 horas. Então os Castro passavam à mesa. À sombra do restaurante flutuante.

Comparada ao modo de vida dos cubanos, essa *dolce vita* representa um privilégio absurdo. Principalmente porque depois da queda do muro de Berlim e do colapso soviético, as condições de vida em Cuba, já espartanas, pioraram muito. As subvenções de Moscou, que possibilitavam certo nível de prosperidade, cessaram. A economia cubana, que realizava cerca de 80% de seu comércio exterior com o bloco do Leste, desmoronou como um castelo de cartas. Os lares viviam momentos de penúria. O PIB diminuiu 35% e o abastecimento de eletricidade se tornou insuficiente. Em 1992, a fim de enfrentar uma queda brutal das exportações e importações, Fidel decretou o começo do "período especial em tempos de paz", que oficializou a era das privações e deu início à do turismo internacional em massa.

*

Até a virada dos anos 1990, eu nunca tinha me questionado muito sobre o funcionamento do sistema. É o defeito dos militares… Como bom soldado, cumpria minha missão da melhor forma possível e aquilo me bastava. Além disso, os serviços que prestava eram impecáveis. Faixa preta em judô, faixa preta em caratê, faixa preta em tae kwon do, eu também era um dos melhores atiradores de elite de Cuba. Em 1992, fui campeão de tiro de precisão em Cuba, em alvos fixos ou móveis a 25 metros de distância, durante um concurso de dois dias organizado pelo Ministério do Interior. Fui inclusive agraciado com o título honorário de expert, nunca concedido a alguém antes de mim. Paralelamente, tinha me formado em direito e galgado todos os escalões da hierarquia até o posto de tenente-coronel. As responsabilidades confiadas a mim se tornavam cada vez mais importantes, como a de gerenciar o dispositivo de segurança dos deslocamentos internacionais do chefe de Estado. O próprio Fidel estava satisfeito comigo. Mais de uma vez, durante essas viagens ao exterior, ouvi-o dizer ao descer do avião: "Ah, Sánchez está aqui! Então tudo está em ordem…". Profissionalmente, posso dizer que eu era bem-sucedido. Socialmente também, aliás: em Cuba, não existia trabalho mais prestigioso nem mais invejado que o de dedicar a vida à proteção física do líder máximo.

No entanto, foi nessa época que o edifício de minhas convicções começou a ruir. Devo lembrar que, na memória coletiva dos cubanos, o ano de 1989 corresponde menos à queda do muro de Berlim e mais ao "caso Ochoa". Essa espécie de "caso Dreyfus do castrismo" ficará como uma mancha indelével na história da Revolução Cubana. Após um processo stalinista televisionado, ainda vivo nas nossas memórias, usaram Arnaldo Ochoa, herói da nação e general mais respeitado da ilha, para dar exemplo e o condenaram e fuzilaram por tráfico de drogas ao lado de três outros membros da mais alta hierarquia militar. Ora, pertencendo ao círculo mais íntimo do poder, eu sabia muito bem que esse tráfico, destinado a arrecadar divisas para financiar a Revolução, tinha sido organizado com o aval do comandante, que portanto estava diretamente ligado ao "caso". Para melhor se proteger, Fidel Castro não hesitara em sacrificar o mais valoroso e fiel de seus generais, Arnaldo Ochoa, herói da Baía dos Porcos, da Revolução Sandinista na Nicarágua e da guerra contra a África do Sul em Angola.

Fui compreender um pouco tarde demais que Fidel utilizava as pessoas enquanto elas lhes fossem úteis, e que depois as jogava no lixo sem o menor escrúpulo.

Em 1994, decepcionado com tudo o que tinha visto, ouvido e vivido, decidi me aposentar. Nada

além disso: simplesmente me aposentar com dois anos de antecedência, sair tranquilamente de cena — permanecendo fiel ao juramento que consistia em manter secretas todas as informações às quais havia tido acesso ao longo dos dezessete anos passados na intimidade do líder máximo. Por esse crime de traição — ousar renunciar ao serviço do comandante da Revolução —, jogaram-me na prisão como um cão, numa cela infestada de baratas. Fui torturado. Tentaram inclusive me eliminar. Em certo momento, pensei que desistiria. Mas sou teimoso. Durante minha prisão, de 1994 a 1996, jurei para mim mesmo que, no dia em que conseguisse fugir de Cuba (o que aconteceu em 2008, depois de dez tentativas infrutíferas), começaria a escrever um livro para contar o que sabia, o que tinha visto, o que tinha ouvido. Para falar sobre o "verdadeiro" Fidel Castro como ninguém nunca ousou fazer. A partir de dentro.

---

* Sendo então substituído por Carlos Lage, que mais tarde se tornou vice-presidente do Conselho de Ministros e do Conselho de Estado, antes de ser destituído em 2009.

# 2
# Eu, Juan Sánchez, guarda-costas de Fidel

Desde que me conheço por gente, sempre fui apaixonado por armas de fogo. Não foi um acaso completo o fato de eu ter vencido, no auge de minha carreira, em 1992, aquele concurso de melhor atirador de pistola de Cuba, que reuniu a nata dos praticantes da disciplina. Aos seis anos, ganhei de presente meu primeiro conjunto completo de caubói, com um revólver magnífico de espoleta, na cor prata. Nos anos seguintes, ganhava regularmente fantasias novas e, em especial, novos revólveres. Assim, passei a infância acabando com a força de índios imaginários e bandidos temíveis. Mas em vez de brincar de "Bang! Bang! Morreu!", eu levava minha missão muito a sério, esforçando-me para dar tiros certeiros em meus alvos móveis, com o braço estendido e o olho na mira.

Adolescente, passei para as carabinas de ar comprimido, que atiravam chumbinhos, ideais para acertar alvos a dez metros de distância. Foi por isso que, mais tarde, me tornei o gatilho mais rápido da escolta de Fidel! Hoje, passados os meus sessenta anos, treino pelo menos uma vez por semana num clube de tiro na Flórida (Estados Unidos), onde moro exilado desde 2008. E, é claro, nunca saio de casa sem minha arma: se os agentes cubanos, numerosos na Flórida, quiserem me calar, meu comitê de boas-vindas está sempre a postos! Mas voltemos à infância…

*

Nasci em 31 de janeiro de 1949, em Lisa, um bairro pobre da região oeste de Havana, quase exatos dez anos antes do Triunfo da Revolução castrista. Quando fiz dois anos, meu pai, que trabalhava num aviário, se separou de minha mãe, que era faxineira. Como ela era pobre demais para me criar sozinha e meu pai não se via assumindo a tarefa em seu lugar, decidiram me confiar a meu tio e a minha avó do lado paterno, que viviam juntos. Em Cuba, esse tipo de arranjo nada tem de incomum: como nas Antilhas, a família é uma entidade de geometria variável.

Minha avó me tinha como a razão de sua vida: considerava-me um filho. E meu tio, que eu chamava de "papai", logo se transformou num pai substituto. Com minha mãe, que vivia no bairro, os laços não foram cortados: eu a via de tempos em tempos. Por outro lado, não me faltava nada, pois meu tio gozava de uma boa situação financeira. Contador-chefe nos grandes abatedouros de Havana, ele era o feliz proprietário de um Buick branco modelo 1955 dotado de — modernidade inaudita! — um sistema de ar-condicionado. Nos finais de semana, passeávamos a bordo de seu fabuloso carro,

às vezes até Varadero, a célebre estação balnear situada a 150 quilômetros da capital.

Eram os anos 1950. A era de ouro de Cuba. E, acima de tudo, a era de ouro da música cubana: rumba, mambo, chá-chá-chá. As estrelas da época se chamavam Benny Moré, Orlando Vallejo, Celia Cruz, e se apresentavam em nightclubs da moda (o Tropicana, o Montmartre), em hotéis prestigiosos (o Nacional, o Riviera), ou ainda em cassinos mantidos por Lucky Luciano ou por outros mafiosos ítalo-americanos.

Economicamente falando, também era uma época abençoada — mas não nos dávamos conta disso. Claramente mais rica que a Espanha do general Franco, Cuba produzia açúcar, bananas, níquel: era um dos países mais modernos da América Latina. Os números da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico o provam: ao lado da Venezuela, produtora de petróleo, e da Argentina, exportadora de carne, Cuba era um dos três Estados da região com a menor desigualdade e a melhor classificação em termos de desenvolvimento humano (alfabetização, expectativa de vida etc.). A prosperidade da classe média se refletia no número de carros "made in USA", pelo boom eletrodoméstico (televisores, refrigeradores etc.), pela frequência em restaurantes e pequenos comércios que estavam sempre cheios. Havana vivia um clima de sociedade de consumo. No Natal, as prateleiras dos mercados ofereciam maçãs e peras importadas da Europa. Na capital, onde os chamativos neons das discotecas brilhavam à noite, ninguém desconfiava das dificuldades do mundo rural. Lá, os camponeses iletrados eram explorados por multinacionais americanas como a United Fruit Company. Mas quem pensava nas desigualdades sociais, além de um punhado de estudantes idealistas que já sonhavam com uma revolução?

Politicamente, foi uma década conturbada, onde se mesclavam efervescência política, corrupção e agitação estudantil. Uma mistura bombástica. Em agosto de 1951, o líder do Partido Ortodoxo, Eduardo Chibás, grande polemista e principal figura da vida política, se suicidou ao vivo na rádio depois de seu enésimo discurso sobre a corrupção e o gangsterismo ascendentes dos governos Ramón Grau e Carlos Prío. Foi um choque geral. No ano seguinte, em 1952, Fulgencio Batista voltou ao poder com um golpe de Estado, um mês antes das eleições previstas para março, que ele sem dúvida perderia.* Um ano se passou e, em 26 de julho de 1953, um jovem advogado chamado Fidel Castro, de quem já se ouvia falar nas manifestações estudantis, entrou em cena de forma espetacular, desencadeando um assalto armado contra a caserna de Moncada, em Santiago de Cuba, no leste do país. Os conjurados foram quase todos mortos, presos ou executados durante a ação. O fracasso foi estrondoso. Detido, julgado e preso, Fidel Castro foi anistiado dois anos depois. A história estava apenas começando: ele se exilou no México, onde seu irmão Raúl o apresentou a um argentino chamado Ernesto Guevara, que todos chamavam de "Che". Depois de alguns meses de preparativos, um grupo de 82 homens guiados por Fidel desembarcou na costa meridional de Cuba a bordo do *Granma*, um iate de segunda mão. Ali, os guerrilheiros entraram para a clandestinidade. Em 1956, lá estava Fidel Castro na Sierra Maestra liderando uma guerrilha, o Movimento de 26 de Julho, ou "M-26", assim chamado em referência à data do ataque a Moncada.

Em 1958, a história se acelerou: Washington retirou seu apoio ao regime corrupto de Batista, cada

vez mais desacreditado. No mesmo ano, em fevereiro, o M-26 realizou uma de suas proezas mais memoráveis: dois homens mascarados entraram no hotel Lincoln, em Havana, e sequestraram um de seus "clientes VIP": o piloto de corrida automobilística argentino Juan Manuel Fangio. Foi uma comoção geral! A polícia instalou barreiras e *checkpoints* por toda parte, mas não conseguia encontrar Fangio. Seus sequestradores o haviam instalado numa confortável casa de Havana, onde tentaram tornar o esportista receptivo a seu programa revolucionário. Tiveram um sucesso moderado: o piloto argentino era desesperadamente… apolítico. No entanto, bem tratado pelos jovens rebeldes e libertado depois de 29 horas de detenção, teve tempo de fazer amizade com aqueles idealistas. O "golpe de marketing" dos homens de Fidel foi um sucesso estrondoso. Eles se tornaram o assunto do momento. E mancharam um pouco mais a imagem do regime ao atrapalhar o GP de Cuba, que deveria ser uma festa. A vitória foi psicológica, mas incontestável: a partir do "caso Fangio", cada vez mais cubanos começaram a perceber que o poder de Batista enfraquecia. Dez meses depois, ele cairia como uma fruta podre. No dia 1º de janeiro de 1959, com os termômetros marcando 32 graus na sombra, o ditador fugiu para Portugal, e a população em júbilo tomou as ruas da capital.

A multidão cantou, dançou e gritou "*Viva la revolución!*". As ruas foram embandeiradas com o vermelho e o preto do M-26. Fidel, com um senso ímpar de suspense, se fez esperar por oito dias! Só depois fez sua entrada triunfal em Havana, à maneira de um imperador romano. Ao longo de uma semana, ele e seus barbudos percorreram mil quilômetros do país, de leste a oeste. Onde quer que passassem, eram aclamados como heróis. Em 8 de janeiro, a legião de guerrilheiros finalmente chegou à capital. Fidel desfilou em pé num Jeep. Parecia César montado numa biga.

Assisti ao acontecimento de camarote: a sacada do apartamento de meu pai biológico, num primeiro andar da avenida Vía Blanca, se abria diretamente para a História. Naquele dia, vimos "em carne e osso", pela primeira vez, os rostos daqueles semideuses chamados Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos, Huber Matos, Raúl Castro. Eles eram jovens, desenvoltos, carismáticos, bonitos: verdadeiros *latin lovers*.

*

Lembro exatamente das palavras de meu pai ao ver Fidel passando. Ele se virou para mim e disse:

— Você vai ver, este *hombre* reerguerá Cuba. Agora, tudo vai dar certo.

Eu estava longe de imaginar que, quinze anos depois, faria parte da guarda mais próxima do comandante…

No ensino fundamental e no médio, meus pontos fortes eram letras, história e, principalmente, esportes: beisebol, basquete, boxe e caratê. Apesar de minha altura-padrão, eu era bom de briga. Nada nem ninguém me dava medo. E como eu tinha a reputação de defender os amigos, minha cota de popularidade era bastante elevada. Uma anedota: num sábado à noite — eu devia ter dezessete anos —, eu estava num baile, no bairro havanês de Cano, onde também estava um jovem boxeador com certa reputação, Jorge Luis Romero. Vendo-o paquerar minha namorada com insistência, perguntei-lhe qual era seu problema. A explicação se degenerou em uma briga, sem que ninguém assumisse a liderança. Os seguranças deram tiros para o alto para dispersar a aglomeração que se formara. A

polícia chegou para nos levar, mas o boxeador, esperto, conseguiu sair à francesa. Na delegacia, neguei-me a dar seu nome — questão de honra. Três dias depois, ele bateu lá em casa. Eu, convencido de que vinha mal-intencionado, disse-lhe, pronto para a briga: "Espere na esquina, chego em dois minutos". Na rua, porém, ele me agradeceu por não tê-lo denunciado à polícia. A partir daquele dia, a esperança do boxe cubano se tornou um de meus melhores amigos.

Em 1967, minha família viveu uma separação, compartilhada por muitos outros cubanos. Meu tio e minha avó, decepcionados com a Revolução, conseguiram se instalar nos Estados Unidos. Pelos quarenta anos seguintes não voltei a ver aqueles que me criaram. Uma página foi virada; voltei a viver com minha mãe. Ao contrário de meu tio e de minha avó, ela continuava uma revolucionária convicta… mas sempre muito pobre. Por intermédio de um amigo, consegui um emprego numa unidade de construção chamada Comitê de Obras Especiais. Sua missão? Construir casas para os dirigentes da Revolução. Foi assim que me vi operário de construção civil: carregava sacos de cimento, empurrava carrinhos de mão cheios de areia, empilhava tijolos. Mas a missão do Comitê de Obras Especiais foi encerrada no ano seguinte: todos os trabalhadores foram enviados para as plantações de cana-de-açúcar da região de Güines, a trinta quilômetros da capital. Facão na mão, virei cortador de cana! Um trabalho infernal. E perigoso. Nas plantações assoladas pelo sol, o risco de ferimentos era de fato constante, devido tanto ao manejo do facão quanto às folhas cortantes do vegetal, afiadas como lâminas de barbear. Felizmente, depois de trinta dias de calor sufocante nos campos de cana, fiquei sabendo que havia sido convocado para o serviço militar, que se tornou obrigatório em 1965 por iniciativa do ministro das Forças Armadas, Raúl Castro.

Quando voltei a Havana, o oficial recrutador me explicou que não se tratava do serviço militar, mas de outra coisa, muito mais séria: eu tinha sido escolhido pelo Ministério do Interior (o MININT, segundo a sigla da época) para fazer um curso especial. Havia alguns meses, os serviços de informações do MININT vinham me seguindo e me observando sem eu saber. Eles investigaram meu círculo, estabeleceram meu perfil psicológico, constataram que os membros da minha família que tinham ficado em Cuba eram autênticos "fidelistas" e concluíram que meu "perfil revolucionário" estava acima de qualquer suspeita. O MININT me propôs, então, que eu abraçasse a carreira militar imediatamente.

— Se aceitar e assinar, você terá direito a 120 pesos, em vez dos sete pesos dos simples recrutas — esclareceu o oficial. — E terá permissão para sair três vezes por semana.

Aceitei, claro, tornando-me o primeiro (e último) militar da família. Na semana seguinte, descobri a vida de soldado: ser acordado às cinco horas da manhã, marchar em linha, fazer a cama, cumprir tarefas de limpeza. Isso sem falar nas atividades mais nobres, como esportes e exercícios de tiro. Logo me destaquei como um dos melhores atiradores de nosso contingente de trezentos alunos. Tinha mira certeira, atirava rápido, acertava o alvo em cheio todas as vezes. Depois de três meses de aulas, nova seleção: 250 soldados foram transferidos para a escola da polícia nacional, enquanto os cinquenta restantes, sendo eu um deles, foram destacados para o Departamento nº 1 da Segurança Pessoal, que controlava todos os serviços consagrados à segurança pessoal de Fidel Castro.

Foi uma grande alegria, pois na mentalidade pretoriana cubana não existia nada mais importante do que o Departamento nº 1, encarregado da proteção de Fidel, e o Departamento nº 2, encarregado

da segurança pessoal do ministro das Forças Armadas, Raúl Castro. O Departamento nº 3, por sua vez, garantia a proteção dos demais membros do politburo do Partido Comunista.

A *Seguridad personal* de Fidel estava organizada em três círculos, ou três "anéis" concêntricos. O terceiro *anillo* contava com milhares de soldados destacados para todas as funções, inclusive logísticas, ligadas à segurança *del comandante*; o "grupo operacional", ou segundo anel, contava entre oitenta e cem soldados; a *escolta*, ou primeiro anel, era composta por duas equipes de quinze soldados de elite selecionados a dedo que se revezavam dia sim dia não para garantir a proteção constante de Fidel, 24 horas por dia.

Enquanto membro do terceiro anel, minha primeira nomeação foi para o *El Once* (O Onze). Tratava-se de um conjunto de casas localizado na *calle Once*, na rua Onze, no agradável bairro de Vedado, a cinco ruas do mar. Essa nomeação não era nem um pouco insignificante, pois *El Once* designava antes de tudo o prédio onde morava Celia Sánchez, personagem marcante da Revolução em geral e da vida privada de Fidel em particular. Até sua morte, de câncer de pulmão em 1980, "Celia" participará de perto de quase todos os acontecimentos históricos da Revolução. Em 1952, foi uma das primeiras mulheres a se opor à ditadura de Batista e a se unir ao movimento subversivo de Castro, o M-26. Na Sierra Maestra, ela servia de estafeta: levava telegramas em buquês de flores para despistar a polícia. Celia também coordenava ações entre os guerrilheiros e as células clandestinas urbanas. Depois do "Triunfo da Revolução", foi recompensada com diferentes cargos oficiais, como o de secretária do Conselho de Estado, presidido por Fidel. Além disso, essa mulher miúda de olhos e cabelos pretos era amante dele. Ou melhor, tornou-se sua confidente. O fato era notável, pois *el comandante* nunca trocava confidências com ninguém além do irmão Raúl e de algumas "companheiras de vida", que podiam ser contadas nos dedos de uma só mão. Em troca, Celia tinha uma influência considerável, especialmente no que dizia respeito às nomeações no topo do poder. Entre eles, portanto, o amor também era político. Fidel amou tanto Celia que esperou sua morte para se casar com Dalia, a mulher que, em meio ao maior sigilo, já estava em sua vida desde 1961.

*

No apartamento de Celia Sánchez, no quarto e último andar do imóvel do *Once*, Fidel tinha um aposento privativo com banheiro por onde passava quase todos os dias, sem Dalia saber, antes de voltar ao Palácio presidencial. Foi em frente ao prédio do *Once* que vi Fidel de perto pela primeira vez.

Naquele dia, eu estava na entrada do imóvel quando de repente ele e sua escolta chegaram nos três Alfa Romeos cor de vinho utilizados na época pela segurança — que mais tarde seriam substituídos por Mercedes 500. Os veículos pararam a alguns metros da porta e a escolta se dividiu segundo o protocolo normal: um batedor entrou primeiro para verificar o acesso e saiu para dar sinal verde aos demais; os dois seguintes se posicionaram na calçada e, de costas para o imóvel, vigiavam a rua; seis outros se espalharam em torno de Fidel, que foi acompanhado até a entrada pelo chefe da escolta.

Foi naquele momento que *el comandante* marchou reto em minha direção, colocou a mão em meu ombro e me olhou direto nos olhos. Petrificado, me agarrei ao fuzil para manter a compostura. Então

Fidel desapareceu no prédio. A cena durou dois segundos, mas fiquei transtornado por ter encontrado Fidel Castro em pessoa, o homem que eu mais admirava no mundo e por quem estava disposto a dar a vida, independente do que acontecesse.

*

*El Once* ocupava um lugar particular na geografia do castrismo. Na época, era um dos locais secretos que Fidel frequentava quase diariamente sem que ninguém ou quase ninguém soubesse. Para garantir sua segurança, todo o conjunto de casas fora privatizado, e o acesso do público a essa porção de rua, bloqueado por *checkpoints* nas duas extremidades. Nos telhados, todos os terraços das casas eram interligados, criando uma ampla rede de comunicação ao ar livre. Com o passar dos anos, algumas modificações foram feitas. Um elevador e uma sala de ginástica foram instalados, e até uma quadra de boliche, decorada com luxo: duas pistas de parquê envernizado, margeadas por um paredão de samambaias e rochas trazidas das encostas da Sierra Maestra. Sublime.

Mas o elemento mais surpreendente com certeza era o estábulo que Fidel mandara construir no quarto andar do *Once*, no coração da capital! No início de 1969, quatro bovinos tinham sido levados para lá, içados da rua até os terraços com uma grua. *El comandante* podia, assim, se dedicar a seu grande capricho do momento: o cruzamento de vacas europeias Holstein (pretas e brancas) com zebus cubanos, na esperança de criar uma nova raça de bovinos que permitisse modernizar a agricultura e aumentar a produtividade de leite.

A existência desse estábulo em plena cidade, no alto de um prédio residencial, pode parecer inverossímil ao leitor pouco familiarizado com a história do castrismo. Mas ela não causará espanto aos entendidos, pois a paixão de Fidel pela genética bovina é um fato histórico bem conhecido. Em dezembro de 1966, o comandante fez um primeiro discurso sobre o assunto no estádio de Santa Clara. Nos anos 1970 e 1980, a paixão extravagante se transformou em obsessão. Em 1982, a vaca Ubre Blanca, conhecida por sua prodigiosa produção de leite, foi "vedetizada" por Fidel, que a utilizou como um instrumento de propaganda. Cuba inteira seguiu pela televisão o recorde mundial que ela estabeleceu para o *Livro Guinness dos recordes*: Ubre Blanca produziu 109,5 litros num único dia, prova irrefutável do gênio agronômico do comandante! Objeto de inúmeras reportagens para a televisão, a vaca foi elevada à categoria de símbolo nacional: existe até mesmo um selo com sua efígie. Quando ela morreu, em 1985, o jornal *Granma* dedicou-lhe um necrológio. E ainda hoje uma estátua de mármore do animal ocupa um lugar de honra em sua cidade natal, Nueva Gerona, na Ilha da Juventude.

Por fim, não posso falar do imóvel do *Once* sem mencionar a existência da quadra de basquete privada, reservada para uso exclusivo de Fidel Castro. Em 1982, ou seja, dois anos depois da morte de Celia Sánchez, uma empresa canadense modernizou a quadra de atletismo do estádio Pedro Marrero, em Havana, transformando-a numa pista sintética para os XIV Jogos Centro-Americanos e do Caribe, previstos para o fim daquele ano. A fim de manter as melhores relações com seu cliente, a empresa disse a Fidel que daria a Cuba a infraestrutura de sua escolha. Ora, em vez de aproveitar a

oportunidade para dotar alguma localidade necessitada de um complexo escolar ou esportivo, *el comandante* pediu que construíssem, para seu uso pessoal, uma quadra de basquete *indoor*!

O basquete sempre foi um de seus esportes preferidos. Quando podia fazer uma parada numa escola ou numa quadra esportiva para treinar alguns lances livres ou para organizar uma partida com a escolta, Fidel não hesitava. Os jogadores se dividiam então em dois times: os vermelhos e os azuis. Obviamente, todos jogavam “a favor” de Fidel: não havia a menor possibilidade de deixá-lo perder. Além disso, ele mesmo escolhia os times, para ficar com os melhores jogadores, aos quais tive a honra de pertencer. Como era de esperar, *el comandante* jogava como pivô: no basquete, é a posição do condutor do jogo, por quem passam todas as bolas. Lembro que um dia ele me lançou um olhar sombrio porque, em vez de lhe passar a bola, arremessei para fazer uma cesta.

— Mas, *coño*, por que arremessou, Sánchez? — ele disse, bastante irritado.

Felizmente, quase na mesma hora soou o fim da partida. Era o último segundo do jogo. Fidel entendeu que eu não teria tido tempo de passar a bola para que ele marcasse… Salvo pelo gongo!

Ainda em 1982, mas no final do ano, *el comandante* quebrou o dedo do pé ao receber mal uma bola, na defesa. Envergonhado, contrariado, viu-se obrigado a usar pantufas bem pouco viris. Acima de tudo, queria que o ocorrido permanecesse em segredo. Então, quando alguém o visitava no Palácio presidencial, ele enfiava um par de botas *ranger* (sem fechar o zíper), ficava atrás da escrivaninha durante a conversa e não acompanhava o convidado até a porta, como costumava fazer. Para Fidel, problemas ortopédicos eram segredos de Estado!

*

Mas voltemos ao ano de 1970. Depois de dezoito meses a serviço da *madrina*, a madrinha (era assim que entre nós, membros da Segurança Pessoal, chamávamos Celia Sánchez, pois ela sempre era muito atenciosa conosco), fui transferido para um lugar a dez quilômetros dali, a Unidade 160, situada no bairro havanês de Siboney, no outro extremo da cidade. Ocupando seis hectares, escondido atrás de muros altos, o 160 era essencial para o bom funcionamento da Segurança Pessoal de Fidel, pois era a unidade logística que gerenciava tudo: transportes, combustíveis, telecomunicações, alimentação. Mecânicos reparavam as Mercedes de Fidel, técnicos consertavam os walkie-talkies e os transmissores de rádio, armeiros cuidavam dos estoques de Kalashnikovs, Makarovs e Brownings, arrumadeiras lavavam e passavam os uniformes dos soldados.

No 160 ficavam, ainda por cima, as despensas e as câmaras frias que abrigavam as reservas da família Castro e de seu séquito. A isso se somavam galinhas poedeiras e um viveiro de gansos, que Fidel selecionava e oferecia a quem bem entendesse, na época das festas. Também havia alguns bois, bem como zebus e vacas Holstein, utilizados nas experiências genéticas do dono da casa. Essa “cidade dentro da cidade” contava ainda com uma fábrica de sorvetes que deliciava os mais altos dirigentes da Revolução — ministros, generais e membros do politburo —, com a notável exceção de Fidel e Raúl. A fim de minimizar o risco de envenenamento, os sorvetes deles dois eram preparados em separado, num pequeno ateliê artesanal que ficava à parte, dentro da Unidade 160.

O lazer não era esquecido. Além de um museu de presentes, que abrigava a coleção de todas as lembranças recebidas pelo chefe de Estado (exceto o mais precioso, que guardava consigo), e havia

um cinema particular, operado por um projecionista do Ministério do Interior, que ficava à disposição do comandante e de sua família. Ali Fidel Castro, que tem uma natureza obsessiva, viu não sei quantas vezes seu filme preferido: a interminável e soporífera versão soviética de *Guerra e paz*, adaptação do romance de Liev Tolstói, que tem no mínimo cinco horas de duração!

Dentro do 160, fui rapidamente promovido a chefe de equipe: meu trabalho consistia em distribuir as missões de soldados e coordenar nossas ações com o Palácio presidencial e com a residência privada de Fidel. Nesse posto, logo ficava-se a par de tudo. E como Dalia com frequência recorria a nossos serviços — para uma entrega de leite ou para assistir a um filme no cinema —, em pouco tempo descobri a existência dessa *first lady* totalmente desconhecida do grande público.

Dalia não sabia, mas não era a única mulher a frequentar o 160. Atrás do "museu dos presentes" havia uma mansão, a "casa de Carbonel", onde meu chefe marcava encontros extraconjugais com toda a discrição. Eu regularmente recebia ligações de *Pepín*, assistente de Fidel, que me avisava de modo lacônico:

— Hoje, a tal hora, deixe tudo pronto. Está prevista uma visita à casa de Carbonel…

Na hora marcada, eu fazia uma manobra diversionista, convocando os soldados de plantão a meu gabinete, para que eles não vissem a chegada do comandante em chefe, nem a da visitante, que sempre vinha separada…

Depois de quatro anos de bons e leais serviços à Unidade 160, minha carreira tomou um novo rumo. Em 1974, fui promovido para *el grupo operativo*, o "grupo operacional", o corpo de elite composto por cerca de oitenta a cem homens que formavam o "segundo anel". Sua principal missão? Dar apoio à *escolta,* ou ao "primeiro anel", durante os deslocamentos públicos do comandante em chefe, fosse numa fábrica na província ou na Praça da Revolução em Havana. O grupo operacional também era mobilizado para os deslocamentos de Raúl e dos membros iminentes do politburo do Partido Comunista Cubano (PCC), como Ramiro Valdés, Juan Almeida Bosque etc.

Mas um mês depois de ser integrado ao *grupo operativo* fui enviado, com trinta camaradas, para a *escuela de especialistas*, uma escola de aperfeiçoamento destinada a formar a elite dos oficiais de segurança. Ela tinha acabado de abrir as portas e, de 1974 ao fim de 1976, constituímos a primeira turma de sua história. A formação que recebemos não nos deixava muito tempo livre. As manhãs eram dedicadas ao preparo físico (corrida, artes marciais, exercícios de tiro) e as tardes à teoria. Aprendi a manejar explosivos e, com um grupo de dez alunos, a falar francês. Outro grupo de dez alunos aprendeu russo e um terceiro, inglês. Também nos familiarizamos com as técnicas de base do serviço secreto, os recursos da psicologia, e estudamos a fundo os atentados famosos — o do Petit-Clamart contra o general De Gaulle, em 1962, e o assassinato de John Kennedy, em 1963, em Dallas —, para tirar lições que pudessem servir à proteção do líder máximo.

Além disso, quando um chefe de Estado estrangeiro ou um oficial de alto escalão fazia uma visita oficial a Cuba, era aos alunos da escola de especialistas que cabia sua proteção pessoal. Foi assim que conheci alguns grandes desse mundo: o presidente jamaicano Michael Manley, os primeiros-ministros do Vietnã, Pham Van Dông, da Suécia, Olof Palme e, de Trinidad e Tobago, Eric Williams.

Naquela época, eu de fato tinha a sensação de que coisas importantes começavam a acontecer em minha vida. Além disso, os motivos de satisfação se multiplicavam. Muito bem avaliado por meus superiores, fui promovido a subtenente, chegando assim à patente de oficial. Também obtive duas faixas pretas: uma em judô, outra numa técnica de combate corpo a corpo aperfeiçoada pelo Exército cubano e chamada de "proteção e ataque". Elas se somaram a minha faixa preta em caratê, que eu tinha havia anos. Por fim, a cereja do bolo foi minha primeira viagem ao exterior, no ano de 1976.

Entre os trinta alunos do curso, fui o único escolhido para integrar a escolta de Juan Almeida Bosque, um alto dirigente, na Guiana.

Eu nunca tinha saído de minha ilha natal. Estava impaciente e excitado com a ideia de descobrir o mundo, a começar por esse exótico país amazônico, limítrofe do Brasil, da Venezuela e do Suriname. Lembro que quando desembarquei em Georgetown, a capital, as desigualdades sociais me deixaram impressionado: dez anos após a independência da antiga Guiana britânica, a elite branca continuava vivendo no conforto colonial enquanto a população negra, andrajosa e amontoada em guetos, sobrevivia em condições deploráveis. Que choque! Em comparação, Cuba era o eldorado.

Todas essas peripécias quase me fazem esquecer de evocar minha vida privada. Nesse âmbito também tive sorte. Na época, fazia oito anos que dividia minha vida com Mayda. Nos conhecemos no início de 1968, num desses bailes organizados todos os domingos à noite naquilo que em Cuba chamamos de "círculo social", que nada mais é que uma discoteca. Naquela noite, quando cheguei ao "círculo social Patrice Lumumba", no bairro de Mariano, foi amor à primeira vista. Enquanto os alto-falantes tocavam uma salsa, avistei um rosto deslumbrante, sem conseguir tirar os olhos de seu sorriso. Para mim, Mayda era a mulher mais bonita que eu tinha visto na noite havanesa. Depois de trocar com ela vários olhares promissores, cruzei a pista de dança como um conquistador. E como Mayda estava com a mãe, virei-me para ela:

— Permita-me, senhora, que eu convide sua filha para uma dança…

Levei Mayda para a pista e, vendo o espanto de sua mãe, gritei para ela:

— Ah, não tenha medo: antes do fim do ano estaremos casados!

Mantive minha promessa: no dia 21 de dezembro do mesmo ano, recém-casados, partimos para uma semana de lua de mel no hotel Riviera, um dos célebres estabelecimentos de Havana à beira-mar e antiga propriedade do ilustre gângster americano Meyer Lansky. Nossa filha nasceu no ano seguinte e nosso filho, em 1971. Nos primeiros anos, vivemos na casa da mãe dela, no bairro de Lisa, onde passei a infância. Em 1980, porém, aos 31 anos, recebi do MININT a concessão de usar um apartamento em pleno centro da cidade, perto do Palácio da Revolução, onde ficava o gabinete de Fidel. Foi ali que vivi o resto de minha vida, até fugir para os Estados Unidos, em 2008. Mayda foi uma esposa perfeita: boa mãe, trabalhadora, ela se ocupava de tudo, cuidava da educação das crianças e fazia nosso lar funcionar, enquanto eu seguia mundo afora, arrastado por minha carreira.

*

Eu parecia fervilhar; as notícias boas se sucediam. No final de 1976, depois de voltar da Guiana,

eu estava descansando no dormitório da *escuela de especialistas* quando um oficial anunciou que eu era convocado imediatamente à casa de Eloy Pérez. Ele dirigia todas as estruturas da Segurança Pessoal do comandante em chefe Fidel Castro, de quem dependia nossa escola. Muito surpreso (e levemente preocupado), passei todo o trajeto até o centro da cidade, onde devia comparecer, me perguntando sobre o motivo da convocação. Que erro eu poderia ter cometido?

Chegando lá, não tive nem tempo de sentar e Eloy Pérez já dizia:

— Sánchez, o comandante em chefe te selecionou para fazer parte de sua escolta particular. A partir de agora, nenhuma outra pessoa além de mim ou, é claro, de *el jefe* (Fidel) em pessoa, pode te dar ordens ou te enviar em missão, sob qualquer pretexto. Nem mesmo um ministro, entendido? A partir de amanhã, você começa a se apresentar aqui, todos os dias, às oito horas. E, se às cinco da tarde ainda não tiver recebido nenhuma missão, pode voltar tranquilamente para casa para ficar com sua mulher e seus filhos…

A alegria que senti naquele momento podia ser comparada à de um ator de Hollywood que tivesse acabado de ganhar um Oscar. Algumas horas depois, tornei-me um membro da nata do Exército cubano, seu corpo mais prestigioso, mais admirado, mais invejado: o grupo de vinte a trinta soldados selecionados a dedo e encarregados da proteção de Fidel Castro 24 horas por dia. Eu ainda não sabia, mas naquele momento dava início aos próximos dezessete anos de minha vida, em que seguiria o homem que, depois da mexicana e da russa, desencadeou a terceira revolução popular do século XX.

No entanto, precisei esperar um pouco mais antes de viver ao lado do grande homem. Pois de janeiro a abril nossa hierarquia começou a seleção de mais cinco alunos da escola de especialistas, que, a meu lado, reforçariam a escolta de Fidel. Finalmente, em 1º de maio de 1977, depois do tradicional desfile da Festa Internacional do Trabalho, na Praça da Revolução, nosso jovem grupo de seis homens foi apresentado ao comandante para se unir ao “santo dos santos”: *el primer anillo*, o primeiro anel de proteção.

O grande público muitas vezes confunde a figura do guarda-costas com a do capanga. Ele pensa que nosso trabalho consiste em dar golpes de luta livre e em atirar mais rápido que nossa sombra. O trabalho de “especialista em segurança pessoal”, porém, exigia muitas outras qualidades além da simples força física. Precisávamos coordenar os deslocamentos da escolta, antecipar as ameaças em potencial, garantir a segurança das telecomunicações, verificar a alimentação para prevenir as tentativas de envenenamento, realizar missões de espionagem e contraespionagem, detectar microfones instalados em quartos de hotel no exterior, examinar dados de todo tipo e redigir relatórios de análise: estas eram as verdadeiras missões de um “especialista em segurança” ou em “proteção de altas personalidades”. De resto, Fidel também exigia de sua escolta certo nível intelectual e cultural.

Em 1981, paralelamente a meu cargo na escolta de Fidel, ou seja, em meu tempo livre e em minhas horas de descanso, fiz estudos universitários de direito penal na Escola Superior do MININT, bem como um curso chamado “investigação operacional de contrainteligência” (isto é, de

contraespionagem), no qual aprendi a conduzir uma investigação policial, a explorar uma cena de crime, a colher impressões digitais etc. Em 1985, me formei em direito e obtive um diploma equivalente de contraespionagem. Bem mais tarde, o diploma de direito penal me seria de grande valia, durante o meu processo…

É impressionante constatar, hoje, a que ponto o ensino cubano estava impregnado pelo clima da Guerra Fria e pelo pensamento marxista. Basta reler os nomes de algumas matérias estudadas: “materialismo dialético”, “materialismo histórico”, “história do movimento operário cubano”, “ação subversiva inimiga”, “contraespionagem” ou ainda “crítica da corrente burguesa contemporânea”. Mas os cursos que mais me ajudaram a entender a personalidade de Fidel Castro foram os de “psicologia” e de “psicologia aplicada à contraespionagem”.

Depois da Escola Superior do MININT, coloquei em prática o que tinha aprendido para estabelecer seu perfil psicológico e destacar alguns traços de sua personalidade. Minha conclusão: Fidel é uma pessoa egocêntrica que gosta de ser o centro das conversas e que monopoliza a atenção de todas as pessoas a seu redor. Por outro lado, como muitos superdotados, não presta nenhuma atenção ao que veste, daí sua preferência por uniformes militares. Várias vezes o ouvi dizer: “Faz muito tempo que solucionei o problema do terno e gravata”. Idem para a barba. Ele dizia: “Farei a barba quando o imperialismo morrer”. Na verdade, era sobretudo por comodidade que evitava se barbear todos os dias. Outro traço de sua personalidade: era absolutamente impossível contradizê-lo no que quer que fosse. Tentar convencê-lo de que estava errado, que seguia pelo caminho errado ou que deveria modificar e melhorar um de seus projetos, mesmo que levemente, constituía um erro fatal a quem o cometesse. Quando isso acontecia, Fidel deixava de ver seu interlocutor como uma pessoa inteligente. Para viver a seu lado, o melhor era aceitar tudo o que ele dizia e fazia, mesmo durante uma partida de basquete ou uma pescaria.

Durante a Guerra Civil Angolana, nos anos 1980, o general Arnaldo Ochoa, que viajara para lá, ousou contrariar as orientações militares do *jefe*, que continuava em Havana, a 11 mil quilômetros de distância, propondo a ele outras opções que lhe pareciam mais adequadas. Fidel nunca digeriu esse crime de traição. Acredito que isso pesou muito na condenação à morte de Ochoa, em 1989.

Ao contrário do que sempre afirmou, Fidel nunca renunciou ao conforto capitalista, nem escolheu viver com austeridade. Seu modo de vida é exatamente o oposto, assemelha-se ao de um capitalista sem qualquer tipo de restrição. Nunca considerou ter que seguir seus discursos sobre o modo de vida austero próprio a todo bom revolucionário. Ele e Raúl nunca aplicaram a si mesmos os preceitos que recomendavam aos compatriotas. De onde podemos concluir que Fidel é um homem extremamente manipulador. Dotado de uma inteligência intimidante, ele é capaz de manipular uma pessoa ou um grupo de pessoas sem dificuldade ou escrúpulos. E isso somado ao fato de que é iterativo e obsessivo: em discussões com seus pares estrangeiros, Fidel repete as mesmas coisas tantas vezes quantas forem necessárias para convencer seus interlocutores da pertinência de seu ponto de vista.

*

Algumas pessoas poderão se espantar com o fato de eu não ter me afastado mais cedo, tendo em vista o perfil psicológico de Fidel e o luxo que, cedo demais, testemunhei. Mas minha juventude deve

ser levada em conta, bem como o verdadeiro culto que dedicávamos ao vencedor da Revolução Cubana. Seu autoritarismo? Uma qualidade de combatente. A vida confortável que levava? Não a havia merecido? Além disso, como já mencionei, eu era um militar. Os militares estão aí para agir e obedecer… não para criticar.

*

É claro que os serviços cubanos farão de tudo para desacreditar minha palavra e este livro: é seu trabalho. A questão é que, ao contrário desses funcionários que obedecem cegamente a qualquer ordem, sei do que estou falando. Dediquei a Fidel dezessete anos de minha vida, sem contar os anos em que eu ainda não era membro de sua escolta pessoal. Fazendo as contas, passei mais tempo, mais finais de semana e férias com ele do que com meus próprios filhos e minha esposa. No Palácio presidencial, viajando para o interior, para o exterior, durante cerimônias oficiais, em seu avião, a bordo de seu iate, na ilha paradisíaca de Cayo Piedra ou em suas demais propriedades privadas, em geral eu ficava um metro atrás de Fidel. Gozava de sua absoluta confiança. E pude observá-lo sob todos os ângulos. Mais do que isso: até o momento, ninguém nunca esteve em condições de falar do "Fidel íntimo", de suas mulheres, de suas amantes, de seus irmãos ou de sua abundante progenitura (ele tem no mínimo nove filhos, de diferentes uniões, quase todos homens). Já estava na hora de tirar o véu que cobre aquilo que Fidel e o regime cubano sempre trataram como um dos maiores segredos de Estado do país: a família do comandante em chefe.

---

* Rubén Fulgencio Batista (1901-73) havia sido presidente de Cuba pela primeira vez de 1940 a 1944, depois de ter sido eleito democraticamente. Seu governo contava com ministros comunistas.

# 3
# A dinastia Castro

Nada em Fidel Castro é comum. Ele é único, especial, peculiar. Uma característica em particular, entre tantas outras, o diferencia de todos os seus compatriotas: ele não sabe dançar salsa! Isso não o interessa, ele não gosta de dançar. *El comandante* tampouco ouve música. Nem cubana, nem clássica, muito menos americana. Isso também o diferencia dos cubanos “normais”. Em contrapartida, seu gosto pela infidelidade conjugal, verdadeiro esporte nacional, é tipicamente cubano. Apesar de não ser mulherengo ou um amante compulsivo, como tantos políticos mundo afora, ele é “Fidel, o infiel”. Nos jogos do amor e da sedução, nunca encontrou a menor dificuldade, resistência ou frustração. É verdade que Fidel não é um desses ditadores onipotentes que organizam festas de luxo. Mas ele também não é um santo.

Casado uma primeira vez com a grande burguesa Mirta Díaz-Balart, e uma segunda com a professora Dalia Soto del Valle, enganou a primeira com a belíssima havanesa Naty Revuelta e a segunda com a “camarada” Celia Sánchez, sua secretária particular, confidente e cão de guarda por uns trinta anos. A esse rol de conquistas amorosas devemos acrescentar outras amantes: Juana Vera, “Juanita”, sua intérprete oficial anglófona e coronel do Serviço de Informação (hoje ela trabalha para Raúl); Gladys, a aeromoça da aviação cubana que participava das viagens ao exterior, bem como Pilar, a “Pili”, outra intérprete, mas francófona. Sem dúvida houve outras aventuras, anteriores a minha posse, de que não fiquei sabendo.

De tudo isso, os cubanos têm apenas uma vaguíssima ideia. Por décadas a fio, a vida privada do líder máximo foi um dos segredos mais bem guardados de Cuba, apenas uma ínfima parte chegou ao conhecimento do público. Pois, ao contrário de seu irmão Raúl, o número um cubano sempre tomou um cuidado quase patológico para dissimular todos ou quase todos os elementos de sua vida pessoal. Por quê? Porque acha que expor sua vida, divulgá-la em alto e bom som, não serve de nada, e que inclusive representa um perigo em potencial, um ponto de vulnerabilidade. Eis por que, excluindo-se os primeiros anos, ele abriu um fosso entre sua vida pública e sua vida privada. Esse culto do segredo sem dúvida decorre dos anos de clandestinidade, quando, como nos movimentos de resistência durante a Segunda Guerra Mundial, compartimentar as informações era uma questão de sobrevivência.

Por mais incrível que pareça, os cubanos só foram saber da existência — e descobrir o rosto — de Dalia Soto del Valle, sua mulher desde 1961, depois de 2006, ano em que Fidel, gravemente

doente, foi hospitalizado e decidiu confiar as rédeas do poder a Raúl. Por quatro décadas, Fidel sempre foi acompanhado por uma “primeira-dama”, mas esta era simbólica. Durante as grande ocasiões (festa nacional, visita de um chefe de Estado estrangeiro etc.), era Vilma Espín (1930--2007), esposa de Raúl e presidente da Federação das Mulheres Cubanas (FMC), que aparecia publicamente na tribuna ao lado de Fidel, preenchendo assim o papel subliminar de *primera dama*.

Da mesma forma, e por quase tanto tempo, ninguém ou quase ninguém sabia que, nos anos 1960 e 1970, Dalia havia dado nada menos do que cinco filhos ao líder máximo! Inacreditável, mas verídico: nem mesmo os quatro filhos de Raúl Castro, mantidos à parte, tiveram a chance de conhecer os próprios primos-irmãos antes de chegarem à idade adulta! Ao longo de quase vinte anos, esses parentes próximos viveram a poucos quilômetros uns dos outros, sem nunca se cruzar. Quanto ao grande público, ele só foi conhecer a identidade dos cinco filhos de Fidel depois dos anos 2000, sem maiores detalhes sobre suas atividades profissionais ou personalidades. Já eu conheci todos eles muito bem. Como frequentei a família por dezessete anos, posso não apenas fazer a árvore genealógica detalhada da dinastia e determinar as qualidades e os defeitos de cada um de seus membros… mas também revelar alguns segredos e expor a maneira como Fidel desempenhava (bastante mal) seu papel de pai. Seriam apenas fatos anedóticos, se não permitissem jogar nova luz à personalidade de um dos personagens públicos mais marcantes da segunda metade do século XX.

*

Comecemos pelo começo. Tudo tem início com a chegada do primogênito “oficial” de Fidel: Fidelito (“pequeno Fidel”). Desde sempre foi assim que se dirigiam ao menino, chamado Fidel como o pai, mas apelidado Fidelito para diferenciá-lo do ilustre genitor. A semelhança física entre os dois é impressionante: mesmo nariz, mesmo perfil grego, mesmo cabelo, mesma barba… mas destinos completamente opostos.

Nascido em 1949, Fidelito foi o único filho de Mirta Díaz-Balart, uma bela havanesa com quem Fidel Castro se casara um ano antes, quando ainda era um simples estudante de direito — mas já um agitador político engajado. Por uma dessas coincidências de que só a história é capaz, a família de Mirta estava intimamente ligada ao regime de Batista quando ele virou ditador, em 1952: seu pai, advogado, defendia as companhias americanas que reinavam sobre a indústria da banana, enquanto seu irmão era ninguém menos que o ministro do Interior do infame presidente! Esse irmão de Mirta faria parte da primeira leva de cubanos a escolher o exílio na Flórida (Estados Unidos) no momento do “Triunfo da Revolução”, em janeiro de 1959. Outra ironia do destino: Lincoln e Mario, os dois filhos do irmão de Mirta, farão carreira dentro do Partido Republicano americano — eleitos deputados para a Câmara dos Representantes, os irmãos Díaz-Balart se tornarão inclusive, por décadas, os mais implacáveis porta-vozes do anticastrismo. E isso tendo o primo-irmão Fidelito e o “titio Fidel” na família!

Depois de uma lua de mel em Nova York, Fidel, mais devorado pela paixão política do que voltado para o casamento, logo se desinteressou da elegante Mirta, de quem se divorciou em 1955. No entanto, ficou com a guarda do pequeno Fidelito, apesar de desprovido, como veremos mais adiante, de qualquer instinto paterno. Privada da companhia do filho por muito tempo, Mirta, por sua

vez, fixou residência na Espanha em 1959. Mora lá até hoje, mas há anos obteve autorização para visitar o filho que ficou em Cuba.

Por um bom tempo, o "pequeno Fidel" vestiu o pesado manto do herdeiro. De fato foi o único dos vários filhos de Castro a ser apresentado à mídia. Em 1959, num momento memorável da televisão americana, que pode ser visto no YouTube, o garotinho aparece de pijama ao lado do pai — também de pijama! — num programa do canal americano CBS. Com essa encenação um tanto ridícula, o guerrilheiro que acabara de triunfar em Cuba conseguiu tranquilizar os telespectadores ianques: ao longo de dez minutos ele se empenhou em explicar que não era um perigoso comunista, mas um bom pai de família, como qualquer outro americano. E deu certo — pelo menos por um tempo.

Dez anos depois, Fidelito foi para a URSS. Graças a um favor concedido a Fidel pelo número um soviético, Leonid Brejnev, estudou num instituto nuclear de pesquisa ultrassecreto sob uma identidade falsa. Seu pseudônimo era José Raúl, e nenhum de seus camaradas tinha a menor ideia de seu verdadeiro nome, exceto uma bela russa, Natalia Smirnova, com quem ele se casou e teve três filhos chamados Mirta, Fidel e José Raúl. Com o diploma de físico nuclear no bolso, Fidelito voltou para Havana nos anos 1970. Morou na casa do tio Raúl em vez de ir para a casa do pai, que, na verdade, não se interessava muito por ele. Pois, na casa dos Castro, era Raúl e não Fidel quem tinha vocação para a família e era o pivô da dinastia.

O brilhante cientista foi nomeado pelo pai para comandar a Comissão Cubana de Energia Atômica (CEAC), quando ela foi criada em 1980. Com o passar dos anos, porém, Fidelito se fez notar por seu comportamento de filhinho de papai. Inebriado com os atributos do poder, passeava, por exemplo, pelas ruas de Havana acompanhado de guarda-costas, embora esse privilégio estivesse reservado exclusivamente aos membros do politburo do PCC. Essa arrogância acabou irritando. Principalmente porque o "pequeno Fidel" se envolveu em práticas irregulares de administração. Em 1992, foi demitido do CEAC por causa de sua má gestão. "Ele não pediu demissão, foi demitido: Cuba não é uma monarquia!", bradou em público Fidel, que o criticava sobretudo pela "incompreensível sede de poder", sem cogitar por um segundo que esse defeito pudesse ter qualquer relação com a hereditariedade.

Da noite para o dia, Fidelito foi rebaixado ao cargo de simples funcionário, conselheiro das questões energéticas no seio do comitê central do PCC. O primogênito de Castro foi colocado, portanto, no famoso "plano pijama", segundo a expressão irônica que significa, em Cuba, o fato de ser posto de lado. O intransigente Fidel não lhe dirigiu a palavra por vários anos. Nos anos 2000, Fidelito voltou a cair nas boas graças, apesar de não ser reintegrado ao círculo do poder. Em março de 2003, fez inclusive um *comeback* na televisão, aos 65 anos, dessa vez sem pijama. Na ocasião de uma viagem a Moscou, respondeu com calma às perguntas de um jornalista do canal russo Russia Today. O cientista elogiou o governo do tio Raúl, porém pareceu mais reservado quanto à herança do pai, que ele nunca chama pelo nome, mas a quem se refere, com certo distanciamento, como "o líder histórico".

A carreira de Fidelito talvez não tenha chegado ao fim. Quem poderá dizer? Inteligente, com ótima formação, dotado de uma boa apresentação, é perfeitamente capaz de exercer altos cargos no sistema de poder. Ainda mais porque se manteve próximo ao tio Raúl e porque sua semelhança física com

Fidel facilita simbolicamente sua autoridade.

Enquanto Fidelito é o mais conhecido descendente de Fidel, seu meio-irmão Jorge Ángel, nascido como ele em 1949, é o mais desconhecido deles. É fruto de uma aventura amorosa de três dias com Maria Laborde, uma admiradora originária da província de Camagüey, que ninguém nunca viu e que já morreu. O comandante em chefe sempre manteve grande distância desse filho acidental. Se Fidel pouco se ocupou de Fidelito, interessou-se menos ainda por Jorge Ángel: podia passar meses sem pedir notícias de um ou de outro, que acabaram cada um a seu tempo procurando refúgio na casa do tio.

Para constar, descobri mais tarde a data de nascimento exata de Jorge Ángel, graças à base de dados do serviço do registro civil cubano, que consegui piratear e copiar, com a ajuda de cúmplices internos, antes de deixar Cuba. Há pouco tempo, conheci um exilado cubano recém-chegado a Miami. Ele, que tinha trabalhado para a Segurança de Estado (a polícia secreta), conhecia Jorge Ángel pessoalmente. Ele me confirmou a informação que eu tinha: Jorge Ángel nasceu em 23 de março de 1949, ou seja, seis meses antes de Fidelito, nascido no fim de setembro do mesmo ano. Portanto, além de ninguém nunca ter descoberto que Fidel tinha um filho escondido, a coisa mais surpreendente é sabermos hoje que o "bastardo" é o verdadeiro primogênito dos Castro.

Entre Mirta, a burguesa um pouco fria, e o febril Fidel, a paixão nunca foi ardente — é o mínimo que se pode dizer. Muito diferente foi seu amor por Natalia Revuelta, "Naty", com quem Fidel alegremente traiu Mirta. De olhos verdes, rosto perfeito e charme natural, essa havanesa foi considerada em seu tempo a mulher mais linda da capital. Casada com um médico, Orlando Fernández, Naty logo simpatizou com as ideias do movimento revolucionário. Ela encontrava Fidel desde o início dos anos 1950, primeiro como amiga, depois como amante. Após o ataque fracassado contra a caserna de Moncada, em 26 de julho de 1953, quando o guerrilheiro em potencial se viu preso na penitenciária de Isla de Pinos (hoje Ilha da Juventude) de 1953 a 1955, ela o visitou regularmente.

Depois de dois anos de cárcere, Fidel e seus camaradas foram anistiados por Batista… que derrubariam três anos e meio depois. Fidel pôde demonstrar pela amiga todo o seu reconhecimento…

Em 1956, Naty deu à luz Alina. Única filha mulher do líder máximo, ela também foi a única que ousou enfrentá-lo. Depois de sua ascensão ao poder, em 1º de janeiro de 1959, Fidel Castro continuou frequentando a belíssima Naty, encontrando-a na casa dela, geralmente à tardinha. Certo dia, quando a menina tinha dez anos, Fidel lhe anunciou que seu verdadeiro pai não era o dr. Orlando, que fora para os Estados Unidos após o "Triunfo da Revolução", mas ele mesmo.

Ser o pai de uma adorável garotinha não avivou muito o instinto paterno do comandante: nos anos 1960, o novo líder do Terceiro Mundo tinha mais o que fazer. Aos doze anos, Alina e a mãe foram enviadas a Paris para passar um ano, por ordem de Fidel. A menina estudou num pensionato de Saint-Germain-en-Laye, onde aprendeu a falar francês, que domina perfeitamente até hoje. De volta a Havana, a adolescente afirmou seu caráter: do alto dos seus catorze anos, a rebelde em potencial

anunciou que pretendia deixar Cuba, como contou em sua autobiografia.* Na hora, Fidel não prestou atenção. Mas quando se tornou adulta, Alina, que só fazia o que queria, perseverou nessa ideia.

Suas relações com o pai, que via esporadicamente, tornaram-se tempestuosas. Lembro dela nos anos 1980, uma jovem bonita que se tornara modelo. Certo dia, quando eu estava na antessala de Fidel, *Pepín* Naranjo, o assistente do comandante, chegou com a revista *Cuba* na mão. Ocupando toda a segunda página da revista, podíamos admirar a bela Alina de biquíni num veleiro, posando na companhia de mais duas modelos magníficas para uma propaganda do rum Havana Club.

— O que é isso? — engasgou Fidel. — Tragam Alina aqui, imediatamente!

Duas horas depois, Alina entrou batendo os pés no amplo gabinete, nem um pouco abalada. A briga que se seguiu foi memorável. Os dois lados gritavam e faziam tremer as paredes do gabinete presidencial.

— Mas todo mundo sabe que você é minha filha! É indecente posar assim de biquíni!

— Ah, por que agora você se interesse pelo que eu faço? — respondeu Alina, gritando ainda mais alto. — Não estou nem aí para o seu gosto estético, quero viver minha vida!

Foi uma verdadeira "fiesta del Guatao", conforme a expressão cubana que designa a cidade onde, segundo a lenda, as festas costumam se transformar em brigas generalizadas. No fim, Alina saiu do gabinete como um raio. Fidel e *Pepín* ficaram ali parados, sem reação.

Alguns anos se passaram e, em 1993, Fidel foi informado pelo serviço secreto que Alina fazia sérios planos de partida: ela queria fugir de Cuba. Fidel chamou imediatamente o chefe da escolta, meu superior, que na época era o coronel José Delgado Castro:

— Estou avisando: Alina não deve sair de Cuba em hipótese alguma. Que isso fique bem claro!

Dois meses depois, porém, uma surpresa: na véspera de Natal, ficamos sabendo que Alina conseguira sair clandestinamente do país natal, usando uma peruca e um falso passaporte espanhol, com a ajuda de uma rede de cumplicidade internacional. Ela foi primeiro para Madri, onde deu várias coletivas de imprensa para denunciar o totalitarismo castrista, e depois para Miami, onde se instalou definitivamente. O anúncio da deserção da filha de Fidel Castro foi tão estrondoso quanto havia sido o de Juanita, uma das quatro irmãs de Fidel. Em 1964, ela tinha conseguido sair de Cuba via México, a caminho de Miami. Nunca voltou a ver os seis irmãos e irmãs.

Era raro ver *el comandante* explodir. Em dezessete anos de serviço, só vi isso acontecer duas vezes. Geralmente, suas raivas eram frias, mudas. Naquele dia, porém, quando *Pepín* anunciou a desagradável notícia, ele ficou ensandecido. Em situações como aquela, seus gestos se assemelhavam aos de uma criança mimada em plena crise de choro: de pé, ele batia com a sola do pé no chão, agitando os dois indicadores apontados para baixo.

— Que bando de incompetentes! — ele gritava, espumando de raiva. — Quero os responsáveis! Exijo um relatório! Quero saber como isso pode ter acontecido!

Quando Fidel ficava assim, dava para ouvir uma mosca batendo as asas. Todos se esquivavam, fingindo cuidar de suas funções. O melhor a fazer era esperar que o furacão tropical passasse.

Quinze anos depois, tornei a ver Alina em Miami, onde ela vive modestamente sem nunca ter voltado a pisar em Cuba. Quando lhe contei essa cena, ela sorriu, com a tristeza que lemos nos olhos de todos os exilados do mundo.

*

Depois de Mirta e Naty, chegamos a Dalia Soto del Valle, a mais importante, mas também a menos conhecida das mulheres de Fidel. Ele a conheceu em 1961 — ano da invasão à Baía dos Porcos — durante um ato público na província de Villa Clara, para onde rumava no âmbito da grande campanha nacional de alfabetização empreendida por seu governo. Num discurso ao ar livre, Fidel avistou na primeira fila uma jovem belíssima, com quem trocou olhares furtivos, mas insistentes. Como Mirta e Naty, a desconhecida era loira, de olhos claros, e tinha uma qualidade essencial aos olhos do comandante em chefe: era magra, miúda, como uma dançarina de balé. Muito mais que a cor do cabelo, a magreza era um critério fundamental nas escolhas amorosas de Fidel.

Foi paixão à primeira vista. No mesmo dia, *Pepín*, o assistente, apresentou-lhe a beldade, que Fidel descobriu ser professora e chamar-se Dalia Soto del Valle. Após três encontros, e principalmente após as verificações de praxe efetuadas por *Pepín* (para ter certeza de que ela não era uma contrarrevolucionária e de que sua família não estivera ligada ao regime de Batista), Fidel propôs-lhe que se mudasse para Havana, onde acomodou-a com discrição numa casa situada na periferia da capital, em Punta Brava. Pouco tempo depois, passaram a morar juntos de uma vez por todas. Desde o início, a união esteve marcada pelo mais estrito sigilo, tanto por medida de segurança em relação aos Estados Unidos — Fidel sabia que eles queriam atentar contra sua vida —, quanto por discrição em relação a Celia Sánchez, com quem ele continuava mantendo um relacionamento amoroso em paralelo.

Fidel e Dalia tiveram cinco filhos, todos homens, que estranhamente receberam nomes iniciados com a letra A: Alexis, Alex, Alejandro, Antonio, Angelito. Os três primeiros são variações do nome Alexandre, pseudônimo adotado por Fidel na época da guerrilha, em homenagem a Alexandre, o Grande, que ele admirava. Os cinco “A” cresceram longe do poder, dos outros cubanos e mesmo da família. Como já assinalei, antes da maioridade, nunca conheceram os filhos de Raúl, que no entanto moravam perto. Muito “família”, Raúl pulou de alegria no dia em que seu filho, já maior de idade, conheceu dois dos primos, por acaso, numa festa. O número dois do regime e ministro da Defesa pediu então a seus assistentes que providenciassem garrafas de vodca para fazer um brinde ao acontecido.

Dalia também era responsável pelo isolamento de sua progenitura. Autoritária e inflexível, considerava seus filhos os únicos e autênticos herdeiros de Fidel. Nunca gostou de Fidelito nem de Jorge Ángel, nem mesmo de Alina (que, no entanto, jamais conheceu), e tampouco dos quatro outros filhos ilegítimos de Fidel, cuja existência nunca pude verificar, exceto a de Abel, nascido em 1983, filho de sua intérprete pessoal, Juanita Vera.

Ao longo dos dezessete anos de serviço a Fidel, cruzei com os cinco “A” praticamente todos os dias. O que tinham em comum? Eram inteligentes, mas nenhum tinha um brilho especial. Todos frequentaram a escola primária Esteban Hernández, especialmente inaugurada para eles pela mãe, na rua 202 do bairro de Coronela, não muito longe da residência familiar. Dalia logo se tornou a diretora efetiva dessa instituição criada sob medida, escolhendo pessoalmente os professores, em coordenação com o Ministério da Educação, e selecionando os alunos admitidos segundo a

fiabilidade das convicções revolucionárias dos pais. No total, eram cerca de cinquenta crianças, filhos da *nomenklatura* ou da escolta. Fico contente que os meus filhos não tenham frequentado essa escola: nunca tirei proveito do sistema, e isso é muito bom.

Outro ponto em comum aos filhos de Fidel: nenhum dos cinco "A" seguiu a formação militar, nem participou de nenhuma missão internacional de auxílio e assistência aos "países irmãos", contrariamente ao que Fidel preconizava ou impunha a todos os jovens cubanos. Os que estavam em idade de combater tampouco participaram da Guerra Civil Angolana (1975-92), para onde o comandante em chefe enviou centenas de milhares de compatriotas.

Como em todas as famílias, os cinco "A" eram definidos por suas diferenças, suas personalidades, suas trajetórias profissionais. Enquanto Alexis, o mais velho, que veio ao mundo em 1962, era um solitário introvertido, pouco sociável, pouco namorador e sem amigos de verdade, Alex, nascido no ano seguinte, era um sujeito amável e simpático. O primeiro, formado em informática, era alto e seco, e tinha o defeito de querer impor seus pontos de vista aos irmãos, sem sucesso. O segundo, mais rechonchudo, sempre ganhava a simpatia de todos, sem precisar fazer nada. Naturalmente sociável, tinha o apelido de "*el buenechon*", isto é, "o bonachão", que lhe caía como uma luva: plácido, era incapaz de brigar com quem quer que fosse, nem mesmo com seu ríspido irmão, de quem aliás sempre foi muito próximo. Bon vivant, também era chamado de "*el gordito*", o que não o incomodava. Alex também foi quem deu o primeiro neto a Fidel e Dalia; sua cota de popularidade cresceu mais ainda com isso. Engenheiro de formação, logo enveredou para o ofício de cameraman na TV Cubana antes de se tornar fotógrafo, a partir de 1998. Em 2013, o retratista oficial do pai expôs uma série de 27 fotografias em grande formato intitulada "Fidel Castro: retratos íntimos" numa prestigiosa galeria do México.

O terceiro da linhagem, Alejandro, nasceu em 1969. Como os irmãos mais velhos, estudou informática. Mas ao contrário dos dois primeiros, a programação o fascinava. Hoje, diríamos que foi um *geek*. Por volta de 1990, criou um software que permitia adaptar sistemas informáticos russos para o japonês, e logo o vendeu para uma empresa japonesa. Foi felicitado pelo pai e ganhou de presente um carro Lada. Festeiro, adorava frequentar discotecas, mulheres e artistas da moda. "El brother" — seu apelido desde os anos de colégio — parecia, nesse aspecto, com Antonio, o "quarto A".

Antonio nasceu em 1971. Foi o que melhor conheci. Em Cayo Piedra, a ilha dos Castro, passei muito tempo ensinando-o a nadar, a mergulhar, a manejar o fuzil de caça submarina. Atividades que criaram laços, é claro. No 15º aniversário de "Tony" — apelido de Antonio —, fui o único membro da escolta a ser convidado para a festa, onde havia um bando de adolescentes como ele. Imagino que isso tenha despertado algum ciúme entre meus colegas. Na ocasião, Fidel pediu que eu acompanhasse seu filho à Unidade 160, onde ficavam os presentes recebidos pelo presidente, para que escolhêssemos um relógio para Tony. Ele escolheu um Seiko de quartzo. Recordo-me do sorriso radiante que iluminou seu rosto de adolescente quando o colocou no punho.

Mais tarde, depois dos estudos no liceu Lênin de Havana, que todos os irmãos frequentaram, lembro de ter perguntado a ele, certa noite em que estava de guarda na propriedade familiar:

— E agora, o que você vai fazer?

— Meu pai quer que eu estude medicina, mas eu gostaria de ser técnico de beisebol…

Tony sempre fora apaixonado por esportes, jogava beisebol e futebol sempre que podia. Mas a vontade de Fidel não era uma coisa a ser discutida.

— Nesse caso — sugeri —, escolha a medicina esportiva! Assim poderá seguir uma carreira no universo do esporte e agradar seu pai.

Anos mais tarde, quando saí da prisão, fiquei sabendo que Antonio havia se tornado cirurgião ortopedista. Ignoro se o influenciei, mas nunca me esqueci de nossa conversa.

Em todo caso, entre os cinco "A", Antonio foi o único que determinou o próprio destino. Atleta de alto nível (batedor talentoso de beisebol, mergulhador submarino reconhecido, jogador excelente de golfe), ele era ao mesmo tempo chefe do setor de cirurgia ortopédica do hospital Frank País de Havana, médico da seleção nacional de beisebol, presidente da Federação Cubana e vice-presidente da Federação Internacional desse mesmo esporte. Em suma, tudo sorria a esse "genro dos sonhos", brilhante, bonito, casado duas vezes com lindas mulheres, e que passava por uma espécie de "príncipe de Havana".

Resta Angelito, de quem não podemos dizer o mesmo. Entre os irmãos, este último filho, nascido em 1974, foi o único que não fez curso superior. Lembro dele como um garoto extremamente mimado pela mãe. Quando ia para Varadero nos finais de semana, exigia, por exemplo, que fossem buscá-lo de Mercedes-Benz. E Dalia cedia a todos os seus caprichos. Apaixonado por carros desde a mais tenra idade, Angelito (ou seja, "pequeno anjo"…) estava o tempo todo a nossa volta. Na oficina, levantava os capôs sem pedir permissão, instalava-se atrás da direção dos carros estacionados, mexia nas ferramentas sem recolocá-las no lugar. Exasperada, uma empregada da família Castro chegou a apelidá-lo de *el comandantico* (o comandantezinho). Um dia, enfim, muito depois de eu ter deixado a escolta de Fidel, fiquei sabendo que tinha se tornado um executivo importante da Mercedes-Benz em Cuba. Tendo em vista todas as pessoas talentosas de nosso país, imagino que deva essa posição essencialmente ao fato de se chamar Castro…

Os cinco "A" cresceram, e quase todos ainda vivem na imensa propriedade familiar de Punto Cero, no bairro havanês de Siboney, em condições que nada têm a ver com a austeridade revolucionária preconizada pelo pai.

*

Punto Cero é um amplo terreno de trinta hectares situado na zona oeste de Havana, não muito longe do mar: precisamente a 1,3 quilômetro da marina Hemingway e a dez quilômetros do Palácio presidencial. Quatro jardineiros trabalhavam na manutenção desse parque arborizado que, além de uma casa senhorial de quinhentos metros quadrados, em forma de L (com dois andares), abrigava uma piscina de quinze metros, seis estufas para o cultivo de frutas e legumes, e um amplo gramado para as crianças brincarem. Sem falar na segunda casa de moradia (350 metros quadrados, em dois andares), situada a cinquenta metros da casa principal, onde ficavam alojados os guarda-costas da escolta, bem como os empregados da casa.

Com suas laranjeiras, limoeiros, tangerineiras, árvores de toranjas e bananeiras, o parque parecia um verdadeiro Jardim do Éden. Principalmente quando comparado ao famoso carnê de racionamento com o qual todos os cubanos — inclusive nós, guarda-costas de Fidel Castro — abasteciam suas despensas: mensalmente, por pessoa, cinco ovos, quinhentos gramas de frango, 250 gramas de peixe, 250 mililitros de óleo e de feijão preto, leite em pó (reservado às crianças de menos de sete anos) e um pão por dia. O que era notoriamente insuficiente para além de quinze dias e obrigava os infelizes cubanos a buscar todo tipo de truque para saciar a fome.

A imensa casa dos Castro estava decorada com gosto no estilo clássico das casas senhoriais nas Antilhas: persianas nas janelas, móveis de vime e madeiras tropicais, aquarelas e pratos de porcelana pendurados nas paredes. Ao que se somava uma profusão de livros nas estantes e nas mesas de centro. Uma empregada, Zoraida, que zelava pelo bom funcionamento da vida cotidiana, se ocupava da arrumação do aposento particular de Fidel e Dalia (no primeiro andar), das salas comuns (salão, sala de estar, sala de jantar, no térreo) e da gestão da roupa suja de toda a família, exceto a do comandante.

Um tratamento especial era de fato reservado às roupas de Fidel. Enquanto as de Dalia e das crianças eram lavadas pelos empregados de Punto Cero, que as passavam na lavanderia, as dele eram cuidadas pela lavanderia do Palácio da Revolução. Todos os dias, um motorista da Unidade 160 ia a Punto Cero para buscá-las e levá-las ao *Palacio*. Depois de limpas e passadas, todas as meias, todas as cuecas, camisas e calças eram submetidas ao teste de radioatividade para verificar se as roupas do líder máximo estavam livres de contaminação. A seguir, o mesmo motorista fazia o trajeto inverso e entregava as roupas impecáveis em Punto Cero, onde os empregados as guardavam com todo o zelo.

Dois cozinheiros, Pedro Moreno Copul (ex-chefe do hotel Habana Libre) e Nicolas Mons del Llana, trabalhavam na preparação das refeições servidas à mesa… por um mordomo que vestia um libré chamado Orestes Dias! Pois na casa dos Castro comia-se como num restaurante, ou seja, à la carte. Todas as noites, antes de ir dormir, Dalia redigia o cardápio das três refeições do dia seguinte (café da manhã, almoço, jantar) para cada um dos membros da família, dependendo de seus gostos, hábitos, desejos.

No café da manhã, Fidel, que acordava tarde — raramente antes das dez ou onze da manhã — e começava o dia de trabalho por volta do meio-dia, quase sempre se contentava com um chá ou um caldo de peixe ou frango. Às vezes bebia leite, como os filhos. Leite de verdade: em Punto Cero essa bebida saía diretamente da teta das vacas que pastavam na propriedade. Refinamento supremo, cada membro da família tinha sua própria vaca, para que o gosto pessoal de cada um pudesse ser satisfeito, pois a acidez e a gordura do leite fresco variam de um animal para outro! Portanto, o leite chegava à mesa em garrafas individuais, com o número correspondente à vaca de cada um colado com fita adesiva. A de Antonio era a número oito, a de Angelito, a número três. A vaca de Fidel era a número cinco, que também era o número de sua camisa de basquete. Não podia haver erro ou troca de mercadoria: Fidel Castro tinha um paladar excelente, capaz de perceber na hora um gosto diferente do leite da vez anterior.

Os almoços de Fidel eram leves. Resumiam-se a uma sopa de peixe ou de frutos do mar, à base de

produtos frescos, é claro. Quando faltavam peixes ou crustáceos, alguém ia buscar mariscos em La Caleta del Rosario, a propriedade à beira-mar que abrigava o *Aquarama II* e os outros barcos da marina privada de Fidel.

O jantar era a refeição principal do comandante em chefe. Compunha-se alternadamente de peixe grelhado, frutos do mar, frango e, às vezes, ovelha, ou mesmo presunto *pata negra* — mas nunca carne de gado; seu nutricionista proibira. Fidel Castro comia como acompanhamento arroz, feijão vermelho e tubérculos (batata-doce, pastinaca, batata-inglesa), em porções moderadas. Em contrapartida, consumia grandes quantidades de legumes verdes, crus ou cozidos, que constituíam a base de seu regime alimentar. Graças às hortas nas estufas do jardim, nunca faltavam frutas ou legumes frescos ao chefe de Estado, que comia alimentos orgânicos em todas as estações. Outra vantagem dessa produção local: ela permitia o rastreamento absoluto dos produtos, o que minimizava os riscos de intoxicação ou envenenamento. Do mesmo modo, Fidel Castro só bebia a água extraída do poço que ficava nos fundos do jardim.

O comandante gostava de regar suas refeições com vinho branco, tinto ou rosé. Bebia principalmente vinhos argelinos, pois o presidente Houari Boumédiène (1965-78) tinha o costume de abastecer o homólogo cubano com caixas e mais caixas. A tradição se manteve mesmo depois de sua morte. Já o presidente Saddam Hussein enviava regularmente potes de doce de figo iraquiano a seu querido Fidel. Preocupado com o equilíbrio alimentar, ele nunca bebia café — desaconselhado por seu médico —, mas às vezes se permitia um digestivo, o conhaque Napoléon.

Em Punto Cero, Dalia controlava tudo: as refeições, a escala dos empregados e mesmo as relações entre seus filhos e o chefe da família. Quando um dos cinco “A” queria falar com o patriarca, precisava passar por Dalia. Esta consultava então o marido, que marcava um encontro num horário que lhe conviesse. Ninguém, nem mesmo sua prole, tinha autorização para perturbar *el comandante* de improviso. Fidel Castro era o contrário de um pai coruja: em dezessete anos, nunca o vi fazer um único gesto de carinho por seus descendentes. Dizem, no entanto, que a partir de sua convalescença, em 2006, os filhos se aproximaram um pouco dele.

Dalia também não era das mais calorosas. Era uma mulher dura, autoritária, quase antipática. Quando Fidel estava em casa, ela se apagava diante de *el jefe* (era assim que se referia a Fidel na ausência dele; ele dizia *la compañera* para falar dela). Mas assim que ele virava as costas, ela instaurava uma disciplina estrita entre os funcionários. Nem os empregados nem os guarda-costas gostavam muito dela. O que me lembra de uma história engraçada.

Em torno da casa dos Castro viviam inúmeras galinhas, em liberdade, com ninhos um pouco disseminados por toda parte. Ora, esse animal de cacarejo aborrecido costuma botar os ovos ao nascer do dia. Assim, quando ficávamos de guarda, à noite, num dos dois postos de vigilância, que ficavam na frente e nas costas da casa, íamos discretamente à caça dos ovos. Alguns ninhos chegavam a ter sete ou oito deles! Nós os escondíamos dentro do casaco, para levá-los a nossas respectivas esposas, que faziam com eles tortilhas para a família inteira. Certo dia, Dalia, muito irritada, desabafou:

— Como é que pode? Essas galinhas não botam nada! Devem estar doentes… Ou deve haver algum problema na qualidade dos grãos que estão comendo. Vou ligar para o veterinário e tirar essa

dúvida!

Eu, naquele momento, estava com a geladeira cheia de ovos frescos. O mais engraçado é que todos participavam da farsa, até mesmo o fiel assistente *Pepín* Naranjo, que costumava contar tudo ao comandante. Ao menos uma vez Fidel e Dalia foram passados para trás!

Como já disse, com os filhos Dalia se comportava como uma loba protetora. Egoisticamente, ela considerava seus cinco filhos os únicos herdeiros legítimos de Fidel. Fidelito, por exemplo, entrou uma única vez na propriedade de Punto Cero. E nunca foi bem-vindo na ilha de Cayo Piedra.

Numa das raríssimas vezes em que esteve lá, seus cinco meio-irmãos também estavam. Não sei por quê, tinham decidido estreitar os laços familiares. Naquele dia, quando todos foram receber Fidelito e sua mulher Natalia Smirnova no atracadouro, Dalia se sentiu obrigada a desabafar para mim à parte, como para se justificar: "É, a família precisa se encontrar de vez em quando…". Mas percebi que não estava sendo sincera. Então, como o incômodo era visível, *Pepín* sugeriu a Fidel que enviasse Fidelito a Cayo Largo del Sur, para que ele supervisionasse a obra em andamento naquela ilha de areia fina com 25 quilômetros de comprimento e destinada a ser um futuro ponto turístico (o que de fato acabou acontecendo).

Fidelito, a mulher, *Pepín* e eu saímos de helicóptero rumo à ilha turística que ficava cinquenta quilômetros a sudoeste de Cayo Piedra. Depois de trinta minutos de voo acima das ondas azuis, aterrissamos em Cayo Largo del Sur. Ficamos alojados no único hotel existente na ilha, onde rapidamente constatei que Natalia, a esposa russa de Fidelito, era extremamente desagradável: no restaurante, devolveu seu frango três vezes, dizendo que cheirava mal. *Pepín*, que a conhecia bem, não se surpreendeu. "Ela está sempre de mau humor", me disse.

Na época, Cayo Largo del Sur ainda era quase virgem, e foi impossível não notar a presença de um iate branco de quarenta pés (doze metros), bastante luxuoso, atracado no único píer desse pedaço de terra. Fiquei sabendo pelo oficial de informação postado na ilha que pertencia ao "americano". O americano em questão era Roberto Vesco, o famoso foragido que tinha fraudado o fisco estadunidense (em mais de 200 milhões de dólares) e que Washington afirmava estar em Cuba, apesar das negativas de Fidel. O imbróglio diplomático americano-cubano durou anos e, um belo dia, *el comandante* precisou reconhecer o óbvio: sim, era verdade, Roberto Vesco estava mesmo em Cuba (e imagino que em troca da hospitalidade, Fidel deve ter pedido uma considerável quantia em dinheiro). Mais tarde, quando o bandido se tornou um incômodo, Fidel se livrou dele, condenando-o a treze anos de prisão, e foi assim que ele morreu em 2007, sem que a administração fiscal ianque jamais tivesse conseguido pôr as mãos nele.

Depois desse passeio um tanto estranho, decolamos na manhã seguinte para fazer escala em Cayo Piedra, onde Fidelito logo se despediu de todos, o que pareceu aliviar Dalia. Fidelito nunca mais voltou à ilha privada dos Castro.

Como todos os casais, o do "chefe" conheceu altos e baixos. Ninguém nunca soube, mas em 1984 o ponto mais baixo foi atingido quando Fidel descobriu que Dalia o traía com Jorge, um membro da

escolta! Na época, o motorista oficial de *la compañera* se chamava René Besteiro. Um dia, Dalia o mandou comprar alguma coisa e, aproveitando sua ausência, pediu a Jorge, o guarda-costas, que a levasse à casa de sua mãe, que morava na rua Sete, no bairro Playa, não muito longe de Punto Cero. Entre nós, chamávamos esta última de *la abuela*, a avó. A sogra de Fidel era uma pessoa bastante animada, pouco requintada, que se maquiava muito e flertava demais, e que, apesar da diferença de idade, não hesitava em cortejar os jovens homens que éramos.

Em suma, quando Besteiro, o motorista de Dalia, voltou a Punto Cero e ficou sabendo que a patroa havia ido à casa da *abuela*, seu zelo profissional o fez seguir imediatamente até lá para colocar-se à disposição. Mas quando a "avó" abriu a porta, Besteiro, estupefato, viu Dalia dançando na sala com nosso colega Jorge.

Dando um passo para trás, ele disse à avó:

— Diga para Dalia que estou aqui.

No momento seguinte, a sra. Castro apareceu à porta:

— O que está fazendo aqui? Ninguém pediu que viesse…

E René Besteiro foi embora. Quando chegou a Punto Cero, René imediatamente relatou o ocorrido ao chefe da escolta, Domingo Mainet. A fim de se "proteger", contou o que tinha visto, preocupado por estar naquela situação delicada em relação a Dalia. O chefe da escolta ficou assombrado. Como mantinha ótimas relações comigo, decidiu pedir minha opinião.

— Simples, você tem duas saídas — expliquei. — A primeira, que desaconselho, é não falar nada. Mas no dia em que Fidel descobrir, você não durará muito. A segunda é contar a Fidel exatamente o que Besteiro contou, como todo subordinado militar deve fazer a seu superior hierárquico. Assim, fomos ao Palácio, onde o chefe da escolta conversou em privado com Fidel por meia hora. Quando saiu, Mainet me anunciou que a partir daquele momento e até nova ordem todas as comunicações com Dalia estavam cortadas. Por um mês, Fidel e nós, sua escolta, não voltamos a pisar em Punto Cero. Fidel viajou por todo o país, dormindo em várias das vinte casas que possuía, na província de Las Villas, em Camagüey ou ainda na ilha de Cayo Piedra. Na época, todos pensamos que a relação com Dalia chegara ao fim. Ledo engano! Passadas quatro semanas, voltamos a Punto Cero sem avisar Dalia. E a vida conjugal retomou seu curso, como se nada tivesse acontecido…

Da noite para o dia, porém, o guarda-costas Jorge saiu de circulação e nunca mais ouvimos falar dele. Ignoro se foi transferido para a província do Oriente, longe de Havana, ou se foi morto. Não ousei perguntar e, acima de tudo, não queria saber: na época, o mais importante para mim era que Fidel nunca descobrisse que o chefe da escolta, Domingo Mainet, tinha se confidenciado comigo. Isso teria me exposto ao mesmo destino de René Besteiro. O motorista oficial da *compañera*, que tinha descoberto o segredo, foi afastado. Acho que foi rebaixado para o cargo de motorista comum no Ministério da Indústria da Pesca. Nunca é bom ser o portador de uma notícia ruim…

O "caso Dalia" fez outra vítima colateral: *la abuela*. Fazia anos que Fidel não a suportava. Sempre de visita na casa da filha em Punto Cero, ela tinha o mau hábito de beber demais. Mais de uma vez, *el jefe* a encontrou em sua casa em claro estado de embriaguez, o que o deixava extremamente irritado. Pessoa de fato inconveniente, essa beberrona inveterada não fazia rodeios para se servir da reserva pessoal do genro quando ele não estava em casa. Um dia, voltando a Punto

Cero — no início da década de 1980, alguns anos antes da traição de Dalia —, Fidel abriu a porta do bar e descobriu a garrafa de uísque, *sua* garrafa, vazia! Ele explodiu, batendo com o pé no chão e apontando os dois indicadores para baixo:

— *Esto es ya el colmo!* (Isso já é o cúmulo!) Além de sua mãe vir à minha casa sem avisar, ela mexe nas minhas coisas! Não quero mais vê-la por aqui!

A sogra se safou por pouco. E suas passagens por Ponto Cero se espaçaram. No entanto, por mais dois ou três anos, continuou aparecendo de vez em quando. A infidelidade de Dalia (que ela conhecia perfeitamente, pois acobertava os encontros secretos da filha) foi a gota d'água. Depois disso, nunca mais foi vista em Punto Cero.

Dessa crise conjugal, em todo caso, podemos reter o seguinte: Dalia Soto del Valle foi a única pessoa no mundo a já ter levado vantagem psicológica sobre Fidel Castro Ruz. Macho onipotente, o comandante da Revolução Cubana tinha um único ponto fraco: *la compañera*.

---

* Alina Fernández, *Fidel, mon père: Confessions de la fille de Castro*. Paris: Plon, 1998.

# 4
# A escolta, sua verdadeira família

Cinquenta e cinco anos depois do "Triunfo da Revolução", hoje a família Castro é uma dinastia bem estabelecida: sete irmãos e irmãs (incluindo Fidel), dezenas de filhos, netos e mesmo alguns bisnetos. Sem falar nos sobrinhos e sobrinhas, primos e primas. No entanto, a "verdadeira" família do comandante sempre foi a dos guarda-costas que compunham sua escolta. Era de esperar: em sua longa trajetória, *el líder máximo* sem dúvida passou cem vezes mais tempo na companhia de soldados dedicados a sua proteção pessoal, 365 dias por ano, do que com a mulher e os filhos. Com alma de militar, Fidel tinha mais afinidades com os homens fardados que o acompanhavam do que com os próprios descendentes, que nunca conheceram nada além da confortável condição de "filho de" e que nunca realizaram nenhum feito d'armas.

Era conosco, por exemplo, seus guarda-costas e motoristas, e não com Dalia ou com os filhos, que *el comandante* celebrava as datas de 1º de janeiro, 13 de agosto e 26 de julho. São as três datas fundamentais da historiografia castrista. O dia 1º de janeiro corresponde ao Triunfo da Revolução, ocorrido no Ano-Novo de 1959. O 13 de agosto marca o aniversário de Fidel Castro, nascido em 1926. E o 26 de julho lembra o dia do início da epopeia revolucionária anti-Batista, no ano de 1953, com o "ataque heroico" (apesar de fracassado) à caserna de Moncada, em Santiago de Cuba. Para que a importância histórica desse acontecimento fosse devidamente apreciada, Fidel fez do 26 de julho a festa nacional cubana. A mensagem é clara: em Cuba, a data marca o começo de tudo, o big bang da política.

Em seu aniversário, o comandante em chefe gostava de estar rodeado por sua guarda pessoal. Tradicionalmente, ele e a escolta iam para a casa situada no coração da Unidade 160 — a mesma em que Fidel marcava encontros galantes sem o conhecimento de Dalia. Um cordeiro era assado e consumido por todos com as mãos, como na tradição árabe, e a refeição era regada a vinhos argelinos. Também participavam José *Pepín* Naranjo, o assistente que nunca saía do encalço de Fidel, Antonio Núñez Jiménez, o amigo geógrafo do comandante, que era um dos raros a frequentar a ilha de Cayo Piedra, e Manuel Piñeiro, o *Barbarroja*, chefe do Departamento América dos serviços de espionagem cubanos, um dos personagens centrais do regime. Uma vez, também vi o general Humberto Ortega, irmão do presidente Daniel Ortega e então ministro da Defesa do governo revolucionário sandinista da Nicarágua.

No dia de seu aniversário, Fidel nunca deixava de visitar o irmão Raúl e o amigo e escritor

colombiano Gabriel García Márquez, que às vezes participavam ambos do assado na Unidade 160. A festa em geral durava de três a quatro horas. Era sempre imortalizada por uma sessão de fotos, tiradas após a entrega dos presentes de Fidel. Levava-se muito tempo para abrir todos aqueles embrulhos, enviados por admiradores ou homólogos estrangeiros de Fidel Castro. Esses presentes chegavam às centenas, como as caixas de vinho da presidência argelina, as caixas de tâmaras enviadas pelo chefe de Estado iraquiano Saddam Hussein, ou ainda os presuntos *pata negra* oferecidos por um grupo de fãs espanhóis que conheciam o gosto do comandante pela iguaria ibérica.

Para Fidel, esse momento de relaxamento era sempre ocasião para contar algumas anedotas e recordações da infância a uma plateia que não corria o risco de interrompê-lo. *El jefe* também fazia esse tipo de confidência durante os deslocamentos para a província ou para o exterior, quando a noite se prolongava depois do jantar, em pequeno comitê. O fato de estar sempre a seu lado me permitiu acumular um conhecimento detalhado de sua biografia, inclusive em relação ao período anterior a minha entrada na escolta, em 1977.

Fidel Castro é um narrador sem igual. Mas também é uma pessoa que tem a repetição como característica marcante: bastante obsessivo, reitera as mesmas histórias ano após ano. Assim, acabei assimilando algumas delas como se as tivesse vivido. Retrospectivamente, o relato dessas fatias de sua vida me revelou vários aspectos de seu temperamento, como a astúcia, a obstinação e a convicção, muito sólida, de que todos os meios são bons para chegar aos seus fins, inclusive a mentira.

Não sei quantas vezes nos contou o "caso dos dois boletins", dezenas, certamente. A história se passa na época em que Fidel tinha deixado a casa e a aldeia familiar de Birán (província de Holguín, na região leste do país) para ir à grande cidade de Santiago de Cuba, a 120 quilômetros de distância, onde estudou no colégio jesuíta Dolores. O jovem Castro morou então com o padrinho Luis Hippolite Hibbert, que era um amigo de seu pai e cônsul do Haiti naquela cidade, a segunda de Cuba. Ora, o diplomata era um homem severo: levava muito a sério o papel de padrinho e tutor, exigindo que o menino obtivesse resultados excelentes na escola para lhe dar os vinte centavos semanais para ir ao cinema e comprar doces ou revistinhas em quadrinhos.

Um belo dia, Fidel disse na escola que tinha perdido o carnê de notas e recebeu um novo. A partir daquele momento, passou a manter dois registros das próprias notas. De um lado, apresentava ao tutor um boletim falsificado, onde aparecia como o primeiro da turma, com nota dez em todas as matérias; do outro, imitava a assinatura do padrinho para entregar ao professor o boletim verdadeiro, devidamente rubricado. Entre os dois mundos, a falta de comunicação era perfeita. O problema — o auge do relato, que Fidel, zombeteiro, adorava contar — surgiu ao final do ano escolar, quando Luis Hippolite Hibbert quis assistir pessoalmente à cerimônia de premiação dos melhores alunos. Eis como *el jefe* contava o fim da história:

— … então, vestimos nossas roupas mais elegantes e rumamos para o colégio Dolores. Meu padrinho, é claro, estava convencido de que eu ganharia todos os prêmios. Sua surpresa foi total quando o diretor da escola começou a chamar para o palco um monte de alunos, exceto eu. Era assim: "História… Fulano! Biologia… Beltrano! Matemática… Sicrano! Parabéns, bravo etc.". Durante toda a cerimônia, meu padrinho, sentado a meu lado, ardia de impaciência, decidido a

repreender o diretor. Ele estava furioso, e eu não sabia como me safar. À medida que a cerimônia avançava, meu embaraço aumentava. Mas, de repente, eureca!, encontrei a solução. Como eu tinha perdido uma grande parte do primeiro trimestre devido a uma operação benigna de apendicite, expliquei que havia sido impossível incluir-me na premiação, pois meus três primeiros meses de aula não entraram na conta. O subterfúgio me salvou a pele: ele acreditou. Mas que sufoco!

Outra das anedotas preferidas de Fidel está relacionada aos anos de juventude em Havana. Estudante universitário, ele tentava alugar um quarto mobiliado na capital com o dinheiro que o pai, rico proprietário de terras, lhe mandava. Fidel vestia a melhor roupa que tinha para se encontrar com os futuros senhorios. A fim de provar sua boa-fé e sua capacidade de pagar, ele se oferecia, tal grande senhor, a pagar no ato dois meses de aluguel adiantado. Tendo tranquilizado os proprietários, morava na casa deles por quatro meses sem pagar nenhum centavo a mais. Depois ia embora sem avisar para tentar seu golpe em outro lugar! Fidel concluía a história com uma explosão de riso zombeteiro: "Até hoje deve haver gente atrás de mim em Havana…".

Sejamos justos: as histórias nos encantavam. A maioria de seus monólogos tratava da vida de guerrilheiro, do ataque a Moncada, de Sierra Maestra, enfim, da epopeia revolucionária. Ficávamos fascinados, ele era nosso herói, faríamos qualquer coisa por ele. Éramos sua família ideal.

*

A história da escolta de Fidel é tão antiga quanto a Revolução. Em 1956, quando o guerrilheiro se refugiou na Sierra Maestra, um pequeno grupo do exército revolucionário foi destacado para sua proteção pessoal. Depois do Triunfo da Revolução, ou seja, depois de descer as montanhas e chegar a Havana, Fidel substituiu seus guarda-costas guerrilheiros por militantes do Partido Socialista Popular (PSP, comunista) e das Juventudes Socialistas. Foi quando entraram em cena Alfredo Gamonal e José Abrantes. O primeiro morreu num acidente de trânsito, mas o segundo logo se impôs como um dos homens de confiança de Fidel. Este o nomeou chefe da escolta e, passada a invasão à Baía dos Porcos (1961), colocou-o na direção do *Departamento de Seguridad del Estado*, também chamado G2, que controla toda a organização da polícia secreta.

Abrantes cedeu então seu posto ao capitão "Chicho", que se chamava Bienvenido Pérez, um antigo combatente da Sierra Maestra. Nos anos 1970, ele foi substituído por Ricardo Leyva Castro, depois por Pedro Rodríguez Vargas e finalmente por Domingo Mainet. Era ele que dirigia a escolta em 1977, quando passei para a guarda pretoriana de Fidel.

Na época, a proteção pessoal de Fidel Castro já era uma organização muito experiente e extremamente treinada. O "primeiro anel" de proteção era composto por uma tropa de trinta a quarenta soldados de elite, alguns deles também motoristas. Eles acompanhavam *el comandante* dia e noite, onde quer que estivesse: na casa de Punto Cero, no *Palacio de la Revolución* (onde ficava seu gabinete), na ilha de Cayo Piedra, em qualquer outra de suas casas na província, ou no exterior, durante as viagens oficiais.

A escolta era dividida em duas equipes (*el grupo 1* e *el grupo 2*) que trabalhavam alternadamente, dia sim dia não, 24 horas seguidas, com revezamento ao meio-dia. A essa escala somava-se meio turno de treinamento físico. Uma semana típica era organizada da seguinte forma: treinamento físico

segunda-feira pela manhã, depois início das atividades ao meio-dia até o meio-dia de terça-feira, descanso de meio turno na terça-feira à tarde, até o novo treinamento na manhã de quarta-feira, e o início das atividades ao meio-dia, e assim por diante. Quando Fidel viajava para as províncias ou para o exterior, a escolta era evidentemente mobilizada 24 horas por dia.

Fidel sempre se deslocava com no mínimo catorze guarda-costas, divididos em quatro Mercedes pretos automáticos. Veículo nº 1: Fidel, o assistente *Pepín* Naranjo, um dos três motoristas pessoais (Jesús Castellanos Benítez, Ángel Figueroa Peraza, René Vizcaino) e o chefe da escolta, o coronel Domingo Mainet ou, às vezes, o médico particular Eugenio Selman. Veículo nº 2: um motorista e três guarda-costas, todos de uniforme militar. Veículo nº 3: idem. Veículo nº 4: idem, mas os soldados ficavam à paisana e circulavam num Lada soviético de câmbio manual, com o motor "turbinado" para aumentar sua potência. Esse carro seguia os três anteriores a uma distância de cem metros, para que a presença militar ao redor de Fidel não fosse solene demais. Quando *el comandante* deixava a capital para ir à província ou à ilha de Cayo Piedra nos finais de semana, um quinto Mercedes completava o cortejo. Ele transportava o médico pessoal Eugenio Selman, o enfermeiro Wilder Fernández, o fotógrafo oficial Pablo Caballero e o mordomo Orestes Dias, todos considerados membros da escolta.

Quando Fidel ia para a província ou participava de algum evento, o grupo operacional, ou "segundo anel", era mobilizado em reforço para cobrir as posições da escolta, a uma distância maior de Fidel. E quando ele visitava uma fábrica, uma escola, uma aldeia, um bairro ou um ministério, os oficiais da contraespionagem eram chamados. Eles se colocavam à disposição da escolta, mobilizando todos os agentes de informação infiltrados no local visitado ou nos arredores. A aviação se encarregava, por sua vez, de vigiar o espaço aéreo por meio de radares. E quando Fidel estava perto do litoral ou subia a bordo de algum navio, a guarda costeira também ficava a postos.

Mas voltemos à escolta propriamente dita. Na guarda pretoriana, alguns eram escolhidos não apenas em função de suas habilidades com as armas ou por seus reflexos no combate corpo a corpo. Dois guarda-costas, Andrés Arronte Martínez e Ambrosio Reyes Betancourt, tinham sido selecionados em razão… de seus grupos sanguíneos! O grupo A negativo, que é um dos mais raros da espécie humana (6% da população mundial), era o mesmo de Fidel Castro. Assim, em caso de absoluta necessidade, a presença deles permitiria realizar uma transfusão de emergência, braço a braço, com sangue fresco, para salvar *el jefe*.

Outra curiosidade: a escolta de Fidel contava com um sósia! Sem barba e mais baixo que *el comandante*, Silvino Álvarez não era, propriamente falando, sua cópia perfeita. Mesmo assim, no banco de trás de um carro e usando uma barba postiça, de longe facilmente podia ser confundido com *el líder máximo*, pois os dois tinham o mesmo perfil grego (a testa e o nariz formando uma linha reta, levemente marcada no ponto de junção entre os dois).

Esse subterfúgio foi utilizado em diversas ocasiões, em especial em 1983 e em 1992, quando Fidel Castro ficou gravemente enfermo sem que ninguém ficasse sabendo, como veremos mais tarde. *El comandante* ficou de cama por várias semanas, em meio ao maior sigilo. E o falso Fidel foi posto

no banco de trás da limusine presidencial que circulava por Havana, passando por locais populosos como o porto, o Malecón (a avenida beira-mar), a avenida do Prado, a Quinta Avenida e também pelas embaixadas dos países capitalistas como a França ou o Reino Unido. Silvino Álvarez abria a janela do carro e, de longe, saudava os passantes imitando os gestos de Fidel. A população nunca desconfiou de nada, segundo os informantes da polícia.

Em matéria de subterfúgio, Fidel Castro era quase imbatível. Os livros de história contam que, quando os jornalistas americanos vinham entrevistá-lo clandestinamente nas montanhas da Sierra Maestra, o guerrilheiro preparava uma cena, ensaiada com perfeição: colocava os soldados ao fundo circulando em todos os sentidos, criando um efeito de massa que fazia seus interlocutores acreditarem que a tropa rebelde era muito maior do que na realidade.

As técnicas de manipulação da informação estão no centro do trabalho de proteção de qualquer alta personalidade. Mas não de maneira tão sistemática quanto em Cuba, onde cada deslocamento de Fidel era concebido com o objetivo de enganar o público a respeito do horário, do local e do meio de transporte utilizado. Quando o comandante em chefe falava em público, sua chegada era anunciada para uma dada hora, mas ela sempre acontecia antes ou depois do previsto. Da mesma forma, era comum divulgarem que ele chegaria de helicóptero quando vinha de carro. Outro exemplo: em viagens para o exterior, prevíamos sempre dois ou três lugares diferentes para sua hospedagem (duas reservas de hotel e a residência da embaixada de Cuba) antes de escolher uma delas, na última hora, a fim de desorientar qualquer pessoa que, por alguma razão, quisesse conhecer de antemão o lugar onde Fidel planejava passar a noite.

Mesmo em Havana, quando ia diariamente ao Palácio da Revolução, saindo de Punto Cero (uma dezena de quilômetros separava os dois endereços), o itinerário utilizado mudava no último minuto, de modo que nem mesmo os próprios guarda-costas sabiam o caminho escolhido pelo chefe da escolta. Além disso, os três carros do cortejo mudavam o tempo todo de posição, para que ninguém soubesse em que veículo (no da frente, no do meio ou no de trás) estava *el líder máximo*.

Até 1979, o carro de Fidel era facilmente identificável: ele circulava numa pesada limusine soviética preta da marca ZIL, idêntica às utilizadas pelos representantes da URSS. Ela lhe havia sido oferecida pelo número um do Kremlin, Leonid Brejnev.[a] Nós, os membros da escolta, andávamos de Alfa Romeo cor de vinho, modelos 1750 e 2000, leves, rápidos, ágeis.

Dois anos depois que entrei para o serviço de Fidel, a frota automotiva foi inteiramente renovada. Ao fim da VI Cúpula do Movimento dos Não Alinhados,[b] ocorrida no início de setembro de 1979, em Havana, o presidente iraquiano Saddam Hussein ofereceu ao colega cubano um Mercedes-Benz 560 SEL blindado, que trouxera consigo de Bagdá. Depois disso, Fidel ordenou a dois mecânicos da oficina nº 1 da Direção de Segurança Pessoal, os agentes Socarras e Alvarez, que fossem à Alemanha Oriental comprar outros Mercedes-Benz 500 usados, para substituir os Alfa Romeo, que se tornavam obsoletos.

Conforme o procedimento de segurança aplicado a todos os veículos oficiais repatriados para Cuba depois de temporadas no exterior, os Mercedes foram enviados à garagem da Unidade 160 para averiguações detalhadas. Eles foram sistemática e totalmente desmontados — até o último parafuso —, para verificar se nenhum microfone ou explosivo havia sido colocado no forro de uma porta,

dentro de um banco, no painel de bordo, embaixo do chassi ou dentro do motor. Depois do "sinal verde" dos especialistas em detecção de explosivos, os Mercedes finalmente puderam ser remontados e depois utilizados.

A potência de fogo da escolta tampouco era negligenciável. Quando Fidel Castro andava de limusine blindada, dispunha de um fuzil de ataque soviético Kalashnikov de coronha dobrável, calibre 7,62 milímetros, sempre a seus pés, com cinco carregadores de trinta munições cada. A arma nunca o abandonava. Ficava sempre no mesmo lugar, inclusive quando Fidel convidava uma personalidade estrangeira a subir no carro. Aquilo, sem dúvida, devia impressionar muito.

Fidel sempre se sentava no banco de trás, à direita. Bem atrás dele, na altura de seu ombro direito, ficava uma pistola Browning 9 milímetros e três carregadores de treze balas. O banco da frente abrigava, além disso, uma segunda Kalashnikov, calibre 5,45 milímetros, e cinco carregadores de trinta cartuchos aos pés do chefe da escolta, Domingo Mainet, que ocupava o lugar do carona. A isso se somavam as armas de todos os guarda-costas: cada um levava uma pistola Browning na cintura e, dependendo da situação, uma Kalashnikov a tiracolo.

Além disso, na época, o bagageiro do Mercedes presidencial sempre guardava uma mala preta com uma Kalashnikov AKM, com coronha de madeira e calibre 7,62 milímetros, bem como cinco carregadores de quarenta cartuchos. Esse fuzil de assalto era a arma pessoal de Fidel, a que ele utilizava durante os exercícios de tiro que praticava com regularidade; a mesma que levava para casa todas as noites. Dalia, avisada de nossa chegada por rádio, esperava-o na frente da casa da família, como uma esposa devota. Seguindo um ritual imutável, Fidel a beijava na boca, depois entregava-lhe a arma. Em seguida ela ia religiosamente guardá-la no quarto do casal, no primeiro andar. Em Punto Cero ou em qualquer viagem, o chefe de Estado sempre dormia com a Kalashnikov ao lado da cama, ao alcance da mão.

O bagageiro da Mercedes de Fidel abrigava, ainda, um estojo médico (sob a responsabilidade de seu médico e de seu enfermeiro), botas extras, um traje civil, dois ou três uniformes militares, gravatas, bonés militares, três mudas de roupas de baixo. Além de um uniforme completo de basquete — pelo menos até Fidel decidir parar de jogar devido a uma lesão no dedo do pé, em 1982.

Por fim, um dos veículos tinha uma geladeira com refrigerantes, cervejas, garrafas de água e leite de vaca, um litro de leite de cabra e iogurtes naturais ou de limão, um dos preferidos do *jefe*.

Para encerrar com os veículos da escolta, seria absolutamente falso dizer (como já ouvi, em Miami, da boca de pseudoespecialistas em castrismo) que a limusine presidencial transportava granadas ao alcance da mão de Fidel. Como tantas outras bobagens ditas a respeito, essa não passa de uma elucubração, uma besteira, uma fantasia. Mas uma coisa é certa: todas as informações deste livro se baseiam em coisas vistas e vividas, em dados concretos; não em boatos ou testemunhos de segunda mão. Posso dizer: eu estava lá!

*

No esquema de segurança do chefe de Estado cubano, eu ocupava um lugar particular, privilegiado, sobretudo devido a minhas três faixas pretas (judô, caratê, combate corpo a corpo), minhas qualidades de atirador de elite e minha devoção total à Revolução. Rapidamente recebi a função de guarda-costas *pessoal* de Fidel. A honra suprema. Entre os trinta a quarenta homens da escolta, eu era o "primeiro" guarda-costas, para aproveitar o termo que se usaria para falar do primeiro violino de uma orquestra. Assim que descíamos do carro, eu devia me posicionar ao lado ou logo atrás de Fidel, a fim de evitar qualquer imprevisto e ser seu último escudo. Por dezessete anos, estive na primeira fila.

Guarda-costas zeloso, logo percebi que era possível melhorar ainda mais a proteção pessoal do "chefe". Falei sobre isso ao chefe da escolta, Domingo Mainet. E fizemos alguns ajustes. Por exemplo: na escolta do Ministério do Interior, eu tinha aprendido que era preciso estar atento ao olhar das pessoas. Os olhos não refletiam a alma e as intenções de todos? Na ativa, porém, descobri que o perigo vinha das mãos, e não dos olhos. Ora, se um agente inimigo bem treinado conseguia facilmente disfarçar as expressões faciais, era-lhe mais difícil dissimular os movimentos das mãos, e com frequência, aliás, ele nem pensava nelas. Esse aspecto logo foi integrado à formação geral dos guarda-costas cubanos. Desde então, são ensinados a prestar atenção nas mãos das pessoas que compõem uma multidão.

Também fui responsável pela modificação das posturas de tiro. Originalmente, sacávamos as pistolas com as pernas flexionadas, para maior estabilidade. No treinamento, chamei a atenção de Fidel para o fato de que flexionando as pernas perdíamos alguns preciosos centímetros que nos permitiam escudá-lo melhor. Fidel admitiu a pertinência de minha observação. A partir de então, seus guarda-costas aprenderam a manter as duas pernas estendidas durante os treinamentos.

Em última instância, era sempre Fidel quem decidia tudo o que dizia respeito à guarda pretoriana, desde a escolha dos homens até as armas utilizadas. Nem o ministro do Interior, nem o diretor da Segurança Pessoal, nem o chefe da escolta podiam tomar iniciativas sem sua aprovação. Em muitos casos, o chefe da escolta não passava de um transmissor da vontade do comandante. Dalia, por sua vez, tentou várias vezes se intrometer nos assuntos internos da escolta, mas Fidel nunca lhe deu ouvidos, e foi bem melhor assim!

Sendo o "primeiro" guarda-costas, era lógico que eu me tornasse, também, chefe de carro. Como o nome indica, *el jefe de carro* ocupava a posição hierárquica mais elevada no veículo em que estava. Era quem coordenava, com os outros chefes de carro, o movimento do cortejo motorizado.

Em paralelo, outra responsabilidade me foi confiada, a de preparador físico da escolta. Ou seja, eu determinava o programa de treinamento esportivo: no mínimo quatro horas por dia de corrida, musculação e combate corpo a corpo, das oito ao meio-dia. E naturalmente me impus também como professor de tiro. Todas as manhãs íamos ao campo de tiro para exercícios de pé, agachados e deitados, em alvos fixos ou móveis. Treinávamos com todos os tipos de arma — pistolas, fuzis, metralhadoras —, imóveis ou em movimento, ou até mesmo correndo.

Alguns treinamentos se davam na *Ciudadela*, uma aldeia-fantasma que ficava perto da cidade de

Mariel, entre a estrada *Panamericana* e o mar, a cerca de vinte quilômetros de Havana. Também utilizada por soldados das tropas de choque cubanas, a "cidadela" parecia um cenário de cinema, com prédios vazios, no alto dos quais se liam as letras CDR (Comitê de Defesa da Revolução), uma falsa clínica e uma estrada de ferro. Era o lugar ideal para simular combates urbanos, com carros em movimento e atiradores escondidos nos telhados.

Para aumentar o realismo, a réplica de um vagão em tamanho natural tinha sido instalada nos trilhos e era movimentada como um alvo móvel. A *Ciudadela* abrigava vários campos de tiro com fuzil, pistola-metralhadora, metralhadora, lança-granadas e lança-foguetes, até uma distância de quinhentos metros. As estradas que passavam pelo local, costeando o mar, também permitiam atirar a partir de carros em alta velocidade. Um dos exercícios desenvolvidos por mim consistia em sacar a arma, carregá-la, atirar (acertando na mosca) e colocá-la no coldre, tudo em menos de três segundos.

Pessoalmente, ultrapassei em pouco tempo as quatro horas diárias de treinamento obrigatório, forçando-me a correr e atirar nos dias de descanso, para estar sempre afiado ao máximo, dar o exemplo e consolidar minha posição hierárquica dentro da organização. Voluntariamente abri mão de quase todos os meus meio-turnos de repouso e de meus dias de descanso para trabalhar seis dias por semana, às vezes mais.

Quando prevíamos as futuras viagens de Fidel Castro para o exterior, cabia a mim, enquanto preparador físico, selecionar os soldados do grupo que teriam a honra e o privilégio de participar do deslocamento oficial, enquanto os outros, com menor desempenho a meus olhos, ficariam em Cuba. Certamente, isso deve ter provocado inveja e despertado algum rancor.

A partir de meados dos anos 1980, acrescentei mais uma função a meu leque de competências: fui designado para o papel de "precursor". O precursor era aquele que viajava na frente como um batedor, para fazer todos os preparativos necessários à segurança do presidente Castro, antes que ele chegasse ao país de destino. Precisava, por exemplo, fazer um reconhecimento da capital visitada, determinar os trajetos mais seguros, verificar que nada faltasse à delegação cubana e que ela não fosse exposta a nenhum risco.

Portanto, também era eu quem alugava casas ou reservava hotéis, sempre velando pela segurança das entradas e saídas dos prédios. Com uma mala de dinheiro vivo na mão, cheguei a comprar algumas casas, especialmente na África, quando julgava que esta seria a melhor maneira de garantir a segurança de Fidel durante a noite. Eu não era o único com essa missão. *La Avanzada*, isto é, o grupo percursor, em geral contava com seis oficiais: um chefe da equipe médica, um responsável pelos alimentos, um especialista da Técnica (encarregado de instalar ou detectar microfones), eu mesmo, e o diretor da Segurança Pessoal, na época o general de divisão Humberto Francis Pardo, que tinha vários milhares de homens sob suas ordens.

Nessa delegação, com exceção do general Francis, o elemento principal era aquele que representava diretamente a escolta de Fidel, ou seja, este que vos fala. Pois lembremos que não existia nada mais importante do que a segurança do comandante em chefe. Com meu colega da Técnica, eu me esmerava sobretudo na busca de eventuais microfones ocultos. Ao longo de toda

minha carreira, encontrei apenas dois: um dissimulado no marco de uma janela do quarto de Fidel num hotel em Madri; o outro, no teto falso da residência do embaixador de Cuba em Harare, no Zimbábue. Último detalhe: nos países visitados, *La Avanzada* evidentemente recebia o apoio dos oficiais de informação a postos na embaixada de Cuba. Sempre me pareceu que Fidel esteva satisfeito com meu trabalho, pois mais de uma vez, quando eu o recebia ao descer do avião, ao pé da escada, ouvi-o exclamar:

— Ah, Sánchez! Está aqui? *Muy bien*, então está tudo em ordem. Diga, Sánchez, alguma sugestão?

Então eu relatava a situação de todos os aspectos relativos à logística, à segurança, aos seus deslocamentos. Uma vez, por exemplo, aconteceu-me de aconselhá-lo a não se dirigir à multidão em dado momento da visita oficial, pois nossos agentes de informação tinham descoberto que falsos simpatizantes queriam atraí-lo até eles com gritos de "Viva Fidel!" (Fidel era particularmente sensível a esse tipo de aclamação), para insultá-lo quando estivesse à frente deles. Geralmente, era também quando ele descia do avião que eu lhe apresentava as opções de alojamento que havia verificado. Mas ele me confiava o cuidado de decidir por ele.

No seio da "família" da escolta, minha carreira conheceu uma regular progressão ascendente. Tenente em 1979, fui promovido a capitão em 1983, a major em 1987 e a tenente-coronel em 1991. E tenho certeza de uma coisa: sempre fiz um bom trabalho. Em 1986, o general de divisão Humberto Francis Pardo, que enquanto comandante da Direção Geral da Segurança Pessoal era um dos mais importantes dirigentes de Cuba, me fez redigir um relatório expondo minha visão de como deveria ser a escolta de um chefe de Estado. Minhas palavras agradaram tanto que, depois de lê-las, ele me pediu que desse uma conferência para todo o estado-maior da Segurança Pessoal, isto é, para todos os chefes de escolta de todos os dirigentes cubanos.

Algumas vezes, Fidel recompensou meus serviços com medalhas. Quando voltamos do Brasil, onde Fidel assistiu em 1990 à posse do presidente Fernando Collor de Mello,[c] fui, por exemplo, condecorado pela excelência de meu trabalho em Brasília. Em novembro de 1992, venci o concurso nacional de melhor atirador de pistola de guerra a 25 metros, estabelecendo um recorde absoluto de 183 pontos de um total de 200. Isso me valeu a distinção de "atirador expert", que nenhum outro soldado cubano jamais havia recebido antes. Eu estava longe de imaginar que, apenas dois anos depois, seria atirado na prisão como um simples delinquente de direito comum. Mas não tenhamos pressa…

*

Já expliquei que minha função de "primeiro" guarda-costas se estendia a missões debaixo d'água, durante as caçadas submarinas em Cayo Piedra, quando devia proteger Fidel das moreias, dos tubarões e das barracudas. Mas — e num âmbito menos esportivo — a mais importante de minhas responsabilidades foi, sem sombra de dúvida, a de guarda da *libreta*. Nesse caderno de bolso (13 × 18 centímetros) de capa cinza, cabia-me registrar todas as ações de Fidel ao longo dos dias: a hora do despertar, o cardápio do café da manhã (e de todas as refeições), a hora da saída para o *Palacio*

*de la Revolución*, a da chegada ao local, o itinerário seguido pelo cortejo presidencial em Havana, o nome das pessoas recebidas em audiência, o horário e a duração de cada encontro, bem como os temas abordados.

Quer telefonasse ao número um do Kremlin, Mikhail Gorbatchóv, quer conversasse com o ministro do Interior, José Abrantes, ou visitasse o amigo "Gabo" (Gabriel García Márquez) em sua casa havanesa, eu sempre devia registrar sucintamente os assuntos das discussões. Esse trabalho de escriba era um verdadeiro sacerdócio. Às vezes, envolvia os detalhes mais insignificantes: em Cayo Piedra, eu devia por exemplo registrar, sem falta, o número de peixes pescados pelo senhor do local — dez lagostas, quatro pargos, três garoupas etc. Também devia anotar o nome, a procedência e o ano dos vinhos sempre que Fidel abrisse uma garrafa.

Quando eu estava ausente, em minhas horas de repouso, meu substituto do *grupo 2* anotava tudo em folhas soltas. No dia seguinte, eu sintetizava as informações recolhidas por ele e as transcrevia na *libreta*. De 1977 a 1994, mantive em dia esse famoso caderno cinza. Isso me permitiu ter um conhecimento aprofundado — hora a hora — da vida de Fidel Castro.

Depois que todas as páginas da *libreta* estivessem preenchidas, o caderno era amarrado como um pacote de presente, selado com cera e enviado ao serviço de documentação do *Palacio de la Revolución*. Ali, era guardado para a posteridade ao lado de centenas de outros cadernos no mesmo formato. A íntegra da vida *del comandante* ocupa, portanto, vários metros quadrados de prateleiras em algum lugar do Palácio presidencial em Havana. Lá devem estar também todas as gravações em áudio efetuadas a pedido de Fidel (mas sem o conhecimento de seus interlocutores), pois ele, quando possível, registrava em fitas magnéticas todas as suas conversas importantes. Isso graças a um equipamento de som instalado em seu gabinete, ou graças aos minigravadores que nós, da escolta, sempre levávamos em nossas bagagens. Prudente, Fidel também tinha dado instruções precisas sobre o que fazer caso o comunismo cubano colapsasse: prioritariamente, era preciso destruir esses arquivos.

*

Se a escolta de Fidel constituía sua única "verdadeira" família, preciso reconhecer que o mesmo se dava comigo. Completamente devoto à Revolução, eu dedicava pouco tempo aos meus. Eu tinha um emprego maravilhoso. Ação, viagens, espionagem, contraespionagem, e tudo isso no centro do poder; enfim, todos os ingredientes de um bom filme reunidos. A cereja do bolo: eu havia adquirido certa notoriedade. Como sempre aparecia atrás do líder máximo nas fotos ou na televisão, era famoso em meu bairro. Lembro que na época em que ainda não tínhamos nos mudado para o nosso próprio apartamento e morávamos na casa da minha mãe, as vizinhas bonitas aproveitavam qualquer pretexto para passar em nossa casa — de preferência na ausência de minha esposa — para verificar se, por acaso, eu não estava por ali… Mas minha adorada ex-mulher pode ficar tranquila: a Revolução e o serviço a Fidel não deixavam tempo nem para essas coisas.

Muitas vezes me perguntaram se Fidel representava para mim um pai substituto. Sempre respondi

que não, ele representava muito mais! Para mim, ele era um deus. Eu bebia todas as suas palavras, acreditava em tudo o que dizia, seguia-o por toda parte e teria morrido por ele. Em dado momento, meu maior desejo foi realmente perecer salvando sua vida. Eu acreditava cegamente nos nobres ideais da Revolução Cubana e podia recitar sem muitos questionamentos todo o catecismo anti-imperialista da época. Abri os olhos mais tarde. Naquela época, estava absorvido demais por meu trabalho e fascinado demais por Fidel para desenvolver qualquer senso crítico.

Dentro da escolta, o convívio era excelente. Ao menos durante todo o período do reinado de Domingo Mainet, isto é, antes da chegada, em 1987, de seu imbecil sucessor José Delgado Castro, o mais incapaz dos chefes — incompetente, intriguista, covarde, estúpido, ciumento, e a lista continua — que Fidel já teve à frente de sua escolta. Felizmente, como já disse, na realidade o verdadeiro chefe da escolta de Fidel era o próprio Fidel.

Seja como for, meus colegas e eu sempre visávamos a excelência e, mesmo sob o reinado do imbecil José Delgado Castro, acredito que a tenhamos atingido. Nossos próprios colegas estrangeiros, inclusive agentes da CIA, disseram e escreveram que os serviços cubanos, em sentido amplo, faziam parte da elite mundial, ao lado dos cinco grandes: Estados Unidos, URSS, Grã-Bretanha, França, Israel. É verdade que nos inspirávamos principalmente nos métodos do *Secret Service* americano e do Mossad israelense, mas também dos serviços franceses e do MI-5 britânico.

Em contrapartida, a experiência da KGB em matéria de proteção de altas personalidades não tinha, a nossos olhos, nenhum valor ou utilidade. Os russos não podiam nos ensinar nada, pois na União Soviética as aparições públicas das autoridades eram raras, estáticas, cronometradas, regradas como uma partitura musical, sem um único contato direto com a multidão ou qualquer tipo de improvisação e espontaneidade. Em suma: o oposto de Fidel, homem instintivo e impulsivo que penetrava na multidão sem avisar e se expunha a todo tipo de acasos e perigos.

Nem preciso dizer que analisávamos minuciosamente todas as tentativas de atentado, exitosas ou não, contra chefes de Estado ou personalidades do mundo inteiro: John e Robert Kennedy (1963 e 1968), Anastasio Somoza (1980), João Paulo II (1981), Indira Gandhi (1984) ou o candidato à presidência da Colômbia, Luis Carlos Galán (1989). Quanto ao atentado do Petit-Clamart contra o general De Gaulle (1962), num subúrbio de Paris, nós o estudamos sob todos os ângulos possíveis. Idem para a emboscada a Pinochet, no Chile, em 1986, elaborada com a ajuda de Cuba. Lembro que meus colegas e eu sentíamos uma sincera admiração pelos motoristas dos dois presidentes, que tinham demonstrado sangue-frio, reflexo e coragem extraordinários para salvar a vida de seus "chefes".

Imaginar, antecipar, prever e evitar qualquer tipo de ataque a Fidel Castro era nossa preocupação constante naqueles tempos de Guerra Fria, principalmente nos anos 1980, quando o presidente americano Ronald Reagan (1980-8) havia jurado a derrubada do comunismo internacional. O risco era real. Ora, sabíamos perfeitamente que um dos principais pontos de vulnerabilidade de Fidel era Cayo Piedra, sua ilha de veraneio, caso viesse a ser descoberta. Vários tipos de ataque eram possíveis: um bombardeio à ilha com um avião de turismo, tipo Cessna, voando a baixa altitude e

portanto impossível de ser detectado pelos radares; um ataque de uma lancha rápida nos bombardeando com uma canhoneira; uma operação especial de mergulhadores submarinos inimigos que viriam colocar explosivos durante a noite no *Aquarama II*, o iate de Fidel, para detoná-los quando ele subisse a bordo.

Para diminuir os riscos de bombardeamento, um plano de evacuação havia sido elaborado, pois a ilha não possuía refúgio ou abrigo antiaéreo. A ideia era simples: conduzir Fidel a duzentos metros da casa principal para escondê-lo numa zona pantanosa. Ali, protegido pela vegetação, invisível para quem o visse do céu, um píer fora construído para que Fidel pudesse se refugiar a seco e esperar que a primeira carga passasse. Imediatamente depois, a evacuação da ilha seria iniciada. A ideia era desatracar todas as embarcações e decolar todos os helicópteros presentes, a fim de confundir o inimigo. Claro que Fidel não estaria em seu iate, mas numa embarcação menor e mais discreta. Uma variante desse cenário também fora imaginada: Fidel ficaria na ilha enquanto todos os veículos motorizados se afastassem, para dar a ilusão de que estava fugindo. E ele seria recuperado algumas horas (ou dias) depois por um comando cubano.

Desnecessário dizer que Fidel, que quase desencadeou um conflito nuclear durante a crise dos mísseis, em 1962,[d] previa todos os cenários possíveis, inclusive o de uma guerra regional ou mundial. Um abrigo antiatômico fora portanto construído em Havana, embaixo do Palácio da Revolução. Nesse bunker se refugiaria um conselho de guerra que reuniria Fidel, Raúl, os principais ministros e os altos dirigentes das três armas: Exército, Marinha e Aeronáutica. Esse abrigo de no mínimo mil metros quadrados era grande o suficiente para abrigar gabinetes e salas de reunião, um dormitório, uma sala da jantar, uma cozinha, banheiros e um *war room*, de onde Fidel supervisionaria as operações. A seis metros de profundidade, um túnel secreto de duzentos metros de comprimento, que passava por baixo da avenida da Independência, também ligava o *Palacio de la Revolución* ao Ministério das Forças Armadas Revolucionárias (MINFAR), dirigido por Raúl Castro, que também dispunha de um abrigo antiatômico.

Em caso de conflito, a escolta de Fidel imediatamente trocaria os Mercedes-Benz pelos Land Rover — modelo Cruiser —, armados de lança-foguetes RPG, fuzis-metralhadoras RPK e lança-granadas de calibre 30 a 40 milímetros. Em tais circunstâncias, eu continuaria no cargo de chefe de carro, mas à frente de um 4×4 britânico com capacidade para oito homens: um motorista, seis guarda-costas (sendo três franco-atiradores, ou *snipers*) e eu. Fidel, por sua vez, faria todos os deslocamentos num veículo militar blindado.

A segurança da família de Fidel não fora esquecida. Em caso de conflito internacional, Dalia e os filhos poderiam escolher entre dois abrigos. O primeiro ficava numa casa desocupada em Punta Brava, a mesma onde ele havia instalado Dalia em 1961, quando ela chegou à capital, logo antes de morarem juntos.[e] O outro abrigo ficava no subsolo da Casa del Gallego, uma residência localizada bem na frente da Unidade 160, onde Fidel costumava festejar seu aniversário com a escolta. Ao contrário do que diziam os boatos, a casa dos Castro em Punto Cero não era dotada de nenhum abrigo antiaéreo. Por motivos óbvios: quem seria tão estúpido a ponto de se esconder na própria casa?

Tínhamos consciência, além disso, de que o perigo poderia se apresentar sob a forma banal de uma refeição. Por isso todos os alimentos consumidos por Fidel eram e continuam sendo submetidos a análises bacteriológicas e químicas antes de servidos à mesa. Esses testes eram efetuados pelo célebre Centro de Pesquisa Médico-Cirúrgico (CIMEQ), na zona oeste de Havana, a apenas um quilômetro da propriedade dos Castro. Da mesma forma, precauções eram tomadas em relação às caixas de vinho que Fidel recebia de presente: a escolta colhia alguns "frascos" ao acaso para verificar se não havia explosivos ou veneno. De tempos em tempos, um motorista da Unidade 160 era designado para testar a bebida. Como os reis da Idade Média, Fidel tinha sua cobaia.

Mesmo a comida produzida dentro de Punto Cero era objeto de uma vigilância específica. Veterinários cuidavam da boa saúde das galinhas e das vacas criadas na propriedade, enquanto os frutos e legumes cultivados nas seis estufas do jardim eram sistematicamente lavados com ozônio graças a um dispositivo especial que permitia eliminar os resíduos contaminantes (pesticidas, fungicidas) e, com isso, evitar o máximo possível os riscos de câncer. Do mesmo modo, a água do poço do jardim era analisada com regularidade.

Todas essas medidas de precaução levam a pensar que Fidel Castro estava cercado de inimigos e que vivia sob a ameaça permanente de tentativas de envenenamento. Exatamente! Por muito tempo, sem dúvida até o início dos anos 1990, a CIA multiplicou seus planos de assassinato, sem que nenhum desse certo, como os próprios serviços secretos americanos admitiram. Nos anos 2000, alguns arquivos secretos americanos sobre o assunto de fato foram "desconfidencializados" e vieram a público.

Mesmo assim, não devemos concluir que Fidel só tinha inimigos. Pelo contrário. Seus apoiadores, espalhados pelo mundo inteiro, constituíam uma família estendida, muito mais ampla que a de seus guarda-costas. Vi vários membros desfilarem por Havana, fossem dirigentes revolucionários, guerrilheiros latinos ou terroristas bascos. Esses discípulos o consideravam o mais importante líder do Terceiro Mundo e o mais experiente dos guerrilheiros anti-imperialistas. Para eles, Fidel era muito mais que um chefe de família: era um chefe de guerra, ou de guerrilha, sempre disposto a prodigalizar seus sábios conselhos em matéria de subversão.

---

a No poder de 1964 a 1982.

b Criada em 1961 em Belgrado, o Movimento dos Não Alinhados é uma organização internacional que reúne os Estados que se definem como não alinhados nem ao bloco do Leste, nem ao bloco do Oeste.

c Destituído em 1992.

d De 14 a 28 de outubro de 1962, a crise dos mísseis opôs os Estados Unidos à União Soviética, em resposta aos mísseis nucleares soviéticos instalados secretamente em Cuba e apontados para os Estados Unidos. Essa crise foi o ponto culminante da Guerra Fria e foi resolvida diretamente entre John Fitzgerald Kennedy e Nikita Khruschóv, sem que Fidel Castro fosse consultado.

e Punta Brava fica na periferia de Havana, a cerca de sete quilômetros a sudoeste da casa da família em Punto Cero.

# 5
# Guerrilheiros do mundo, uni-vos!

Um dos segredos mais bem protegidos que cheguei a conhecer em Cuba é a existência do campo de treinamento de Punto Cero de Guanabo (que não deve ser confundido com “Punto Cero”, simplesmente, que designa a residência privada dos Castro). Era ali, 25 quilômetros a leste de Havana, num território militar protegido por um portão comum, que o regime formava, treinava e aconselhava movimentos de guerrilha do mundo inteiro, e mesmo algumas organizações terroristas. A poucos minutos de praias paradisíacas, num terreno acidentado de dez quilômetros quadrados coberto de vegetação, espalhavam-se mais de cinquenta prédios em diferentes “aldeias”, distantes umas das outras e ligadas por uma rede de trilhas. Havia salas de aula, imóveis residenciais, uma cantina capaz de servir seiscentas refeições por hora, centros de treinamento com percursos de obstáculos, três polígonos de tiro, uma pedreira para detonação de explosivos, duas carcaças de aviões (um Iliouchine, um Antonov) para simular em escala real sequestros de aviões de voos comerciais. E também um helicóptero, igualmente pregado ao chão: permitia que os estagiários aprendessem como desembarcar dessa aeronave numa aterrissagem com as pás da hélice ainda em movimento e também como tomá-lo para sequestrar seus passageiros.

Ali, somente os instrutores, membros das tropas de choque, eram cubanos. Os recrutas vinham da Venezuela, da Colômbia, do Chile, da Nicarágua, enfim, de toda a América Latina e mesmo de outras partes do globo. Podemos estimar com sensatez que 90% dos líderes das guerrilhas latino-americanas passaram por Punto Cero de Guanabo. Quer pertencessem ao ELN, às FARC, ao M-19 (três organizações colombianas), ao Sendero Luminoso peruano, ao Movimento Revolucionário Túpac Amaru (MRTA, também do Peru), à Frente Patriótica Manuel Rodríguez (FPMR, Chile), à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN, Nicarágua) ou à Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN, El Salvador), para eles, Cuba era a Meca, e Punto Cero de Guanabo, uma parada obrigatória.

A idade de ouro do “campus da Revolução” ocorreu na virada da década de 1970 para a de 1980. Na época, ele também recebia soldados vindos de outras regiões do mundo, como os militantes terroristas do movimento separatista basco ETA, do Exército Republicano Irlandês (IRA), do Fatah de

Yasser Arafat, da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) de Georges Habache, da Frente Polisário (oposta ao Marrocos desde 1975 pelo controle do Saara Ocidental) ou ainda dos Panteras Negras norte-americanos. Entre seus hóspedes célebres, podemos citar o terrorista venezuelano Ilich Ramírez Sánchez, conhecido como Carlos ou "Chacal"; os irmãos Daniel e Humberto Ortega, futuros dirigentes da Nicarágua; Abimael Guzmán, o terrorista do Sendero Luminoso peruano; e — ao que parece — o subcomandante Marcos, do México.

Saindo do Palácio da Revolução, que abrigava, no terceiro andar, o gabinete de Fidel, para chegar a Punto Cero de Guanabo era questão de vinte minutos. Mas o local era tão sigiloso que só o visitei três vezes, no início dos anos 1980. Apesar dessa zona militar estar sob a autoridade direta de Fidel (e não sob a responsabilidade dos ministros do Interior ou das Forças Armadas), *el comandante* raramente a visitava. O senhor do lugar, naquele momento, era o general Alejandro Ronda Marrero, chefe das tropas. Um personagem-chave, que teve um papel fundamental nas relações clandestinas com a esquerda revolucionária latino-americana. Foi ele, por exemplo, o oficial que tratou com o terrorista venezuelano Carlos, nos anos 1970.

A primeira vez que coloquei os pés em Punto Cero de Guanabo foi ao lado de Fidel, para uma de suas rondas de inspeção. Naquele dia, quando chegamos, o general Ronda Marrero nos esperou à frente do prédio de comando, acompanhado de três oficiais instrutores. Depois de saudar *el comandante*, levou-o para fazer a inspeção, começando pelo estande de tiro de pistola, que ficava bem na frente do quartel-general. Ao longo da peregrinação, cruzávamos regularmente com guatemaltecos, salvadorenhos e colombianos, todos guerrilheiros de seus respectivos países em estágio de formação e treinamento. Por fim, a ronda que, no total, durou três horas nos levou ao campo de tiro de armas longas (fuzis, metralhadoras etc.), situado num ponto mais elevado, enquanto os alvos, de metal, ficavam numa outra elevação, a trezentos metros de distância.

Fidel pediu que lhe trouxessem a mala preta em que guardava, no bagageiro da Mercedes, seu fuzil Kalashnikov AKM 7,62. Depois se deitou para atirar nos alvos de metal. A cada tiro, ouvíamos ao longe um pequeno rumor metálico — tink! —, prova de que acertava apesar da considerável distância de trezentos metros. Fidel era de fato um excelente atirador.

Ele gostava mesmo era de disparar em rajadas, "bombardear" como um louco, esvaziando de uma só vez um pente de trinta ou quarenta munições. Naquele dia, Fidel usou tanto a arma que o calor acabou rachando o verniz de sua parte inferior, de madeira. Então pediu que lhe trouxessem o segundo fuzil, o de coronha dobrável, que sempre ficava dentro do carro, a seus pés. E voltou a disparar.

Voltamos para o *Palacio* no fim do dia. Não lembro mais o que Fidel disse aos guerrilheiros estagiários, mas deve ter lhes insuflado, como bem sabia fazer, a fé revolucionária, falando da importância do engajamento e do sacrifício pela "causa". Uma coisa era certa: para todos aqueles homens, ver o comandante em chefe em carne e osso constituía um evento especial. Para alguns, provavelmente aquele tinha sido o grande dia de suas vidas.

Em si, a existência de um lugar como Punto Cero de Guanabo, verdadeiro laboratório de guerrilhas, nada tem de surpreendente. Os especialistas em história da Revolução Cubana e conhecedores da personalidade de Fidel sabem que uma infraestrutura como essa, devotada à

subversão internacional, está em total conformidade com o pensamento político e com a ação militar castristas.

*

Nesse ponto, faz-se necessária uma pequena aula de História. Lembremos que, desde o início da Revolução, as aspirações do líder máximo iam muito além do âmbito local, inscritas num projeto continental, ou planetário, no centro da Guerra Fria. As ambições de Fidel não se limitavam a Cuba. Castro queria exportar sua revolução para todo o mundo, a começar pelo continente latino-americano, onde queria criar “um, dois, três Vietnãs”, segundo a teoria castrista do *foco*, ou foquismo.

Popularizada por Ernesto Che Guevara, essa doutrina afirmava que multiplicando os focos de insurreição rural, esses primeiros pontos se propagariam como um incêndio até as grandes cidades, e depois para o país como um todo. Em 1967, o francês Régis Debray desenvolveu essa ideia em *Revolução na revolução*, livro de sucesso fenomenal. Foi esquecido, mas nos meios universitários dos cinco continentes esse best-seller se tornou uma obra de referência para todos os movimentos de guerrilha e seus futuros combatentes, tanto na América Latina quanto na África e no Oriente Médio.

Também devemos lembrar que a partir de julho de 1959, Fidel passou aos “trabalhos práticos”: lançou iniciativas — muito audaciosas — em todas as direções. Seis meses depois da derrubada de Batista, por exemplo, já mobilizava um corpo expedicionário de mais de duzentos cubanos, na esperança de desencadear um levante contra o ditador Rafael Leónidas Trujillo, na ilha vizinha de São Domingos. Recebidos pelo exército local, os rebeldes foram exterminados. Um mês depois, uma operação idêntica foi montada, dessa vez contra o ditador François Duvalier, o “Papa Doc”, no Haiti. Novo fracasso: quase não houve sobreviventes.

Em 1961 — ano da construção do muro de Berlim —, pela primeira vez Fidel se engajou do outro lado do oceano. Enviou um carregamento de armas, por barco, aos combatentes do FLN argelino, em guerra contra o Exército francês. Paralelamente, na mesma época, vários focos de guerrilha patrocinados por Havana estouraram na América do Sul: o *Ejército Revolucionario del Pueblo* foi criado na Argentina, em 1962, e contava em suas fileiras com um certo Abelardo Colomé Ibarra, o “Furry”, atual ministro do Interior de Cuba; na Colômbia, o *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) nasceram em 1964. “Che”, por sua vez, se lançou numa “aventura africana” em 1965, tentando, sem sucesso, criar um foco gigantesco a partir do Congo.

Essa recapitulação histórica seria incompleta sem uma menção à Conferência Tricontinental, ou Trico, que Fidel Castro organizou em janeiro de 1966, e durante a qual colocou oficialmente Havana no epicentro da subversão mundial. Foi uma reunião de cúpula de tipo inédito: ao longo de duas semanas, a Trico reuniu forças “anti-imperialistas” vindas da África, da Ásia e da América Latina. Oitenta e duas delegações de países descolonizados, de movimentos de libertação afro-asiáticos e de guerrilhas latino-americanas se encontraram no hotel Habana Libre. Entre os inúmeros participantes, figuravam representantes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), uma delegação vietnamita, Salvador Allende — futuro presidente chileno —, Amilcar Cabral — futuro herói da

independência de Guiné-Bissau — e ainda o oficial guatemalteca Luis Augusto Turcios Lima.

Foi nesse contexto que Fidel abriu o campo de treinamento de Punto Cero de Guanabo. A morte de Che Guevara, em 9 de outubro de 1967, na Bolívia, marcou uma virada: Fidel constatou o fracasso dos focos de guerrilha rural, devido ao despreparo causado por uma visão demasiado romântica da Revolução. Mas isso não colocou em questão seu objetivo fundamental: a exportação da revolução. Para isso, precisava aumentar sua eficácia, e os instrutores de Punto Cero de Guanabo se esforçam nesse sentido.

Para se ter uma ideia da seriedade com que a revolução internacional era preparada em Cuba, é preciso saber que os estágios de formação em Punto Cero de Guanabo duravam em média de seis a nove meses, ou seja, tinham quase a mesma duração de um serviço militar. Durante esse período, os alunos eram terminantemente proibidos de sair daquela zona ultrassecreta. Além disso, a fim de garantir o anonimato dos participantes, os diferentes grupos eram divididos de maneira hermética em função da nacionalidade: moravam em grupos de quarenta ou cinquenta em setores distintos, almoçavam na cantina em horários desencontrados, iam ao campo de tiro em momentos diferentes do dia. Assim, os salvadorenhos nunca cruzavam com os colombianos, que nunca viam os árabes, e assim por diante. Quem infringisse essa regra era imediatamente reenviado ao seu país. Durante nossa rodada de inspeção em Punto Cero de Guanabo, Fidel se encontrou em separado com guatemaltecos, salvadorenhos e colombianos, que, por sua vez, ignoravam que havia outros grupos no local, a poucas centenas de metros do setor em que estavam. Por fim, outra medida de precaução: os grupos se deslocavam de um ponto a outro a bordo de um micro-ônibus, e quando passavam por outro veículo, recebiam a instrução de abaixar a cabeça até os joelhos.

O curso que os guerrilheiros seguiam era completo e de qualidade. Além de marxismo e, para alguns alunos, leitura e ortografia, os instrutores ensinavam a manejar armas de fogo e explosivos, além de cartografia, fotografia, falsificação de documentos, disfarce e mudança de aparência, roubo de identidade, criptografia de comunicações, técnicas básicas de espionagem e contraespionagem, desinformação, métodos de guerrilha urbana e rural, sabotagem, ações terroristas, planejamento de raptos e sequestros de pessoas, sequestro de barcos e aviões, técnicas de interrogatório e tortura, logística e estratégia política.

As manobras militares não ficavam de fora. Ao longo do curso, os alunos iam acampar na floresta por períodos de dez dias, sob condições reais de guerrilha. Aprendiam a sobrevivência num meio hostil, a organização tática de pequenas unidades de combate, em suma, a arte da guerra. Essas operações aconteciam em um dos dois (*Puntos de Entrenamiento de Tropas Irregulares* (PETI), na província de Pinar del Río, a 150 quilômetros de distância, no extremo oeste do país. Era o único momento em que os combatentes aprendizes deixavam a base de Punto Cero de Guanabo.

*

Para a esquerda e para a extrema esquerda latino-americanas, todos os caminhos levavam a Havana. No entanto, imaginar que a Revolução era preparada apenas dentro da "universidade" de Punto Cero de Guanabo seria ingenuidade. Desde os anos de guerrilha e do começo da Revolução, Fidel atribuía considerável importância ao trabalho de espionagem realizado por seus serviços

secretos no exterior. Sem ser o único, a América Latina era seu alvo prioritário. Assim, em 1975, ele fundou o famoso Departamento América, cuja responsabilidade confiou a Manuel Piñeiro, até então à frente da Direção-Geral de Inteligência (DGI). Apelidado *Barbarroja*, justamente por causa de sua barba vermelha, esse grande espião, mais esperto que uma raposa, tinha a missão de localizar, recrutar e formar simpatizantes da Revolução Cubana, fossem eles estudantes, sindicalistas, professores universitários, políticos ou até mesmo empresários. O objetivo: criar, em todo o continente e pelas gerações futuras, agentes de influência e propaganda, inclusive infiltrados nos governos. Um exemplo entre milhares: nos anos 1980, a economista venezuelana Adina Bastidas foi recrutada pelo Departamento América enquanto ainda era conselheira do governo sandinista de Daniel Ortega na Nicarágua; vinte anos depois, entre 2000 e 2002, foi vice-presidente da Venezuela, no seio do governo de Hugo Chávez. Outro exemplo de recruta do Departamento América também posicionado no governo de Hugo Chávez: Alí Rodríguez Araque, ex-guerrilheiro que se tornou ministro do Petróleo e depois das Relações Exteriores.

Um dia, vi *Barbarroja* chegando a passos largos à antessala de Fidel no *Palacio*. Vinha acompanhado do sindicalista brasileiro Lula, que concorria pela primeira vez à presidência de seu país. Estávamos em 1989. A campanha eleitoral estava no auge no Brasil, e aparentemente Lula achou útil passar por Havana para se encontrar com Fidel. As primeiras palavras de *Barbarroja* ainda ecoam em minha memória: "Apresento-lhe o futuro presidente do Brasil!", bradou. Sua profecia se cumpriu, mas treze anos depois. O espião principal nunca ficou sabendo: morreu num acidente de carro em 1998, no momento em que pretendia escrever suas memórias. Lula, por sua vez, que se tornou presidente do Brasil de 2003 a 2010, nunca foi ouvido expressando a menor crítica, a menor reserva ao regime castrista, que, durante seu mandato, deteve dezenas de prisioneiros políticos… Pior: em 2010, quando o dissidente cubano Orlando Zapata morreu na prisão depois de uma greve de fome, Lula, que estava em Cuba, declarou que não concordava com esse tipo de método. Ele estava falando da greve de fome!

Para julgar a eficácia do sistema de espionagem cubano, nada melhor do que analisar o caso chileno. Antes da Nicarágua de Daniel Ortega nos anos 1980, e da Venezuela de Hugo Chávez nos anos 2000, o Chile de Salvador Allende, no início dos anos 1970, foi certamente o país onde a penetração da influência cubana se fez sentir com maior intensidade. Fidel colocou nesse país muita energia e recursos colossais. Eu não estava a serviço direto de Fidel nos anos cruciais do governo de Unidade Popular (UP) de Salvador Allende (1970-3). Mas de tanto ouvir *Barbarroja*, que estava o tempo todo no Palácio presidencial, e *Chomy* (José Miguel Miyar Barruecos, o secretário de Fidel), discutindo a respeito do Chile, acabei assimilando a história como se a tivesse vivido com eles.

Primeiro, é preciso restabelecer uma verdade: apesar do que todos dizem, Allende não era um "homem de Castro", nem sua criatura. Pelo contrário: na época, a ascensão de Allende não convinha muito a Fidel. Como o chileno havia chegado ao poder pela via democrática, demonstrava que existia, para a esquerda latino-americana, uma alternativa à luta armada: as eleições. Os verdadeiros pupilos de Fidel eram Miguel Enríquez, o dirigente do Movimento de Esquerda Revolucionária

(MIR), e Andrés Pascal Allende, cofundador desse movimento radical e, aliás, sobrinho do presidente Allende. Para Fidel, esses dois jovens marxistas formados parcialmente em Cuba representavam o verdadeiro futuro do Chile.

A tática de Fidel, sempre maquiavélico, era simples. Consistia em cultivar e desenvolver a imagem dessas duas esperanças da juventude chilena. A médio ou longo prazo, o objetivo de Fidel Castro, que sempre planejava o futuro com três ou quatro jogadas de antecedência, como um jogador de xadrez, era impô-los como os dirigentes naturais do Chile, para o dia em que as circunstâncias permitissem a um ou a outro suceder a Allende. Assim, com um pouco de paciência, Cuba teria um aliado incondicional em Santiago do Chile.

Enquanto esse objetivo não era alcançado, Manuel Piñeiro e os serviços cubanos penetraram e se infiltraram no círculo de Salvador Allende. Primeiro, recrutaram o jornalista Augusto Olivares, então assessor de imprensa do presidente Allende e diretor da televisão pública. Segundo *Barbarroja*, Olivares, apelidado *el Perro* (o cão), era "nosso melhor informante" em Santiago. "Graças a ele, Fidel era sempre o primeiro a saber o que acontecia dentro do La Moneda [o Palácio presidencial chileno]. Às vezes antes de Allende!", lembrava Piñeiro.

Além disso, os cubanos embolsaram Beatriz Allende, filha do presidente, que casou com um agente castrista a trabalho em Santiago do Chile. Acaso ou não, foi ela, de todo modo, que convenceu o pai a romper com os policiais da guarda presidencial, herdada do governo anterior, e substituí-la por uma nova escolta, mais informal. Composta por militantes de esquerda e batizada Grupo dos Amigos Pessoais (GAP), contava com dois célebres agentes cubanos em suas fileiras: os irmãos gêmeos Patricio e Tony de la Guardia. Em todo caso, o golpe de Estado do general Augusto Pinochet, em 11 de setembro de 1973, arruinou todo o trabalho de aproximação efetuado pela Direção-Geral da espionagem cubana. Augusto Olivares, o assessor de imprensa de Allende, se suicidou ao mesmo tempo que o presidente chileno, dentro do La Moneda, no dia do putsch de Pinochet. O líder Miguel Enríquez foi morto pela polícia em 1974. Seu companheiro Andrés Pascal Allende conseguiu, por sua vez, refugiar-se em Cuba, onde mora até hoje. Enfim, Beatriz Allende, também refugiada em Havana, suicidou-se em 1977.

O interesse do comandante pelos assuntos chilenos não se extinguiu com a morte de Allende, nem com a instalação de uma ditadura de extrema direita em Santiago. Pois no exato momento em que Pinochet tomava o poder, em 1973, centenas de chilenos estavam em Cuba estudando agronomia, medicina, ou fazendo cursos para se tornar engenheiros. Como ficaram presos em Havana, Fidel propôs que seguissem formações político-militares e fizessem um estágio no campo de treinamento de Punto Cero de Guanabo, onde logo foram seguidos por outros compatriotas da esquerda revolucionária chilena que se exilaram em Cuba. Entre esses novos recrutas pró-castristas estava Juan Gutiérrez Fischmann, ou *el Chele* (o loiro). Filho de um arquiteto boliviano e de uma chilena, já instalado em Cuba, ele logo se destacaria. Primeiro, em 1983, *el Chele* se aproximou do primeiro círculo do poder ao se casar com Mariela Castro, filha de Raúl, de quem se divorciou alguns anos depois de terem um filho. No mesmo ano, "o loiro" ajudou a fundar, em Havana, a Frente Patriótica Manuel Rodríguez (FPMR), movimento de guerrilha que realizaria o atentado espetacular e fracassado contra Pinochet em 1986, sob a supervisão do general Alejandro Ronda Marrero e dos oficiais das

tropas. Procurado pela Interpol durante muitos anos (seus crimes prescreveram em 2009) por sua participação em diversos atentados e sequestros de políticos chilenos de direita, como o assassinato de Jaime Guzmán, senador e ex-conselheiro de Pinochet, em 1991, o guerrilheiro Juan Gutiérrez Fischmann vive atualmente em Havana, embora o regime castrista, hoje dirigido por seu ex-sogro Raúl Castro, negue esse fato.

A exemplo dos chilenos, gerações de latinos foram receber conselhos, ou ordens, em Havana. Nada surpreendente nisso: aos olhos das guerrilhas sul-americanas e mesmo da esquerda em geral, Fidel Castro era um modelo a ser seguido, uma bússola, um guia, um mentor. Ninguém de fato possuía, como ele, tanta experiência por tanto tempo. Bastava pensar por cinco minutos: na América Latina, seu currículo de vida era sem igual. Derrubou uma ditadura em 1959, infligiu uma humilhação inédita aos Estados Unidos (na Baía dos Porcos, em 1961), depois quase levou o planeta a uma guerra nuclear, durante a crise dos mísseis, em 1962. Castro resistiu a onze presidentes americanos e determinou o resultado de no mínimo dois acontecimentos históricos da Guerra Fria, como veremos mais tarde: a Revolução Sandinista da Nicarágua, em 1979, e a Guerra Civil Angolana, no sul da África, nos anos 1970 e 1980.

*

Gostemos ou não, Fidel Castro é o personagem político mais influente da história da América Latina, logo atrás do libertador Simón Bolívar (1783-1830) e José de San Martin (1778-1850), heróis emblemáticos da independência sul-americana. Para avaliarmos o peso da aura e da influência de Castro sobre a esquerda latino-americana, revelarei um episódio — inédito até hoje — que testemunhei no *Palacio de la Revolución* e que demonstra a proximidade absoluta de Fidel com a guerrilha colombiana. Mas para isso preciso retomar a criação de um dos movimentos de guerrilha mais originais do continente: o Movimento 19 de Abril (M-19), que nasceu na Colômbia em 1974 e teve um início estrondoso com uma campanha publicitária nas principais cidades do país.

Entre 15 e 17 de janeiro daquele ano, propagandas foram veiculadas nas páginas dos jornais mais importantes para anunciar, de maneira enigmática e anônima, um grande acontecimento. No *El Tiempo*, principal jornal de Bogotá, uma campanha de marketing anunciava: “*Parásitos? Gusanos? Falta de memoria? Inactividad? Ya viene M-19!*” (Parasitas? Vermes? Perda de memória? Inatividade? O M-19 está chegando!). O público logo começou a fazer especulações. Alguns imaginaram que um novo remédio milagroso, o M-19, seria comercializado nas farmácias…

Ora, no dia 17 de janeiro de 1974, ao anoitecer, na hora que geralmente fecham os monumentos nacionais, um comando armado roubou a espada do libertador exposta na Quinta de Bolívar, a casa-museu onde o herói viveu por algum tempo. Antes de sair, os guerrilheiros assinaram com tinta nas paredes brancas: “M-19”. Com esse enorme escândalo em forma de zombaria, o grupo guerrilheiro foi lançado. Sua particularidade: trata-se de uma guerrilha urbana e intelectual, à diferença das FARC e do ELN, as duas outras organizações rebeldes do país, ambas de origem rural.

É pouco dizer que o roubo da espada de Simón Bolívar foi o centro das atenções: durante

dezessete anos, até 1991, os jornalistas colombianos tentaram em vão localizar a relíquia sagrada, sem nunca encontrar sua pista. E eis que num belo dia de 1980, enquanto eu estava de guarda na antessala do gabinete de Fidel, por volta das cinco horas da tarde, Jaime Bateman, um dos fundadores do M-19 e principal agente na organização do roubo da espada, é anunciado no Palácio da Revolução. Naquele dia, Fidel não esperou o visitante em pé à mesa, como de costume, mas atravessou a antessala onde eu me encontrava para esperá-lo no corredor, visivelmente impaciente para receber Bateman no umbral da porta. Era uma ocasião tão especial assim? Era. Um minuto depois, Jaime Bateman saiu do elevador, no outro extremo do corredor, acompanhado por *Barbarroja* (Manuel Piñeiro), e veio na nossa direção. Carregava um objeto comprido, coberto com um simples pano preto. O momento foi solene. Jaime Bateman segurava a Excalibur roubada seis anos antes. Quando chegou ao líder máximo, abriu o invólucro sob nossos olhares embasbacados, e apresentou-lhe o "santo graal" com as duas mãos, na horizontal.

— *Comandante*, aqui está a espada do libertador, que tiramos do museu para colocá-la em melhores mãos — disse o guerrilheiro colombiano, comovido. — Para que o senhor fique com ela até o dia em que for possível devolvê-la…

— *Compañero*, agora sou o guardião da espada! — respondeu Fidel, olhando-o fixamente nos olhos.

A seguir, *el comandante* nos fez entrar no gabinete, Bateman, *Barbarroja*, Eugenio Selman (seu médico particular) e eu. Naquele momento, éramos portanto cinco a saber que a espada sagrada de Simón Bolívar estava em Havana, nas mãos de Fidel. Ele a conservou por doze anos, escondida em algum lugar do gabinete, ou no quarto particular anexo a este, sem que ninguém soubesse de nada. Quase uma década se passa e, em 1989, o M-19 deposita as armas para se integrar à vida política. Em contrapartida, o governo colombiano exige uma garantia: o M-19 precisava devolver a espada. Então, assim como Jaime Bateman (morto em 1983) tinha ido confiá-la a Fidel, outro dirigente do M-19, Arjaid Artunduaga, vem recuperá-la das mãos do comandante em janeiro de 1991 para repatriá-la clandestinamente a Bogotá. Depois de dezessete anos de ausência — doze deles no gabinete de Fidel! —, ela é guardada em segurança num cofre do Banco de la República de Colômbia, e uma réplica fica exposta na Quinta de Bolívar.

O roubo da espada de Simón Bolívar ainda fez muita tinta correr: jornais colombianos várias vezes afirmaram "revelar" o que realmente havia acontecido com a relíquia ao longo dos dezessete anos de ausência, com grande número de testemunhos "exclusivos". Antigos membros da guerrilha colombiana se pronunciaram a respeito. Em 2013, 39 anos depois do acontecimento que tanto perturbou a Colômbia, vi Antonio Navarro Wolff, líder histórico do M-19 que veio a se tornar senador, explicar sem maiores detalhes que "os cubanos" tinham cuidado da espada. Em momento algum esse guerrilheiro, que com certeza sabia da verdade, mencionou o nome de Fidel, para proteger a imagem do líder máximo, que não poderia ser envolvido em um roubo vulgar em um país estrangeiro. Esse exemplo é uma boa medida do poderoso sentimento de reconhecimento e lealdade que a guerrilha colombiana e, para além dela, a maior parte da esquerda latino-americana tinham por Fidel Castro, mesmo muito tempo depois de terem depositado as armas.

Líder natural na América Latina, *el comandante* também desempenhou um papel na África do Norte e no Oriente Médio. Desde o início da Revolução, cultivou e desenvolveu redes nessas duas regiões do mundo, e fez da causa palestina a sua causa. De resto, muitos estudantes palestinos iam estudar medicina nas universidades havanesas, enquanto os combatentes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) seguiam formações militares nos campos de treinamento cubanos.

Cuba também era um porto para os fugitivos perseguidos pelos inimigos de Fidel. Em dado momento de minha carreira ao lado do comandante, fiquei sabendo, por exemplo, que o porto-riquenho José Manuel Gerena estava em nossas terras. Ligado a Los Macheteros — organização clandestina independentista que reivindicava a emancipação da ilha de Porto Rico dos Estados Unidos —, ele era procurado pelo FBI desde 1984 pelo assalto à mão armada de um carro-forte da Wells Fargo. Na mesma época — os anos Reagan —, Assata Shakur (tia do falecido cantor de rap Túpac Shakur), acusada do assassinato de um policial branco cometido em 1971, também se refugiou em Cuba. Após fugir de uma prisão de alta segurança norte-americana, em 1979, e depois de anos foragida, a célebre militante dos Panteras Negras aterrissou em Havana em 1984, onde Fidel lhe concedeu asilo político, em detrimento do Congresso americano. Ela vive lá até hoje.

Fidel também estabeleceu laços com os separatistas bascos Euskadi Ta Askatasuna*, que muito vi e encontrei. Em Havana, os *Etarras*** eram como peixes na água, acolhidos de braços abertos por Castro. Na época, geralmente eram recebidos no prédio do Departamento LC/26 (luta urbana) — das tropas de choque cubanas —, situado na rua 222 do bairro havanês de La Coronela. Lembro de seus nomes compostos: José Ángel Urtiaga Martínez, José Ignacio Echarte Urbieta, José Miguel Arrugaeta, ou ainda Miguel Ángel Apalategui, o “Apala”.

Os separatistas bascos do ETA nos ensinaram muito. Eles dominavam à perfeição a arte de explodir bombas artesanais por meio de controles remotos. Fidel pediu-lhes que mostrassem suas técnicas aos especialistas das tropas. Estes, por sua vez, passaram-nas aos guerrilheiros da Colômbia, de El Salvador ou da Guatemala durante os estágios de treinamento em Punto Cero de Guanabo. O local dispunha, de fato, de uma pedreira para testes com explosivos. Foi justamente ali que os *Etarras* aperfeiçoaram seu famoso morteiro lança-granadas “Jotake”, uma arma que foi utilizada em atentados na Espanha e… que posteriormente foi encontrada nas mãos das FARC, na Colômbia.

Naquele momento, Fidel geria diretamente tudo o que se referia ao ETA. Nada era decidido sem seu aval. Em 1984, Cuba assinou um acordo com o governo espanhol (então presidido pelo socialista Felipe González) e com o Panamá (dirigido por Manuel Noriega), dentro de uma negociação sobre a questão basca, que concedia asilo político cubano aos *Etarras*. Resumindo, os terroristas do ETA foram autorizados a se estabelecer em Cuba, desde que depusessem suas armas e não conspirassem mais contra a Espanha. Fidel, de seu lado, prometeu que controlaria as ações desses militantes e se comprometeu a informar a Espanha sobre qualquer movimento em falso.

O problema é que mentir sem pudor fazia parte dos muitos “talentos” de Fidel… Mais tarde, diante das crescentes suspeitas de Madri, *el comandante* insistiu que os bascos “nunca utilizaram o

território cubano para atividades contra a Espanha ou qualquer outro país”. Disse inclusive que “Cuba respeita escrupulosamente o espírito do acordo”. Ora, não apenas Havana acolhia muito mais bascos do que Madri sequer desconfiava, como esses exilados *Etarras*, longe de se manter distantes, colaboravam ativamente com o regime castrista, ensinando-lhe seu savoir-faire em matéria de terrorismo. Além da arte de manejar explosivos, esses especialistas da luta clandestina em área urbana ensinaram aos oficiais de Fidel a arte do sequestro, da tocaia e técnicas para evitá-los.

Não era só isso. Os *Etarras* também serviam de emissários clandestinos na América Latina. Quando *el comandante* precisava passar uma mensagem secreta a um de seus contatos no continente, chamava um mensageiro basco que era enviado em missão para encontrar um sindicalista, um político, um chefe guerrilheiro. Munido de um passaporte cubano mas se passando por espanhol, este último chamava muito menos atenção que um cubano com um sotaque reconhecível entre milhares.

Certo dia de 1993, Fidel decidiu ir à “casa de protocolo” nº 1 das tropas. Partimos em comboio, nas Mercedes. Em Cuba, as “casas de protocolo” designavam as mansões utilizadas de maneira discricionária pelo regime para alojar visitantes de passagem, personalidades ou espiões que estavam visitando a ilha. Elas garantiam um nível de confidencialidade superior ao do Palácio presidencial, motivo pelo qual Fidel tanto as apreciava.

Quando chegamos no local, conheci o alto dirigente basco Jokin Gorostidi Artola, o responsável oficial da Comissão de Deportados Bascos, encarregado de estabelecer contatos com a diáspora dos terroristas bascos no exílio, sob a proteção do acordo internacional já evocado.

Fidel e Jokin se instalaram no salão dessa casa, que ficava muito próxima da do casal Castro. Jokin era, obviamente, um simpatizante castrista. Juntos, os dois lembraram as idas e vindas dos *Etarras* entre Cuba e a América do Sul, embora fossem proibidos pelo acordo internacional. Depois falaram de negócios, pois Fidel queria a qualquer preço que os bascos o ajudassem a contornar o embargo americano naquele momento difícil — o início dos anos 1990 —, em que a situação econômica da ilha era desastrosa, a ponto de ameaçar a Revolução.

— Jokin, é muito, muito importante que você nos ajude a criar empresas fora de Cuba — insistia Fidel, sempre convincente e impressionante, mesmo que apenas pela presença física. — É crucial. Assim, poderemos comprar produtos que o cruel bloqueio ianque nos impede de adquirir.

Jokin*** se mostrou muito compreensivo e perfeitamente disposto a ajudar Fidel, indo além de suas atribuições oficiais. De todo modo, já fazia muito tempo que o ETA cooperava discretamente com Cuba no âmbito econômico. Desde o início dos anos 1980, a organização basca possuía em Cuba uma empresa de importação-exportação de peixes, Gadusmar, bem como uma fábrica de caldeiras e de tubos de poliéster, Ugao. Esta, aliás, tinha uma filial na Venezuela, outra na Bolívia e uma terceira no Panamá, cujo nome comercial era Kaidetarra, se não me falha a memória — e creio que não falha. A função dessas entidades: financiar o separatismo basco e a Revolução Cubana.

*

Assim, do País Basco espanhol à Palestina, e do Chile à Colômbia, Fidel interferia em segredo, prodigalizando conselhos, teleguiando guerrilhas. Sua extravagante esperança: mudar, mais uma vez, o curso da História, como fizera em 1959 em seu próprio país. Paciente como um jogador de xadrez,

ele mexia seus peões, mas por muito tempo não acumulou nenhuma vitória decisiva. No entanto, depois de vinte anos de esforços, *el líder máximo* finalmente obteve um sucesso. E que sucesso! A 1300 quilômetros de Havana, deu-se um *remake* da Revolução Cubana: Managua, a capital da Nicarágua, caiu nas mãos da "Revolução Sandinista" e, como Batista duas décadas antes, o infame ditador Anastasio Somoza abandonou às pressas seu bunker, a capital e o país em convulsão. A imprensa internacional celebrou o triunfo dos rebeldes da América Central comandados por dois irmãos, Daniel e Humberto Ortega. Mas ninguém parecia estar a par do papel desempenado por Fidel nos bastidores. Ninguém, exceto nós — um punhado de ministros, generais, e sua escolta — que, no *war room* havanês de Fidel, seguíamos havia meses o desenvolvimento da situação, o avanço dos rebeldes e, por fim, a queda do último ditador dessa república das bananas.

---

* ETA, "Pátria Basca e Liberdade" em basco.

** Membros do ETA.

*** Jokin morreu em 2006.

# 6
# Nicarágua,
# a outra revolução de Fidel

"*Sánchez, traeme un whiskycito, en las rocas!*"* Na época, essa também era uma de minhas atribuições: preparar o uísque do comandante enquanto ele trabalhava sozinho em seu gabinete. Embora não fosse um "grande bebedor" como Raúl, Fidel bebia todos os dias. Com gelo ou cortado com água num copo grande, ou ainda "um uisquezinho", como ele dizia, ou seja, uma dose simples, sem nada, num copo pequeno.

Naquele dia, levei a bebida e encontrei-o mergulhado na leitura da revista americana *Newsweek*, pois ele lia fluentemente em inglês. O artigo traçava a história da tirania dos Somoza, na Nicarágua.

Estávamos no início de 1979, e a ditadura dessa pequena república da América Central talvez vivesse suas últimas semanas. Fazia mais de quatro décadas que o clã Somoza explorava sem escrúpulos a população nicaraguense. Depois do assassinato, em 1934, de Augusto Sandino, o primeiro e mítico guerrilheiro do país, essa família dirigia a Nicarágua como se fosse sua *finca*, sua fazenda. Eles eram donos de tudo: das minas, das melhores terras, das fábricas de cimento, das usinas de pasteurização, das plantações de café, dos criadouros de gado, das zonas de pesca e até mesmo dos parquímetros da capital! Formada e treinada pelos marines americanos, a Guarda Nacional fazia reinar a ordem a golpes de bastão, com a bênção de Washington. "Somoza talvez seja um filho da puta, mas é *nosso* filho da puta", dissera um dia Franklin D. Roosevelt a respeito do velho Tacho Somoza, ditador desde os anos 1930.

Quando o filho Anastasio sucedeu Tacho nos anos 1960, Washington continuou apoiando sem muita dor na consciência esse outro "filho da puta", que, em 1972, não hesitou em passar a mão nos socorros internacionais enviados às vítimas do terremoto que destruíra 60 mil casas da capital e matara 12 mil pessoas. Depois disso, a guerrilha sandinista despertou. Até então, sua ação se limitava às regiões montanhosas e pouco povoadas. Seu exército havia sido fundado em 1961 em… Havana, sob a sigla FSLN: Frente Sandinista de Libertação Nacional.

No fim da leitura da *Newsweek* e do *whiskycito*, Fidel fez um sinal a *Pepín*, seu assistente. Dez minutos depois, estávamos no elevador que conduzia diretamente do terceiro andar ao estacionamento no subsolo, onde os carros da escolta ficavam alinhados em posição de partida. E logo nosso cortejo saiu na noite que caía sobre Havana. Eu gostava daquele momento de lusco-fusco, quando o ar tropical se refrescava e as ruas se animavam de repente. Dirigíamos sem pressa rumo ao

bairro de El Laguito, onde ficavam quase todas as "casas de protocolo", as mansões secretas do regime. Era bem perto da Unidade 160 e também próximo da casa de Gabriel García Márquez. Ao chegar, estacionamos na frente da casa de protocolo nº 14, onde os principais comandantes da revolução nicaraguense nos esperavam — ou melhor, esperavam Fidel.

Era uma mansão com piscina, como quase todas as casas de protocolo. Quando entramos, os nicaraguenses estavam sentados em poltronas de couro em torno da mesa de centro do salão principal. Eles se levantaram em bloco assim que Fidel chegou. Com seu 1,91 metro ele parecia um gigante ao lado dos "nicas", em geral pouco corpulentos. Não era a primeira vez que vinham a Havana, longe disso, por isso os reconheci. Estavam ali todos os futuros heróis da Revolução Sandinista: Tomás Borge, o quarentão atarracado que era o mais velho daquele bando de trintões; Henry Ruiz, o "Modesto", um matemático que já entrara para a história por seus feitos na guerrilha; Bayardo Arce, um jornalista que comandava os rebeldes na região de Matagalápa; Jaime Wheelock, neto de um empresário americano que tinha estudado "ciências políticas" no Chile sob Allende; Carlos Núñez, o mais radical apesar da pouca idade; e por fim os irmãos Ortega, Daniel e Humberto, que logo se tornariam presidente da República e ministro da Defesa da Nicarágua. Antes de entrar na sala, Fidel me lembrou de gravar a conversa, como costumava fazer, ora às escondidas, ora à vista de todos. Coloquei meu pequeno gravador em evidência na mesa de centro e cuidei das fitas, que substituí sempre que necessário. Depois tratei de me fazer esquecer num canto, constantemente atento à conversa.

Como nas vezes anteriores, a reunião se eternizou, prolongando-se até as quatro horas da manhã. Para Fidel, que era um notívago, começar uma conversa por volta das sete horas da noite para encerrá-la ao amanhecer era habitual. Durante a discussão, observei que *el líder máximo* gostou de Jaime Wheelock, que se destacava por falar muito bem. De minha parte, foi o comandante Humberto Ortega quem mais chamou minha atenção, provavelmente porque senti que, como eu, aquele homem tinha alma de militar. Fidel ouviu as novidades do "terreno" após o fracasso da primeira ofensiva geral contra Somoza no mês de setembro anterior. Mal coordenado, esse levante popular não produzira o resultado esperado: os 10 mil soldados da Guarda Nacional o reprimiram impiedosamente, não hesitando, às vezes, em massacrar civis a golpes de baioneta. O balanço fora de 5 mil mortos ao todo.

Eles precisavam se reorganizar. E *el comandante* se dedicava a isso usando toda sua energia para convencer os rebeldes a se entenderem. "*Compañeros*, a união sagrada é a condição indispensável para atingirmos nossos objetivos", ele insistia. Ora, naquele momento, a direção estudantil da FSLN estava dividida em três correntes. A FSLN tendência GPP — Guerra Popular Prolongada — era a mais antiga. Representada por Tomás Borge, Henry Ruiz e Bayardo Arce, herdeiros da tradição de "guerrilha rural", privilegiava esse tipo de guerra. Os marxistas Jaime Wheelock e Carlos Núñez Tellez pertenciam ao FSLN "tendência proletária": depois da cisão com o grupo anterior em 1973, sua prioridade era envolver estudantes e operários das cidades ao lado de camponeses insurgentes. Por fim, os *Terceristas* — terceira força — constituíam a formação mais importante, bem organizada, a mais bem financiada e menos dogmática: contava com 5 mil homens armados sob o comando dos irmãos Ortega.

Com toda sua experiência, Fidel sabia melhor do que ninguém que aquela divisão comprometia a perspectiva de uma vitória rápida. Então, depois de ouvir todos os pontos de vista, desenvolveu sua teoria, apresentou-a sob todos os ângulos, lembrou o exemplo da Sierra Maestra, detalhou os aspectos políticos e as vantagens militares de suas concepções. Pouco a pouco, o "encantador de serpentes" adquiriu ascendência psicológica sobre os demais, que, no fim, acabaram se convencendo.

Os historiadores não mediram a que ponto a intervenção de Fidel foi decisiva nessa aventura. Escreveram sobre a ajuda financeira dada aos rebeldes pela Venezuela ou pela Costa Rica; mas não enfatizaram o bastante o papel do dirigente cubano. Sem a força de sua persuasão, as três tendências não teriam entrado em acordo tão rapidamente. A prova disso? Como não conseguiu a mesma coisa do dirigente comunista salvadorenho Schafik Handal e de seu compatriota guerrilheiro Joaquín Villalobos — apesar dos intensos esforços de Fidel, que se encontrava regularmente com os dois homens em Havana, na mesma época —, a guerrilha em El Salvador nunca conseguiu derrubar o poder durante a longa e sangrenta guerra civil, entre 1979 e 1992.

*

Depois de tornar pública a assinatura de seu acordo de união sagrada, em março de 1979, os sandinistas lançaram a "ofensiva final" em junho. Nove meses após o fracasso do primeiro levante, um novo assalto foi iniciado. Em todo o país. No norte, cidades e aldeias mudavam de mão a cada 48 horas. Bairros populares formavam bolsões de resistência. No sul, que constituiu o santuário da guerrilha por vários meses, os rebeldes estenderam suas conquistas e avançaram sobre Managua, cujas atividades foram paralisadas por uma greve geral decretada em 4 de junho. Em toda parte, os insurgentes multiplicaram os golpes espetaculares e as sabotagens. Pontes foram dinamitadas. A estrada pan-americana que atravessava a Nicarágua de norte a sul foi cortada. O exército rebelde contava com mil voluntários "internacionalistas" vindos prestar ajuda, bem como com uma quantidade respeitável de "conselheiros" cubanos. Mas foram necessários 15 mil mortos e 30 mil feridos (num país em ruínas e com apenas 2 milhões de habitantes) para que a capital fosse tomada pelos rebeldes. Em 19 de julho de 1979, Somoza abandonou seu "bunker" e voou para o exílio dourado em Miami, acompanhado do papagaio e dos setenta membros de seu séquito. Catorze meses depois, vivendo há pouco tempo em exílio político em Assunção (Paraguai), onde outro tirano, Alfredo Stroessner, o acolheu, Somoza morreu aos 55 anos num atentado impressionante. Guerrilheiros argentinos formados em Cuba pelos instrutores do campus militar de Punto Cero de Guanabo pulverizaram com um lança-foguetes, a olhos vistos, seu carro que acabava de sair de casa…

Naquele momento, Fidel saboreava sua vitória: depois de duas décadas de esforços, finalmente conseguira exportar sua revolução. De início, uma junta sandinista se instalou no poder, até a eleição de Daniel Ortega à presidência, em 1984. Até essa data, Ortega foi chamado de "coordenador" da tal junta. Seu irmão Humberto foi nomeado ministro das Forças Armadas, enquanto Tomás Borge se

tornou o do Interior, Jaime Wheelock, o da Agricultura, e Henry Ruiz, o da Cooperação Exterior. Bayardo Arce foi nomeado coordenador da Comissão Política da direção nacional da FSLN e Carlos Núñez Tellez, primeiro presidente da Assembleia Nacional.**

As imagens de júbilo em Managua certamente lembraram a Fidel as de seu próprio triunfo vinte anos antes, em Havana. De Cuba, continuou dando seus conselhos à junta sandinista, em sigilo. Para não despertar as suspeitas — nem a irritação — de Washington, agia com discrição, como todo agente de espionagem que se preze. Esperou inclusive um ano inteiro antes de ir à Nicarágua, palco de um de seus sucessos mais estrondosos.

*

Doze meses depois, voamos portanto para Managua no avião presidencial, que, além de Fidel e toda a escolta, levou a bordo o espião-mestre do Departamento América, *Barbarroja* (Manuel Piñeiro) e o romancista colombiano Gabriel García Márquez, futuro Prêmio Nobel de Literatura. Das janelas do avião, a vista final sobre Managua, com seu alinhamento de vulcões geométricos, foi tão inesperada quanto deslumbrante.

A visita durou uma semana. Fidel decidiu percorrer todo o país, como havia feito outrora no Chile de Salvador Allende. Queria constatar "sua" vitória em todo o território. Nossa caravana parou tanto nas menores aldeias quanto nas principais cidades: Estelí, León, Matagalápa, Granada, Rivas, Masaya. Um dia, chegamos mesmo a Bluefields, na costa atlântica: um périplo de dezesseis horas. Fidel se misturou à multidão — e eu também, sempre a um metro de distância dele! Para melhor me confundir com a massa, troquei meu uniforme cáqui por trajes civis, passando-me por um local.

Tivemos uma viagem intensa, rica em emoções. Um dia, subimos até o alto do vulcão Masaya, um dos mais ativos do país. O espetáculo do lago de lava, no fundo da cratera, era prodigioso. No dia seguinte fomos a Granada, às margens do lago Nicarágua, onde nossos anfitriões atraíam tubarões-buldogue (uma rara variedade de tubarão de água doce) atirando grandes baldes de sangue escarlate nessa laguna imensa.

Mas a lembrança mais extraordinária é a do próprio desfile militar, no dia do primeiro aniversário da vitória sandinista, 19 de julho de 1980. Carlos Andrés Pérez, presidente social-democrata da Venezuela e amigo de Fidel, estava presente. Bem como Michael Manley e Maurice Bishop, os primeiros-ministros da Jamaica e de Granada. O presidente do governo espanhol Felipe González também viajara até lá. Na tribuna oficial, fiquei, como sempre, muito perto de Fidel. O desfile teve início com tanques e jipes seguidos pelos soldados de infantaria do Exército "nica", até que, para espanto geral, surgiu um pelotão de jovens — alguns deles muito jovens — combatentes voluntários. Ao longo de toda a minha carreira, nunca vi nada igual: alguns daqueles *muchachos* tinham no máximo dez anos de idade; os mais velhos tinham quinze. Ao todo, eram uns sessenta. Os fuzis que carregavam pareciam grandes demais, pesados demais, desproporcionais. A imagem ficou gravada em minha memória. Hoje, 35 anos depois, pensar naquelas crianças-soldados que na época tinham a idade de meus filhos sempre me dá um calafrio. Na tribuna, lembro de ter observado discretamente a reação de Fidel com o canto do olho: tinha o rosto impassível, marmóreo.

Essa não foi a última de nossas surpresas! Na mesma noite, os sandinistas ofereceram a Fidel o melhor pouso possível, num complexo residencial que, até pouco tempo, pertencia ao clã Somoza: oito ou dez mansões dispostas em círculo em torno de uma piscina; Fidel ocupou a maior delas. Uma grade protegia o setor, cercado, por sua vez, por uma vegetação densa e um pedaço de floresta tropical de onde subia, à noite, o coaxar ritmado dos sapos. Um posto da guarda militar comandava a entrada do local, onde ficavam soldados "nicas" bastante inexperientes em comparação a nós, cubanos, que tínhamos duas décadas de prática nas costas.

Naquela noite, Fidel se recolheu às oito horas. Comecei então a reorganizar a segurança do local, posicionando um dos nossos homens atrás da casa do comandante; e ocupei a posição mais importante, na frente da entrada principal. Dali, como devia ser, ordenei ao comboio dos carros para que estivesse pronto para partir a qualquer momento e, por fim, efetuei uma inspeção geral para verificar se os guardas "nicas" estavam corretamente dispostos "em anel" em torno do local. Depois voltei à porta da casa, onde entrei a madrugada conversando com um soldado sandinista.

De repente, pou! Um tiro de fuzil foi disparado na entrada da floresta. Um breve silêncio, depois um segundo tiro: pou! Uma fração de segundo depois, uma fuzilada ecoou. Pou! Pou! Pou! Pou! Tacatacatactac! Tiros para todos os lados ao longo de quinze intermináveis segundos. Alguém gritou: "Cessar fogo!". Os tiros pararam. Saí imediatamente à caça de informações. Esperava encontrar um morto ou um ferido banhado em sangue. Descobri, porém, que um guarda um pouco nervoso ficara com medo ao ouvir o estalar de um galho sob o peso de uma vaca que passava. Ele começara a atirar e acabara desencadeando uma fuzilada geral. Estupefato com o amadorismo dos "nicas" — e achando graça de tudo —, fui até Fidel, que já me esperava na soleira da porta.

— *Sánchez, qué pasa*?

— Comandante, não foi nada. Apenas um "nica" que se assustou ao perguntar a uma vaca "Quem vem lá?". Como o animal não respondeu dizendo "Ei, sou eu, a vaca", ele sacou a arma e todos entraram em pânico.

Fidel explodiu numa gargalhada como raras vezes o vi fazer.

*

Depois de uma semana na Nicarágua, voltamos para Cuba, onde tínhamos outras festividades a nossa espera, a saber, a festa nacional que naquele ano comemorava o 27º aniversário do ataque à caserna Moncada, no dia 26 de julho de 1953. Mal tive tempo de passar em casa e beijar minha mulher e meus dois filhos e já estava de volta à estrada para a cidade de Ciego de Ávila, quatrocentos quilômetros a leste de Havana. Diante da população que agitava bandeiras cubanas, Fidel começou seu discurso com as seguintes palavras:

— *Compatriotas!* Coisas novas estão acontecendo. No ano passado, celebramos nossa festa nacional uma semana depois da grande vitória sandinista, com a presença de vários comandantes guerrilheiros nicaraguenses vindos a Cuba (aplausos). Este ano, a relação entre nossos povos se confirma (aplausos). Acabamos de chegar da Nicarágua. É inevitável, portanto, falar desse país. O que está acontecendo lá diz respeito a todos os latino-americanos. Compreendam o significado e avaliem a alegria, o entusiasmo, o otimismo, a emoção de ver esse segundo país da América Latina

libertar-se do imperialismo (aplausos), ao qual é preciso acrescentar um terceiro, Granada (aplausos). Agora, somos três a terem escapado do jugo do imperialismo de maneira radical e definitiva (aplausos).

"Radical"? Com certeza. "Definitiva"? Nem tanto. No dia 13 de março de 1979, o líder revolucionário marxista Maurice Bishop derrubou quase sem violência o regime autoritário do primeiro-ministro Eric Gairy, que presidia Granada desde a independência outorgada cinco anos antes pela Grã-Bretanha. Granada imediatamente caiu na órbita cubana, graças às excelentes relações pessoais de Maurice Bishop e Fidel Castro, que fornecia armas, conselhos e militares ao colega. Em 1983, porém, o desembarque de marines americanos pôs um fim à breve experiência revolucionária da ilha caribenha de Granada.

A Revolução Sandinista, por sua vez, logo foi prejudicada por dissensões. Em 1980, o jornal *La Prensa*, porta-voz da oposição moderada, denunciou o viés autoritário do governo revolucionário e os ataques à liberdade de imprensa. A Igreja, inicialmente favorável aos sandinistas, também se afastou. A posse de Ronald Reagan na Casa Branca, no início de 1981, complicou ainda mais as coisas. Anticomunista e anticastrista, Reagan suspendeu a ajuda econômica concedida aos sandinistas pelo governo Carter, enquanto em segredo financiava a "Contra". Essa contrarrevolução era constituída de antigos membros da Guarda Nacional e de uma parte do campesinato decepcionada com a Revolução, financiados e armados por Washington, que multiplicavam os ataques a partir da vizinha Honduras. De 1982 a 1987, o país mergulhou numa guerra civil (57 mil vítimas, dentre elas 29 mil mortos) comparável à que inflamava El Salvador (mais de 100 mil mortos entre 1979 e 1992).

Por uma década, a América Central foi posta a ferro e fogo. Tornou-se o novo palco da Guerra Fria que opunha Estados Unidos a Rússia e Cuba.

Parte interessada nos conflitos da Nicarágua e de El Salvador, Fidel supervisionava pessoalmente o tráfico de armas que transitava por Cuba para abastecer seus aliados nos dois países. Sem entrar em detalhes a respeito dos circuitos clandestinos ou da estimativa do número de armas que passaram por Havana em direção à Nicarágua naqueles anos, limito-me a relatar uma cena que testemunhei duas vezes no aeródromo militar de Baracoa. Era ali que em geral decolavam e aterrissavam os aviões e os helicópteros utilizados pelos dirigentes cubanos. Ficava depois da saída oeste da capital, na beira da estrada *Panamericana*, à esquerda. Uma noite — por volta de 1984-85, na época em que o general Arnaldo Ochoa era o chefe da missão militar cubana na Nicarágua e aconselhava o Exército do governo sandinista —, Fidel deixou seu gabinete para ir ao terreno de aviação, onde, na ponta da pista, ficava a sala de protocolo e os hangares das aeronaves.

Quando chegamos ao local, seu irmão Raúl, ministro da Defesa, já estava lá, acompanhado do general Carrera, comandante da base. Depois das saudações regulamentares, os dois irmãos se instalaram na sala de protocolo, sem o general Carrera, mas com o chefe da escolta Domingo Mainet e comigo. Ali, na intimidade e ao abrigo dos ouvidos curiosos, Raúl detalhou ao irmão as particularidades do embarque, do transporte e da entrega secreta de armas de guerra a Ochoa. Este, explicou Raúl, estava posicionado ao norte da Nicarágua, perto da fronteira com Honduras, nas

margens do rio Coco, onde receberia a "mercadoria" à noite, dali a poucas horas, numa pista clandestina. Sempre preocupado em verificar os mínimos detalhes e ter uma ideia exata da ação, Fidel ouviu Raúl atentamente, preocupado com uma questão importante: confirmar a ausência de falhas no plano do irmão e a impossibilidade de se estabelecer, caso o tráfico fosse descoberto pelo inimigo, qualquer ligação com Cuba.

Depois de ser reassegurado por Raúl sobre esses pontos, saímos os quatro para a pista, onde vários caminhões militares acabavam de chegar para descarregar caixas de madeira com o material de guerra, principalmente fuzis Kalashnikov. O lugar estava escuro, mal iluminado, pois a maioria das luzes da pista de decolagem estava apagada, com exceção das balizas azuis. Mas isso não me impediu de ver que a cauda do avião — um velho mas imponente Britannia a hélices — havia sido pintado nas cores… de Honduras! Fidel saudou os pilotos, continuou fazendo perguntas a Raúl e, convencido do bom desenrolar das operações, deu o sinal para retornar a Havana. Algumas semanas depois, fui testemunha da mesma cena, com os mesmos atores e o mesmo avião "hondurenho". A excursão durou apenas uma hora, mas me possibilitou confirmar que, em Cuba, nenhum tráfico de armas era feito sem o sinal verde do comandante em chefe.

Seja como for, os esforços de paz do hábil presidente da Costa Rica, Óscar Arias, levaram à assinatura do Tratado de Esquipulas II. Preparado por vários anos sob sua égide, o acordo foi assinado em 1987. Naquele ano, Óscar Arias recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Esse tratado foi progressivamente dando fim a todos os conflitos da região, da Nicarágua a El Salvador, passando pela Guatemala. O acordo previa a organização de eleições na Nicarágua, que deveriam acontecer em fevereiro de 1990, três meses depois da queda do muro de Berlim e num contexto geopolítico completamente diferente, pós-Guerra Fria.

Em Havana, várias vezes ouvi Fidel expressar suas preocupações a respeito do assunto. Ele havia sido o primeiro a perceber a crescente impopularidade dos sandinistas, graças aos "conselheiros cubanos" (agentes de informação, na verdade) que posicionara ao lado do presidente Daniel Ortega. No poder havia uma década, o governo de Ortega não sofria apenas os desgastes do tempo e da guerra civil; a população criticava os dirigentes por terem se apropriado de todo o patrimônio dos Somoza e viverem confortavelmente e despreocupados com o progresso econômico dos compatriotas.

Um ano antes da organização das eleições, que os sandinistas ainda não tinham avalizado, Fidel discutiu o assunto com o chefe do Departamento América, o famoso Manuel Piñeiro, ou *Barbarroja*.

— Piñeiro, é preciso transmitir a nossos amigos sandinistas que me parece prudente não realizar essas eleições, pois, por tudo o que vejo, há muito a perder e pouquíssimo a ganhar… — disse-lhe Fidel no gabinete do *Palacio*, onde eu também estava.

A fórmula lacônica era típica de Fidel: quando comandava, não necessariamente dava uma ordem precisa, ele emitia um parecer e formulava uma simples orientação, aparentemente moderada. Mas na verdade eram ordens expressas, que ele esperava que fossem seguidas à risca.

De todo modo, daquela vez Fidel não controlava mais o processo de paz que se desencadeava na

América Central. No dia 26 de fevereiro de 1990, Ortega e os sandinistas foram derrotados por Violeta Chamorro. A viúva do diretor do jornal *La Prensa* — assassinado pelos capangas de Somoza doze anos antes — tornou-se a primeira mulher a chegar à função presidencial com um resultado irrevogável de 55% dos votos.***

Depois da eleição nicaraguense, quantas vezes ouvi Fidel remoer essa derrota! Ele repetia a *Barbarroja*, chefe do Departamento América, que não tinha conseguido convencer os sandinistas a bloquear a realização de eleições livres: "Eu bem que tinha aconselhado aos sandinistas… Não foi por falta de aviso… Eu sabia que havia descontentamento popular…". Assim que *Barbarroja* deixava a sala, Fidel, sozinho no gabinete e bastante irritado, fulminava-o: "Pfff, que incapaz…".

---

* "Sánchez, me traz um uisquezinho com gelo!"

** Daniel Ortega voltou ao poder em 2007, sendo o atual presidente da Nicarágua. Seu irmão Humberto deixou a política em 1995 para se dedicar aos negócios. Nomeado embaixador no Peru em 2007, Tomás Borge morreu em 2012. Jaime Wheelock preside a ONG Instituto para o Desenvolvimento e para a Democracia (IPADE). Henry Ruiz milita contra a corrupção do atual poder "orteguista". Bayardo Arce é conselheiro econômico do presidente Ortega. Carlos Núñez Tellez morreu em 1990, em Cuba.

*** Daniel Ortega, que voltou à presidência em 2007, foi reeleito em 2011. Continua sendo um aliado de Cuba.

# 7
# Fidel em Moscou, Sánchez em Estocolmo

Fidel não era um homem especialmente grosseiro. Em público, seu linguajar sempre foi correto, com exceção de alguns discursos dos primeiros anos da Revolução, em que chamava os presidentes americanos de *hijos de perra* (filhos de uma cadela) ou de *hijos de puta* (filhos da puta). No círculo mais íntimo, às vezes pontuava suas irritações com a palavra *coño,* ou lembrava que, diante do imperialismo, os cubanos tinham *cojones* (culhões) e dizia a um inimigo *que se vaya al carajo!* (que vá pro caralho!). Ronald Reagan e seu sucessor George H. Bush com certeza foram os presidentes americanos que ele mais vilipendiou. Havia uma razão para isso: nos anos 1980, o governo Reagan* constituiu, para Fidel, a maior ameaça desde sua chegada ao poder. Ferozmente anticomunista, o presidente financiou a contraguerrilha, a “Contra”, na Nicarágua; enviava marines a Granada e, na África, apoiou militarmente os soldados da UNITA que combatiam o Exército cubano no local.**

*

Uma das características da década de 1980 foi a profusão de acontecimentos internacionais, desde o boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) até a queda do muro de Berlim (1989), passando pela guerra das Malvinas (1982), o fim das ditaduras argentina (1983), brasileira (1984) e uruguaia (1985), a catástrofe de Chernobyl (1986), ou ainda a batalha de Cuito Cuanavale (1987-8), em plena guerra da Angola, ao fim da qual Cuba conseguiu bloquear a progressão do Exército sul-africano.

Pessoalmente, o evento que mais me marcou foi a morte súbita do “camarada” Leonid Brejnev, que dirigia a URSS desde 1964 e sucumbiu a um ataque cardíaco em 10 de novembro de 1982.

Alguns dias depois de receber a notícia dessa morte, voamos a Moscou para assistir ao funeral do dirigente do “país irmão”. Decolando de Havana, deixamos o calor tropical para chegar ao frio glacial das margens do rio Moscou. Mas antes de aterrissar na União Soviética, nosso Iliouchine-62 presidencial nas cores da companhia Cubana de Aviación fez uma escala técnica no aeroporto de Shannon, na Irlanda. Uma vez que taxiou, nosso avião foi imediatamente cercado por duas dezenas de soldados, com fuzis a tiracolo. Observávamos aquele espetáculo pelas janelas quando, de repente, Fidel decidiu descer da aeronave para saborear um *irish coffee* na zona de trânsito. Pura bravata: para *el comandante*, era uma maneira de dizer que nada poderia impedi-lo de fazer uma incursão em território inimigo — no caso, na Irlanda, bem próximo aos domínios de Margaret Thatcher, primeira-

ministra e indefectível aliada de Ronald Reagan.

Saímos então numa pequena delegação em busca do café irlandês! Éramos oito: Fidel Castro, a intérprete Juanita Vera, o assistente *Pepín* Naranjo, o chefe da escolta Domingo Mainet, o ministro do Interior Ramiro Valdés, o médico Eugenio Selman e dois guarda-costas. Para mim, a expedição constituía um momento perigoso, pois apesar de andar sempre armado atrás de Fidel, ali isso era absolutamente proibido. Se a polícia descobrisse que um de nós carregava uma arma, aquilo provocaria um belo incidente diplomático.

No túnel de desembarque, o ministro Ramiro Valdés se virou para mim e perguntou se eu estava armado. Respondi abrindo meu comprido casaco de inverno, cujo bolso e forro eu tinha acabado de furar. Na mão esquerda, eu segurava uma mini-Uzi, o menor modelo de pistola-metralhadora da marca israelense com uma cadência de tiro infernal: 1200 por minuto! Viramos à esquerda ao sair do túnel, cruzamos a zona comercial e nos sentamos à mesa, ao lado de viajantes irlandeses estupefatos de ver Fidel, que sempre se destacava pela altura, pela barba e pelo uniforme militar. Foi o tempo de pedir e engolir as bebidas quentes e voltar para a cabine do Iliouchine. A única visita de Fidel Castro às portas da Grã-Bretanha durou menos de dez minutos!

Depois de encher o tanque, voltamos aos ares, sobrevoando a Europa dividida em dois blocos pela Guerra Fria, Leste e Oeste. Cinco horas depois, o avião aterrissou no tempo cinzento da capital em luto da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Estava tão frio que os funcionários da embaixada cubana precisaram me levar para comprar botas forradas para substituir as que eu estava usando, inadequadas para o clima. Um motorista da segurança russa, hispanófono, serviu-me de guia e intérprete. De volta à embaixada, esse colega da KGB observou minhas botas novas e disse sem pensar: “Elas são tão caras que nem mesmo um médico pode comprá-las”. E continuou: “Em nosso país, um médico ganha menos que um mecânico. Por isso temos muitos médicos, ou engenheiros, que preferem trabalhar na indústria”. Na hora, não consegui entender o significado do que dizia. Diante de minha perplexidade, ele insistiu: “Aqui, para obter um emprego de operário qualificado, é melhor ter um diploma universitário”. Respondi com um sorriso afável:

— Mas se todos os engenheiros querem se tornar operários, quem são os engenheiros?

Eu estava começando a me fazer algumas perguntas…

Mais tarde, fomos ao hotel para depositar nossas bagagens, depois corremos para nos encontrar com *el comandante* na região da cidade chamada Montes Lênin, onde o protocolo soviético sempre colocava uma *datcha* a sua disposição. Na URSS, a KGB providenciava grande parte da segurança de Fidel, por isso meu ritmo de trabalho era um pouco menos intenso.

No dia seguinte, fomos à Casa dos Sindicatos, onde o corpo embalsamado de Leonid Brejnev estava exposto havia três dias num estrado vermelho ornado de flores e coroas, e com as inúmeras condecorações do falecido dirigente. Músicos vestidos de preto tocavam Rachmaninov

ininterruptamente. Depois da última homenagem dos moscovitas anônimos, vieram as das autoridades soviéticas e dos homens de Estado do mundo todo. Reconheci a indiana Indira Gandhi, o iraquiano Saddam Hussein, o palestino Yasser Arafat, bem como o general polonês Jaruzelski e todos os dirigentes dos países irmãos do bloco soviético. Não creio que Fidel tenha ficado particularmente comovido com a morte do austero Brejnev, apesar de demonstrar o contrário. Parecia-me que com o jovial Nikita Khruschóv suas afinidades eram mais evidentes. Mas o essencial era que entre nossos países a aliança mútua fosse incondicional. Para Moscou, Cuba era uma peça-chave no jogo de equilíbrio Leste-Oeste, enquanto única aliada comunista do mundo ocidental, situada, além disso, a menos de duzentos quilômetros da costa americana. Para Havana, a assistência militar e econômica soviética era simplesmente vital: sem ela, é possível que Cuba não tivesse resistido à pressão americana por tanto tempo.

Chegada a hora, o cortejo fúnebre atravessou a capital para o enterro na Praça Vermelha. Yuri Andropov, antigo chefe da KGB e novo chefe do Kremlin, fez o elogio fúnebre. Depois da cerimônia, voltei ao hotel com os motoristas do serviço de segurança russo. Assim que chegamos, eles correram para fazer compras na loja do átrio do hotel, teoricamente reservada aos visitantes estrangeiros. Desodorantes, pastas de dentes, sabonetes: encheram-se de produtos de higiene fabricados nos países do Comecon, o Conselho para Assistência Econômica Mútua, que reunia então os países do bloco soviético — URSS, Bulgária, Romênia, Albânia, Hungria, Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Cuba, Vietnã, Mongólia. “Precisamos aproveitar a chegada dos visitantes”, explicaram, “o único momento que as lojas têm produtos é quando as delegações estrangeiras estão visitando Moscou.”

Na URSS, a pobreza saltava aos olhos, principalmente quando se saía de Moscou para visitar a zona rural, onde os camponeses se vestiam como na época da Segunda Guerra Mundial. Na capital, as carências eram piores que em Havana e, mesmo assim, o modelo soviético era supostamente o mais avançado no caminho da construção do socialismo. Foi a primeira vez que uma sombra de dúvida penetrou em meu espírito. Em meu íntimo, eu me questionava. A eficácia do sistema comunista seria realmente superior à do capitalismo? Se os soviéticos estavam assim depois de 65 anos de Revolução, seria razoável seguir o seu exemplo? Foi uma dúvida furtiva, ínfima. Repeli-a na hora, para me dedicar por inteiro à ação, a serviço de Fidel e da Revolução.

*

Com o funeral de Brejnev teve início um período em que as viagens a Moscou se multiplicaram. Pois as autoridades soviéticas morriam uma atrás da outra! O brilhante Yuri Andropov, que dirigiu a KGB por dezoito anos, morreu em 1984, aos setenta anos, depois de apenas quinze meses no Kremlin. O reinado de seu sucessor Konstantin Tchernenko, já doente ao tomar posse, foi ainda mais curto: treze meses! O velho *apparatchik* morreu em 1985, aos 76 anos. O ardente Mikhail Gorbatchóv, aos 54 anos, sucedeu-o: o protegido de Andropov lançou então sua famosa política da glasnost (transparência) e da perestroika (reestruturação econômica)… sobre a qual Fidel logo expressou todo o seu desapreço, definindo-a como “a mulher de outro homem”.

No inverno de 1986 estávamos em Moscou, onde Fidel tentava, apesar de tudo, criar laços com

Gorbatchóv, quando uma notícia terrível chegou às agências de imprensa: na véspera, na noite de 28 de fevereiro de 1986, Olof Palme tinha sido assassinado a olhos vistos, em Estocolmo. Eram exatamente 23h21 quando o primeiro-ministro sueco saiu de um cinema da capital com a mulher. Dois tiros foram disparados enquanto o casal voltava para casa a pé. Uma hora depois, os médicos suecos declararam oficialmente sua morte. O atirador nunca foi encontrado, e o assassinato de Palme continua sendo até hoje um enigma. Naquele momento, porém, o mundo inteiro ficou sabendo que, numa pacata social-democracia escandinava, era comum o chefe do governo passear sem nenhum guarda-costas!

Fidel Castro ficou chocado com o anúncio da morte de Olof Palme, que era seu aliado. Fazia tempo que o dirigente sueco, socialista, terceiro-mundista e anti-imperialista, demonstrava simpatia pela Revolução Cubana. Em 1972, Palme já havia provocado a cólera de Washington e a ruptura das relações diplomáticas com Estocolmo por um ano em virtude de sua participação, enquanto primeiro-ministro, numa manifestação contra a guerra do Vietnã. Pior que isso, em um programa de rádio, ele tinha comparado os bombardeios americanos a Hanói ao bombardeio de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola e ao massacre dos judeus de Treblinka pelos nazistas. A seguir, em 1975, o audacioso sueco fora o primeiro chefe de Estado de um país ocidental a fazer uma visita oficial a Cuba: Fidel Castro reservara-lhe uma acolhida triunfal em Santiago de Cuba, a segunda cidade do país, onde os dois celebraram juntos a festa nacional, o 26 de julho.

Poucas horas depois do anúncio da morte de Palme, Fidel expressou o desejo de comparecer ao enterro do primeiro-ministro sueco. Nos dias que se seguiram, mobilizamos todos os recursos para tentar tirar-lhe da cabeça essa ideia, que foi objeto de inúmeras discussões entre o secretário particular de Fidel, *Chomy,* José Miguel Miyar Barruecos, companheiro de guerrilha na Sierra Maestra, o assistente *Pepín* Naranjo, bem como Carlos Rafael Rodríguez, amigo de Fidel e diplomata que desempenhava um papel importante nas relações de Cuba com o bloco soviético, e eu. Todos concordávamos: do ponto de vista da segurança, a presença de Fidel em Estocolmo seria descabida. De fato, na época não se conhecia — e ainda hoje não se conhece — a identidade e as motivações do assassino. E se os mandantes do assassinato de Palme quisessem atentar contra a vida de Fidel? No fim, *el comandante* aceitou nossos argumentos e designou Carlos Rafael Rodríguez para representá-lo na Suécia.

— Sánchez irá com você para protegê-lo — acrescentou.

Fidel confiou em mim e tinha razão: aproveitar uma viagem ao exterior para desertar nunca me passaria pela cabeça. Na época, eu estava totalmente feliz com meu trabalho a serviço de Fidel, e também impaciente para rever minha família em Havana, como a cada retorno de uma missão.

O diplomata Carlos Rafael Rodríguez e eu voamos para Estocolmo, via Copenhague. Chegando à embaixada cubana, percebi, mais uma vez, a que ponto ser o guarda-costas de Fidel proporcionava um estatuto à parte. O embaixador pedia minha opinião sobre vários assuntos, como se falasse com o próprio Fidel… e devo confessar que gostei daquilo. Em contrapartida, a funcionária da embaixada

que nos servia o aperitivo não demonstrou tanta deferência por minha pessoa! Quando me perguntou que bebida alcoólica eu desejava, respondi que nunca bebia. Diante da insistência do embaixador, porém, acabei pedindo um conhaque Napoléon, inspirado no exemplo de Fidel, que além do uísque também era um apreciador desse destilado. Então a funcionária me passou um sermão na frente de todos: "Conhaque não é um aperitivo, mas um digestivo". Ofendido, engoli minha raiva e respondi com humor: "Sabe de uma coisa? Quando o protocolo foi inventado, esqueceram de me perguntar o que eu achava. É uma pena, pois bebo conhaque antes, durante e depois das refeições, entendeu?". Dois dias depois, pronto para ir embora da Suécia, descobri que a mulher do embaixador cubano, que tomara minha observação ao pé da letra, tinha colocado uma garrafa de conhaque em minha mala para me agradar! Justo para mim, que detesto álcool…

Lembro também que antes de partir caminhei pelas ruas de Estocolmo. Refiz o trajeto de Olof Palme, desde a saída do cinema até o local onde o primeiro-ministro tinha sido atingido alguns dias antes. A calçada estava repleta de rosas.

A capital sueca causou-me uma forte impressão. Não tanto por sua prosperidade, mas antes pela simplicidade das relações humanas entre a população e os seus dirigentes. Lá, fiquei sabendo que, para ir ao trabalho, a maioria dos ministros usava ônibus, metrôs ou trens, que vinham do subúrbio. E que o próprio Olof Palme circulava regularmente de bicicleta pela capital. Em nome de sua liberdade, e também em nome da igualdade dos cidadãos diante da lei, ele não queria se beneficiar de nenhum privilégio. Nem mesmo o de ter um guarda-costas. Aquilo me impressionou. Era exatamente o contrário do sistema cubano, onde Fidel, protegido 24 horas por dia, nunca se deslocava sem ao menos dez *guardaespaldas*.

---

* O republicano Ronald Reagan habitou a Casa Branca de 1981 a 1988. Seu vice-presidente George H. Bush sucedeu-o de 1989 a 1992.

** Dirigida por Jonas Savimbi e financiada pelos Estados Unidos e pela África do Sul, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) combateu o governo marxista-leninista da República Popular de Angola, apoiada pela URSS e por Cuba. Assim como os conflitos na América Central na mesma época, a guerra civil angolana, de 1975 a 1992, foi um dos principais palcos de conflito armado da Guerra Fria.

# 8
# O clã de Raúl

Em meados dos anos 1980, paralelamente à função de guarda-costas, terminei meus estudos superiores na escola do MININT, com oficiais provenientes de diferentes regiões militares do país. No programa dessa formação continuada havia cursos de história política, direito criminal, psicologia e contraespionagem. Um dia, no fim de uma aula dedicada ao recrutamento de agentes estrangeiros, um aluno oficial — lembro seu nome, Roberto Dobao — veio me procurar para anunciar que… Ramón Castro queria falar comigo em particular. Desconcertado, perguntei:

— Ramón, o irmão do comandante em chefe?

— Em pessoa!

O aluno explicou então que trabalhava no "Plano Especial de Valle de Picadura", uma fazenda agroindustrial dirigida justamente pelo irmão mais velho de Fidel. Quando Ramón ficou sabendo que o oficial Dobao fazia aulas com o "guarda-costas de Fidel", pediu-lhe que se aproximasse de mim com discrição. Fiquei ao mesmo tempo surpreso e intrigado com o pedido, mas aceitei vê-lo. Alguns dias depois, aproveitando uma folga, Dobao e eu nos pusemos a caminho de Valle de Picadura, cinquenta quilômetros a leste de Havana.

*

Ramón é o "outro irmão" de Fidel. Eles têm quase a mesma idade (Ramón é dois anos mais velho que Fidel), a mesma estatura (acima de 1,90 metro), a mesma barba. Em suma, se parecem fisicamente, mas as semelhanças param por aí. Totalmente desinteressado por política, o mais velho dos Castro nunca ocupou cargos do governo. *Guajiro* (camponês) de alma, dedicou sua tranquila vida à agricultura. Primeiro recuperando a grande propriedade do pai, Ángel Castro, na região leste do país, ao lado de Santiago de Cuba, depois como alto funcionário do Ministério da Agricultura, e por fim como diretor do Plano Especial de Valle de Picadura, uma das principais fazendas industriais do Estado, que produzia essencialmente sucos de frutas e leite. Eu a tinha visitado várias vezes com *el comandante*, pois Fidel gostava de verificar o progresso da Revolução no âmbito agrícola, em que se considerava um especialista.

Saindo de Havana, levava-se quase uma hora para chegar ao local. Assim que desembarcamos, Ramón desceu de seu gabinete e me levou para conversar em particular, à sombra de uma mangueira. Senti-me estranho por estar com o irmão de Fidel sem ele. Ramón estava visivelmente preocupado.

“Obrigado por ter vindo, Sánchez”, disse aquele camponês que tinha um aperto de mão mais firme que o de Fidel. A seguir, expôs o motivo de seu tormento.

— Veja bem, estou tentando falar com meu irmão há meses, mas é impossível… Não sei o que está acontecendo. Deixei mensagens em todos os lugares, inclusive no *Palacio*… Ninguém responde! Preciso muito falar com ele. Você poderia mencionar o meu caso a ele?

— É claro, *señor*, prometo fazer o possível — disse, tratando-o com formalidade, pois não costumava ser informal com ninguém, muito menos com personagens oficiais, e Ramón era um deles.

No dia seguinte, ao meio-dia, quando chegamos ao *Palacio*, aproveitei o fato de ser o único no elevador com *el comandante* para mencionar o caso de Ramón.

— Comandante, ontem estive em Valle de Picadura e encontrei seu irmão muito abalado, muito triste… Creio que gostaria de falar com o senhor…

— Eu sei, eu sei… Estou a par, Sánchez… Não se preocupe, vou falar com ele — respondeu-me Fidel, encerrando a conversa.

Ignoro o que Ramón tinha de tão importante para falar com o irmão, mas, em todo caso, fiquei sabendo que Fidel levou em conta minha mensagem. Alguns dias depois, meu colega de classe que tinha se aproximado de mim veio me agradecer infinitamente em nome do mais velho dos Castro. A história se encerrou aí, mas esse episódio continua me intrigando: onde já se viu passar por um terceiro para falar com o próprio irmão?

*

Uma coisa é certa: ao longo de toda a vida, *el comandante* fez pouco-caso da família, tão extensa quanto desconhecida. Ángel Castro (1875-1956) e Lina (1903-63), um proprietário de terras e sua jovem empregada, com quem casou em segundas núpcias, tiveram sete filhos: Angelita (nascida em 1923), Ramón (1924), Fidel (1926), Raúl (1931), Juanita (1933), Enma (1935), Agustina (1938). Com Angelita, a primogênita, morta em 2012, de quem Fidel era bastante próximo, os laços eram cordiais, mas nada além disso. Juanita? *Que se vaya al carajo!*, poderia ter dito *el comandante* sobre a irmã solteira de quem nunca falou na minha frente. Em 1964, ela fugiu de Cuba, aos 31 anos, para se instalar em Miami, de onde muitas vezes denunciou o comunismo, o castrismo e o totalitarismo. Fidel riscou seu nome da família: era como se não existisse. Ele também nunca foi de se encontrar com Enma. Por um bom motivo: ela passou a maior parte da vida no México, onde se casou com um empresário mexicano nos anos 1950. A discreta e religiosa Agustina, casada por muito tempo com um pianista hoje já falecido, também viveu sempre distante do irmão ilustre. Na verdade, Raúl, que é cinco anos mais novo que Fidel, é o único realmente próximo. E isso apesar das profundas diferenças de caráter. “Na infância, Ramón era plácido; Fidel, rígido, e Raúl, brincalhão”, resumiu um dia a irmã Juanita. “Raúl tinha muitos colegas e amigos. Fidel, pelo contrário, era solitário, autocentrado, egoísta.”*

Outra diferença: segundo um rumor bastante difundido em Cuba e nos Estados Unidos, e de acordo com alguns biógrafos de Fidel, ele e Raúl não teriam o mesmo pai biológico. O ministro das Forças Armadas revolucionárias seria o filho bastardo que Lina teria tido com um comandante do posto de guarda de Birán, a aldeia natal dos Castro. Será verdade? Não faço a menor ideia. A única coisa que

posso dizer é que Raúl não se parece, em absoluto, com nenhum dos dois irmãos mais velhos. O mais novo, imberbe, tem os olhos puxados, o que lhe valeu o apelido de “el Chino”, o chinês. Por outro lado, sua semelhança com a irmã Juanita, exilada em Miami, nascida dois anos depois, é evidente. Ou Juanita também é filha ilegítima, ou tudo não passa de maledicência.

Outra coisa, porém, é certa: desde a infância, Fidel e Raúl são unidos como unha e carne. O segundo seguiu o primeiro em todas as suas aventuras, desde o ataque à caserna Moncada, em 1953, até o topo do poder. Para Raúl, Fidel era uma espécie de pai substituto, talvez porque o “verdadeiro” pai, Ángel, patriarca severo originário da Galícia (Espanha), fosse o homem distante e violento descrito em algumas biografias. Fidel também era um “pai” severo. Mas um pai que Raúl respeitava e admirava, idolatrava. O fato era que *el comandante* tinha todos os talentos que ele não tinha: carisma, agilidade intelectual, visão política, força de persuasão, facilidade para falar, dom para a comunicação.

Ao longo de toda a vida, Raúl viveu sob a influência de Fidel. Na Sierra Maestra, fez de tudo para provar seu valor, sua coragem e ganhar a estima do irmão. Segundo os historiadores, ele executou traidores e inimigos de próprio punho e presidiu pelotões de fuzilamento sem demonstrar qualquer emoção. Assim, Raúl teria muito mais sangue nas mãos do que Fidel. Seja como for, tinha uma natureza tão repressiva quanto a do líder máximo, se não maior. Na clandestinidade, seu zelo foi recompensado: em 1958, Fidel considerou Raúl apto para o comando de um front, na mesma posição de Che Guevara. Ele confiou ao irmão a abertura de uma nova frente de guerrilha, a Segunda Frente Oriental Frank País, situada a leste, na direção de Santiago. Raúl se saiu muito bem.

Na escola, aluno medíocre que se tornou uma personalidade bastante taciturna na idade adulta, esse amante das brigas de galo — uma atividade então em voga mas hoje proibida — se destacou no campo de batalha. Duro e dogmático, metódico e organizado, foi ali que obteve seus galões de futuro ministro das Forças Armadas Revolucionárias — cargo que ocupou por 49 anos, até 2008.

Em relação a Fidel, Raúl era de uma lealdade absoluta. Também era a única pessoa no mundo em quem *el comandante* confiava cem por cento. Os dois se completavam. Quando se tratava de anunciar uma boa notícia, por exemplo, como a promoção de novos dirigentes, era sempre o número um que se encarregava. Mas quando era preciso destituir um oficial e criticá-lo em público, era o número dois que tomava a palavra. Para o público, eram o “policial bom, policial mau”, mas na verdade os dois concordavam em tudo. Falavam-se todos os dias por telefone, viam-se várias vezes por semana. E — o que não era anódino — um não perdia por nada no mundo o aniversário do outro. Devido às inúmeras visitas de Raúl ao *Palacio* presidencial, tive muitas oportunidades de observar a relação entre os dois irmãos.

Seria um erro minimizar o papel histórico de Raúl. Sob Batista, ele foi o primeiro a frequentar o movimento comunista cubano. Depois, apresentou o argentino Ernesto Che Guevara ao irmão mais velho. Além disso, muitos consideram Raúl o verdadeiro arquiteto do sistema castrista. De fato, diferentemente do irmão, visionário, energético e impulsivo, mas totalmente desorganizado, Raúl era um organizador sem igual. Sua grande obra: a metódica transformação de um movimento de guerrilha

em um exército de profissionais capaz de se projetar para além dos mares e vencer um exército estrangeiro, como foi o caso em Angola. Intransigente, foi ele também que impôs à instituição militar uma disciplina de ferro. Por fim, foi ele que organizou a posse pelos militares de 60% a 70% da economia nacional, inclusive do lucrativo setor de turismo. Dirigido por generais "raulistas", a holding GAESA (Grupo de Administração Empresarial S.A.) controla dezenas de grandes empresas em todos os campos: Cimex (imobiliárias, bancos, restaurantes, postos de gasolina, supermercados e mais de duzentas lojas), Cubanacan (turismo), Gaviota S.A. (hotelaria), Servicio Automotriz S.A. (locação de veículos para turistas), Agrotex (agricultura), Sermar (estaleiros navais), Geocuba (cartografia) etc. À sombra, Raúl era portanto uma engrenagem essencial do sistema.

Mesmo assim, o número dois da Revolução não tomava nenhuma decisão, nem mesmo a mais insignificante, sem consultar o número um. Uma vez, vi-o no gabinete de Fidel fazendo o irmão validar a escolha das novas fardas que vestiriam o exército de terra! A submissão de Raúl, na época, se manifestava inclusive nas relações conosco, os guarda-costas do irmão — ele sabia muito bem que representávamos a estrutura mais importante no organograma do poder. O ministro das Forças Armadas Revolucionárias nos tinha em tão alta conta que quando chegava a um local público onde Fidel já se encontrava, dispensava sua própria escolta para se colocar diretamente sob nossa proteção.

Além disso, não admitia que ninguém — nem mesmo um ministro ou um general! — se opusesse a qualquer ordem dada pela escolta de Fidel. Quando um de nós pedia a um oficial, de qualquer patente, que se afastasse para dar passagem, era melhor que este obedecesse sem reclamar, caso contrário Raúl, que o estaria vigiando de canto do olho, o marcaria imediatamente na memória, para sua infelicidade. Também observei que, durante as recepções oficiais no Palácio presidencial, às vezes ele mesmo chegava a "fazer o policiamento": quando achava que havia gente demais ao redor de Fidel, dirigia-se individualmente a alguns — inclusive ministros — para lhes dizer que era o momento de darem um pouco de ar e espaço ao irmão. E depois de afastar os inconvenientes com discrição, virava-se para nós, os oficiais de segurança, um pouco como se buscasse nossa aprovação…

Em público, Raúl aparentava ser um homem cordial, afável, acessível. Apreciador de vodca gelada, esse grande bebedor também era festeiro, amante de piadas e, segundo alguns, dotado de um verdadeiro senso de humor. Claro que tudo isso não passava de uma fachada. De minha parte, sempre o achei rígido, inflexível, quase antipático. Politicamente, era um estoico com tendência para a repressão. Aliás, depois que sucedeu ao irmão à frente do Estado, as brutalidades da polícia não diminuíram, longe disso, ao contrário daquilo que o regime conseguiu habilmente instilar na opinião pública mundial.

O humor de Raúl? Ele geralmente estava indisposto. Ainda posso vê-lo — no início dos anos 1990 — correndo ao aeroporto para saudar *el comandante* ao pé do avião, como sempre fazia quando este viajava para o exterior. Durante essas viagens, uma parte da escolta de Fidel ficava em

Cuba. Certa vez, estávamos embarcando quando o número dois disse ao número um: "Não se preocupe com a escolta: darei o que fazer aos que ficarem. Comigo, nada de férias!". Enquanto as portas do Iliouchine se fechavam atrás de nós, pensei: "Que imbecil…". Aparentemente, ele não sabia que a escolta de Fidel raramente ficava ociosa. Quando *el líder máximo* ia para o exterior, não apenas os guarda-costas continuavam o treinamento normal, como também aproveitavam para realizar tarefas suspensas, como a limpeza do armamento, a manutenção dos veículos, a verificação das condições do material a ser utilizado em caso de guerra, a passagem em revista dos abrigos antiaéreos e vários outros trabalhos.

Mas há uma coisa que não se pode tirar de Raúl: seu senso de família. Foi ele, e mais ninguém, quem acolheu na própria casa Fidelito e Jorge Ángel, os primeiros filhos do irmão — o legítimo e o ilegítimo —, quando percebeu que eles não eram bem-vindos em Punto Cero, na casa de Dalia e Fidel. E foi ele quem sempre fez com que a primeira mulher do comandante, Mirta Díaz-Balart, que vive na Espanha há cinquenta anos, pudesse vir à ilha para manter contato com o filho Fidelito.

Nos Castro, o *pater familias* era Raúl. Aos domingos, com frequência ele e a mulher Vilma organizavam grandes churrascos dos quais participavam filhos, netos, primos e primas, irmãos e irmãs. Algumas vezes Fidel se juntava à família. Apesar de não ficar muito, essas reuniões davam a suas irmãs raras ocasiões de vê-lo. O lugar era agradável: depois de morarem num prédio de quatro andares no bairro de Nuevo Vedado, Raúl, Vilma e todo o clã se mudaram para perto da casa de Fidel e Dalia, em La Rinconada. Antes da Revolução, era uma propriedade que pertencia a um rico negociante de café. Localizada na rua 222, num grande terreno arborizado, embelezada por uma vegetação luxuriante, ela dispunha de duas instalações esportivas de primeira: um campo de beisebol e outro de *frontennis* (uma variante da pelota basca jogada com raquetes de tênis e praticada essencialmente no México, na Espanha e na Argentina).

Uma palavra sobre Vilma Espín: Raúl a conheceu na guerrilha, quando tinha 27 anos. Militante anti-Batista desde a primeira hora, mulher corajosa e bonita, ela logo se interessou por aquele homem um ano mais novo. Depois do Triunfo da Revolução, eles se casaram. A cunhada de Fidel se tornou então uma das figuras femininas mais emblemáticas da Revolução, ao lado de Celia Sánchez, a assistente e amante do comandante. Colocada à frente da *Federación de Mujeres Cubanas*[**] em 1960, ela assumia o papel de "primeira-dama" quando Fidel achava necessário aparecer publicamente ao lado de uma mulher.

Sorridente, graciosa, radiante, Vilma cumpria perfeitamente sua missão. Mas as aparências enganam: ela também tinha uma segunda personalidade. Durante o processo do general Ochoa em 1989 — de quem ela e Raúl eram amigos íntimos —, foi ela quem, diante do Conselho de Estado, do qual fazia parte, pronunciou com voz firme as terríveis palavras: "Que a sentença seja executada". Qual era a "sentença"? A pena de morte...[***]

O compromisso com a verdade me obriga a dizer, porém, que na intimidade Vilma era uma excelente mãe de família, devota ao marido, atenciosa e disponível aos quatro filhos: Deborah, Mariela, Alejandro, Nilsita. Três filhas e um filho. Ao contrário dos descendentes de Fidel e Dalia,

isolados da vida pública, todos os filhos de Raúl, com exceção da mais jovem, se engajaram na vida da cidade. Quem sabe se não terão um papel de destaque depois da morte do pai e do tio?

Conselheira no Ministério da Educação, a primogênita Deborah, nascida em 1960, foi casada por muito tempo com um homem-chave do poder, Luis Alberto Rodríguez López-Callejas. Pai de seus dois filhos e membro do Comitê Central do Partido Comunista, esse general de brigada era o presidente executivo da holding GAESA, que controlava a essência da economia cubana. Nessa qualidade, ele conhecia melhor que ninguém os segredos das engrenagens financeiras do regime. Dizem que teria se divorciado a pedido de Deborah, que não aguentava suas repetidas infidelidades. Não sei se é verdade. Em todo caso, o filho deles, Raúl Guillermo, apelidado “Raulito”, hoje é o guarda-costas pessoal do avô. Nascido em 1984 e apelidado *el Cangrejo* (o Caranguejo) devido a uma malformação num dos dedos, ocupa ao lado de Raúl o lugar que eu ocupava ao lado de Fidel. Ele pelo menos não corre o risco, a priori, de ser atirado na prisão, como eu fui…

Mariela, a segunda filha, era mais brilhante que a irmã. Nascida em 1962, dirigiu por muito tempo o Centro Nacional de Educação Sexual (CENESEX). Militante a favor do casamento gay, essa sexóloga de ideias progressistas desde sempre participou de conferências internacionais sobre o direito dos homossexuais, o que lhe garantia uma visibilidade mundial. “Ela introduziu a perestroika na minha família”, brincou Raúl a respeito do estilo de vida burguês-boêmio da filha. Em fevereiro de 2013, Mariela Castro fez sua entrada no Parlamento cubano como deputada, sem dúvida desejando desempenhar um papel no “pós-Raúl”.

Mariela sempre esteve às voltas com a política. Antes de casar com o fotógrafo e empresário italiano Paolo Titolo, seu atual marido, viveu com Juan Gutiérrez Fischmann, com quem teve uma filha. Já falei sobre ele: membro fundador do grupo armado chileno FPMR, instalou-se em Cuba depois do golpe de Estado de Pinochet, em 1973. Formado militarmente em Punto Cero de Guanabo, foi um dos artífices do famoso atentado contra o general Pinochet, em 1986. Também foi um dos principais acusados no atentado contra o senador chileno Jaime Guzmán, favorável a Pinochet e morto em 1991. Apesar das negativas do governo, Gutiérrez Fischmann, que oficialmente nunca foi encontrado, vive dias tranquilos em Cuba.

Depois de Deborah e Mariela vem Alejandro — homônimo de um dos cinco filhos de Fidel e Dalia. Nascido em 1965, hoje coronel do Ministério do Interior, é um dos conselheiros mais próximos do pai na qualidade de diretor da coordenação de informação entre os dois ministérios mais importantes do país, o MINFAR (Defesa) e o MININT (Interior). O que equivale dizer que está na interseção de todos os segredos detidos pelos diferentes serviços de espionagem cubanos.

Lembro dele como um garoto hiperativo. Quando comecei a trabalhar para Fidel, ele tinha dez anos, e nós, da escolta, o chamávamos de “*el Loquito*”, pois brincava ruidosamente no pátio da casa onde a família de Raúl vivia na época — passava a toda a velocidade de patins, bicicleta ou numa moto elétrica, quase derrubando quem estivesse por perto. Depois o perdi de vista. Ele voltou à tona em meados dos anos 1980, quando fiquei sabendo que tinha integrado o corpo expedicionário cubano que combatera na Angola. Mais tarde, retornou da África sem um olho, devido a um acidente acontecido fora das zonas de combate. Aquilo lhe valeu o apelido de *el Tuerto* (o Zarolho).

Depois, em novembro de 2012, liguei a televisão em minha casa em Miami, e quem apareceu na

tela? O Zarolho! Em seus primeiros passos na cena internacional, aquele diplomado em Relações Internacionais tinha ido a Moscou apresentar a edição russa de seu livro *Imperio del terror*, peroração contra os Estados Unidos. Entrevistado em espanhol por uma emissora russa, não posso dizer que tenha enchido a tela, com sua elocução monótona e seu ceceio marcado. A falta de carisma e a dificuldade de eloquência eram tão evidentes quanto em seu pai. Mesmo assim, nada indica que isso o impedirá de ir longe. O coronel Alejandro Castro Espín tinha a fama de acumular dossiês comprometedores capazes de acabar com muitos. Impiedoso, mandou — ao que parece — prender o companheiro da própria irmã Nilsita, envolvido num caso de corrupção!

Tenho curiosidade em saber se Alejandro utiliza as mesmas técnicas do tio Fidel para comprometer, manipular e chantagear os inimigos: escutas telefônicas e vídeos secretos das brincadeiras sexuais de diplomatas estrangeiros nos hotéis de Havana. Suponho que sim.

---

* Juanita Castro e Maria Antonieta Collins, *Fidel e Raúl, meus irmãos — a história secreta*. São Paulo: Planeta, 2011.

** Federação das Mulheres Cubanas (FMC), organização de massa que contava com 4 milhões de membros.

*** Vilma Espín morreu em 2007.

# 9
# A mania das gravações

Fidel gravava tudo. No terceiro andar do *Palacio de la Revolución*, num pequeno anexo a seu gabinete, ficava um dispositivo de gravação profissional comparável ao do filme *A vida dos outros,*[a] com dois leitores de fita magnética e dois fones de ouvido. Até segunda ordem, devíamos usar o gravador toda vez que Fidel recebesse um visitante para uma conversa em particular, fosse ele cubano ou estrangeiro, político, ministro ou general. Eram os estenodatilógrafos que, com os olhos colados na agulha do potenciômetro, controlavam o volume e mudavam de um gravador a outro cada vez que um rolo de fita chegava ao fim. Mas era eu que, da sala da escolta — também anexa ao gabinete de Fidel —, abria e fechava os três microfones escondidos no gabinete do líder máximo. Fazia isso com três chaves que abriam três fechaduras dissimuladas num pequeno armário, que ficava trancado. Era também para mim que Fidel murmurava "*Sánchez, no grabes*" (Sánchez, não grave) quando achava desnecessário o registro. Nesse caso, eu não girava nenhuma chave e me abstinha de chamar o serviço dos estenodatilógrafos. Devo acrescentar que a sala do Conselho dos Ministros, localizada do outro lado do corredor, a menos de dez metros do gabinete de Fidel, também estava cheia de microfones, que permitiam imortalizar as reuniões do politburo do Partido Comunista que aconteciam ali.

Partindo do princípio de que tudo o que foi dito pode ser utilizado contra o interlocutor, essas gravações foram metodicamente passadas para fitas ou CDs (a partir dos anos 1980) e depois arquivadas. Elas poderão servir, mesmo depois de vários anos, para confrontar esta ou aquela pessoa. O mesmo princípio se aplica a todas as conversas telefônicas importantes de Fidel, que, mais cedo ou mais tarde, pode utilizá-las para pressionar seu interlocutor ou para comprometê-lo.

A maioria desses documentos sonoros dormirá para sempre nos arquivos e nunca será levada a público, de modo que é possível que digam que tudo não passa de fruto da minha imaginação. Felizmente — ouso afirmar —, alguns anos depois de minha saída, o próprio Fidel Castro provou que não estou inventando nada. Em 2002, ele não resistiu à vontade de difundir a conversa telefônica que acabara de ter com o então presidente mexicano, o conservador Vicente Fox. Foi na véspera de uma reunião de cúpula das Nações Unidas organizada em Monterrey, no México, quando o chefe de Estado, de uma ingenuidade desconcertante e de uma falta de tato beirando a grosseria, telefonou para Fidel para lhe sugerir — com muita insistência — que abreviasse o máximo possível a estada em seu país, prevista para dali a dois dias. Isso, ele dizia, para não incomodar os demais

participantes. Cereja do bolo: Fox pedia que ele se abstivesse de qualquer declaração que pudesse desagradar o presidente americano George W. Bush, que estava prestes a invadir o Iraque.

Já expliquei que se opor frontalmente a Fidel era a última coisa a ser feita caso quiséssemos obter algum resultado positivo — e a primeira, se quiséssemos indispô-lo. E foi justo o que fez o pobre Fox, cuja noção de psicologia era próxima de zero. Extremamente irritado, Fidel decidiu divulgar a conversa telefônica de dezesseis minutos na íntegra: no dia seguinte, ela já fazia o circuito dos canais de televisão latino-americanos e do YouTube, onde continua disponível. A imprensa de esquerda se deliciou e aproveitou para fustigar Fox, chamado de "lacaio de Washington". E, de fato, ele não ajudou: suas palavras foram as de um homem servil e submisso aos Estados Unidos, produzindo um efeito desastroso para sua imagem nessa região do mundo onde o antiamericanismo está sempre à flor da pele. Num piscar de olhos, Fidel "assassinou" Fox, ridicularizando-o. Que eu saiba, foi a única vez que uma gravação realizada no anexo ao gabinete do líder máximo foi levada a conhecimento do público. No entanto, existem milhares de outras…

*

Sempre que possível, Fidel Castro também grava suas conversas privadas no exterior. Nunca vou esquecer de nossa viagem ao Equador, em agosto de 1988, por ocasião da posse de Rodrigo Borja, o novo presidente social-democrata desse país andino de conhecida instabilidade política. Em Quito, capital do Altiplano situada a 2800 metros de altitude, Fidel logo foi visitar o amigo Oswaldo Guayasamin (1919-99), famoso artista contemporâneo do Equador cuja obra, inspirada na arte ameríndia, tem por tema a miséria, a opressão e o racismo. Assim como Fidel, de quem pintou vários retratos. Naquele dia, *el comandante* tirou uma hora de seu tempo para posar para aquele que chamava de "*mi hermano*", um qualitativo reservado aos verdadeiramente íntimos, como Gabriel García Márquez. Mais tarde, Guayasamin foi a Havana para concluir o retrato iniciado na fabulosa casa modernista do pintor. Lembro de uma frase que ele disse então: "Fidel, é preciso mostrar as mãos, pois as mãos de Fidel falam".

Outro momento intenso da viagem foi a própria cerimônia da posse presidencial, no Congresso. Uma cena alucinante. Quando o presidente anterior — de direita —, o controverso León Febres Cordero, que era um aliado de Washington, iniciou o seu discurso, os deputados começaram a gritar "Corrupto!", "Ladrão!", "Filho da puta!", em meio a uma baderna indescritível. Fidel arregalou os olhos e manteve uma expressão de espanto que eu nunca tinha visto… A cena se espalhou pelas ruas, sob o céu impecavelmente azul do Altiplano, onde manifestantes vaiavam o ex-presidente. Diante da tensão ambiente, decidimos evacuar o comandante por uma porta lateral oculta.

Enfim — voltando às gravações —, Fidel aproveitou a viagem a Quito para conversar com o presidente da Costa Rica, Óscar Arias, também presente e recém-laureado com o Prêmio Nobel da Paz de 1987 por sua mediação nos conflitos da América Central. Fomos até a casa que havia sido colocada à disposição dele pelas autoridades equatorianas. Chegando ao local, toda a escolta do comandante ficou do lado de fora, menos eu. Os dois chefes de Estado se instalaram numa sala para uma conversa sobre a América Central, pois Arias contava justamente com o apoio de Castro para finalizar o processo de paz em curso, em especial na Nicarágua.

A primeira coisa que Arias disse foi que queria que a conversa permanecesse privada. Mas eu recebia ordens de Fidel, não do presidente costa-riquenho! Como de costume, liguei o minigravador Sanyo que sempre levava comigo, seguindo a vontade do *jefe*. Não sei como nem por quê, mas antes mesmo do início da conversa o gravador escondido no bolso da minha camiseta subitamente fez “clique!”. Arias ouviu e educadamente pediu que Fidel me indicasse a saída. E eles ficaram sozinhos. No entanto, vi que havia uma outra porta, do outro lado da sala. Dei a volta pelo corredor na ponta dos pés e discretamente coloquei o gravador, escondido numa pasta, sobre uma mesa perto dessa segunda porta. E consegui gravar toda a conversa, apesar de a qualidade do som ter ficado muito ruim. Conto tudo isso para dizer que, longe de censurar meu zelo, Fidel sempre aprovava qualquer documento sonoro. Quando voltamos a Havana, pediu à Técnica que “limpasse” a faixa sonora para eliminar os ruídos ambientes e melhorar a qualidade geral da gravação.

*

No que concerne à instalação de microfones e câmeras nas casas, apartamentos, carros, gabinetes, fábricas e ruas de Cuba, esta era uma função do departamento técnico da polícia secreta, a Técnica — ou Segurança de Estado, ou G2. Ele não deve ser confundido com o Departamento Chequeo, que vigiava e seguia pessoas. Nós o chamávamos de Departamento K (de Kafka!) em razão de sua nomenclatura: a unidade KC verificava o correio postal; a unidade KT se ocupava do *chequeo telefónico* (escutas telefônicas e microfones instalados em quartos de hotel, gabinetes, carros, casas); a unidade KJ se encarregava do *chequeo visual* (perseguições e vigilância por vídeo). A essas se somava o KR, que geria o *chequeo radiofónico*, isto é, as escutas dos emissores-receptores de rádio, numerosos em Cuba, nos ministérios mas também em algumas casas de radioamadores.

Também posso revelar que câmeras de vigilância eram instaladas nas proximidades imediatas da fortaleza La Cabaña, o prédio colonial que dominava o velho porto, de onde agentes do KJ vigiavam permanentemente, com a ajuda de poderosas teleobjetivas, a circulação de pessoas na entrada da Seção de Interesses dos Estados Unidos, a três quilômetros dali, na avenida à beira-mar. De fato, desde a ruptura das relações diplomáticas em janeiro de 1961, Washington não dispunha mais de uma embaixada em Havana. Mas desde 1977 relações informais eram garantidas por uma Seção de Interesses.

Além disso, uma equipe do KJ operava de um prédio da Unidade 160 — o centro logístico da escolta, onde ficava a garagem das Mercedes, o cinema privado de Fidel, a casa onde ele recebia as amantes, as despensas de comida da nomenklatura etc. — que dava diretamente para o apartamento privado da residência do embaixador da Suíça, do outro lado da rua. Ou melhor: o simples “policial” a postos na entrada dessa residência era na verdade um oficial da contraespionagem que vigiava as entradas e saídas daquele endereço frequentado por muitos ocidentais.

Melhor que os estrangeiros tenham isso bem claro: em Cuba, ninguém escapa da vigilância da Segurança de Estado, o G2. Vários hotéis de Havana são dotados de quartos especialmente preparados pela Técnica, que ouve as conversas e filma a intimidade de “alvos” dignos de interesse, como empresários, políticos, professores universitários, profissionais da cultura, jornalistas,

personalidades das artes e das letras. Exemplos são o vigésimo andar do hotel Habana Libre, o 14º andar do hotel Riviera, o hotel Nacional ou ainda o hotel Cohiba. E outros mais… Quando o Estado cubano convida personalidades estrangeiras, como acontece com frequência, é fácil alojá-los num desses quartos especiais, depois filmar seus encontros com alguma prostituta chamada pelo G2. O regime dispõe então de uma poderosa ferramenta de chantagem, principalmente quando o parceiro sexual é menor de idade ou do mesmo sexo (mesmo quando o alvo é um homem casado).

*

Ignoro quantos espiões Cuba tem por metro quadrado, mas deve ser um número impressionante. Uma coisa é certa: a Segurança de Estado, ou G2 — a megaestrutura que repousa sobre três pilares: a espionagem, a contraespionagem e a Segurança Pessoal, à qual eu pertencia —, estende seus tentáculos como um polvo. Cada fábrica, cada instituição, todos os ministérios e escolas das menores aldeias têm infiltrados ou são controlados por agentes. Tanto na província quanto nos bairros das grandes cidades, sua missão fundamental consiste em coletar informações sobre o estado da opinião pública em zonas geográficas delimitadas, para depois sintetizá-las em relatórios transmitidos diariamente aos superiores. E tudo vai subindo de maneira piramidal até *el líder máximo*. Graças a esse esquadrinhamento, Fidel e Raúl são informados em menos de 24 horas sobre a menor crítica feita ao regime pela população.

Até mesmo os ministros e os generais são espionados e vigiados. No amplo terreno de Punto Cero, a morada havanesa de Fidel, há uma pequena casa dedicada às escutas das personalidades que moram na vizinhança imediata do líder máximo. Ora, essa parte da cidade é quase que exclusivamente habitada por membros da nomenklatura! Localizada no parque da propriedade privada de Fidel, mas afastada da construção principal, essa casinha tem o doce apelido de *casa de los misteriosos* (casa dos misteriosos). Eu conhecia havia tempos essa casa, mas só de reputação, pois os guarda-costas não tinham autorização para se aproximar dela. Um belo dia, porém, acabei confirmando — totalmente por acaso — que a função da *casa de los misteriosos* era de fato a que pensávamos, sem sombra de dúvida.

Foi por volta de 1990. Naquele dia, Fidel e nós, a escolta, tínhamos acabado de chegar ao *Palacio de la Revolución* para começar um dia de trabalho quando *el comandante* me enviou imediatamente a sua casa de Punto Cero para buscar um documento que tinha esquecido.

Passando na frente da casa da escolta, situada a cinquenta metros da casa de Fidel, pedi ao motorista que parasse alguns segundos, para recuperar um maço de cigarros que eu tinha deixado no dormitório. Ali, dei de cara com dois sujeitos mexendo nos telefones, mas entrei de rosto baixo, sem olhar para eles, fingindo estar concentrado demais para vê-los. Saí o mais rápido possível com meu maço de cigarros na mão. E como não havia nenhum veículo desconhecido no estacionamento, entendi que eram os caras da “casa dos misteriosos”, que tinham vindo a pé do outro lado da propriedade… Comentei essa descoberta com minha mulher e com três ou quatro colegas próximos, e depois nunca mais fiz alusão a ela. Ainda assim, descobri que Fidel mandara colocar sob escuta telefônica seus próprios guarda-costas, que lhe eram devotos de corpo e alma!

Mas também é verdade que com o passar do tempo Fidel generalizou as escutas a ponto de instalar

microfones em um bom número de “casas de protocolo” (mesmo na que era frequentada por seu amigo Hugo Chávez!) e de acompanhar as conversas dos ministros, conforme demonstrado pela dupla desgraça, em 2009, de Felipe Pérez Roque e Carlos Lage, que na época eram, respectivamente, ministro das Relações Exteriores e vice-presidente do Conselho dos Ministros.

*

Escutas são o bê-á-bá da espionagem. E numa ditadura, a espionagem — também chamada inteligência, ou informação — é crucial. Ao longo da História, Fidel fez dessa arte uma ciência, tamanha a experiência que acumulou. Durante os anos de guerrilha, ele montou o sistema de espionagem, pois na clandestinidade a informação era uma ferramenta fundamental para a sobrevivência. Chegando ao poder, beneficiou-se dos preciosos conselhos e da inestimável ajuda técnica da KGB soviética e da Stasi alemã. Em Cuba, o mestre-espião é Fidel. Ele tinha todas as qualidades necessárias: astúcia, audácia, senso de improvisação. No exterior, por exemplo, era ele e mais ninguém que definia os alvos prioritários, a saber: a administração americana de Washington, os funcionários das Nações Unidas em Nova York, os exilados cubanos na Flórida, sem esquecer os meios universitários onde eram recrutados os simpatizantes castristas suscetíveis a se tornar, anos depois, os espiões infiltrados na administração ianque. Pois uma coisa é fundamental: Fidel sempre se projeta para o futuro e pensa em termos de gerações. Ele pode esperar anos, ou décadas, para ativar um espião, o tempo necessário para que este adquira uma posição hierárquica suficientemente elevada na instituição que ele quer penetrar. Enfim, é ele em pessoa que “trata” com os agentes secretos mais importantes quando eles estão de passagem por Havana: ele se encontra com eles à noite, em “casas de protocolo” e conversa até tarde, noite tropical adentro.

Em 1980, tive uma pequena amostra de seu savoir-faire: era a época da “crise de Mariel”. Um esclarecimento histórico: em 2 de abril de 1980, cinco cubanos forçaram com um ônibus a entrada da embaixada do Peru para pedir asilo político, que obtiveram apesar dos protestos de Fidel Castro. Em represália, ele retirou a proteção política cubana da frente da embaixada. O resultado imediato de sua ação foi que 750 cubanos, e depois 10 mil, desejosos de deixar a ilha, invadiram o terreno da missão diplomática, acampando no local, recusando-se a ir embora. A ocupação se transformou em crise humanitária: superpovoada, a embaixada do Peru não tinha como garantir condições de higiene mínimas ou uma alimentação decente aos ocupantes. Cada centímetro quadrado, dentro e fora do prédio, estava ocupado por refugiados, a ponto de alguns terem se instalado nos galhos das árvores do jardim. Depois de três semanas de queda de braço e de negociações com Lima, mas também com Washington, não foram 10 mil, mas 100 mil cubanos que receberam autorização para se exilar nos Estados Unidos, ou seja, a maior onda de emigração da história do castrismo, de 1959 até os dias de hoje.

Acompanhei tudo de camarote. Vi, ao longo de três semanas, como Fidel conduziu tudo.

Para começar, desde o início da crise, como um verdadeiro líder de guerra, ele decidiu transferir seu gabinete para dentro do gabinete do diretor da contraespionagem na época, Fabián Escalante

Font, que ficava mais perto da embaixada peruana, ou seja, da ação. Desse posto de comando, imediatamente ordenou à Técnica que instalasse câmeras para que ele pudesse seguir ao vivo a situação no perímetro diplomático e nos arredores. Depois mandou duas ambulâncias estacionarem ao lado da embaixada e autorizou que os reclusos saíssem para receber cuidados. Um gesto humanitário para levar assistência às mulheres, aos homens e às crianças doentes? Na verdade, metade dos médicos das ambulâncias era de oficiais de informação usando roupas brancas, aproveitando as consultas para traçar o perfil dos que pediam asilo. Enquanto isso, eu, ao lado do comandante, registrava por escrito na *libreta* seus principais feitos e gestos.

Paralelamente, Fidel decidiu se infiltrar na embaixada peruana enviando ao local falsos candidatos ao exílio que na verdade eram agentes de informação. Estes simulavam algum mal-estar para ir "consultar" os pretensos médicos, que lhes passavam as últimas instruções de Fidel: enquanto as condições humanitárias se degradavam e a tensão política aumentava, *el jefe* ordenava que semeassem a discórdia entre os refugiados, provocando escândalos. Além disso, no momento em que a penúria alimentar se tornou crítica, Fidel mandou "generosamente" entregar caixas de mantimentos aos refugiados… mas em número apenas suficiente para que eles brigassem e se engalfinhassem pela comida. Assim, a televisão cubana pôde filmar com orgulho, por entre as grades, cenas de luta e tumulto, apresentando os refugiados como a escória da sociedade. E foi assim que Fidel Castro, mesclando astúcia, cinismo e espionagem, conseguiu, se não virar a situação a seu favor, ao menos limitar os danos.

Mas a história não para por aí. A negociação internacional ainda teve um epílogo: depois de três semanas, Fidel autorizou dezenas de milhares de cubanos a ir ao porto da cidade de Mariel (a oeste de Havana) para embarcar para a Flórida a bordo de navios vindos dos Estados Unidos. Cem mil pessoas ao todo. "O êxodo de Mariel" começava. Dizia-se que *el comandante* aproveitara para esvaziar as prisões e se livrar de milhares de presos perigosos enviando-os aos Estados Unidos. A mais pura verdade: ele os selecionava pessoalmente. Vi-o em ação. Estive presente quando lhe levavam as listas da administração penitenciária, com o nome dos detentos, o motivo da condenação e a data prevista para a soltura. Fidel lia e decidia num golpe de caneta: este, sim; aquele, não. O "sim" era para os assassinos e os delinquentes perigosos, o "não" era para os que tinham atentado de perto ou de longe contra a Revolução. No total, mais de 2 mil criminosos foram soltos… nas ruas de Miami.

Por fim, depois que os candidatos ao exílio foram autorizados a embarcar para os Estados Unidos, Fidel mobilizou uma multidão hostil no porto de Mariel para lhes reservar a partida mais humilhante possível. Incitados por policiais e agentes do G2 vestidos como civis, meus compatriotas os insultavam, a cusparadas e socos. Claro que achei injusto, mas o que podia fazer? Na hora, vi aquilo como uma simples medida defensiva, um meio legítimo de proteger a Revolução e seus nobres ideais diante dos "contrarrevolucionários" que a tinham agredido de maneira intencional, invadindo a embaixada do Peru. Eu era jovem e engolia sem reclamar todas as mentiras de Fidel…

*

Na época, eu tinha acabado de começar meus estudos de contraespionagem na escola superior do

MININT. No início, eles me ocuparam um dia por semana, de 1979 a 1985, depois, nos últimos meses da formação, todos os dias. Foi ali, nos bancos da escola (mas também junto ao mestre-espião Fidel), que assimilei todas as técnicas ensinadas aos agentes cubanos enviados em missão ao exterior. Mais tarde, essas técnicas, como as de seguir e despistar, me serviram muito, principalmente quando fugi de Cuba depois de cumprir minha pena na prisão, com a polícia ainda monitorando todos os meus gestos. O curso de psicologia, por exemplo, nunca deixou de me ser útil. Aprendíamos, entre outras coisas, os diferentes métodos de extrair informações de nossos interlocutores em conversas banais, acionando estímulos psicológicos como a bajulação ou a dúvida: valorizando as pessoas que sofriam de uma falta de reconhecimento da vida profissional ou, pelo contrário, pondo em dúvida as palavras das pessoas que tinham um ego hiperinflado (e que portanto eram levadas a enriquecer a conversa), era inegável que podíamos conseguir muitas coisas…

Entre meus colegas de aula figuravam futuros diplomatas. É preciso dizer que a espionagem cubana estendia seus tentáculos por todo o mundo. E, ao contrário do que acontecia em outros países, os diplomatas cubanos dominavam perfeitamente todas as técnicas de espionagem. Eles seguiam uma formação para isso. Antes de serem enviados em missão, encontravam-se inclusive com psicólogos que os informavam sobre seu próprio caráter, suas forças e fraquezas, para corrigirem alguns de seus traços psicológicos. Tratava-se de eliminar, neles, os gostos, as inclinações ou preferências que poderiam constituir fraquezas exploradas pelo inimigo e, ao mesmo tempo, reforçar sua motivação revolucionária com um discurso ideológico calibrado. Essa fase era chamada de “blindagem mental”. Resultado: de Paris ao México e de Berlim ao Cairo, toda embaixada cubana era um ninho de agentes. Mesmo o último dos funcionários, mesmo um simples recepcionista, tinha uma iniciação em contraespionagem — apesar de sua formação não ser tão completa quanto a do “chefe do posto”, isto é, o embaixador.

De tanto viajar com Fidel e colaborar estreitamente com nossos representantes no exterior, acabei aprendendo muitas coisas. Por exemplo: que o oficial cifrador[b] era o homem mais vigiado de cada embaixada, em razão de todas as informações de que dispunha. Obrigado a residir dentro do perímetro diplomático, ele não tinha autorização para andar sozinho na cidade, devia sempre estar acompanhado de um ou vários colegas. Isso tudo para evitar deserções, que seriam dramáticas para Cuba.

Uma das missões essenciais das embaixadas consistia em recrutar agentes estrangeiros, quer se tratassem de simples “agentes de influência” ou de verdadeiros espiões. Os primeiros em geral eram professores universitários, políticos, diplomatas, jornalistas, personalidades das artes e das letras, e mesmo donos de empresas, em suma, qualquer pessoa que gozasse de uma posição que lhe conferisse alguma influência sobre a sociedade e que a princípio visse com bons olhos a Revolução Cubana. Tratava-se, para Cuba, de encorajar tendências naturais nessas pessoas, a fim de fazer delas intermediárias de opiniões imperceptivelmente pró-castristas. Como Lênin teria dito, “idiotas úteis”. Os segundos, muito mais raros, eram os que trabalhavam conscientemente para os serviços cubanos depois de terem sido recrutados pela Direção de Inteligência.

As recepções diplomáticas, os acontecimentos culturais (shows, projeções de filmes) ou os encontros profissionais (no âmbito do turismo, por exemplo), bem como as reuniões de amantes de charuto, eram propícias para o recrutamento de agentes. A missão ficava a cargo de um oficial recrutador: existia um em cada embaixada cubana do mundo. Em geral ele era uma pessoa culta, sociável, muito agradável, capaz de falar de todos os assuntos e de se adaptar a todas as circunstâncias. Sua primeira tarefa consistia em ganhar a simpatia das pessoas e fazê-las falar, para determinar se apresentavam um perfil favorável a Cuba e se poderiam, assim, ser recrutadas. Cada recruta em potencial era objeto de um estudo psicológico: seus gostos, preferências, fraquezas, orientação sexual, grau de afinidade com a Revolução Cubana, queda pelo dinheiro, tudo era metodicamente registrado numa ficha. Esse era o ponto de partida obrigatório.

Todos os que têm familiaridade com o universo da informação sabem que existem quatro expedientes para recrutar agentes: o dinheiro, a ideologia, a chantagem, o ego. Fidel sempre privilegiou o segundo, partindo do princípio de que recrutar pessoas realmente motivadas e que compartilhem de sua ideologia anti-imperialista (isto é, antiamericana) é tanto o meio mais seguro a longo prazo quanto o menos oneroso. Os mais célebres agentes cubanos descobertos pela CIA eram todos desse tipo, como Ana Belén Montes, infiltrada no Pentágono, presa em 2001 (e condenada a 25 anos de prisão) ou Walter Kendall Myers, ex-oficial do Departamento de Estado preso em 2009 (e condenado à prisão perpétua). A sensação de lutar pela vitória da Revolução Cubana lhes bastava.

Às vezes, porém, de maneira pontual, os agentes eram recrutados por meio de chantagem. Foi o que aconteceu com um diplomata francês — um caso de que tomei conhecimento certa manhã preparando a correspondência de Fidel. Ainda não expliquei que, além da proteção física do comandante e da atualização da *libreta*, todas as manhãs eu devia pôr em ordem os relatórios de síntese enviados pelos diferentes ministérios e pelos serviços de informação. Certa manhã, então, no fim dos anos 1980, vi um relatório da contraespionagem sobre um diplomata francês com posto em Cuba, recrutado segundo o método da chantagem. O recrutamento de um agente estrangeiro era um acontecimento que não se via todos os dias e que era suficientemente interessante para despertar minha vontade de me demorar naquele caso. Na hora, não tive tempo de ler o relatório em detalhes, pois precisava preparar a pilha de documentos para apresentar a Fidel. Mas guardei seu nome. Depois, esqueci o caso… Entretanto, a história tem uma sequência, que aconteceu em Miami. Como todos sabem, dezenas de milhares de exilados moram na capital da Flórida. Entre eles, há um número significativo de antigos agentes dos serviços secretos cubanos, que, dado o meu pedigree, naturalmente se aproximaram de mim quando finalmente consegui fugir de Cuba, em 2008. Um deles, ex-oficial de informação, que tinha desertado para os Estados Unidos em 1995, me perguntou se eu nunca tinha ouvido falar de um certo X — nós o chamaremos assim —, diplomata francês recrutado no fim dos anos 1980 em Havana! Seu nome de imediato repercutiu em minha mente, levando-me a voltar no tempo quase vinte anos.

Alguns dias depois, o ex-oficial cubano leu para mim um trecho sobre o diplomata em questão, tirado do relatório de nove páginas que ele tinha escrito para o FBI americano após sua deserção.

Menciono aqui o essencial, pois revela muito sobre a maneira como trabalham os serviços secretos cubanos. Pois ao contrário do que se poderia acreditar, a espionagem castrista não mirava necessariamente nos “peixes grandes”; ela também se interessava pelos funcionários intermediários, de segundo escalão, mais suscetíveis a obter fragmentos de informação que a seguir se inscreveriam num conjunto mais amplo, como a peça de um quebra-cabeça. Enfim, esse caso exemplar mostra que, de maneira pontual, a espionagem cubana recorria ao método da chantagem, apesar de — repito — Fidel preferir o recrutamento por afinidade ideológica, mais confiável e duradouro.

Assim, tendo detectado que esse sr. X, diplomata, se dedicava ao contrabando de joias e de obras de arte, o Departamento II da contraespionagem[c] cubana traçou seu perfil psicológico e organizou uma operação para comprometê-lo, filmando-o no momento em que efetuava uma transação ilegal. A operação foi concluída com sucesso e o recrutamento foi declarado “positivo”. A seguir, pediram ao francês que fornecesse informações sobre o lado de dentro de sua representação diplomática, o sistema de alarme, as medidas de segurança etc., tornando possíveis visitas secretas ao local. Também pediram-lhe que fornecesse informações sobre a vida privada dos outros funcionários, consulares ou comerciais, a fim de completar nossos fichamentos e determinar se existiam outros diplomatas que apresentavam um perfil propício ao recrutamento.

Depois de um estudo avançado sobre a personalidade de X, os “psi” da contraespionagem estabeleceram que se tratava de um homem muito interessado em dinheiro. Decidiram assim que esse novo agente deveria ser autorizado a continuar seu negócio ilícito de obras de arte, mas com uma contrapartida. De acordo com as “instruções das mais altas instâncias do país”,[d] a contraespionagem exigiu do francês que ele “contribuísse pessoalmente” para que Cuba obtivesse financiamentos das instituições francesas encarregadas da cooperação e do desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo. Para isso, o francês devia, nos relatórios que enviasse ao Ministério de Relações Exteriores francês, apresentar a realidade política, econômica e social de Cuba de acordo com as indicações fornecidas pelos serviços secretos cubanos. X obedeceu e pôde continuar com suas atividades, sem saber, no início, que continuava sendo vigiado. Claro está que esse controle permitiu comprometê-lo ainda mais e pedir-lhe sempre mais informações.

Que eu saiba, esse senhor continua sendo diplomata do Ministério de Relações Exteriores de seu país.

---

a Filme de Florian Henckel von Donnersmarck, 2006, Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

b O oficial encarregado de criptografar as comunicações com Havana.

c Encarregado dos diplomatas estrangeiros com posto em Cuba.

d Leia-se: Fidel.

# 10
# A obsessão venezuelana

Os motores tinham sido desligados e ouvia-se apenas o marulho das ondas batendo no casco do *Aquarama II*. Sob o céu estrelado, o ar quente acariciava a pele e a lua cheia iluminava a paisagem. Já era tarde — talvez meia-noite. A bordo do iate de Fidel, a uma milha náutica de sua ilha privada, Cayo Piedra, ele e “Gabo” estavam fazendo uma memorável pescaria noturna. “Gabo” é Gabriel García Márquez, o escritor colombiano e Prêmio Nobel de Literatura, que Fidel, um ano mais velho, conhecia desde o início dos anos 1960, quando jornalistas latinos vindos de toda a América do Sul fundaram a agência de notícias cubana Prensa Latina. Correspondente dessa agência nos Estados Unidos por algum tempo, Gabriel García Márquez em seguida se distanciou do castrismo para se dedicar a sua vocação, a literatura, mas acabou voltando a Fidel nos anos 1970, fascinado pelo homem no poder e por seu discurso ancorado no nacionalismo continental, ou “panlatino”.

Um terceiro amigo também estava a bordo. Um convidado pessoal do comandante, um homem de negócios latino-americano cujo nome e nacionalidade não consigo lembrar.

A ideia de sair ao mar tinha sido de Fidel. Que alegria pescar à noite no Caribe, bebericando um uísque doze anos! Havia um único porém: com Fidel, uma inocente pescaria podia logo se transformar numa competição. Naquela noite, a sorte estava do lado do convidado. “Um!”, gritou sorridente o empresário sul-americano ao pegar seu primeiro peixe. “E dois! E agora três!”, continuou, triunfante, sem imaginar que o anfitrião poderia não gostar. E a litania continuou: “E quatro!”. E assim por diante… Duas horas depois, o convidado tinha no mínimo cinco peixes a mais no fundo de seu balde.

Com o canto do olho, eu observava *el comandante*, que parecia contrariado: fazia certo tempo que não abria a boca… Gabo começou a ficar cansado: bocejou. Naquela hora avançada da noite, o autor de *Cem anos de solidão* me puxou para um canto e sussurrou em meu ouvido: “Ei, diga a nosso camarada que pare com a pesca miraculosa, pois nesse ritmo nunca iremos para a cama…”. Gabo conhecia Fidel suficientemente bem para saber que ele era um mau perdedor tanto na pescaria e no basquete quanto em qualquer outra atividade competitiva. E que não entregaria as armas enquanto não tivesse pescado um peixe a mais que o convidado. Transmiti a mensagem a este último e, uma hora depois, Fidel, que recuperara o atraso, decretou: “Bom, acho que a pescaria foi boa. Agora está na hora de voltar!”.

A partir dos anos 1970, Gabriel García Márquez se dividiu entre o México, onde tinha uma casa, e Cuba, onde Fidel colocara a sua disposição uma "casa de protocolo" com piscina, Mercedes-Benz, motorista, cozinheiro e *tutti quanti*, na rua 46 do bairro Playa. Ao longo dos anos 1980, Gabriel García Márquez passou muito tempo em Cuba. Estava sempre com Fidel, seja visitando-o no *Palacio* ou recebendo-o em sua casa, e também quando o comandante em chefe e o Prêmio Nobel de 1982 partiam para um final de semana no paraíso insular de Cayo Piedra. Numa noite do ano de 1984, acho que por volta das dez horas, Fidel passou para ver Gabo em casa e, durante a conversa, *el comandante*, que pensava em política e fazia planos a todo minuto, sugeriu-lhe, um pouco de brincadeira, que ele se candidatasse à eleição presidencial colombiana, prevista para dali a dois anos.

— Ouça, Gabo, me parece que você poderia legitimamente apresentar sua candidatura à presidência da Colômbia… Você tem todas as chances, sabe… Seria um excelente candidato. Além disso, nós o apoiaríamos de Cuba com todos os meios a nossa disposição.

Lembro que, naquela hora, *Pepín*, o assistente de Fidel, me puxou de lado e disse, um pouco entretido e um pouco incrédulo:

— Você ouviu? O chefe está tentando convencê-lo a se tornar presidente… Vamos ver no que isso vai dar…

Não deu em nada, para falar a verdade, pois Gabo logo dispensou a ideia "luminosa" de Fidel. Ciente de não ter instintos eletivos, o escritor colombiano sempre preferiu, parece-me, gozar dos prazeres da vida, mantendo-se confortavelmente afastado da política, em vez de se lançar numa aventura incerta que não combinava com seu temperamento. Caso mudasse de ideia, é claro que Fidel o teria apoiado com todas as suas forças. E com toda a ciência política do *jefe*, não duvido que García Márquez, então no auge da glória, teria vencido a eleição em seu país. Depois disso, teria sido muito fácil para Fidel aconselhar, influenciar e manipular o amigo para fazer a Colômbia entrar definitivamente na órbita de Cuba, e isso da forma mais democrática possível.

A História foi diferente. Mas contei isso para mostrar a que ponto Fidel Castro, de criatividade desenfreada, era capaz de ir para redistribuir as cartas do grande jogo da política, a todo momento e por todos os meios existentes — seja pela subversão, pelas eleições, ou graças a um cavalo de troia como poderia ter sido Gabo.

*

Tendo fracassado em instrumentalizar o amigo Gabriel García Márquez, foi no país vizinho, a Venezuela, que *el comandante* conseguiu o que queria, mas muito mais tarde, adquirindo ascendência sobre o coronel Hugo Chávez, que, no fim da década seguinte, em 1999, chegou ao poder em Caracas.

A Venezuela sempre ocupou um lugar de destaque no pensamento geoestratégico de Fidel. *El comandante* sempre teve o petróleo venezuelano na mira, pois sabia desde o início que ele seria a chave para financiar seu sonho internacionalista e enfrentar os americanos. Não foi um acaso, portanto, que apenas três semanas depois do Triunfo da Revolução Cubana em Havana ele tenha viajado para a Venezuela, à qual reservou sua primeira viagem internacional, em 23 de janeiro de

1959. Esse deslocamento tinha uma dupla dimensão simbólica. Por um lado, devia-se ao fato de que Fidel reivindicava uma filiação com *el libertador* Simón Bolívar (1783-1830), herói da independência da Espanha que já sonhava em realizar a união de todos os países da América hispânica. Por outro lado, a identificação dos venezuelanos com o jovem Fidel Castro se devia a um passado similar: eles também tinham derrubado uma ditadura, a de Marcos Pérez Jiménez, um ano antes, em 23 de janeiro de 1958. Ou seja, Fidel e a delegação cubana, onde figurava sua companheira informal Celia Sánchez, foram recebidos como heróis por uma multidão de homens e mulheres, para os quais *el comandante* fez discursos de tom profético. Mesmo assim, Fidel Castro sofreu um revés. Tendo ido buscar a ajuda financeira do presidente venezuelano Rómulo Betancourt (1908-81), eleito pela segunda vez, deparou com uma negativa. Data dessa época o desentendimento entre os dois dirigentes. Depois do encontro, Betancourt teria dito a seguinte frase: “Não deparei com um homem; mas com um ciclone tropical”.

A viagem a Caracas chegou ao fim com um acontecimento de outra natureza, porém bastante significativo. Logo antes de embarcar no bimotor que levaria a delegação de volta a Havana, o chefe da escolta de Fidel, *el barbudo* Paco Cabrera, voltou para buscar uma arma que tinha esquecido. Foi então atingido por uma hélice, que partiu seu crânio e o jogou no chão em meio a um mar de sangue. Segundo alguns relatos, Fidel teria reagido sem compaixão à morte do guarda-costas que o acompanhava desde a Sierra Maestra, dizendo apenas “Que imbecil!”. Não sei se é verdade, porém uma coisa é certa: Fidel não tem muito reconhecimento pelas pessoas que dedicam suas vidas a protegê-lo. A maneira como me jogou na prisão é prova disso, mas há outros exemplos, como o de um colega, o capitão Armín Pompa Álvarez, falecido no início dos anos 1980 devido a uma doença fulminante — nunca se soube de fato qual —, depois de ter sido picado por mosquitos durante uma pesca a tartarugas organizada por Fidel perto de uma ilha cheia delas. *El comandante* compareceu ao enterro, no cemitério Colón de Havana, onde mandou entregar uma coroa de flores. Chegou mesmo a apresentar suas condolências à viúva inconsolável e à família do guarda-costas, demonstrando tal aflição que sua emoção parecia real e sincera. No entanto, assim que a cerimônia chegou ao fim ele foi passar bons momentos com a amante, a intérprete Juanita Vera, na casa de encontros da Unidade 160. O fato de *el jefe* querer fazer amor logo depois do enterro de alguém que lhe fora tão próximo e devoto ia muito além do nosso entendimento. Alguns dos membros da escolta não esconderam seu mal-estar. Um dos guarda-costas desabafou: “Pois é, aqui, a última coisa que devemos fazer é morrer. Quando você morre, é esquecido no minuto seguinte…”. De fato, três semanas depois da morte do capitão Armín, ninguém mais falava dele…

*

Voltando aos planos de Fidel para a Venezuela, precisamos lembrar que no início dos anos 1960 *el líder máximo*, não tendo obtido o apoio do presidente Rómulo Betancourt, começou a apoiar ativamente a guerrilha por meio de conselhos, treinamento militar em Cuba e entrega de armas clandestinas à Venezuela. Quando Betancourt, um social-democrata convicto, percebeu e conseguiu provas disso, deu início a uma queda de braço que resultou, em 1962, na expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), a instância que reúne todos os países das Américas do

Norte e do Sul. Fidel se viu isolado na cena diplomática. Mas nem por isso abandonou sua ideia fixa venezuelana.

Em 1974, fez amizade com o novo presidente Carlos Andrés Pérez, apelidado de CAP, que restabeleceu as relações com Cuba, apesar de manter laços amigáveis com Washington. Vice-presidente da Internacional Socialista, o chefe de Estado se opunha, como Fidel Castro, à ditadura de Somoza na Nicarágua. Fidel adquiriu um aliado de peso na região, que o apoiava nas Nações Unidas e em outros fóruns internacionais. Graças ao "choque petroleiro" e à disparada dos preços do ouro negro, o primeiro mandato de Carlos Andrés Pérez (1974-9) correspondeu a uma era de inédita prosperidade. É a época em que o país é chamado de "Venezuela saudita", e os venezuelanos de "damedos" ("*dame dos*", ou "dê-me dois"), devido ao poder de compra superior ao de todos os países da região.

Aureolado pelo primeiro mandato, CAP voltou ao poder para um segundo mandato entre 1989 e 1993. Fui eu, aliás, enquanto batedor (ou "precursor"), o encarregado de organizar a segurança da viagem de Fidel a Caracas para a cerimônia de posse, em 1989. Depois de alguns dias no hotel Caracas Hilton, o ministro do Interior José Abrantes sugeriu a Fidel que toda a delegação cubana fosse transferida para um outro hotel, o Eurobuilding, um pouco fora do centro, mas que acabara de abrir as portas e que era mais calmo. Um clima de balbúrdia de fato reinava no Hilton, onde estavam quase todos os presidentes: o saguão de entrada transbordava de jornalistas que saltavam sobre Fidel, de conselheiros presidenciais ocupando as poltronas e oficiais de segurança vindos de todos os países. Além disso, os elevadores estavam sempre lotados. Resultado: a segurança cubana, sem controle sobre a situação, não conseguia trabalhar com tranquilidade.

Fidel aceitou a proposta de Abrantes e me enviou à frente para resolver as questões práticas da transferência. Quando cheguei lá, porém, fiquei preso no elevador que meu chefe deveria usar duas horas depois. Pensei imediatamente num plano B: Fidel utilizaria o elevador de carga, que ficava perto. Testei-o, verifiquei seu estado e funcionamento com os técnicos, passei-o no pente-fino para detectar a eventual presença de explosivos e, por fim, coloquei um guarda cubano à porta, outro no andar de Fidel e um terceiro no subsolo. Nesse meio-tempo, *el comandante* entrou no saguão do hotel sem que eu tivesse tempo de avisar Abrantes ou o chefe da escolta sobre todas essas mudanças.

Dirigi-me então até Fidel e coloquei-me a sua frente para que parasse no meio do hall. Com um movimento do queixo e sem nenhuma palavra, indiquei que me seguisse até o elevador de carga, sob o olhar desaprovador de Abrantes, que se interpôs para me contradizer, mas sua atitude foi em vão. Com toda confiança, Fidel seguiu meus passos e, no elevador de carga, deparei com o olhar glacial de Abrantes e seu rosto desfigurado de contrariedade: não tolerou que minha opinião contasse mais que a sua. Quando chegamos ao andar, os dois homens se fecharam no quarto de Fidel e, cinco minutos depois, fui convocado e intimado a justificar minha iniciativa. Expliquei tudo de A a Z, e Fidel, sem dizer palavra, olhou para Abrantes sorrindo, como se dissesse: "Viu só, Sánchez é um profissional, ele sabe o que faz". O ministro do Interior não me dirigiu a palavra até voltarmos para Havana…

Chegando em Cuba, Fidel nos anunciou, alguns dias depois, que voltaríamos à Venezuela, mas dessa vez para uma viagem ultrassecreta a La Orchila, uma ilha de quarenta quilômetros quadrados situada em águas cristalinas, 160 quilômetros ao norte da capital. O lugar, paradisíaco, abrigava uma base militar e uma base aeronaval; o acesso era exclusivamente reservado aos presidentes venezuelanos, a seus familiares, amigos, ao pessoal militar e a algumas autoridades do governo.

De maneira atípica, viajamos a bordo de um único avião, o Iliouchine-62 presidencial, sem a companhia dos dois aviões de reserva que geralmente seguiam o de Fidel, para substituí-lo em caso de pane, mas também para despistar e não permitir que soubessem em que aeronave ele viajava. Chegando ao local, distribuímos os tradicionais presentes a nossos colegas venezuelanos: garrafas de rum e caixas de charuto. Em troca, eles nos ofereceram bonés de beisebol com a marca "La Orchila"… que o assistente de Fidel, José *Pepín* Naranjo, confiscou quase que imediatamente, pois devíamos, segundo ordens de Fidel, manter segredo absoluto em torno daquela viagem.

Seja como for, pouco depois, Fidel expôs a CAP a ideia "genial" que tinha em mente fazia algum tempo. Sempre obcecado pelo petróleo venezuelano, *el comandante* explicou como seria vantajoso a todos se a Venezuela fornecesse petróleo a Cuba em vez de à Europa Ocidental, enquanto a União Soviética entregasse os hidrocarbonetos à Europa Ocidental em vez de a Cuba. Assim, sem que nenhum fornecedor — nem a Venezuela nem a URSS — fosse lesado, os custos do transporte seriam reduzidos para todos os interessados, e a segurança energética de cada um deles seria mantida. Engenhosa e audaciosa, a ideia pareceu irrealista aos olhos de Carlos Andrés Pérez, que a dispensou. Mas o simples fato de ter germinado na mente de Fidel Castro confirma tanto seu vivo interesse pelo petróleo venezuelano quanto seu senso de antecipação, num momento em que, alguns meses antes da queda do muro, a URSS de Gorbatchóv se tornaria um fornecedor cada vez mais incerto. Também mostra a dimensão planetária de suas reflexões, como se ele se sentisse sem espaço na ilha caribenha.

No fim, ele precisou esperar mais dez anos, e a posse de Hugo Chávez (1954-2013), em 1999, para pôr as mãos numa parte do ouro negro venezuelano. Fidel realizou, com esse novo sócio, uma das alianças estratégicas mais sensacionais da história do castrismo: o eixo Caracas-Havana. Desde 2006, a Venezuela fornece a Cuba petróleo a um preço amigo, numa razão de 100 mil a 150 mil barris por dia, em troca do envio de médicos cubanos para as favelas, além de "conselheiros". Mais de quarenta anos depois da primeira viagem a Caracas, Fidel obteve, com seu discípulo Hugo Chávez, a ajuda que fora buscar sem sucesso com Rómulo Betancourt. Mas isso não foi tudo. Juntos, Castro e Chávez, graças ao gênio político de um e ao petróleo do outro, conseguiram relançar o internacionalismo — projeto do século XIX, inspirado em Simón Bolívar e no cubano José Martí (1853-95), grande teórico do anti-imperialismo que pregava a solidariedade internacional —, criando a Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), organização esquerdista que reunia essencialmente Bolívia, Equador e Nicarágua. Podemos com isso ter a medida de um dos traços mais marcantes do castrismo: a perseverança obsessiva de seu chefe.

Fidel Castro pode ter esperado quarenta anos para pôr a Venezuela no bolso, mas acabou

conseguindo.

# 11
# Fidel e os tiranos de opereta

Tínhamos sido todos avisados. E, no avião, voltamos a ouvir: cuidado! A instrução vinha dos agentes de informação cubanos: “Cuidado com o que vão dizer; os norte-coreanos instalam microfones em tudo, ouvem tudo, filmam tudo”. “Tudo” não significava apenas o gabinete do presidente, a sala do conselho dos ministros ou a casa de um diplomata caso houvesse a necessidade de uma investigação, como em Cuba. Tudo era *absolutamente* tudo: elevadores, corredores de hotéis, quartos, banheiros e até mesmo latrinas. Na primeira visita oficial — que foi também a última — de Fidel Castro à República Democrática Popular da Coreia, ou seja, à Coreia do Norte, eu estava curioso para verificar se a espionagem cubana dizia a verdade.

Nosso Iliouchine vindo de Moscou aterrissou e estacionou em frente ao tapete vermelho desenrolado na pista do aeroporto de Pyongyang. O ditador Kim Il-sung, com um quepe que lhe dava ares de pai bonachão, estava ao lado de seu filho e sucessor Kim Jong-il,* à espera do visitante. Fidel, com um *chapka* russo na cabeça, desceu a escada e deu um vigoroso abraço no “grande líder”, que era uma cabeça menor que ele; ao lado dos coreanos, sua estatura, seu *chapka* e seu longo sobretudo faziam com que parecesse um ogro siberiano. Era impossível não ver o tumor do tamanho de uma bola de beisebol na nuca de Kim Il-sung, que não se deixava operar por paranoia. Uma jovem se aproximou para oferecer um buquê de flores a Fidel. E quinhentos balões foram soltos nos ares. Houve ainda uma parada militar, com marchas a passo de ganso. Finalmente, os dois chefes de Estado embarcaram numa limusine preta e conversível que, escoltada por uma esquadra de trinta motoqueiros, rumou para a capital.

A recepção foi grandiosa. Nos quarenta quilômetros que separavam o aeroporto da capital, dezenas, ou melhor, centenas de milhares de coreanos formavam um corredor de honra, agitando bandeiras cubanas e coreanas. Retratos de Castro e de Kim apareciam a intervalos regulares, a cada cinquenta metros. A cada curva, em aparições furtivas, bailarinas vestidas de branco, amarelo ou azul-celeste agitavam leques, sombrinhas ou fitas, executando coreografias como autômatos sob o céu triste e cinza de Pyongyang.

Como meu veículo estava um quilômetro à frente do carro presidencial, pude ver como as autoridades conseguiam o perfeito alinhamento da população, que, hiperdisciplinada, se mantinha atrás das linhas brancas que havia de um lado a outro da rua. Nada se devia ao acaso: quem ultrapassasse a linha, mesmo que com a ponta do pé, recebia uma paulada aplicada por militares

impiedosos, posicionados a cada dez metros. Vi essa cena se repetir ao longo de todo o trajeto. Ela me fez pensar numa única coisa: no adestramento de cães. Outra coisa chamou minha atenção: todos os coreanos usavam a mesma roupa, como soldadinhos de chumbo. E as surpresas não paravam por aí: os cubanos a trabalho em nossa embaixada nos disseram que o primeiro dever de um coreano ao acordar era limpar o pedaço de rua que ficava à frente de sua casa. Também contaram das penúrias, que os obrigavam a ir de trem à Coreia do Sul para abastecer a embaixada com alimentos e provisões de todos os tipos.

*

O objetivo dessa viagem oficial de dois dias, de 8 a 10 de março de 1986, era simples. Para Fidel, tratava-se de retribuir a gentileza dos coreanos, que todo ano o convidavam à embaixada de Havana para festejar a proclamação de sua independência, obtida em 9 de setembro de 1948, e que nunca esqueciam de lhe oferecer algum presente no dia 13 de agosto, seu aniversário. Claro que também se tratava de nutrir os laços entre "países irmãos". Com esse fim, foi assinado um "tratado de amizade e cooperação" entre Cuba e a Coreia do Norte.

Tudo foi muito protocolar. Visitamos a cidade, onde nenhum outro veículo circulava além das viaturas policiais. Admiramos a estátua em bronze de vinte metros de altura dedicada ao dirigente coreano. Depois, Kim Il-sung mostrou orgulhoso a Fidel a maquete do projeto de uma barragem em construção numa província. Em três dias, *el líder máximo* foi condecorado três vezes: recebeu a Medalha de Ouro da República Democrática Popular da Coreia, a Ordem da Bandeira e a Medalha da Glória Combatente. Uma noite, no Grande Teatro de Pyongyang, assistimos a um balé que ninguém entendeu, a não ser Fidel, que tinha um tradutor. Mas como o culto à personalidade estava presente em tudo, é possível que a peça fosse uma homenagem a Kim Il-sung, que ao longo de toda a viagem me deu a impressão de ser um homem introvertido e temido. Ele não precisava dar ordens para ser obedecido: bastava um olhar e os assistentes se mobilizavam, rivalizando em obsequiosidade. No entanto, devido à barreira da língua, era impossível se comunicar com os colegas coreanos para saber mais sobre o país, os dirigentes, os costumes. De modo que tive a impressão de estar mergulhado num filme mudo e surrealista.

Quanto à onipresença dos microfones, mencionada por nossos serviços secretos, eu estava decidido a tirar aquilo a limpo. Assim, no dia seguinte a nossa chegada, peguei o elevador do hotel com um colega cubano e decidi dizer-lhe, mostrando a maior sinceridade: "Sabe de uma coisa? Eu gostaria de ler as obras de Kim Il-sung em espanhol. Devem ser muito interessantes. Em Cuba, infelizmente, são impossíveis de encontrar. Uma pena, não acha?". Um pouco mais tarde fomos ao jantar de gala oferecido em homenagem ao comandante. Na mesma noite, ao voltar: surpresa! Todos os membros da delegação cubana encontraram, em cima de suas camas, as obras completas de Kim Il-sung em espanhol. Os microfones do elevador estavam bem regulados…

Naquela noite, vi Fidel embriagado pela primeira e última vez na minha vida. O chefe da escolta tinha me pedido que montasse guarda na frente da suíte presidencial de Fidel, anunciando que em

dado momento Juanita visitaria *el comandante*. Como já mencionei, a coronel do serviço de informação cubana Juana Vera, ou "Juanita", não era apenas a intérprete de Fidel: também era sua amante. Pouco tempo depois, ela de fato foi bater à porta da suíte, onde passou duas ou três horas antes de voltar para o seu quarto. Mais tarde ainda, *el comandante*, que sempre dormia a uma hora bastante avançada da noite, entreabriu a porta. Imediatamente me levantei da cadeira em que estava para me inteirar de seu desejo. Ele, porém, colocando apenas a cabeça para fora, retirou-a de súbito num movimento de recuo e pavor.

— Sánchez — perguntou preocupado, como se estivéssemos num castelo mal-assombrado —, quem são essas duas pessoas na frente da porta?

Logo percebi que estava com a voz pastosa. Ao que tudo indicava, devia ter bebido vários decilitros do uísque Chivas Regal de sua mesa de cabeceira.

— Hã, comandante, não vejo ninguém…

— Claro que sim, ali! Quem são essas pessoas?

Entendi que Fidel estava falando do nosso reflexo no imenso espelho que cobria toda a parede do corredor, em frente à porta da suíte.

— Comandante, não é nada, apenas nosso reflexo no espelho.

— Ah, o.k., está bem… Não consigo dormir nesse maldito colchão, duro demais…

Devo dizer que, via de regra, Fidel levava nas viagens para o exterior a própria cama, grande e de madeira, que enviávamos de Havana para o local de destino, sempre tomando o cuidado de, depois de montada, colocar as pantufas do lado direito. Mas, por uma razão que esqueci, a cama tinha ficado em Cuba.

— Não se preocupe, comandante, vou tentar encontrar um colchão menos duro.

— Então vou com você — ele respondeu. E lá estava eu, partindo numa expedição noturna com Fidel, de pijama azul-celeste e em estado de embriaguez, em busca de uma cama nova… Como o mais simples era pegar o meu próprio colchão, fomos até o meu quarto e o carregamos nas costas. De volta ao corredor, surpreendi-me dando ordens para o comandante da Revolução: "Cuidado! Para a direita! Ai! Não, esquerda! E agora na vertical, para passarmos pela porta!". Se é verdade que os norte-coreanos filmam e gravam tudo, então há uma sequência antológica, digna de Charlie Chaplin, guardada em algum canto dos arquivos secretos de Pyongyang…

De volta ao quarto, Fidel me fez ficar a seu lado por uma hora para conversar (sabendo que numa "conversa" com ele, ele é o único a falar) e compartilhar suas impressões da viagem. "A disciplina dos coreanos é impressionante", ele disse, admirado, sem cogitar que a população era "adestrada" a golpes de cassetete. Teria ele percebido o sofrimento dos coreanos? É provável que não, pois Fidel, que é um ser extremamente autocentrado, não estava em condições de se colocar no lugar dos outros nem de "compreender" as emoções alheias. Em vez disso, mencionou a estátua gigante de Kim Il-sung, que tinha lhe causado forte impressão, assim como a todos os membros da delegação cubana. Além desse aspecto externo das coisas, não creio que Fidel tenha ficado particularmente admirado com o sistema coreano ou com Kim. Não fez nenhuma alusão, por exemplo, a seu modelo econômico,

do qual nada havia, de fato, a aprender. Era certo que *el comandante* estimava Kim Il-sung por seus feitos de armas e de resistência durante a ocupação japonesa nos anos 1930. Era certo que respeitava a maneira como ele chegara ao poder e, melhor que ninguém, sabia que o “grande líder” norte-coreano estava solidamente assentado sobre ele. Mas, conhecendo meu ex-patrão, estou convencido de que julgava insensato o delirante culto à personalidade praticado na Coreia do Norte. Existe um culto à personalidade de Fidel Castro em Cuba, ao contrário do que afirmam tolamente seus admiradores. Mas em proporções muito menores e sob formas mais sutis e discretas: não há estátuas e retratos gigantes nas ruas, apenas painéis com “pensamentos” do líder máximo na beira das estradas. Isso sem mencionar suas fotografias distribuídas por todas as casas, que permitem verificar o grau de engajamento e adesão aos ideais revolucionários. No fim das contas, Fidel tinha perfeita consciência de que dominava política e intelectualmente seu homólogo coreano, pois era evidente que, para além de suas fronteiras, ninguém seguia o impraticável Kim Il-sung. A influência de Fidel, pelo contrário, era extraordinária, não apenas na América Latina como no resto do mundo.

*

Mais tarde, em setembro daquele ano de 1986, meu caminho — ou melhor, o de Fidel — cruzou com o de outro ditador: Muammar al-Gaddafi. Estávamos em Harare, capital do Zimbábue, onde acontecia a VIII Cúpula do Movimento dos Não Alinhados. O clima do encontro era tenso, por causa de divisões no seio da organização, mas também pelo contexto regional altamente inflamável: a poucas centenas de quilômetros do Zimbábue — independente havia pouco (em 1980) —, a guerra civil devastava Angola, onde o governo marxista, apoiado por 30 mil soldados cubanos, repelia os ataques dos rebeldes pró-ocidentais sustentados pelo regime racista da África do Sul.

Eu tinha desembarcado em Harare três semanas antes de Fidel, acompanhado de toda a equipe de “precursores” e batedores encarregados de preparar a vinda do comandante. Dirigida pelo ministro do Interior José Abrantes, a *Avanzada* (a equipe avançada) contava com mais três guarda-costas, um médico da equipe pessoal de Fidel, um logístico (encarregado dos transportes), um especialista da Técnica e um membro do protocolo. Cabia a mim resolver todas as questões ligadas à segurança, encontrar alojamentos seguros, verificar os itinerários utilizados por Fidel e avaliar as eventuais falhas da organização prevista pelas autoridades do Zimbábue.

Ora, assim que coloquei os pés na capital ouvi um boato inquietante: um comando sul-africano estaria a caminho do Zimbábue para matar Fidel Castro.

A *Avanzada* imediatamente se pôs em “alerta vermelho”. O que significava, por exemplo, virar os MiG cubanos estacionados em Angola na direção de Harare durante todo o período da cúpula. Outra consequência imediata: Havana decidiu reforçar a escolta, que seria excepcionalmente equipada para a viagem de Fidel; além da habitual guarda imediata, de trinta guarda-costas, foram enviados reforços das “tropas especiais”, atiradores de elite e especialistas em explosivos, ao todo cem soldados a mais. A viagem a Harare ficou para os anais da escolta: nunca tantos militares foram mobilizados para uma viagem ao exterior.

Em Harare, a elegante capital que tinha sido uma das joias da colonização britânica na África, minha primeira decisão foi a de passar um pente-fino na nossa representação diplomática. E ali, no

gabinete do embaixador: bingo! Entre duas vigas, achei um microfone dissimulado no teto falso, que mandei serrar imediatamente e enviar para Havana para análises (mais tarde, percebi que o dispositivo tinha sido instalado ali por nossos próprios serviços, fosse para espionar o embaixador ou para verificar minha competência…). Assim, a ideia de colocar Fidel para dormir na embaixada logo foi deixada de lado, pois era arriscada demais.

Com a maleta de dinheiro que me fora confiada e que continha 250 mil dólares em espécie, parti em busca de uma hospedagem segura para *el comandante*. Encontrei um casarão térreo adequado — que serve, hoje, de residência para o embaixador cubano no Zimbábue. Comprei-o e mandei reformá-lo por completo, com operários enviados especialmente de Cuba, que consertaram o teto, pintaram as paredes, reforçaram o gradil e… cavaram um abrigo antiaéreo de dez metros de profundidade, caso os sul-africanos tivessem a má ideia de bombardear a casa do líder máximo. Seguindo as indicações do chefe da Técnica, também foram feitas obras de isolamento acústico, para que ninguém pudesse, de fora, espionar as conversas de Fidel com microfones-canhão capazes de atravessar as paredes. Isso não foi tudo. Comprei mais duas casas — posteriormente revendidas — na vizinhança, para hospedar o ministro do Interior José Abrantes e o diplomata Carlos Rafael Rodríguez. Além disso, nossos operários construíram, no pátio de uma dessas residências, dois alojamentos pré-fabricados para receber os militares, que seriam instalados em beliches. Por fim, o oficial da logística partiu em missão à Zâmbia para comprar os carros que nos faltavam: um Mercedes para Fidel e quatro Toyota modelo Cressida para a escolta. Orçamento total da operação para os cinco dias de estada do dirigente cubano: mais de 2 milhões de dólares.

Finalmente estávamos prontos para o início da VIII Cúpula do Movimento dos Não Alinhados, com a presença do zimbabuano Robert Mugabe, do iraniano Ali Khamenei, do indiano Rajiv Gandhi, do nicaraguense Daniel Ortega, do líbio Gaddafi e de dezenas de outros chefes de delegações africanas, árabes, asiáticas.

Primeira constatação: os responsáveis pelo protocolo do país sede não tinham organizado bem as coisas. Apesar de os chefes de Estado terem inicialmente recebido autorização para avançar até a entrada do hotel Sheraton com seus guarda-costas pessoais, estes eram bloqueados a cinquenta metros dali. O circo pegou fogo: iniciou-se uma briga entre os homens da segurança zimbabuana e as famosas “amazonas de Gaddafi”, a guarda exclusivamente feminina do líder líbio, que trouxera num avião especial uma limusine Lincoln blindada e verde (cor do Islã), uma tenda e dois camelos. Espetáculo surrealista e grotesco, pois as “amazonas” líbias tinham uma técnica de combate muito particular: giravam 360 graus e, graças à força centrífuga, finalizavam o giro com uma bofetada na cara dos adversários!

Outra surpresa: as vagas de estacionamento designada para o nosso cortejo automotor ficavam exatamente entre as delegações do Irã e do Iraque. Ora, os dois países estavam em guerra havia seis anos! Ou seja, quando os guarda-costas e os motoristas dos dois países se aproximavam uns dos outros, eles se insultavam e cuspiam no rosto uns dos outros. Precisamos usar todo o nosso tato para acalmar iranianos e árabes. Para isso, nos dividimos em dois grupos, a fim de fazer amizade com

ambos os lados, cuidando para trocar de posição a cada meio turno.

Uma das falhas da organização nos beneficiou: desde o início notamos que o hotel Sheraton, onde a conferência se desenrolava, estava desprovido de detector de metais. Aproveitamos para introduzir, numa flagrante violação do regulamento, uma pistola Browning 9 milímetros escondida numa maleta de documentos carregada pelo chefe da escolta de Fidel, único autorizado a acompanhar *el comandante* ao interior da sala das sessões plenárias. Ninguém nunca soube que Fidel Castro tinha uma arma de fogo ao alcance da mão. Ainda hoje acredito que aquela tenha sido uma boa ideia: afinal de contas, Indira Gandhi, a quem Fidel prestou homenagem em seu discurso, não tinha sido assassinada à queima-roupa dois anos antes?

O coronel Gaddafi, que, ao lado de Fidel, era a outra estrela do encontro, fez um discurso virulento e provocativo contra o planeta inteiro, inclusive contra o Movimento dos Não Alinhados, que acusou de hipócrita em virtude da moderação de suas tomadas de posição diante dos Estados Unidos. O beduíno incontrolável exigiu que todos o seguissem em sua cruzada contra Washington, cuja Aeronáutica havia bombardeado a Líbia cinco meses antes, em abril de 1986. Ele exigiu uma votação imediata, mas nenhum diplomata estava disposto a seguir as injunções de um irresponsável como ele. Então, o insensato Gaddafi, que de quebra também tinha criticado a URSS, bateu a porta, jurou nunca mais voltar e se retirou para a sua tenda beduína plantada em um belo jardim ensolarado.

Fidel, que tinha uma incontestável experiência política, sempre considerou o Movimento dos Não Alinhados com a maior seriedade, pois era, de fato, uma das principais tribunas de onde ele podia se dirigir ao resto do mundo. Consequentemente, para ele era decisivo preservar tanto sua unidade quanto sua credibilidade. *El comandante* decidiu assim ir visitar Gaddafi para tentar acalmá-lo e incitá-lo a voltar atrás em sua decisão, aceitando reintegrar as sessões plenárias. O coronel líbio nos fez entrar em seu jardim e, depois de saudar Fidel, postou-se na minha frente, a trinta centímetros de meu rosto, imóvel, e me desafiou com seu olhar demente por quinze longos segundos, como se quisesse me expulsar dali. Para mostrar a ele o que os cubanos tinham no meio das pernas, não me deixei intimidar e o encarei sem piscar, cerrando os dentes. Fixar alguém nos olhos sem piscar por quinze segundos sempre constitui uma provação. Mas diante de um fanático como aquele foi francamente interminável. Tive a impressão de que aquilo durou duas horas! Até que ele parou com a encenação, bem na hora em que eu estava prestes a desviar o meu olhar do seu.

Depois disso, Fidel entrou na tenda com seu intérprete de árabe e, no mesmo instante, vi passar um sujeito que se parecia muitíssimo com Gaddafi. Um sósia! Eu não conseguia acreditar… De fato também utilizávamos um duplo de Fidel Castro, mas era necessário maquiá-lo, e ainda assim… ele tinha que ser visto de longe. Ali, vi um autêntico sósia!

Fidel conversou por quarenta minutos, explicando ao "guia da Jamahiriya"** a que ponto sua presença era necessária para o bom desenrolar do encontro. No fim, o líbio aceitou voltar ao Sheraton, mas apenas para ouvir o discurso do colega cubano. Mais uma vez Fidel chegou a seus fins… Na mesma tarde, o coronel do deserto reapareceu para ouvir o cubano declarar: "Enquanto o apartheid for mantido na África do Sul, Cuba manterá suas tropas em Angola". Depois Gaddafi partiu

novamente em seu Lincoln com suas “amazonas” para reencontrar seus camelos e sua tenda. Ao vê-lo se afastar, pensei comigo mesmo que ele era o maior maluco que tinha visto na vida.

Fidel tampouco o tinha em grande estima. Creio que Gaddafi o decepcionou muito. Por algum tempo, *el comandante* chegou a pensar que o coronel líbio se tornaria um líder revolucionário capaz de levar consigo uma parte do mundo árabe. Mas logo percebeu que, apesar de seus enormes estoques financeiros, proporcionados pelo petróleo, o sujeito era incapaz de um discurso coerente. Para nós, Fidel dizia: “É um excêntrico; adora o exibicionismo”. Uma maneira educada de dizer que era completamente desequilibrado, impulsivo, imprevisível e inconsciente. O contrário do ditador Fidel Castro, em suma, a respeito de quem se pode dizer tudo, menos que seja intelectualmente medíocre como aqueles tiranos de opereta chamados Muammar al-Gaddafi e Kim Il-sung.

---

* Pai do atual dirigente Kim Jong-un.

** Em 1977, o coronel Gaddafi mudara o nome de seu país para Grande Jamahiriya Árabe Popular Socialista da Líbia.

# 12
# A fortuna do monarca

Fidel Castro é rico? Tem uma fortuna escondida? Dispõe de uma conta secreta num paraíso fiscal? Está cheio do ouro? Ouvi perguntas como essas inúmeras vezes. Em 2006, a revista americana *Forbes* tentou responder a elas publicando um artigo sobre as fortunas dos reis, rainhas e ditadores do planeta. A de Fidel aparecia entre as dez primeiras, ao lado da de Elisabeth II, do príncipe Albert de Mônaco e do ditador guinéu-equatoriano Teodoro Obiang. A cifra de 900 milhões de dólares foi sugerida a partir de uma extrapolação: a revista atribuiu a Fidel Castro uma parte da receita de empresas criadas e controladas pelo comandante (Corporación Cimex, El Centro de Convenciones e Medicuba), nas quais parentes e amigos geriam por ele o dinheiro. Baseando-se nos testemunhos de vários altos funcionários cubanos que tinham desertado, a revista afirmou que Fidel desviava e utilizava uma parte importante da riqueza nacional a seu bel-prazer. Não é mentira. E apesar de o método da *Forbes* ter sido aproximativo, o centro do argumento estava correto…

A publicação americana deixou furioso *el comandante*, que, alguns dias depois, respondeu às "calúnias infames". Ele afirmou não possuir nada além dos seus novecentos pesos de salário mensal, ou 25 euros. O que evidentemente era uma grande piada para quem conhecia, como eu, seu verdadeiro modo de vida cotidiano e para quem vira, ano após ano, os dirigentes das empresas estatais recebendo ordens e prestando contas ao líder máximo (que decidia tudo), seja diretamente, seja via seus dois assistentes, *Pepín* Naranjo, e *Chomy,* o secretário do Conselho de Estado (ou seja, seu secretário particular, pois Fidel presidia essa instituição).

Ninguém nunca terá condições de avaliar com precisão a fortuna do comandante. Para chegar mais perto da verdade, porém, é preciso entender a realidade cubana, partindo do fato de que Fidel Castro reina como um monarca absoluto numa ilha de 11 milhões de habitantes. Em Cuba, ele é a única pessoa que pode dispor de qualquer coisa, apropriar-se dela, vendê-la ou doá-la. Sozinho, com um golpe de caneta, pode autorizar a criação (ou o fechamento) de uma empresa estatal, na ilha ou no exterior. Reunidas em conglomerados, todas as sociedades nacionais são geridas como empresas privadas e postas sob o controle de três instituições principais: o Ministério das Forças Armadas Revolucionárias (MINFAR, dirigido por seu irmão Raúl até 2008), o Ministério do Interior (MININT, vigiado de perto por Fidel) e o Conselho de Estado (presidido por ele). É Fidel quem nomeia os responsáveis e os demite. Na prática, esse modo de funcionamento faz de Fidel o grande CEO da "holding Cuba", de organograma concebido por ele, aliás. Quantas vezes o vi, em seu gabinete,

transmitindo diretivas econômicas a *Pepín,* a *Chomy* ou a Abrantes, o ministro do Interior, a respeito da venda de tal ativo ou da criação de tal sociedade de fachada no Panamá (para contornar o embargo americano)!

Cuba é uma "coisa" de Fidel. Ele é seu dono, à maneira de um proprietário de terras do século XIX. Como se tivesse transformado e aumentado a *hacienda* de seu pai para fazer de Cuba uma única *hacienda* de 11 milhões de pessoas. Ele dispõe da mão de obra nacional do jeito que quer. Quando a universidade de medicina forma médicos, por exemplo, não é para que eles exerçam livremente a profissão. É para que se tornem "missionários" enviados às favelas da África, da Venezuela ou do Brasil, conforme a política internacionalista concebida, decidida e imposta pelo chefe de Estado. Ora, em missão no estrangeiro, esses bons samaritanos tocam apenas numa pequena fração do salário que o país que os acolhe deveria lhes pagar, pois sua parte mais importante é transferida para o governo cubano, que age na qualidade de prestador de serviços. Do mesmo modo, os hotéis estrangeiros, franceses, espanhóis ou italianos que contratam funcionários cubanos na ilha não pagam eles mesmos seus empregados, como acontece em qualquer sociedade livre: eles pagam os salários ao Estado cubano, que fatura essa mão de obra a um preço muito alto (e em moeda estrangeira) antes de repassar uma parte ínfima aos trabalhadores (em pesos cubanos, que não valem quase nada). Essa variante moderna da escravidão não deixa de lembrar o laço de dependência que existia nas plantations do século XIX, tendo em vista o senhor todo-poderoso. De resto, ela vai totalmente de encontro aos princípios da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que estipula textualmente que "todo trabalhador tem o direito de receber um salário sem a intervenção de um mediador".

Para isentar-se de todo controle, Fidel, que está acima das leis, criou há muito tempo — nos anos 1960 — a famosa *reserva del comandante*. Trata-se de uma conta particular constituída de fundos especiais retirados da atividade econômica nacional. Destinada ao uso exclusivo do comandante, ela escapa a qualquer inspeção. Fidel a utiliza de maneira discricionária. Quase sagrada, a reserva do comandante é *intocable*. É claro que Fidel diz que as necessidades da Revolução, ou seja, a ameaça de um ataque imperialista, impõem esse modo de gestão pouco ortodoxo. Na verdade, a reserva serve tanto aos interesses pessoais de Fidel Castro quanto à ação pública. Ela é o dinheiro vivo que lhe permite viver como um príncipe sem nunca pensar em seus gastos. E também é ela que o autoriza a se comportar como um grande senhor quando se desloca pela província, sobre "suas" terras, atravessando "sua" ilha. Fidel pode, de fato, tirar a qualquer momento dinheiro do próprio bolso para construir um centro de saúde, uma escola, uma estrada, ou fornecer carros a tal municipalidade (pois a reserva também compreende uma frota automotora) sem passar por um ministério ou uma administração. Basta que o benfeitor se vire para o seu assistente e lhe indique uma quantia para que este ou aquele projeto se torne realidade… e para que Fidel vire imediatamente um fazedor de milagres. Ou seja, um populista.

Contudo, sua relação com o dinheiro não é da mesma natureza que a dos novos-ricos, como o italiano Silvio Berlusconi ou o antigo presidente argentino Carlos Menem, tão atraídos pelo luxo, pelo consumo e por prazeres imediatos. É claro que o austero Fidel não negligencia o próprio

conforto. É claro que *el líder máximo* é dono (secretamente) de um iate de quase trinta metros. Mas ele não sente a necessidade de substituí-lo por um modelo da moda, mais moderno, mais vistoso. Para ele, a riqueza é acima de tudo um instrumento de poder, de sobrevivência política, de proteção pessoal. Assim, conhecendo seu caráter precavido e sua mentalidade de velho camponês espanhol, é impensável que ele não tenha tomado providências para proteger sua retaguarda — como fazem todos os ditadores —, caso um dia ele e a família sejam obrigados a fugir de Cuba para o exterior, por exemplo para a Galícia (Espanha), terra natal de seu pai. Um dia, aliás, Dalia, sua mulher, casualmente me disse: "*No te preocupes, Sánchez, el futuro de la familia está asegurado*".

Considerada um instrumento da Revolução, *la reserva* não é vista, no topo do poder, como um tabu. Ela é mencionada normalmente, sem perífrases, na frente de Fidel ou por ele mesmo. Não é um segredo de Estado. O segredo, em contrapartida, é o montante da reserva. Desde que existe, isto é, desde os anos 1960, ela é constantemente abastecida, à medida que *el comandante* recorre a ela. Quando Cuba dependia das subvenções provenientes da URSS, era comum ouvir Fidel dizer a *Chomy,* seu secretário particular, que tirasse dessas subvenções uma quantia de X milhões de dólares (pois a unidade monetária de Fidel é o dólar) para colocá-la na reserva. Do mesmo modo, *el líder máximo* podia dispor do petróleo soviético como bem queria: dar uma parte à Nicarágua ou vender outra ao mercado negro para gerar liquidez. Com o ouro negro venezuelano cedido por Hugo Chávez a Cuba por um preço amigável, tenho certeza de que esse modo de gestão discricionária se manteve.

Diversas fontes alimentavam esse fundo especial, a começar pelas empresas sob a tutela do Conselho de Estado (dirigido por Fidel), como havia sido indicado pela revista americana *Forbes* em 2006. Entre elas: a Corporación Cimex (bancos, construção civil, locação de carros etc.), Cubalese (empresa dissolvida em 2009 que fornecia às embaixadas e empresas estrangeiras serviços como a "locação" de mão de obra cubana ou hospedagens) e ainda o *Palacio de Convenciones*, criado em 1979 para receber a VI Cúpula do Movimento dos Não Alinhados, dirigido pelo fiel Abraham Maciques. Certo dia em que recebia Fidel na frente desse centro de convenções, em meados dos anos 1980, vi Maciques entregar a ele uma mochila com 1 milhão de dólares em dinheiro vivo. Como sempre, o assistente *Pepín* Naranjo foi o encarregado de levar e depositar o pé-de-meia na reserva. Outra vez, também em meados dos anos 1980, foi o ministro do Interior José Abrantes quem entrou no gabinete de Fidel com uma mala cheia de notas, pronunciando a expressão consagrada: "Comandante, para a Revolução!". Fidel respondeu apenas "Muito bem" e voltou-se para *Pepín* para dizer-lhe que colocasse tudo na reserva.

Sei que o diretor do Banco Nacional, Héctor Rodríguez Llompart, era o "conselheiro financeiro" de Fidel, mas ignoro os circuitos financeiros e a existência de contas no exterior (acredito que era o caso). Uma coisa é certa, porém: Fidel nunca ficou sem dinheiro líquido. Pude constatar isso em Harare (Zimbábue), por exemplo, quando me confiaram uma pasta com 250 mil dólares em dinheiro vivo para preparar a vinda do chefe de Estado cubano.

Entre os episódios mais bizarros que testemunhei, destaca-se o seguinte: uma vez, ouvi Fidel dizer

a *Pepín* e *Chomy* que uma parte dos fundos da reserva serviria para emprestar dinheiro ao Banco Nacional dirigido por Llompart. Ora, os dois, Llompart e Fidel, fixaram a taxa de juros desse empréstimo em 10%. Em outras palavras, *el comandante* emprestaria um dinheiro que não pertencia ao país que governava, por meio do banco cuja taxa de juros ele mesmo fixava, e embolsaria com isso um lucro de 10%!

Para alimentar a reserva, Fidel lançava mão de todos os recursos. Dependendo do caso, podia se comportar como um pequeno empresário. Assim, utilizava a frota de La Caleta del Rosario, sua marina privada, onde, além do iate *Aquarama II* e outras embarcações menores, tinha dois barcos de pesca chamados *Purrial de Vicana I* e *II*, com um capitão chamado Emilio. Depois de saírem ao mar, os peixes pescados eram enviados para as unidades de congelamento do porto de Havana e para a Unidade 160 (a plataforma logística da escolta de Fidel). O produto dessa pesca não era destinado ao consumo da família Castro, que não come peixe congelado: era vendido num dos mais importantes mercados de mantimentos de Havana, o Super Mercado, situado na esquina da Terceira Avenida com a rua 70, no bairro Miramar.

De grão em grão a galinha enche o papo: uma unidade de produção de perus e uma fazenda de criação de ovelhas eram utilizadas para os mesmos fins: aumentar *la reserva*. Podemos acrescentar a tudo isso os negócios realizados em Luanda durante a Guerra Civil Angolana, no *candonga*, o famoso mercado negro angolano onde os cubanos foram muito ativos por quinze anos. Eles também alimentavam a reserva do comandante.

*

Quando o artigo da *Forbes* foi publicado, o historiador Eusebio Leal, muito próximo de Fidel, entrou em cena para defender a reputação do comandante. Como prova do desinteresse do líder máximo, revelou que nos anos 1990 Fidel o havia encarregado de distribuir a museus e centros culturais 11 687 presentes recebidos por ele, entre quadros, joias, objetos de marfim e tapetes valiosos provenientes de 133 países. Talvez seja verdade. Mas isso não prova nada. Pois eu mesmo vi diamantes contrabandeados no gabinete de Fidel. Originários de Angola, tinham sido enviados por Patricio de la Guardia e Arnaldo Ochoa, respectivamente chefe da missão do MININT e chefe da missão militar cubana no país africano em guerra. Eram diamantes pequenos, dentro de uma caixa de charutos Cohiba. *Chomy*, o secretário, e *Pepín*, o assistente, passavam-na de mão em mão na frente de Fidel, seu médico pessoal Eugenio Selman e eu. Ainda guardo aquele diálogo na memória.

— Bom, *Pepín*, você sabe o que fazer com eles. Venda no mercado internacional…

— Sim, comandante — respondeu o assistente, que de repente virara um perito em gemologia. — Mas o senhor sabe que o valor dessas pedras não deve ser muito alto, pois são pequenas… Bom, devem valer alguma coisa, para bijuterias e joalherias o tamanho será apreciado.

No que tange aos negócios, Fidel às vezes parecia ter a mentalidade de um pirata do Caribe. Viver fora da lei, navegar na informalidade e praticar contrabando não lhe causava nenhum problema, pois

as circunstâncias assim exigiam e sua posição de resistente diante do embargo americano autorizava qualquer coisa. Aliás, ao contrário do que afirmava, ele sempre esteve a par de todas as atividades ilícitas (inclusive do tráfico de drogas nos anos 1980) concebidas e levadas a cabo por Patricio de la Guardia e Arnaldo Ochoa, que, dentro do Departamento MC (Moeda Convertível),* tentavam encontrar divisas por qualquer meio para sustentar a Revolução sem ajuda externa. Da mesma forma, Fidel tinha conhecimento das atividades paralelas do ministro do Interior José Abrantes, que fabricava jeans Levi's falsificados em fábricas clandestinas (onde prisioneiros cubanos trabalhavam) e que traficava Chivas Regal adulterado para comercializá-los no mercado negro do Panamá. E isso sempre com o mesmo intuito: irrigar a "reserva do comandante em chefe".

Fiquei sabendo de todas essas operações comerciais porque Fidel e seu círculo as mencionaram na minha frente por dezessete anos a fio, e porque *Pepín* e *Chomy*, com quem eu trabalhava no cotidiano, regularmente prestavam contas ao comandante em chefe sobre esse tipo de assunto, sem temer minha presença, pois, de fato, eu pertencia então ao círculo mais íntimo do *jefe*.

Seja como for, o mais belo "golpe" de Fidel talvez tenha sido ordenar, em 1980, a reativação temporária da mina de ouro de La Dolita, situada na Ilha da Juventude, a grande ilha com formato de panqueca localizada ao sul da costa cubana. Depois de terem esgotado seu filão, os espanhóis a tinham definitivamente fechado, na época colonial. Mas quando ficou sabendo que o curso mundial do ouro vivia um boom, Fidel decidiu verificar se porventura os instrumentos modernos não permitiriam extrair de La Dolita um pouco de minério residual que tivesse sido negligenciado. Sua intuição era excelente: entre sessenta e setenta quilos de ouro foram recolhidos e transformados em barras. Vi-as com meus próprios olhos quando foram levadas ao *Palacio* para serem mostradas a Fidel. *Pepín* me pediu para ajudá-lo a colocá-las num carrinho de mão, e foi assim que pude avaliar seu peso: um único homem não era capaz de levantar todo aquele metal de uma só vez. Não me dei ao trabalho de lhe perguntar para que serviria aquele butim, nem qual seria o seu destino: eu já sabia a resposta…

*

Dada a impossibilidade de avaliarmos a fortuna de Fidel Castro, podemos ao menos tentar estimar seu patrimônio. Num país onde não existe mercado imobiliário, é difícil dar um preço à imensa propriedade de Punto Cero (com sua piscina, seu jardim arborizado e suas terras) ou à ilha paradisíaca de Cayo Piedra. Esses bens excepcionais não deixam de possuir um valor intrínseco, que seria fácil comparar a seus equivalentes no mercado de luxo, muito valorizados no mar das Antilhas, nas Bahamas, em Granada ou Antígua. Portanto, a ilha privada de Cayo Piedra pode ser avaliada, por baixo, entre 2 milhões e 10 milhões de dólares.

Mas o patrimônio de Fidel não se limita a essas duas casas principais. É preciso somar a elas dezenas de outras residências. Numa avaliação rigorosa, objetiva e minimalista, limito-me às vinte casas que servem para uso exclusivo do comandante, as que conheço por tê-las visitado pessoalmente e por tê-las visto com meus próprios olhos, sem levar em conta outras moradias que poderiam mais parecer alojamentos de serviço.

Passemos por esse portfólio imobiliário, região por região, de oeste a leste da ilha. Na província

de Pinar del Río, no extremo oeste de Cuba, ele tem três bens: a casa Del Americano (com piscina descoberta), a fazenda de La Tranquilidad na localidade de Mil Cumbres (pouquíssimo frequentada por Fidel; só estive lá duas vezes) e La Deseada, um chalé de caça que conheci bem, situado na zona pantanosa onde ele caçava patos no inverno.

Em Havana, *el comandante* — além da casa de Punto Cero — tem seis residências: a casa de Cojímar, que foi sua primeira morada depois do Triunfo da Revolução, em 1959; a da rua 160, no bairro de Playa, que é bastante luxuosa; uma terceira casa, reservada aos encontros amorosos: a residência de Carbonel, localizada dentro da Unidade 160; uma adorável casinha em Santa Maria del Mar, em estilo anos 1950, de frente para o mar e ao lado do hotel Trópico (na municipalidade de Havana do Leste); e por fim as duas moradias dotadas de abrigos antiaéreos para a família Castro, em caso de guerra: a casa de Punta Brava (onde Dalia viveu em 1961, antes de morar com Fidel) e a Casa Del Gallego, bem perto da Unidade 160.

Na província de Matanzas, ele tem duas casas de veraneio nos litorais norte e sul: ao norte, uma residência no coração da estação turística de Varadero, muito estimada pelos filhos que teve com Dalia, pois ela fica de frente para a praia; e, ao sul, La Caleta del Rosario (na Baía dos Porcos), onde uma marina serve de porto de matrícula ao iate *Aquarama II* e ao resto da flotilha privada do comandante. Mais a leste, na província de Ciego de Avila, outra casa dá para a areia fina: a de Isla de Turiguano, perto do ponto turístico Cayo Coco, apreciado pelos mergulhadores do mundo inteiro, na costa setentrional de Cuba.

Na província de Camagüey, mais a leste, encontramos a pequena *hacienda* de San Galletano, que, apesar de Fidel não montar a cavalo, tem um picadeiro ao ar livre (chamado de "carreira" no mundo da equitação). Outra casa, chamada Tabayito, também em Camagüey, fica protegida dentro de um complexo que abriga outras residências reservadas aos membros da nomenklatura. Por fim, conheço outra propriedade chamada Guardalavaca, na província de Holguín, e duas casas em Santiago de Cuba, a grande cidade do leste da ilha: uma na rua Manduley (com dois andares e uma pista de boliche) e outra, com piscina, dentro de um complexo que pertence ao Ministério do Interior.

Nem o presidente dos Estados Unidos deve dispor de um patrimônio imobiliário tão abundante. Seja qual for a verdade, Fidel jura, olhos nos olhos, e quer que acreditemos: ganha apenas novecentos pesos por mês…

---

* Ver o capítulo 15.

# 13
# A um passo da morte

O primeiro alerta veio em 1983. Fidel teve um grave problema de saúde, que voltou a se manifestar em 1992. De modo que, quando adoeceu de verdade, em 2006, e foi obrigado a ceder as rédeas do poder a Raúl, fui uma das únicas pessoas no mundo — além de seus médicos cubanos e de seu círculo imediato — a fazer um paralelo com seus antecedentes médicos.

Em março de 1983, portanto, cerca de um mês depois de nossa volta de Nova Delhi, na Índia, onde Fidel havia participado da VII Cúpula do Movimento dos Não Alinhados, a vida seguia seu curso normal: *el comandante* comparecia todos os dias ao gabinete para os despachos cotidianos. O mês de abril começara inclusive com um acontecimento feliz (apesar de secreto) cuja existência só fui descobrir anos mais tarde: o nascimento de Abel, filho ilegítimo de Fidel com Juanita Vera, sua intérprete. Esse bebê é hoje um trintão do tipo *latin lover*, ao menos a julgar pelas fotos que amigos bem informados recentemente me passaram.

Certa noite, duas semanas depois, exatamente no dia 20 de abril, acompanhamos Fidel à casa de Punto Cero, depois da meia-noite. Como sempre, Dalia estava na porta para beijá-lo e receber de suas mãos a Kalashnikov, para então colocá-la no quarto do primeiro andar. Depois disso, *el comandante* se retirou para os seus aposentos e nós, da escolta, voltamos para nossa morada, isto é, para o dormitório que ficava a cinquenta metros da casa principal.

Por volta das duas horas da manhã, soou a campainha que nos avisava das saídas de Fidel. Pulamos de nossas camas e seguimos correndo em direção aos carros, convencidos de que alguma reunião urgente, algum acontecimento internacional ou algum encontro secreto o obrigava a voltar para a cidade. E, de fato, o chefe da escolta Domingo Mainet nos informou que voltaríamos ao *Palacio*: dez minutos depois, nosso comboio de três Mercedes cortava a noite da capital adormecida.

Quando chegamos ao estacionamento do Palácio, no subsolo, e Fidel desceu do carro, logo notei uma coisa fora do comum: sob a farda, ele usava a camisa do pijama azul! Além disso, assim que se virou para se dirigir ao elevador, vi uma mancha em seu traseiro. Na hora, pensei que devia ter sentado em alguma coisa molhada. Dentro do elevador, porém, percebi ainda sua tez lívida. Concluí que sofria de algum problema digestivo, sem imaginar que a situação poderia ser muito mais preocupante. Ali dentro, Domingo Mainet não apertou o botão do terceiro andar (o do gabinete): subimos direto ao quarto andar, onde ficava a clínica particular de Fidel.

Era um hospital em miniatura, que contava com apenas três aposentos: o de Fidel, com banheiro e terraço com vista para Havana, um segundo, para os guarda-costas (especialmente os dois "doadores de sangue", que sempre dormiam no local para o caso de uma hospitalização do *jefe*) e um terceiro, para a equipe médica de plantão. Essa clínica secreta também dispunha de uma sala de radiografia, de uma farmácia, de um laboratório de análises clínicas e de todos os equipamentos médicos modernos que se pode imaginar — dentre os quais um caríssimo tomógrafo Somaton da marca alemã Siemens. Havia também um consultório dentário, onde o prof. Salvador, seu dentista, colocara todos os implantes do comandante no fim dos anos 1980, substituindo sua dentadura original. Uma sala de ginástica para os exercícios de recuperação física, uma cozinha e uma sala de jantar completavam o quadro. Tudo isso para uso exclusivo de uma pessoa: Fidel. Pois ao contrário dos outros dirigentes da Revolução, *el jefe* não frequentava o *Centro de Investigaciones Médico Quirúrgicas*, ou CIMEQ, que no entanto era o orgulho da medicina cubana: ele dispunha de sua própria infraestrutura.

Naquela noite, quando chegamos ao quarto andar do *Palacio,* a equipe médica de Fidel, completa, já estava no local. Estavam presentes o cirurgião Eugenio Selman, seu médico pessoal, o dr. Raúl Dorticós, um dos médicos cubanos mais eminentes, de reputação internacional, o dr. Ariel, anestesista, e o dr. Cabrera, responsável pela preservação das bolsas de sangue de Fidel e pelas transfusões. Além de Wilder Fernández, o enfermeiro pessoal, e duas enfermeiras. *El comandante* foi imediatamente colocado sob a guarda desse areópago de especialistas. Na manhã seguinte, quando estes últimos saíram ao corredor para conferenciar, descobri, ao longo da conversa, que o ilustre paciente sofria de uma úlcera cancerosa no intestino. Ignoro que tipo de tratamento lhe foi administrado, mas sei, em contrapartida, que Fidel ficou naquela clínica por onze dias. E que, a seguir, sua convalescença se prolongou por três meses, na residência havanesa de Punto Cero. Assim, de 20 de abril a 17 de julho, Fidel Castro não apareceu em público e não pronunciou um único discurso.

Na ocasião, foi utilizado pela primeira vez o estratagema de desinformação que consistia em levar para passear pelas ruas de Havana o "sósia" de Fidel Castro no banco de trás do Mercedes presidencial, a fim de cortar pela raiz qualquer boato sobre a ausência do comandante. De tempos em tempos, o barbeiro pessoal de Fidel maquiava e caracterizava Silvino Álvarez, o "duplo" do comandante em chefe, colocando-lhe uma barba postiça. Saíamos em comboio do Palácio da Revolução e passávamos ostensivamente na frente das embaixadas ocidentais. A intervalos regulares, quando cruzávamos um grupo de pessoas na rua, o falso Fidel, sentado no lugar do verdadeiro, do lado direito do banco de trás, abaixava o vidro e saudava as pessoas de longe. Durante os meses de convalescença, a escolta como um todo manteve a mesma rotina: todos os dias fazíamos o trajeto casa-gabinete de Fidel, a fim de que nada parecesse anormal. Ninguém percebeu nada. Para todo mundo, Fidel estava em Havana, mergulhado no trabalho de "pai da nação".

Foi a partir dessa primeira crise que uma atenção especial passou a ser dada à alimentação do comandante. Seus médicos lhe prescreveram um rigoroso regime alimentar à base de carnes brancas e legumes frescos; estufas agrícolas foram construídas no jardim da casa de Punto Cero, e ele quase

nunca mais comeu carne vermelha. *El comandante* também adquiriu o hábito de consumir, todos os dias, às quatro horas da tarde em ponto, um suco de laranja gelado, sistematicamente servido 365 dias por ano, onde quer que estivesse. No entanto, nenhuma proibição ao álcool foi feita. E Fidel continuou bebendo regularmente seu uísque, mas em quantidades menores. Tudo isso, somado a sua abstinência de charutos (ele parara de fumar em 1980), permitiu-lhe recuperar a saúde. Fidel finalmente reapareceu em público no dia 17 de julho, na ocasião de um discurso pronunciado no jardim botânico do parque Lênin de Havana, para o Dia da Infância. Tudo voltou ao normal, mas confesso que, desde então, passei a olhar Fidel de modo diferente. Às vezes, chegava a me surpreender, um pouco envergonhado, verificando seu traseiro.

*

A segunda crise se deu nove anos mais tarde, em 1992, depois da memorável viagem de Fidel Castro à Espanha. Naquele ano, *el líder máximo* tinha vários bons motivos para ir à terra de seus ancestrais: participar da Conferência Ibero-Americana em Madri, nos dias 23 e 24 de julho, assistir à abertura dos Jogos Olímpicos em Barcelona no dia 25, celebrar a festa nacional cubana em Sevilha no dia 26, visitar a Exposição Universal na mesma cidade, no dia 27, e, finalmente, fazer uma peregrinação a Láncara, a aldeia natal de seu pai, na Galícia, a uns cem quilômetros de Santiago de Compostela. Lembro que a visita de Fidel foi saudada por um artigo mordaz no grande jornal espanhol *El País*, que ironizava o dispositivo de segurança do comandante da Revolução, exageradamente numeroso. O autor descrevia "cinquenta homens armados desembarcando no aeroporto de Barajas, numa hora mantida em sigilo até o último minuto, a bordo de dois aviões Iliouchine nas cores da Cubana de Aviación, sendo um deles usado para despistar".

Eu tinha chegado à capital espanhola alguns dias antes, à frente da equipe dos "precursores". No hotel Ritz, um dos mais belos de Madri, aproveitei para me aproximar do diretor, oferecendo-lhe três garrafas de rum Havana Club e uma caixa de Lanceros nº 1, os charutos da marca Cohiba tão apreciados pelo "Che": esse tipo de atenção era sempre útil mais tarde, caso precisássemos pedir um favor ou algum serviço para aperfeiçoar a segurança do chefe de Estado. Também mandei instalar a cama pessoal de Fidel, trazida desmontada de Havana. E inspecionei o quarto: pela segunda ocasião em minha carreira, depois da vez do teto falso em nossa embaixada no Zimbábue, encontrei um microfone escondido no marco de uma janela da suíte presidencial. Nunca soubemos quem o implantou lá. Por fim, mandei abrir uma passagem secreta pelo closet para colocar a suíte de Fidel em comunicação com o quarto da intérprete, "a coronel Juanita", cujo filho com o chefe estava então com nove anos.

Pouco depois da aterrissagem dos dois Iliouchine e do *check-in* no hotel Ritz, ficamos sabendo que Orestes Lorenzo estava em Madri. Esse é um nome a ser lembrado, pois a história desse sujeito é a mais incrível do mundo. Na época, eu não via as coisas da mesma maneira. Hoje, porém, devo dizer que sinto por ele uma infinita admiração. Um ano e meio antes, em 20 de março de 1991, esse piloto da Aeronáutica cubana tinha alterado sua rota de voo rumando para a Flórida, onde desertou a

bordo de seu MiG-23, aterrissando alguns minutos depois na base aérea de Key West. Desnecessário dizer que foi parar nas capas dos jornais. Esse oficial, que não temia absolutamente nada, exigiu a liberdade de sua mulher Victoria, de 34 anos, e dos filhos do casal, de onze e seis anos, isto é, a possibilidade de deixarem Cuba para irem a seu encontro começar uma vida nova. Pedido obviamente negado por Fidel, que, pelo contrário, jurou que eles ficariam em Cuba para sempre e que, assim, o “traidor” nunca mais voltaria a ver a família. Orestes Lorenzo começou então uma batalha terrível, indo a Nova York e a Genebra para sensibilizar as mídias e a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas. Sempre sem sucesso. Ele chegou inclusive a falar com Mikhail Gorbatchóv e George Bush pai, mas sem maiores resultados.

Naquele momento, aquele gentil pai de família de rosto angelical estava em Madri: tinha se amarrado à grade do parque do Retiro e começado uma greve de fome ao lado de cartazes e fotos da família, sob as quais era possível ler a frase “Reféns de Castro”. A imprensa dedicou-lhe alguns artigos. Ora, em dado momento de nossa breve estada madrilena, Fidel, saindo do hotel Ritz ou chegando a ele, quis passar perto do parque do Retiro para avaliar pessoalmente a amplitude do escândalo: “Vamos ver o que está fazendo *este loco*”. Sem que Orestes Lorenzo pudesse imaginar, passamos de carro a poucos metros dele, e Fidel, com todo o desprezo de que era capaz, lançou o seguinte comentário: “*Este ridículo no va a lograr nada*”. E no entanto…

No dia 19 de dezembro seguinte, o “louco” realizou uma das mais belas e romanescas façanhas de que jamais ouvi falar. Como num conto de fadas, foi buscar a família a bordo de um velho Cessna anos 1960 alugado, aterrissando de dia numa autoestrada do norte de Cuba, onde a mulher e os filhos o esperavam, de acordo com as instruções que ele tinha conseguido enviar por dois falsos turistas mexicanos. Depois de recuperar toda a família debaixo do nariz dos radares cubanos, a odisseia terminou de modo magnífico com um voo rente às ondas do mar: o herói pousou o bimotor na Flórida e, ao fim de cem minutos de extrema tensão, pôde enfim abraçar a esposa adorada e os filhos amados.

Muitos anos depois, quando também eu havia chegado ao solo americano, conheci Orestes em sua casa na Flórida, uma grande propriedade onde vivia com a família. Feliz e realizado, ele é hoje dono de uma próspera empresa. Quando contei que vinte anos antes Fidel tinha passado a poucos metros dele em Madri, durante sua greve de fome, ficamos alguns instantes em silêncio, sentindo a vertigem da história de nossos destinos cruzados.

Depois de Madri, Fidel, o monarca de Cuba, encontrou-se com outro rei, Juan Carlos, na abertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona. Entre as personalidades presentes na tribuna oficial, reconhecemos Nelson Mandela, o francês François Mitterrand, o espanhol Felipe González, o catalão Jordi Pujol, o argentino Carlos Menem e o vice-presidente americano Dan Quayle. Fidel Castro sempre considerou com muita seriedade os Jogos Olímpicos, em especial o desempenho dos atletas cubanos que eram, para ele, a expressão da grandeza da Revolução e do desenvolvimento de seu país. Naquele ano, em que a URSS havia desaparecido alguns meses antes, Fidel teve a prova de que Cuba continuava sendo uma grande nação: no fim da competição, nossos atletas ficaram em quarto

lugar no quadro de medalhas, atrás dos Estados Unidos, da Alemanha e da China, mas à frente da Espanha, da Coreia do Sul, da Hungria e da França.

Finalmente, após um desvio por Sevilha, a visita à comunidade autônoma da Galícia marcou a apoteose da viagem. Na terra de seus ancestrais, o antigo ministro de Franco, Manuel Fraga, que se tornara presidente da Junta da Galícia, recebeu-o como um rei e como um irmão. Foram três dias de festa e muita emoção. Fidel visitou a casa do pai em Láncara, onde foi recebido por três primas distantes. A seguir, Manuel Fraga organizou um torneio de dominó. Os dois políticos chegaram a disputar uma partida ao ar livre, na plataforma de um caminhão. Fidel, o mau perdedor, deve ter ganhado rapidamente, caso contrário eu me lembraria: ficaríamos esperando sua vitória até as quatro da manhã…

Em dado momento, vi a meu lado uma menina de doze anos banhada em lágrimas, visivelmente de condição modesta, olhando para *el comandante*. “O que você tem?”, perguntei-lhe. Ela explicou que toda a sua família admirava muitíssimo Fidel. Sozinha, ela não hesitara em caminhar por três dias, com uma trouxa de roupa no ombro e dormindo a céu aberto, para ver o grande homem. Então eu lhe disse: “Deixe suas coisas aqui e venha comigo”. Conduzi-a até Fidel, que, como eu, perguntou a ela: “*Qué te pasa?*”. Em seguida Fidel a abraçou. Transtornada e tremendo de emoção, ela mais tarde me disse: “O que o senhor fez por mim foi grandioso…”.

Nunca esqueci daquela menina. Gostaria muito que este livro chegasse até ela e que a fizesse recordar aquele momento de cumplicidade que compartilhamos.

Alguns instantes depois, as pessoas ao nosso redor começaram a servir *aguardiente* e a cozinhar na rua, especialmente frituras, na esperança de oferecê-las a Fidel. Uma fila se formou, pois todos queriam honrar o convidado do dia com uma *empanada* ou algum produto artesanal da região. A intenção era louvável, mas minha missão consistia justamente em impedir que *el comandante* comesse qualquer coisa que não tivesse sido verificada por nosso serviço de segurança. Então tentei dispensar os “cozinheiros” da maneira mais educada possível, experimentando cada alimento. “Ah, parece um pouco salgado demais para o gosto dele…”, eu dizia a um; “Coloque aqui, darei a ele mais tarde…”, eu indicava a outro. Mesmo assim, *el comandante* degustou alguns pratos, bastante gordurosos, e terminou a odisseia espanhola como a havia começado: com banquetes e fugas à dieta.

Não sei se esses excessos podem explicar o episódio que se seguiu. Seja como for, assim que voltamos para Havana, Fidel caiu gravemente doente pela segunda vez na vida e em circunstâncias bastante parecidas com a primeira.

No início de setembro de 1992, na residência havanesa de Punto Cero, a campainha de saída do comandante soou na casa da escolta numa hora incomum para um notívago: antes do amanhecer! Quando cheguei ao estacionamento do Palácio, constatei que Fidel — exatamente como nove anos antes — usava apenas o casaco da farda por cima do pijama azul e tinha o traseiro manchado de sangue. No quarto andar, toda a equipe médica da clínica se ocupou dele, mas logo percebi que a situação era pior do que em 1983. Os médicos estavam mais preocupados, e Fidel estava mais pálido. Em dado momento, pela primeira vez na minha vida, vi-o deitado numa maca, inconsciente.

Preocupado, pedi explicações ao enfermeiro Wilder Fernández, que era um dos membros da escolta. Ele me explicou que as transfusões não estavam funcionando: “O organismo de Fidel não está retendo o sangue”. Com lágrimas nos olhos, acrescentou: “Sánchez, Fidel está à beira da morte. Pedimos ao chefe da escolta que avisasse Raúl, para que ele decida o que fazer nas próximas horas. Ele deve chegar a qualquer minuto”.

Em 1983, ninguém fora informado da hospitalização de Fidel por onze dias. Nem mesmo Raúl. Dessa vez, as coisas eram diferentes. Quando o ministro das Forças Armadas Raúl Castro chegou ao quarto andar, os médicos o informaram da gravidade da situação. Ele tomou a decisão de colocar Dalia e os filhos a par do segredo, mas não Fidel e Jorge Ángel, nascidos, como sabemos, de outras relações.

Nos minutos que se seguiram, Raúl determinou a ordem a ser respeitada no momento de avisar os amigos e as mais altas instâncias políticas do país caso o impensável acontecesse: primeiro os colaboradores mais próximos, depois os membros do gabinete político (politburo) do PCC; a seguir os membros do Conselho de Estado, depois o estado-maior das Forças Armadas, os membros do comitê central do PCC e, por fim, o povo. O anúncio seria desdobrado ao longo de vários dias. À população seria dito, para começar, que Fidel tinha sido hospitalizado, depois, que seu estado de saúde passara de “grave” para “crítico” e, finalmente, que o comandante em chefe nos deixara. E isso por meio de um comunicado do politburo do PCC difundido na televisão, no rádio e no *Granma*, o jornal oficial do partido.

Não sei como, pois não sou médico, mas Fidel conseguiu dar a volta por cima. Fiquei sabendo que, com a ajuda dos doadores da escolta, de sangue compatível, haviam sido feitas transfusões diretas, de veia para veia! Se isso for verdade — e parece-me totalmente possível, pois Fidel pode ter se inspirado numa de suas leituras históricas, um velho tratado de medicina ou algo do gênero, para exigir que uma experiência como essa fosse tentada —, é pura loucura. Na realidade, segundo os médicos com quem conversei depois que cheguei aos Estados Unidos, essa técnica não apresenta vantagens em relação a uma transfusão clássica.

De todo modo, sua convalescência durou 55 dias. Mais uma vez, o barbeiro e maquiador de Fidel colou uma barba postiça no “sósia” do comandante, Silvino Álvarez, que desempenhou seu melhor papel, instalado no banco de trás da Mercedes presidencial.

No fim das contas, depois de quase dois meses de ausência da vida pública, Fidel voltou em 29 de outubro ao *Palacio de Convenciones*, onde discursou para os deputados cubanos. Entre eles, ninguém desconfiava que o chefe, algumas semanas antes, havia visto a morte de perto.

# 14
# Fidel, Angola e a arte da guerra

A guerra, enfim! Durante sua longa trajetória, Fidel Castro aconselhou, treinou e apoiou dezenas de grupos armados. Ele inspirou centenas de milhares, talvez milhões de combatentes anti-imperialistas mundo afora. Na América Latina, nenhum país escapou a sua influência. E na África — onde Che Guevara foi lutar pessoalmente em 1965 —, nada menos que dezessete movimentos revolucionários se beneficiaram de sua expertise. No fundo, porém, todas essas ações subversivas foram pontuais, com efetivos limitados e duração reduzida, ou seja, bastante modestas em relação às verdadeiras ambições planetárias do comandante. Eram "apenas" guerrilhas…

Em Angola, Fidel Castro passou para outro patamar, o da guerra de movimento, com tropas de solo, tanques, blindados, baterias de artilharia, helicópteros e aviões de caça. Ao longo de dezessete anos, de 1975 a 1992, ele realizou a façanha de enviar ao front, a 10 mil quilômetros das costas cubanas, um contingente total de 200 mil a 300 mil combatentes civis. Algo nunca visto: até então, nenhum país de tamanho comparável, nem mesmo Israel, havia se projetado tão longe militarmente, por tanto tempo, com tantos homens. Acima de tudo, em Angola, os militares cubanos contribuíram para enfraquecer o regime racista da África do Sul, infligindo-lhe uma derrota militar e política pungente.

*

Essa história incrível — curiosamente pouco conhecida fora de Cuba — começou em Lisboa, em 25 de abril de 1974. A Revolução dos Cravos derrubou a ditadura salazarista, que detinha o poder em Portugal desde os anos 1930.

Recém-instalado, o novo governo decidiu abandonar seu império colonial que, além de Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Macau e Timor, contava com uma "joia da Coroa": Angola, rica em petróleo e minério. Lá, três movimentos independentistas que até então enfrentavam separadamente o colonizador passaram a disputar o butim. De um lado, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), comandado pelo líder marxista Agostinho Neto (1922-79), era apoiado pelo bloco soviético. Do outro, a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), do independentista Holden Roberto (1923-2007), e a UNITA, de Jonas Savimbi (1934-2002), recebiam auxílio do Ocidente.

A fim de acalmar as tensões exacerbadas entre os angolanos, que corriam o risco de levar o país a

uma guerra civil, os portugueses rapidamente anunciaram, em janeiro de 1975, a data da futura independência: seria no próximo dia 11 de novembro. A contagem regressiva teve início e restavam, portanto, menos de dez meses a cada um dos movimentos para preparar a guerra. Pois todo mundo entendeu: aquele que controlasse Luanda, a capital, no dia da partida dos portugueses, automaticamente se tornaria o novo senhor do país.

O líder do MPLA Agostinho Neto — que conhecera Che Guevara dez anos antes, no Congo — naturalmente fez um apelo para que Fidel Castro viesse em seu socorro. Este, num clarão de gênio, concebeu e organizou a famosa "operação Carlota". Loucamente audaciosa, consistia em estabelecer uma ponte aérea e marítima entre Havana e Luanda, para encaminhar milhares de "internacionalistas" e equipamentos que permitissem ao MPLA de Agostinho Neto tomar Luanda algumas horas antes da data fatídica. No outono de 1975, milhares de soldados cruzaram o oceano a bordo de transatlânticos e de quadrimotores Britannia da Cubana de Aviación, para chegar, em meio ao maior sigilo, às margens da África austral. A operação foi facilitada pelo fato de que o contingente cubano contava com muitos negros e mestiços, que facilmente se fundiam à paisagem.

Quando o mundo descobriu que milhares de cubanos tinham chegado a Luanda, houve uma surpresa geral. Não apenas para os americanos, mas também para os soviéticos! Pois Fidel não julgou necessário avisar o Kremlin de suas grandes manobras. Confrontados com o fato consumado, os dirigentes soviéticos ficaram boquiabertos. Com razão: era a primeira vez, desde o período colonial, que um exército inteiro desembarcava no continente negro.

O plano do comandante funcionou perfeitamente. No dia 10 de novembro de 1975, depois de uma semana de combates, o MPLA de Agostinho Neto venceu, com o auxílio das tropas cubanas, a batalha decisiva que permitiu tomar Luanda. E no dia 11 de novembro o novo dirigente do país proclamou a independência. Em plena Guerra Fria, Angola passou para o bloco soviético. O novo governo marxista recebeu o reforço de conselheiros militares russos e de equipamentos de guerra, o que lhe permitiu controlar a maior parte do país. Em Havana, o mito da invencibilidade cubana, nascido na Baía dos Porcos, se viu reforçado.

Na época, eu ainda não fazia parte da escolta de Fidel. Aos 26 anos, estudava na escola de especialistas do MININT, com a intenção de me tornar um oficial de segurança responsável por altas personalidades. Mas como meu desejo mais alto era morrer pela Revolução, fui procurar um oficial graduado e lhe supliquei que me enviasse para Angola, para participar da epopeia gloriosa. Para minha grande surpresa, ele me recebeu friamente, perguntando quem eu achava que era. Explicou que não cabia a mim decidir sobre o meu futuro, e que a Revolução escolheria a missão que melhor me conviria. Mais tarde entendi que naquele estágio de minha carreira, ou seja, dois anos antes de ser nomeado guarda-costas de Fidel, eu já tinha sido pré-selecionado para essa função.

Em 1976, uma ótima surpresa: o Senado americano, não querendo se deixar levar para um "Vietnã africano", votou a emenda Clark, que proibiu que os Estados Unidos exportassem armas ou interviessem militarmente em Angola. Em março de 1977, Fidel fez sua primeira viagem triunfal para

terras angolanas, onde a situação estava mais ou menos sob controle. Depois da morte natural de Agostinho Neto, em 1979, ele foi substituído por José Eduardo dos Santos (no poder até hoje). Mas as coisas se complicaram nos anos 1980. A invasão americana a Granada, onde 638 cubanos foram feitos prisioneiros, representou um grande golpe ao mito da invencibilidade cubana. Em Angola, os sul-africanos retomaram a ofensiva militar no sudeste do país. Fidel, nesse meio-tempo, enviava constantes reforços humanos, enquanto os russos continuavam fornecendo tanques, aviões, helicópteros e mísseis, sem pensar nas despesas. Em campo, porém, as perdas se acumulavam. Dez anos depois do início do conflito, as mães cubanas temiam uma única coisa: que um oficial do MINFAR batesse a sua porta pela manhã para anunciar, com um buquê de flores na mão, segundo a tradição, a morte de um filho em combate. No total, mais de 2500 cubanos perderam a vida no conflito angolano.

Naquele momento, as divergências entre cubanos e russos se multiplicavam. Para Fidel, a doutrina de guerra soviética era inadequada ao campo de batalha africano. Circunstância agravante: os russos eram incapazes de se adaptar à mentalidade local. Em contrapartida, as afinidades entre angolanos e cubanos eram evidentes, na mesma medida em que os soviéticos pareciam extraterrestres. Primeira desavença grave: em julho de 1985, o comando militar soviético insistiu em lançar uma grande ofensiva, a "Operação Congresso II", contra o município de Mavinga, estrategicamente localizado no sudeste angolano, a mil quilômetros da capital. Fidel se opôs, pois as circunstâncias lhe pareceram desfavoráveis. E a continuação da história lhe deu razão: depois de conquistarem seu objetivo, as forças cubano-angolanas logo precisaram recuar, pois os russos não tinham assegurado corretamente a coluna de abastecimento. Uma batalha em vão…

No *war room* do Ministério das Forças Armadas de Havana, onde eu estava com Fidel — era dali que ele seguia todos os combates —, ouvi-o repetir mais uma vez a Raúl: "Eu sabia que ia dar nisso. Eu disse aos russos que era preciso assegurar as linhas de retaguarda e de abastecimento… Agora é tarde demais… Deviam ter pensado nisso antes!". Então *el comandante* ordenou ao irmão — desde sempre o "agente de ligação" de Havana com Moscou — que transmitisse seu absoluto desagrado "às mais altas instâncias do Kremlin". O que foi feito.

No ano seguinte, entre maio e agosto de 1986, os soviéticos cometeram o mesmo erro. Lançaram uma segunda grande ofensiva que, por motivos iguais, resultou no mesmo lamentável fracasso: os sul-africanos e a UNITA de Jonas Savimbi sabotaram pontes que atravessavam rios e impediram a retirada das tropas cubano-angolanas. Mais uma vez, Fidel comunicou seu desagrado a Mikhail Gorbatchóv — o qual ele vê, aliás, com preocupação, realizar uma aproximação diplomática de mau augúrio com os Estados Unidos.

No mês seguinte, em setembro de 1986, Fidel foi à Cúpula do Movimento dos Não Alinhados, no Zimbábue, assim como eu e… o coronel Gaddafi. Ele decidiu então fazer um desvio por Angola,

onde estavam 40 mil cubanos, soldados ou civis, dentre os quais o próprio filho de Raúl, o jovem Alejandro Castro, que hoje é coronel. É a segunda vez que Fidel põe os pés em Angola, nove anos depois da primeira viagem, em 1977.

A visita durou três dias. Na segunda noite, Fidel foi visitar nossas tropas na linha de frente. Sua escolta era mínima: três guarda-costas, dentre os quais eu me encontrava, o chefe da escolta Domingo Mainet e o dr. Selman. Decolamos ao cair da noite e, como num filme, voamos rente ao chão a bordo de três helicópteros rumo à zona de combate. Depois que aterrissamos no meio da savana, percebi que estávamos a poucas centenas de metros dos sul-africanos. O inimigo estava tão perto que podíamos ver as luzes de seu acampamento. Se eles pudessem imaginar que Fidel estava ao alcance… *El comandante* dirigiu-se aos nossos soldados, encheu-os de palavras para inflamá-los, avaliou o moral deles, discutiu o cotidiano e tentou compreender a situação militar. Parecia Napoleão falando com seus veteranos. "De que região cubana você vem? Da província de Oriente? Ah, muito bem…", "Há quanto tempo está em Angola?", "E o abastecimento, vai bem?" Lembro que, ao voltar a Luanda, na mesma noite, Fidel se sentia nas nuvens, animado com aquele passeio.

*

Depois do fracasso das duas grandes ofensivas, os soviéticos finalmente abandonaram o comando, deixando a iniciativa tática e estratégica a cargo de Fidel Castro. O fato é tão extraordinário que merece ser enfatizado: ao longo de toda a guerra, Fidel dirigiu as operações miliares de Havana, quase do outro lado do planeta. Era preciso ver aquele estrategista em ação, no *war room* do MINFAR, coberto de mapas do estado-maior e cheio de maquetes dos campos de batalha! Perfeito mestre na arte da guerra (ele tinha lido Sun Tzu), era Napoleão e Rommel reunidos num só corpo. Por escrito ou por telefone, ditava instruções a seus generais. O que resultava em boletins redigidos assim: "O perímetro defensivo a leste do rio deve ser reduzido. Recuem as brigadas 59 e 26 para posições fortificadas mais perto do rio. Essas duas brigadas devem cobrir todo o setor sudoeste, de maneira que a oitava possa se dedicar à missão de abastecimento. Atualmente, elas estão expostas a ataques que poderiam vir da zona que a 21ª brigada defendia antes. Dada a situação, tal risco é inaceitável e deve ser corrigido de imediato".

Quase duas décadas depois, nos anos 2000, o ex-general e ex-ministro da Defesa sul-africano Magnus Malan, que o combateu em Cuito Cuanavale, continuava sem acreditar: "Não entendo como ele conseguiu fazer aquilo. Comandar as operações a 10 mil quilômetros de distância é teoricamente impossível… Não, nunca vou entender", confessou, sinceramente, numa espécie de homenagem involuntária ao antigo inimigo.*

Cuito Cuanavale: a mítica batalha foi o derradeiro embate entre Cuba e África do Sul. Durou seis meses, de setembro de 1987 a março de 1988, e entrou para a História como a maior batalha militar na África desde a Segunda Guerra Mundial. Esse "Stalingrado africano", com tanques, helicópteros, aviões de caça e baterias de mísseis acabou num impasse. Ninguém ganhou, e os dois lados reivindicaram a vitória, mas os sul-africanos tiveram de admitir que nunca derrubariam, militarmente, o governo marxista de Luanda. Aceitaram, portanto, negociar a paz nos seguintes termos: Fidel repatriaria seu exército para Cuba, desde que a South African Defense Force (SADF)

deixasse a Namíbia e outorgasse a independência total a essa ex-colônia alemã, desde 1945 sob protetorado sul-africano, que servia de Estado-tampão ao lado de Angola. Assim, a independência da Namíbia foi proclamada. O que levou o regime racista de Pretoria a outras concessões: a libertação de Nelson Mandela e, a seguir, a abolição do apartheid. Três anos depois, Nelson Mandela declarou: "Cuito Cuanavale pôs fim ao mito da invencibilidade do opressor branco. Foi uma vitória para toda a África".

*

Nessa fantástica aventura, Fidel ganhou mais prestígio ainda. Mas seria injusto não mencionar a participação de Arnaldo Ochoa. Em Angola, seu papel foi crucial. Considerado o melhor general cubano, ele tinha participado de todas as peripécias da epopeia castrista, ou quase. Para a minha geração, esse militar com perfil de falcão e charme irresistível era o próprio exemplo do guerrilheiro completo. Resistente na Sierra Maestra durante a luta contra Batista, ele fora a seguir para o Congo com Che Guevara, em 1965, e depois para a Venezuela, em 1966, a fim de organizar um foco de guerrilha. Tornando-se uma engrenagem essencial da "operação Carlota" em Angola, em 1975, também tinha comandado o corpo expedicionário cubano na Etiópia durante a guerra de Ogaden (1977-8), antes de se tornar, entre 1984 e 1986 — sempre a pedido de Fidel —, o conselheiro especial do ministro da Defesa nicaraguense, Humberto Ortega, para ajudar o país a repelir os ataques da "Contra" financiada por Washington.

Militar mais condecorado do país, esse prodígio da Revolução foi nomeado por Fidel "Herói da República de Cuba", título que ele era o único a ter. Em 1987, quando o Exército cubano se viu numa posição delicada, devido sobretudo a erros soviéticos, ele se tornou chefe da "missão militar cubana em Angola". Chegando ao local, porém, esse fino estratego, que também era o melhor amigo de Raúl Castro, se considerou em posição mais vantajosa que a de Fidel para avaliar a realidade do terreno. Um dia, por exemplo, Ochoa propôs uma trégua de oito dias para que os combatentes pudessem se recuperar, enquanto *el comandante* queria retomar o combate sem demora. Outra vez, o general decidiu formular propostas alternativas às escolhas táticas decretadas pelo *jefe*.

No *Palacio* ou no *war room* do MINFAR, ouvi Fidel dizer a Raúl coisas do tipo: "Ochoa demonstra sintomas de incapacidade" (entenda-se: incapacidade intelectual), "Ochoa está fora da realidade", ou ainda "Ochoa não tem os pés no chão". Em janeiro de 1988, em plena batalha de Cuito Cuanavale, o general foi convocado em Havana: Fidel ordenou-lhe que retirasse todas as brigadas, menos uma, a da margem leste do Cuito. Mas ao voltar para Angola, Ochoa se absteve de executar essa estratégia, que julgava errônea, e fez outras escolhas, provavelmente melhores. Algumas semanas depois, Ochoa foi chamado a Luanda, depois a Havana.

Em meu íntimo, eu me preocupava com ele. Pois sabia havia muito tempo que ninguém, nem mesmo o "herói da república de Cuba", podia contradizer Fidel. Fazer isso significava, mais dia menos dia, cair em desgraça. Eu estava longe de imaginar, no entanto, que sua contagem regressiva já tinha começado.

Menos de um ano depois, Arnaldo Ochoa foi executado pelo pelotão de fuzilamento. Por ordem de Fidel.

* Ver o documentário *Cuba, une odyssée africaine*, de Jihan El Tahri, 2007.

# 15
# “O caso Ochoa”

Final de 1988. Um dia como qualquer outro em Havana. Em poucos minutos, minha vida iria mudar.

Fidel tinha passado a tarde lendo e trabalhando no gabinete quando colocou a cabeça na antessala onde eu estava para me avisar que Abrantes estava chegando. O general José Abrantes, quinquagenário, era o ministro do Interior desde 1985, depois de ter sido chefe da segurança do comandante em chefe por vinte anos. Fiel entre os fiéis, fazia parte do grupo que via *el jefe* diariamente. Ele pertencia ao círculo das pessoas mais próximas do poder supremo, ao lado de Raúl Castro e daqueles que o leitor já conhece, mas cujos nomes e funções me permito relembrar: José Miguel Miyar Barruecos, o *Chomy*, secretário particular de Fidel; seu médico pessoal Eugenio Selman; o diplomata Carlos Rafael Rodríguez; o mestre-espião Manuel Piñeiro, o *Barbarroja*; e ainda dois amigos — o escritor colombiano Gabriel García Márquez, apelidado “Gabo”, e o geógrafo Antonio Núñez Jiménez. Outra coisa diferenciava Abrantes: ao lado de Raúl, era um dos raros a poder entrar no gabinete de Fidel sem passar pela entrada principal do *Palacio de la Revolución*, utilizando, pelos fundos, o estacionamento no subsolo e o elevador que conduzia diretamente ao terceiro andar.

Naquele dia, portanto, por volta das cinco horas da tarde, depois de estacionar nesse subsolo, José Abrantes se apresentou à antessala de Fidel. Anunciei sua chegada: “*Comandante, aquí está el ministro!*”. Pois é claro que ninguém, nem mesmo seu irmão Raúl, entrava no gabinete de Fidel sem ser anunciado. Fechei a porta dupla e me instalei em meu gabinete (anexo à antessala), onde ficavam as telas de monitoramento do estacionamento, do elevador e dos corredores, e o armário com as três fechaduras que permitiam abrir os microfones dissimulados no gabinete de Fidel. No instante seguinte, *el comandante* voltou, abriu a porta novamente e me passou a seguinte instrução: “*Sánchez, no grabes!*”, “Sánchez, não grave!”.

Enquanto os dois homens conversavam em privado, tratei das minhas coisas, lendo o *Granma* do dia, arrumando os papéis, registrando as últimas atividades do líder máximo na *libreta*.

A conversa se eternizava… Uma hora se passou, depois duas. Coisa estranha, Fidel não me pediu para lhe servir um *whiskycito* nem para oferecer um *cortadito* a seu interlocutor, que em geral consumia uísque e café em altas quantidades. O ministro do Interior nunca tinha ficado tanto tempo no

gabinete do líder máximo. Assim, tanto por curiosidade quanto para matar o tempo, pus o fone de ouvido e girei a chave nº 1 para ouvir o que se dizia do outro lado da parede.

E acabei surpreendendo uma discussão que nunca deveria ter ouvido.

A conversa girava em torno de um *lanchero** cubano que vivia nos Estados Unidos e que aparentemente tinha negócios com o regime. E que negócios! Nada menos que um enorme tráfico de drogas era praticado no topo do Estado!

Abrantes pedia a Fidel autorização para acolher temporariamente em Cuba esse traficante que desejava tirar uma semana de férias no país natal com os pais, em Santa Maria del Mar — uma praia localizada dezenove quilômetros a leste de Havana, onde as águas são azul-turquesa e a areia é fina como farinha. Por esse recesso, especificou Abrantes, o *lanchero* pagaria 75 mil dólares. O que em tempos de crise econômica era sempre bom aceitar… Fidel não se opôs. Mas expressou uma preocupação: como fazer para ter certeza de que os pais do *lanchero* guardariam o segredo e não iriam contar a todo mundo que tinham passado uma semana de férias perto de Havana com o filho que supostamente morava nos Estados Unidos? O ministro tinha a solução: bastaria fazer com que acreditassem que o filho era um agente de informação cubana infiltrado nos Estados Unidos e que sua vida seria gravemente posta em perigo se eles não mantivessem um segredo absoluto em torno de sua visita a Cuba. "Muito bem…", concluiu Fidel, que deu seu aval. Por fim, Abrantes sugeriu ao comandante que Antonio de la Guardia, chamado Tony, acostumado a missões especiais e herói das lutas de libertação no Terceiro Mundo, se responsabilizasse pela organização das particularidades da estada. Mais uma vez, *el comandante* não fez nenhuma objeção…

Foi como se o céu caísse em cima da minha cabeça. Estupefato, incrédulo, petrificado, eu preferiria acreditar que tinha ouvido mal ou que estava sonhando, mas infelizmente era verdade. Em poucos segundos, todo o meu mundo, todos os meus ideais ruíram. Entendi que o homem a quem eu sacrificava minha vida desde sempre, *el líder* que eu venerava como um deus e que, a meus olhos, era mais importante que minha própria família, estava envolvido no tráfico de cocaína a ponto de comandar operações ilegais como um verdadeiro mafioso. Aterrado, coloquei o fone no lugar e girei a chave para cortar o microfone nº 1, de repente sentindo uma imensa solidão…

Abrantes acabou saindo do gabinete e, quando fechou a porta, não deixei transparecer nem um pouco de minha perturbação. Mas a partir daquele momento não consegui mais olhar para Fidel da mesma maneira. Decidi, no entanto, guardar para mim aquele terrível segredo de Estado, sem falar com ninguém a respeito, nem mesmo com minha mulher. Mas por mais que eu tentasse manter o profissionalismo e expulsar aquela revelação da mente, a decepção continuava. Querendo ou não, minha vida foi completamente posta em causa. Ela o seria mais ainda, em pouco menos de um ano, quando Fidel sacrificasse o devotado Abrantes, enviando-o para a prisão, para melhor demonstrar ao mundo que ele mesmo ignorava todo aquele tráfico de drogas que teria arruinado sua reputação.

Enquanto isso, *el comandante*, que tinha a arte da dissimulação como um de seus maiores talentos, voltava ao trabalho como se nada tivesse acontecido. Sua lógica precisa ser entendida. Para ele, o narcotráfico era uma arma de luta revolucionária antes de ser um meio de enriquecimento ilícito. Seu raciocínio era o seguinte: se os ianques são estúpidos o suficiente para consumir a droga vinda da Colômbia, além de aquilo não ser problema seu — enquanto não fosse descoberto —, podia servir a seus objetivos revolucionários na medida em que corrompia e desestabilizava a sociedade americana. Cereja do bolo: era um meio de armazenar dinheiro em espécie para financiar a subversão. Assim, à medida que o tráfico de cocaína se desenvolvia na América Latina, as fronteiras entre a guerrilha e o narcotráfico desapareciam. O que era verdade no caso da Colômbia valia também para Cuba. De minha parte, nunca consegui aceitar essa total distorção das coisas, em contradição absoluta com minha ética revolucionária.

*

O ano de 1989 começou com a celebração do trigésimo aniversário do Triunfo da Revolução, acontecido, lembremos, num 1º de janeiro. Para o comunismo mundial, no entanto, aquele foi o ano de todas as ameaças. Na China, manifestantes se preparavam para desafiar os tanques na Praça da Paz Celestial. Na Europa, o muro de Berlim estava prestes a ser derrubado. A ilha de Cuba, por sua vez, a partir de então privada das subvenções soviéticas, passaria por uma crise existencial inaudita: em julho, no fim de um processo staliniano, o glorioso general Arnaldo Ochoa seria fuzilado com três outros acusados, todos julgados culpados de ter "maculado a Revolução" e "traído Fidel" com um tráfico supostamente ignorado pelo comandante em chefe. "O caso Ochoa" causou um verdadeiro trauma nacional e varreu para longe as últimas ilusões do castrismo: em Cuba, há um pré- e um pós-1989.

Para compreender o "caso", é preciso voltar no tempo até a criação do Departamento MC, em 1986, ano em que a ajuda econômica de Moscou começou a secar. Colocado sob a autoridade do MININT, isto é, do ministro José Abrantes, e dirigido pelo coronel Tony de la Guardia, *el Departamento MC* tinha justamente como razão de ser a obtenção de dólares por meio de sociedades de fachada com sede no Panamá, no México e na Nicarágua. Daí o apelido de Departamento "Moeda Convertível", apesar da denominação MC não ter, no início, nenhum significado específico — ela apenas correspondia a uma nomenclatura militar alfabética estúpida e ruim.

Herdeiro do Departamento Z, criado no início dos anos 1980, o Departamento MC empregava qualquer meio à disposição e comercializava qualquer coisa: tabaco, lagostas e charutos introduzidos nos Estados Unidos por contrabando, roupas e eletrodomésticos exportados para a África; obras de arte e antiguidades escoadas para a Espanha; sem esquecer os diamantes e o marfim trazidos da África e revendidos na América Latina ou alhures. Alguns comércios eram legais, outros não. Mas a existência do departamento em si nada tinha de secreta. Pelo contrário, o jornal oficial *Granma* um dia explicou sua missão nos seguintes termos: "Trata-se de lutar contra o bloqueio — ou embargo — econômico dos Estados Unidos, em vigor desde 1962, para que haja meios de se conseguir produtos como material médico, medicamentos, computadores etc.".

Sigiloso, em contrapartida, era o seu funcionamento, seus circuitos financeiros, sua contabilidade.

Gerenciado com opacidade, desordem e improvisação, o Departamento MC tinha uma única regra obrigatória: receber em dólares e em espécie em países estrangeiros, especialmente no Panamá, que sempre foi a primeira base das atividades comerciais ilícitas cubanas sob o reinado de Fidel. Era inevitável que, naqueles anos e naquela região, a rota dos "piratas" dos departamentos Z e depois MC cruzasse com a dos narcotraficantes colombianos, também à procura de dinheiro fácil. Não foi totalmente por acaso, portanto, que entre seus funcionários, o Departamento MC logo recebeu o apelido de "Maconha e Cocaína"!

As primeiras suspeitas dos americanos em relação a Cuba nesse setor dataram do início dos anos 1980. Elas foram alimentadas por testemunhos de desertores dos diferentes serviços de espionagem cubanos, de altos funcionários do governo panamenho que trabalharam em estreita colaboração com o presidente Manuel Noriega** e dos traficantes de drogas presos na Flórida, que afirmaram que o regime cubano estava ligado a Pablo Escobar e a seu Cartel de Medellín. Em meados dos anos 1980, artigos publicados na imprensa americana mencionaram o aumento do tráfico de drogas em Cuba, que servia de plataforma de trânsito para o pó branco colombiano, e a possibilidade de que os narcotraficantes estivessem ligados ao topo do poder cubano.

Percebendo a ameaça de um escândalo e provavelmente alertado a esse respeito pelos serviços de informação infiltrados nos Estados Unidos, *el líder máximo* decidiu se adiantar e dar um fim às eventuais suspeitas a seu respeito. Buscando se redimir, Fidel utilizou o jornal oficial *Granma* para informar seus leitores de que uma investigação havia sido iniciada em abril. Depois, como um experiente jogador de xadrez, inverteu os papéis fazendo um roque.*** Sabendo muito bem quem eram os oficiais cubanos envolvidos com o narcotráfico, ele mandou prender, em 12 de junho, os gêmeos "Tony" e Patricio de la Guardia, do Departamento MC, o general Arnaldo Ochoa, recém-chegado de Angola, bem como outros nove oficiais superiores do MININT e dois do MINFAR. Uma segunda onda de prisões, algumas semanas depois, incluiu o ministro do Interior José Abrantes e, no círculo deste último, dois generais e quatro coronéis.

Três semanas mais tarde iniciou-se o duplo processo do general Ochoa. Primeiro, no dia 25 de junho, o acusado se apresentou sozinho, de uniforme, diante de um "tribunal militar de honra" no quarto andar do MINFAR, onde foi rebaixado ao posto de simples soldado na presença de todo o estado-maior, ou seja, 47 generais. Depois, a partir do dia 30 de junho, o acusado foi apresentado ao "tribunal militar especial" na companhia de treze coacusados, vestidos como ele em trajes civis, dessa vez no térreo do prédio, na Sala Universal, a sala de projeção do MINFAR transformada em tribunal. O procedimento todo foi chamado de "Causa nº 1/1989", enquanto o processo contra o ministro do Interior José Abrantes, que veio a seguir, se chamou "Causa nº 2/1989". Rápido, o processo contra Ochoa durou quatro dias. Ficará para sempre gravado na memória coletiva dos cubanos como uma das maiores ignomínias do reinado sem fim de Fidel Castro Ruz.

Na época, porém, na imprensa oficial e na rádio, o governo se parabenizou por ter empreendido aquela ação com "justiça"! "O mundo inteiro observa, estupefato, essa extraordinária prova de

coragem e moralidade. Ele não está acostumado a isso. Somente uma Revolução autêntica, forte, inabalável e profunda é capaz disso.” Mestre em cinismo, Fidel, dizendo-se “consternado” pelo que fingia acabar de descobrir, afirmou inclusive que se tratava “do processo político e judiciário mais limpo que se possa imaginar”.

A realidade, é claro, foi muito diferente. Confortavelmente instalado no gabinete de Raúl, no quarto andar do MINFAR, Fidel Castro seguiu ao vivo, ao lado do irmão, todo o desenrolar da Causa nº 1 e da Causa nº 2 pelos monitores de um circuito interno de vídeo. Os dois processos foram de fato filmados — razão pela qual hoje podemos ver grandes trechos deles no YouTube — e difundidos em todos os lares cubanos, embora não fosse ao vivo, de modo que o regime pudesse praticar a censura caso algumas passagens fossem comprometedoras.

Fidel dispunha inclusive de um sistema que lhe permitia discretamente passar um alerta ao presidente do tribunal, por meio de um aviso luminoso, nos momentos em que fosse conveniente interromper a sessão. Vi tudo isso com meus próprios olhos, pois estava presente, ora diante da porta aberta do gabinete de Raúl, ora dentro da sala. Quando havia uma interrupção, Raúl me dava a seguinte instrução: “Avise o chefe da escolta que os *compañeros* do processo vão subir a qualquer momento”. De fato, cinco minutos depois, o presidente do tribunal, o procurador e os jurados chegavam ao quarto andar do ministério para tomar instruções de Fidel, que, como sempre, orientava e dirigia tudo, absolutamente tudo. Mais tarde, por duas vezes *el comandante* admitiu em público que havia estado, na época, em contato com os membros do tribunal, mas que, cioso da separação dos poderes, abstivera-se de influenciá-los! Para quem conhecia o modo de agir de Fidel, era evidente que a afirmação não se sustentava por um segundo e, pelo contrário, revelava um humor negro terrível.

*

Ao longo da Causa nº 1 (o processo Ochoa) e da Causa nº 2 (o processo Abrantes), os procuradores facilmente demonstraram o envolvimento dos acusados com o narcotráfico, que de fato existia. Eu poderia ter ficado chocado com o fato de Ochoa, herói da Revolução Cubana, estar envolvido com o tráfico de drogas. Mas o que ele poderia fazer, se o próprio chefe de Estado estava na origem desse tráfico, da mesma forma que presidia as outras operações de contrabando — tabaco, eletrodomésticos, marfim etc.? E isso, segundo sua lógica, sempre para o bem da Revolução!

Em dado momento, a acusação se deteve na questão de um hangar situado no aeroporto de Varadero, onde a droga e outras mercadorias de contrabando eram estacionadas a caminho dos Estados Unidos.

Aquilo imediatamente me fez ter um estalo! Lembrei de ter acompanhado Fidel, Abrantes, Tony de la Guardia e alguns outros oficiais do Departamento MC até aquele hangar dois anos antes. Tínhamos saído do *Palacio* num comboio de três carros e, depois de uma boa hora de estrada, chegamos ao local, que ficava do lado direito da estrada Panamericana. Naquele dia, fiquei do lado de fora, enquanto Abrantes e Tony de la Guardia mostravam a Fidel um suposto estoque de garrafas de rum e charutos para exportação. Depois de apenas quinze minutos, voltamos ao Palácio presidencial.

Naquele instante do processo, entendi que, dois anos antes, Fidel não tinha ido visitar um estoque

de rum e charutos — por que, de fato, um chefe de Estado perderia três horas para inspecionar uma coisa tão banal e desinteressante? —, mas um estoque de pó branco esperando para ser enviado à Flórida. Pois, como de costume, o comandante em chefe, desconfiado de seus subordinados e prudente ao extremo, queria verificar tudo pessoalmente, até os mínimos detalhes, para se assegurar de que as melhores disposições tinham sido tomadas para dissimular a mercadoria de contrabando.

Tudo isso explica a brevidade dos veredictos das Causas nº 1 e nº 2. No fim daquele simulacro de justiça, o general Ochoa e seu assistente, o capitão Jorge Martínez (ambos membros do MINFAR), o coronel Tony de la Guardia e seu subordinado, o major Amado Padrón (ambos do MININT) foram condenados à morte, em 4 de julho de 1989, por terem organizado o transporte de seis toneladas de cocaína do Cartel de Medellín aos Estados Unidos e por terem recebido em troca 3,4 milhões de dólares. Três semanas depois, José Abrantes recebeu uma pena de vinte anos de prisão, e os demais acusados, penas inferiores. Seguiu-se o maior expurgo jamais feito dentro do ministério: todos os dirigentes do MININT, ou quase todos, foram destituídos e substituídos.

Sem sombra de dúvida foi Fidel — e mais ninguém — quem tomou a decisão de enviar Ochoa ao pelotão de fuzilamento e Abrantes para trás das grades por vinte anos. Foi ali que este último, apesar de sua excelente forma física, morreu de ataque cardíaco em 1991, de maneira no mínimo suspeita, depois de apenas dois anos de detenção. Livrando-se deles, *el líder máximo* eliminou dois homens que sabiam demais, pessoas com quem tinha discutido a delicada questão do narcotráfico. Com a morte de Ochoa e Abrantes, a ligação com o comando foi cortada e junto com ela todos os laços orgânicos que pudessem ligá-lo àquele tenebroso negócio.

Poderia causar espanto o fato de que, ao longo do processo transmitido pela televisão, oficiais tão valorosos quanto os quatro condenados à morte não tenham se rebelado em nenhum momento para dizer a verdade ao mundo. Isso significaria não conhecer o maquiavelismo de Fidel e a maneira como o sistema cubano manipula as consciências. Nos bastidores, é evidente que os acusados receberam a mensagem de que, "em consideração aos serviços prestados no passado, a Revolução se mostraria reconhecida para com eles: ela não abandonava seus filhos e, mesmo que o tribunal exigisse a pena máxima, ela seria misericordiosa com eles e suas famílias"… Ou seja, prometeram àqueles homens que eles não seriam executados, mas perdoados. Isso se admitissem seus erros e confirmassem que, sim, mereciam a pena máxima. Foi o que fizeram… porque homens na posição deles não poderiam fazer outra coisa.

No dia 9 de julho, porém, ou seja, cinco dias depois da condenação, Fidel convocou o Conselho de Estado para "bloquear" o processo Ochoa, compartilhando assim a responsabilidade com todos os dirigentes da instância mais alta do regime, composta por 29 membros, civis e militares, ministros, membros do Partido Comunista, presidentes de organizações de massa etc. Eles deveriam ratificar a decisão do tribunal ou, pelo contrário, agraciar os condenados à morte com a comutação da pena. Cada um deles deveria se pronunciar individualmente. Todos confirmaram a sentença. Vilma Espín, fazendo pouco da amizade que ela e o marido Raúl Castro tinham com Ochoa e sua mulher, disse a terrível frase: "Que a sentença seja confirmada e executada!". Na quinta-feira, dia 13

de julho, por volta das duas horas da manhã, os quatro condenados à morte foram fuzilados. Pouco menos de um mês depois da prisão.

A seguir veio o episódio mais difícil de minha carreira. Fidel pedira que a execução de Ochoa e dos três outros condenados fosse filmada. Assim, dois dias depois — num sábado — um motorista se apresentou na casa de Punto Cero, onde eu estava, para entregar um envelope kraft com uma fita de vídeo no formato Betamax. O chefe da escolta José Delgado (que substituía Domingo Mainet havia dois anos), me disse: "Leve isso para Dalia, ela está esperando, é um filme para *el jefe*". Levei o envelope para a *compañera* sem por um instante pensar que poderia ser o vídeo da morte de Ochoa e menos ainda que Fidel, como um Drácula, teria prazer em ver tal "espetáculo". Trinta minutos se passaram e Dalia voltou com a fita na mão: "*El jefe* disse que *los compañeros* devem ver este vídeo", ela disse, o que significava uma ordem. Transmiti então sua mensagem ao chefe da escolta, que, por sua vez, reuniu todos, umas quinze pessoas, dentre as quais os motoristas e o médico pessoal de Fidel, Eugenio Selman. Alguém pôs a fita no videocassete.

O vídeo não tinha som, o que tornava ainda mais sinistra a sequência que começamos a acompanhar. Vimos apenas alguns carros chegando à noite a um campo iluminado por projetores: mais tarde fiquei sabendo que era o aeródromo de Baracoa, reservado aos dirigentes do regime, no oeste de Havana, no mesmo lugar onde alguns anos antes eu tinha visto duas vezes o embarque de cargas de armas clandestinas para a Nicarágua, na presença de Fidel e Raúl.

Muitos me perguntaram como Ochoa se comportou diante da morte. A resposta é simples e categórica: foi de uma dignidade excepcional. Ao sair do veículo, manteve-se ereto. Quando um dos algozes lhe ofereceu uma venda para os olhos, ele virou a cabeça em sinal de recusa. E quando se viu diante do pelotão de fuzilamento, encarou a morte de frente. Apesar da ausência de som, toda a sequência revelava sua coragem. Aos algozes, que não víamos na imagem, ele disse alguma coisa que não ouvimos, mas adivinhamos. Com o peito inflado e o queixo alto, provavelmente gritou algo do tipo: "Vamos, vocês não me assustam!". No instante seguinte, caiu sob os disparos de sete atiradores.

Os quatro condenados foram executados em poucos minutos. Nenhum outro, é claro, teve a mesma coragem de Ochoa. Tony de la Guardia, porém, que também tinha uma enorme experiência (depois de ter sido membro da escolta do presidente Allende no Chile, de participar da campanha de Angola, da tomada do bunker de Somoza na Nicarágua e de centenas de missões secretas), mostrou-se corajoso. Menos que Ochoa, mas ainda assim corajoso. Percebíamos sua aflição, sua resignação. Porém em nenhum momento de seus últimos minutos de vida ele se entregou.

A execução de meus dois outros colegas foi mais difícil de suportar. No trajeto entre os veículos e o pelotão de fuzilamento, o capitão Jorge Martínez e o major Amado Padrón caíram várias vezes. Os guardas precisavam levantá-los a cada vez. Víamos que choravam, imploravam, suplicavam. Em suas calças, percebiam-se marcas de urina. Foi difícil, patético, assistir àquilo. Era preciso ter estômago para acompanhar a cena. Um silêncio pesado invadiu a sala onde estávamos. Ninguém ousou falar. Eu preferiria não ter visto aquilo. Longe de mim fazer o menor julgamento sobre aqueles subalternos

que, no fundo, estavam pagando pelos erros de Fidel. Mas tenho um compromisso com a verdade. Todos precisam saber do que *el comandante* é capaz para se manter no poder: não apenas matar, mas também humilhar e reduzir a menos que nada homens que sempre o serviram com devoção.

*

Depois da morte de Ochoa, Raúl Castro entrou no maior período de alcoolismo de sua vida. Além de não ter conseguido salvar a pele do amigo, ainda precisou aprovar publicamente a condenação à morte do "herói da república de Cuba", junto com os outros membros do Conselho de Estado e do estado-maior militar. Incapaz de resolver essa contradição — pois participou do assassinato do amigo —, voltou-se para a vodca, que sempre foi sua bebida preferida. Outro fator sem dúvida contou: tendo assistido à eliminação do colega Abrantes (condenado a vinte anos de prisão), Raúl logicamente podia temer ser expulso do poder enquanto ministro da Defesa. Se Abrantes, que era o superior hierárquico de Tony, havia sido punido, não seria lógico que ele, o superior de Ochoa, também fosse?

O número dois do regime começou a beber como uma esponja. Estava sempre tão bêbado que era impossível os ministros e os generais não perceberem. Sua mulher Vilma ficou preocupada. Ela se abriu com o chefe da escolta de Raúl, o coronel Fonseca, explicando-lhe a situação. Vilma temia que o estado depressivo de Raúl favorecesse impulsos suicidas. Fonseca falou a respeito com o colega José Delgado, o novo chefe da escolta de Fidel, isto é, meu superior. E *el comandante* decidiu conversar com o irmão mais novo.

Num domingo de manhã, fomos a La Rinconada, a casa de Raúl e Vilma, que ficava a cerca de um quilômetro da de Fidel e Dalia. Entramos pela porta dos fundos. Raúl nos recebeu vestindo uma *guayabera* branca, a tradicional camisa cubana, e uma calça de sarja. Depois de nos cumprimentar, o ministro da Defesa se dirigiu com o irmão para um espaço coberto de madeira que ficava no jardim, no meio de um pequeno local cercado pela vegetação. Chegando ao abrigo, típico da cultura ameríndia, Fidel me fez um sinal para não segui-lo dali em diante. Mas de onde estava, pude ouvir toda a conversa dos dois. Eles não me viam, pois eu estava protegido pelas árvores. Porém ouvi Fidel admoestar o irmão, num longo monólogo moralizador:

— Como você pôde descer tão baixo? Está dando o pior exemplo à família e à escolta — começou *el comandante*. — Se o que o preocupa é que lhe aconteça o mesmo que aconteceu com Abrantes, deixe-me dizer que Abrantes *nos es mi hermano*! Você e eu, desde a infância, estamos juntos para o melhor e para o pior. Portanto, não, você não terá o destino de Abrantes, a não ser… que continue com essa atitude deplorável. Ouça, estou falando como irmão. Jure sair desse estado lamentável e prometo que nada lhe acontecerá. Farei mesmo um discurso para lembrar que é um dirigente íntegro e explicarei que sofreu muito com o erro de Ochoa, que o decepcionou imensamente. E se alguém continuar achando que você está envolvido nessa história toda, não passará de um *hijo de puta*!

Pouco depois, de fato, Fidel tomou a palavra para fazer o elogio de Raúl, de sua integridade e de seu devotamento à Revolução. Raúl, por sua vez, continuou bebendo vodca, mas em quantidades bem mais sensatas.

De minha parte, fiz como milhares de militares: esforcei-me para vencer as dúvidas que o caso Ochoa plantou dentro de mim.

---

* Passador de droga em barcos.

** Condenado em 1992, nos Estados Unidos, por tráfico de drogas e lavagem de dinheiro.

*** No xadrez, o roque consiste numa jogada em que o rei e a torre são movimentados ao mesmo tempo para surpreender o adversário.

# 16
# A prisão e… a liberdade!

A década de 1990 começou, para mim, com uma série de êxitos, inversamente proporcionais à situação geral do país. Abandonada pela União Soviética, cuja dissolução foi oficialmente pronunciada em 8 de dezembro de 1991, e isolada na cena internacional, Cuba, de fato, mergulhou na pior crise econômica de sua existência. Para tentar responder a ela, Fidel decretou um “período especial em tempos de paz”, que consistia principalmente em desenvolver o turismo e permitir a particulares que abrissem *paladares* (restaurantes em domicílio) a fim de armazenar divisas indispensáveis para salvar a Revolução. Mas não foi o suficiente, como a “crise dos *balseros*” mostrou: em 1994, 30 mil cubanos abandonaram seu “navio natal” para fugir a bordo de balsas rumo a Miami, arriscando-se a virar o banquete dos tubarões que rondam o estreito da Flórida.

Eu, mais do que nunca, me devotava ao serviço de Fidel. Promovido a chefe da *Avanzada*, preparava todas as viagens para a província ou para o exterior, como, por exemplo, para a posse do presidente Fernando Collor de Mello em Brasília, em 1990, para a Cúpula Ibero-Americana em Guadalajara (México), em julho de 1991, ou ainda para a Espanha, no verão seguinte. Além disso, era considerado o melhor atirador de Cuba, pois a essa altura já tinha vencido aquele concurso nacional de tiro de pistola a 25 metros, o que tornou meu prestígio ainda maior dentro e fora da escolta. Enfim, focado no trabalho, escolhi esquecer o “caso Ochoa”, que, em razão de um amplo expurgo em todos os escalões, desestabilizou profundamente o MININT, dirigido pelo general Abelardo Colomé Ibarra, chamado “Furry”,[a] que substituiu José Abrantes, morto na prisão por um suspeito ataque cardíaco, como já mencionei, em 1991. Dedicado a meu êxito profissional, não dei importância à deterioração do ambiente dentro da escolta, que não era mais tão bom desde que o idiota chamado José Delgado substituíra Domingo Mainet no cargo de chefe.

No entanto, os ventos viraram subitamente ao longo do ano de 1994. Para começar, minha filha Aliette se casou com um venezuelano e se mudou com ele para Caracas. Depois, meu irmão mais novo, que trabalhava como cozinheiro no Conselho de Estado e que, a esse título, tinha servido à mesa de Fidel várias vezes, decidiu tentar a sorte numa balsa e chegar à Flórida, onde se fixou depois da perigosa travessia.

Dois membros da minha família no exterior: aquilo era suficiente para me tornar suspeito. O chefe da escolta, o coronel Delgado, me convocou para perguntar se eu sabia que meu irmão tinha a

intenção de deixar Cuba. Respondi que não — o que era mentira. Depois disso, Delgado me informou que com um irmão *balsero* e uma filha no exterior, eu não poderia continuar no cargo: na verdade, entendi que o próprio Fidel tinha me dispensado da escolta. Mesmo assim, num primeiro momento eu deveria continuar dentro do MININT, pois meus conhecimentos e minhas habilidades eram suficientemente preciosos para ainda serem utilizados pelo ministério.

Foi difícil. Desde 1968, eu tinha passado 26 anos a serviço do comandante, sendo dezessete na escolta (a partir de 1977), e me parecia impossível virar a página de repente, sem mais nem menos. Foi quando o chefe da escolta me propôs o seguinte: "Ouça, tire quinze dias de férias para pensar num cargo correspondente dentro do MININT e volte". A caminho de casa, porém, pensando naquilo tudo, disse para mim mesmo que, no fim das contas, talvez fosse o momento de parar. Eu estava com 45 anos, de certa forma tinha chegado ao topo da profissão, tinha vivido de tudo, viajado por toda parte. Enfim, eu sabia que não iria além. Então por que não me aposentar? Entre os militares, isso de fato pode ser feito bem cedo.

Quando cheguei em casa, compartilhei minhas intenções com minha mulher e escrevi uma carta à segurança social cubana para fazer valer meus direitos. Quinze dias depois, escrevi minha carta de demissão, que, num primeiro momento, pareceu ser aceita. Mas logo o general Humberto Francis, chefe da Segurança Pessoal — o departamento encarregado da proteção de todos os altos dirigentes —, convocou-me para anunciar que minha saída estava fora de cogitação: "Você não vai a lugar nenhum e de forma alguma irá se aposentar!". Certo de meu direito, de minha total lealdade para com a Revolução e da excelência de meus serviços, insisti e exigi passar por um *conducto reglamentario* (um recurso que permite dirigir-se a um superior hierárquico) a fim de falar diretamente com "Furry", isto é, o ministro do Interior Abelardo Colomé Ibarra. Sem a menor intenção de criticar o sistema, eu queria apenas lhe explicar meu desejo de voltar à vida civil.

Dois dias depois, dois tenentes-coronéis vieram bater a minha porta para anunciar que o general Humberto Francis queria me ver de novo em seu gabinete. Ao volante de meu carro, respondi à convocação de imediato. Quando cheguei, o general Francis em pessoa me intimou a entrar em outro veículo que me levaria para "um lugar" onde pudéssemos falar tranquilamente… Assim que subi no Lada branco, dois guardas me cercaram no banco de trás. O coronel Laudelio, da Contrainteligência Militar[b] sentou-se no banco da frente e me avisou que iríamos ao Centro de Detenção de Havana. As coisas não pareciam boas… Conhecido pelo nome de "Cien y Aldabó", pelo nome das ruas onde fica, esse centro era a prisão mais assustadora e temida de Cuba: era onde a polícia interrogava os presos de direito comum, com espancamentos, torturas e maus-tratos de todos os tipos.

Pelo nervosismo de meus dois guardiões, compreendi que depararia com grandes dificuldades. Mas nunca imaginei que o problema era eu! Pensei que um membro de minha família, ou um amigo, tivesse cometido algum delito. Porém assim que chegamos, Laudelio me disse:

— Bom, Sánchez, você é um homem inteligente, não precisa que eu explique as coisas por três horas: está aqui na condição de detento!

Ouvindo isso, explodi.

— Do que estou sendo acusado?

— Controle-se. Vamos explicar tudo amanhã.

— Mas por que estou aqui? — insisti.

Eles tiraram meu cinto, os cadarços e me atiraram numa cela por 24 horas, sem avisar minha mulher, que, vendo que eu não voltava, ficou muitíssimo preocupada.

No dia seguinte, me "explicaram", de fato… que eu era um "traidor da pátria" e que os indícios provavam que eu estava me preparando para deixar Cuba. Era uma mentira absoluta: essa ideia nunca tinha me passado pela cabeça.

Os interrogatórios começaram. Então descobri que em Cuba, ao contrário do que Fidel Castro afirmava desde sempre, a tortura era praticada como em todas as ditaduras latino-americanas que precederam a nossa, no Chile, na Argentina, no Uruguai etc.

Os interrogatórios, feitos por membros da Contrainteligência Militar com sobretudos bem grossos, aconteciam numa sala pequena, onde o ar-condicionado era ligado no máximo, enquanto eu, como todos os presos de "Cien y Aldabó", vestia apenas uma camiseta sem mangas. O frio me atingia no peito e no rosto. E quando eu perguntava a meus algozes se era possível desligar o ar, eles respondiam com ironia que sentiam muito, mas que não tinham acesso ao sistema de controle, que ficava fora da sala. Depois me deixavam sozinho por três ou quatro horas, até eu ficar com unhas e lábios violeta.

Passaram uma semana tentando me fazer confessar que eu era um contrarrevolucionário, sem dúvida pensando que eu acabaria cedendo e assinando um depoimento. Mas eu estava tão escandalizado com meu destino que não assinei absolutamente nada. Um dos interrogadores me disse: "Você com certeza deve saber que está aqui por ordem de Fidel". No fim de uma semana, fui informado de que a administração penitenciária estava à espera do *comandante en jefe* para saber se eu seria liberado ou não. Então entendi que estava ali somente pela vontade do homem que eu tinha servido por um quarto de século!

Naquele momento, gostaria de ter falado com meu antigo patrão, pois sabia que teria sido fácil demonstrar que eu era uma vítima inocente de uma armação. Que ele estava enganado. E que provavelmente fora levado a equivocar-se a meu respeito pela má vontade de alguns membros da escolta. Eu sabia, de fato, que nosso chefe José Delgado sentia por mim uma inveja dissimulada, pela simples e boa razão de que ele não tinha nenhum talento. Além disso, minha responsabilidade enquanto preparador físico da escolta me dava um poder considerável dentro dela, pois era eu quem selecionava os participantes das viagens ao exterior.

Seja como for, nunca tive acesso a Fidel. O que provava, mais uma vez, que ele tratava os seres humanos como objetos a serem jogados no lixo depois que não serviam mais. Eu sabia disso, mas como muitas pessoas nesse tipo de situação, pensei que, em vista de tudo o que tinha feito por ele, seria poupado.

*

Fui então colocado em isolamento numa cela imunda onde não vi a luz do dia por dois meses. Em "Cien y Aldabó", as celas, infestadas de baratas, foram concebidas para feder a urina e excremento.

Havia apenas um buraco para fazer as necessidades. E a torneira de água, cuja vazão permitia beber o equivalente a dois copos por dia, não mais que isso, ficava a apenas dez centímetros daquelas latrinas imundas. Para quebrar meu relógio biológico interno, o café da manhã era servido às duas horas da tarde e a refeição principal (asquerosa, fria e em quantidade insuficiente) às oito horas da manhã. Além disso, lá dentro fazia um calor sufocante, e o contraste com o frio da sala de interrogatórios era insuportável. Para completar esse quadro sórdido, meus guardas me deram um colchão de fibra de arroz visivelmente contaminado, pois em poucos dias tive uma erupção cutânea espetacular com feridas de pus em toda a parte inferior do corpo a partir da cintura, inclusive nos testículos.

Felizmente, um médico do CIMEQ, um certo Alfredo, preso por ter saído ilegalmente de Cuba, trabalhava na enfermaria da prisão e conseguiu me curar. Ao fim de dois meses, porém, eu estava física e moralmente destruído: tinha perdido quase trinta quilos, passando de 83 para 54 quilos. Não aguentando mais, finalmente pedi para falar com um responsável e, no dia seguinte, fui levado até um coronel (nunca soube seu nome) que me disse saber quem eu era. “Faz um bom tempo que eu quero conhecê-lo!”, ele disse. Respondi, mordaz, que ele sabia onde me encontrar. Depois, dei-lhe um ultimato.

— Se amanhã vocês não me tirarem desse buraco, vou começar uma greve de fome e o primeiro a entrar em minha cela será devorado.

Contrariado, o coronel levou minha ameaça a sério. Aparentemente, a mensagem chegou a Fidel, pois no dia seguinte doze homens armados foram enviados para me buscar e me transferir para a prisão de La Condesa, na cidade de Güines, trinta quilômetros ao sul de Havana.

Ali, fui encerrado com 22 outros detentos, dentre os quais alguns eram criminosos perigosos, naquilo que em Cuba chamamos de uma *galera*, pois as condições de vida lembravam de fato as das galés.

A transferência para Güines foi um pequeno progresso, apesar das “torturas brancas” (que não deixam vestígios) continuarem sendo a regra.

Güines tinha um microclima que, à noite, fazia a temperatura descer abaixo da média das outras cidades cubanas. Assim, na estação fria, os guardas nos faziam sair para o pátio às três horas da manhã e nos obrigavam a tirar a roupa. Tínhamos que ficar ali, de pé e nus na frente de nossos carcereiros, que nos humilhavam: “Estão com frio? Que estranho… nós não!”. Então aqueles sádicos iam embora às gargalhadas e nos deixavam tremendo a noite toda. Esse tipo de prática, e outros ultrajes muito piores, são moeda corrente nas prisões da ilha há décadas. Mas isso nunca impediu Fidel e Raúl Castro de afirmarem ao mundo que não existe tortura em Cuba, pois seu regime é civilizado demais para isso…

Em Güines, os carcereiros continuavam me ameaçando:

— Se continuar negando ter participado de atividades contrarrevolucionárias e ter se encontrado com pessoas desviantes, se não assinar o depoimento, nunca sairá daqui…

Cerrando os dentes e fixando-os nos olhos, eu respondia:

— Se este for meu destino…

Finalmente, cerca de um mês depois de minha transferência, oito homens armados até os dentes me levaram ao tribunal militar de Playa, uma das municipalidades de Havana. Nessa sessão entre quatro paredes, todos os meus direitos foram desrespeitados: o presidente não ouvia quando meu advogado falava, as testemunhas da acusação podiam conversar entre elas na peça adjacente etc. Afronta suprema: alguns de meus antigos colegas testemunharam para me acusar de desvio contrarrevolucionário. Mas graças a meus conhecimentos de direito penal e, também, porque meu dossiê estava vazio, consegui fazer valer argumentos convincentes para minha própria defesa, lembrando que não tinha absolutamente nada a fazer na frente dos juízes, e muito menos atrás das grades, pois meu único erro tinha sido o de ter pedido afastamento — coisa que, até onde eu sabia, não constituía um delito.

O procurador requereu oito anos de detenção. Alguns dias depois, minha mulher chegou à prisão para me comunicar o resultado das deliberações: dois anos e meio! Ela estava aliviada, pois era muito menos que os oito anos esperados. Mas eu fiquei indignado, enojado. Apelei da decisão. No mês seguinte, em apelação, o tribunal militar da municipalidade Diez de Octubre, sempre em Havana, reduziu minha penas para dois anos de prisão.

Em La Condesa, recebi a visita do antigo chefe da escolta Domingo Mainet, que no fim dos anos 1980 fora nomeado inspetor das prisões da província de Havana. Naquele momento estávamos, literalmente falando, cada um de um lado. Mainet me perguntou como eu estava e respondi: “Muito mal. E você sabe perfeitamente que não tenho nada a fazer aqui, porque me conhece muito bem”. Depois, ele quis saber se eu pensava que era por vontade pessoal de Fidel que estava preso. Obviamente, abstive-me de dizer a verdade, pois conhecia o sistema cubano: atacar *el comandante* apenas pioraria minha situação. Contentei-me em responder: “Ele provavelmente foi induzido ao erro por seu sucessor, o chefe da escolta José Delgado e pelo pessoal da Contrainteligência Militar”. E acrescentei: “Agora, se não tem mais nada a dizer, gostaria de voltar para minha cela”.

Mais tarde, o general Francis, o grande chefe da Segurança Pessoal, também foi me ver. Quando cheguei ao gabinete do diretor da prisão — que nunca tinha recebido um general tão importante —, uma mesa estava posta. Francis começou me dizendo que eu logo seria recebido pelo ministro do Interior, Abelardo Colomé Ibarra… o que nunca aconteceu. Depois me convidou a comer. Recusei, explicando que não era o tipo de refeição que geralmente degustávamos na prisão e que, como ele devia saber, não havia nenhum motivo razoável para que eu apodrecesse entre quatro paredes. O general, um pouco incomodado, baixou a cabeça para se servir e eu pus fim à conversa pedindo, como tinha feito com Domingo Mainet, para voltar a minha cela. Mais uma vez, abstive-me de qualquer crítica a Fidel, a fim de não comprometer minhas chances de libertação.

Também tenho certeza de que, durante meu período atrás das grades, tentaram me matar — da mesma maneira que, sem dúvida, livraram-se do antigo ministro do Interior José Abrantes, condenado a vinte anos de reclusão em agosto de 1989 e morto por um “ataque cardíaco” em janeiro

de 1991. Eu tinha contraído uma otite aguda e o médico da prisão me prescrevera um tratamento que, em vez de me fazer bem, não apresentava nenhum resultado. Meu estado geral, pelo contrário, se agravava a cada dia. Felizmente, no locutório, um médico que visitava um parente prisioneiro analisou o meu caso. Descobriu, assim, que com aquele tratamento eu me encaminhava direto para um acidente vascular cerebral. Indignado, queixou-se ao diretor da prisão acusando-o de atentar contra a minha vida. Depois, ameaçando denunciá-lo às autoridades, esse médico obteve autorização para me acompanhar pessoalmente, uma vez por semana, no locutório. Graças a esse anjo da guarda, que me aconselhou a não frequentar a enfermaria da prisão, interrompi o tratamento inicial e consegui me salvar. Sem ele, este livro não existiria.

Sim, foi em La Condesa que decidi escrever um livro! Um dia, tomando sol no pátio da prisão, olhei para o céu azul e jurei para mim mesmo que, como *el comandante* não tinha tido o menor escrúpulo ao me encerrar ali, nem ao fazer minha família sofrer com tamanha injustiça, apesar de tudo o que eu tinha sacrificado para protegê-lo, eu revelaria ao mundo a verdadeira natureza de Fidel Castro. A ideia desta obra nasceu, portanto, num dia ensolarado do ano de 1995, há quase vinte anos, enquanto eu usava o uniforme cinza dos prisioneiros de direito comum, a poucos quilômetros das praias de areia fina onde turistas despreocupados do mundo inteiro iam beber *mojitos* e dançar salsa, sem desconfiar por um instante sequer do destino das vítimas dos irmãos Castro…

*

Por fim, dois anos depois de ser preso — nenhum dia a menos —, recuperei a liberdade, mas estava terrivelmente enfraquecido: desde que meu médico-anjo da guarda começara a cuidar de mim, eu tinha começado a engordar um pouco, porém continuava pesando vinte quilos a menos do que no momento da detenção.

Ao sair da prisão, apresentei-me à direção da Segurança Pessoal
para regularizar minha situação. Chegando lá, surpresa: lendo os documentos que me foram entregues, descobri que meu direito à aposentadoria tinha sido reconhecido dois anos antes, isto é, antes de minha detenção! O que significava, do ponto de vista formal, que eu já era um civil, e não mais um soldado, quando fui processado. E, consequentemente, que todo o processo estava cheio de irregularidades, pois, enquanto civil, eu não poderia comparecer diante de um tribunal militar… De todo modo, contive minha raiva: ao menos tinha conseguido sair…

Eu não sabia que ainda não estava livre do assédio policial. Logo fui posto sob a vigilância rígida do G2: agentes da Segurança de Estado ficavam postados na frente da minha casa 24 horas por dia e me seguiam para todos os lados, fosse eu de carro à casa de minha mãe ou simplesmente dar uma volta até a esquina.

No primeiro ano, não fiz muito. Tendo sido expulso do PCC, era difícil, se não impossível, encontrar emprego. Vivendo de uma aposentadoria de trezentos pesos (dezesseis dólares) — pois, diga-se de passagem, eu recebia a aposentadoria aprovada antes da detenção, o que demonstra, mais

uma vez, o absurdo de meu processo —, eu passava muito tempo em casa sem fazer nada, em família, com minha esposa, recuperando o tempo que me fora roubado na prisão.

Onde quer que eu fosse e quaisquer que fossem meus interlocutores, eu me abstinha de criticar Fidel Castro ou de tecer qualquer comentário sobre a situação política e social. Resultado: os serviços de informação não conseguiam entender meu estado de espírito a respeito da Revolução. Por isso, ao fim de um ano, dois oficiais vieram me oferecer um emprego. Conhecendo o sistema castrista na ponta dos dedos, eu sabia que era, obviamente, para me vigiar melhor, pois a Segurança de Estado tem espiões e agentes em todas as unidades de produção do país, bem como nas escolas, nas administrações, nos hotéis, nos restaurantes, nos mercados etc. Foi assim que me tornei, sucessivamente, gerente de um centro logístico para caminhões que transportavam trigo e farinha, responsável administrativo, gerente noturno no Café TV — um cabaré do centro da cidade — e funcionário de uma unidade de vigilância que pertencia ao Ministério dos Trabalhos Públicos.

Tendo estudado contraespionagem, coloquei em prática todas as técnicas de desinformação que tinha aprendido na escola e no trabalho. Em vez de criticar Fidel, fingia me preocupar com sua segurança: “O comandante em chefe precisa tomar cuidado ao visitar tal país, pois lá os inimigos da Revolução são legião”, eu deixava escapar numa conversa com os colegas de trabalho, sabendo que minhas palavras seriam repetidas. Eu também participava de todas as atividades revolucionárias, assistindo a reuniões de bairro ou comparecendo às manifestações de massa convocadas pelo comandante.

Ao mesmo tempo, no entanto, mantinha-me discretamente informado sobre as redes de emigração clandestina que, a partir dos anos 1990, se multiplicaram em Cuba. Graças a elas, fiquei sabendo que os serviços de passador custavam no mínimo 10 mil dólares. Comecei a vender diversos objetos — bibelôs, eletrodomésticos etc. —, para reunir uma parte dessa quantia e tentar, um dia, embarcar numa lancha que me levasse rumo à liberdade. Meu irmão e meu tio, já estabelecidos nos Estados Unidos, me mandavam dinheiro, sempre por intermédio das redes clandestinas e de minha filha, que trocara a Venezuela pela Flórida e a cada dois ou três anos vinha nos ver em Cuba. Além disso, comecei a enviar-lhes documentos (fotografias, diplomas, medalhas etc.) que, chegada a hora, me permitissem provar, sem possibilidade de contestação, que eu tinha de fato trabalhado como guarda-costas de Fidel por dezessete anos.

*

Libertado da prisão em 1996, levei doze anos para conseguir sair da ilha, em 2008, depois de dez tentativas infrutíferas. A cada vez, sempre surgia um problema: o barco dos passadores não comparecia ao encontro, a guarda costeira patrulhava as paragens ou eu simplesmente tinha a impressão de estar sendo seguido. É claro que eu sistematicamente colocava em prática as técnicas de despistamento aprendidas na escola do MININT para afastar os agentes do G2. Eu mergulhava na multidão num local muito movimentado, entrava rapidamente num banheiro público para mudar de chapéu e de camiseta e após alguns minutos voltava pelo mesmo caminho depois de dobrar numa esquina para ter certeza de estar sozinho. Mas tudo isso era desgastante e eu me perguntava se realmente um dia conseguiria sair de lá.

Em 2008, a sorte virou. Minha mulher conseguiu uma autorização de saída para ir visitar a irmã nos Estados Unidos. Ela ficaria na Flórida por um mês, a menos que — finalmente — eu conseguisse fugir. Uma semana depois de sua partida, recebi uma mensagem, via rede de passadores, dizendo que uma "passagem" para o México estava prevista para os próximos dias. Dessa vez, o encontro fora marcado na província de Pinar del Río, a mais ocidental da ilha. Tive um mau pressentimento, pois duas de minhas tentativas anteriores tinham justamente fracassado em Pinar del Río: numa delas, a guarda costeira tinha inclusive dado tiros de aviso, à noite. Saí muito assustado da aventura. Além disso, tinha a impressão, errônea, de que os "meus" passadores (a quem pagara 12 mil dólares) trabalhavam para a Segurança de Estado. Se fosse verdade e eles me entregassem às autoridades, eu sabia que voltaria para a prisão por muito, muito tempo… Em suma, eu sentia a situação se estreitando a minha volta. Fazia pouco tempo que policiais do G2 tinham ido interrogar meus vizinhos para saber por que eu fazia viagens para a província, até o outro extremo do país, por exemplo a Santiago de Cuba, onde não tinha nenhum familiar.

Decidi, apesar de tudo, arriscar. Meu contato tinha me indicado que o encontro fora marcado ao lado de Los Palacios, cem quilômetros a oeste de Havana. Por ironia do destino, encontrei-me, no dia marcado, escondido numa zona pantanosa a apenas seiscentos metros de uma casa que eu conhecia perfeitamente, por tê-la frequentado dezenas de vezes com Fidel: La Deseada, o chalé de madeira onde ele se instalava para caçar patos. Fiquei dois dias imóvel num manguezal esperando a chegada dos passadores, sem comer nada. Comecei a perder as esperanças quando finalmente a embarcação apareceu no meio da noite, as luzes apagadas.

Éramos 45 fugitivos no barco, mas o capitão explicou que tinha recebido ordens de embarcar apenas trinta pessoas. Ele sugeriu que quinze voluntários deixassem o navio. Obviamente, ninguém se candidatou. Depois de inúteis negociações, ele decidiu ligar os motores às três horas da manhã com todos a bordo! Ora, sob o peso dos passageiros, o nível de flutuação era tão baixo que uma hélice bateu em alguma coisa e se quebrou. Felizmente, restavam três motores, e foi assim que chegamos a águas territoriais internacionais. A meio caminho de Yucatán (México), outro barco veio a nosso encontro e, em alto-mar, uma parte dos fugitivos mudou de bordo. As duas embarcações seguiram o resto do trajeto juntas.

Ao cair da noite seguinte, chegamos ao largo de Cancún, a estação balnear mexicana localizada a cerca de duzentos quilômetros da extremidade oeste de Cuba. Os passadores esperaram a noite para desembarcar numa praia onde havia um caminhão que nos conduziu até uma casa em terra firme.

Ao longo de uma semana, os passadores nos fizeram sair por grupos de quatro ou cinco pessoas, para nos levar com toda discrição até o aeroporto, onde devíamos embarcar em voos para Nuevo Laredo, uma cidade fronteiriça com o Texas, a 1500 quilômetros de Cancún. Fui um dos últimos a sair. Antes de se despedirem, os passadores nos deram um conselho: "Falem o mínimo possível, para não serem reconhecidos por suas entonações".[c] Depois nos desejaram boa sorte…

Em Nuevo Laredo, o plano era simples: fingir um ar despreocupado e cruzar a fronteira a pé com a horda de moradores que todos os dias atravessava a ponte do Rio Bravo para ir trabalhar do outro

lado, tentando evitar uma inspeção. Em seguida, a vitória viria fácil: depois que colocam a ponta do pé nos Estados Unidos, os cubanos, ao contrário de todos os demais latino-americanos, desde 1966 se beneficiam da "lei de ajuste cubano",[d] que automaticamente lhes confere asilo político.

Logo antes de cruzar a ponte-fronteira de Nuevo Laredo, nosso pequeno grupo de cinco pessoas teve um momento de pânico: e se fôssemos presos pela guarda da fronteira tão perto do nosso objetivo? Respirei fundo, voltei a mim e disse a meus camaradas, que não sabiam que eu tinha sido militar: "Sigam-me, vou na frente!". Expliquei que se os guardas mexicanos se aproximassem de nós, deveríamos correr para os Estados Unidos, pois os funcionários latinos nunca cometeriam a imprudência de atirar na direção dos americanos. Seguimos em frente: os trezentos metros que nos separavam dos Estados Unidos pareceram intermináveis. Mas chegando à altura do último fiscal mexicano, sem pensar, espontaneamente, bati-lhe no ombro sorrindo e disse, todo feliz: "Bom dia!". No instante seguinte, estava nos Estados Unidos. E meus camaradas de viagem também.

Ao primeiro policial que encontrei, um negro alto, eu disse as duas palavras mágicas que abriam todas as portas: "Asilo político!". Mas ele não entendia espanhol. Virei-me então para um de seus colegas, de origem colombiana, que imediatamente percebeu que éramos cubanos. Vendo em nossos rostos exaustos que não comíamos havia muito tempo, aquele colombiano nos ofereceu refrigerantes e um frango do KFC, que devoramos na hora. Foi meu primeiro contato com a gastronomia americana: nada de mais, mas dez vezes melhor que a cubana do dia a dia! Depois ele nos conduziu, em separado, aos oficiais do Serviço de Imigração, todos hispanófonos.

Como a todos os cubanos que desembarcavam nos Estados Unidos, o funcionário me fez a pergunta de praxe:

— O senhor, de perto ou de longe, colaborou com o governo de Cuba?

— Sim — respondi.

— O que o senhor fazia?

— Fui guarda-costas do *comandante en jefe* Fidel Castro por dezessete anos!

Meu interlocutor parou de falar, olhou-me por cima dos óculos e perguntou se eu estava falando sério. Eu disse que sim e pensei que seu queixo fosse cair. Devo dizer que, até hoje, continuo sendo o único membro da escolta de Fidel a ter desertado. O funcionário esboçou um grande sorriso, levantou-se e disse: "Não saia daqui, volto já". Ele desapareceu por uma hora e voltou com um enorme dossiê, que colocou sobre a mesa. Em cima, podia-se ler, numa etiqueta branca: "Juan Reinaldo Sánchez". Era o *meu* dossiê, que ele tinha pedido ao FBI! Ele continha uma pilha de papéis a meu respeito e permitiu reconstituir minha biografia. Lembro que o oficial passou a hora seguinte preenchendo meu pedido de asilo e me fazendo perguntas perfeitamente anedóticas e engraçadas. Por exemplo, ele queria a todo custo entender como Fidel conseguia comer com uma barba tão comprida e espessa! Por fim, quis saber se eu aceitaria uma entrevista de briefing com um agente do FBI. Ao que respondi: "É claro! Com muito prazer!".

A seguir, telefonei para meu tio, que sempre considerei como um pai. Do outro lado, em sua casa em Miami, ouvi-o gritar e dançar de alegria: "É verdade? Você conseguiu? Eu te amo, meu filho!

Venha logo, queremos te ver *ahora*!”. Tínhamos a impressão de estar vivendo o *happy end* de um filme. Ele me enviou uma passagem de avião e, oito horas depois, aterrissei em Miami, recebido pelo melhor comitê de boas-vindas: minha família inteira! Enfim, quase toda. Minha mãe tinha ficado em Cuba, meu filho também, que conseguiria, como ela, deixar a ilha em 2012. Mas os outros estavam loucos de alegria. Minha mulher, minha filha e meu genro, meus netos, meu tio-pai!

Quando cheguei à casa de minha filha, esperavam-me com uma bela refeição e roupas novas (tinha saído de Cuba sem nada além do que tinha no corpo). Fui tomar um banho quente, fazer a barba, ficar bonito e limpo para festejar aquele acontecimento inaudito: minha liberdade. Pela primeira vez em anos eu podia relaxar, enfim livre da sensação de opressão causada pela presença constante dos agentes da Segurança de Estado. A espada de Dâmocles que pesava sobre mim havia tanto tempo tinha desaparecido.

Para um cubano, o reencontro e a reunificação da família são a melhor coisa do mundo. Nunca mais precisarei conhecer a separação que faz tantas famílias sofrerem. Passamos à mesa para comer *camarones al ajillo*, um prato tipicamente cubano, camarões ao alho, com arroz e feijão-preto, e passamos a noite rindo e nos abraçando.

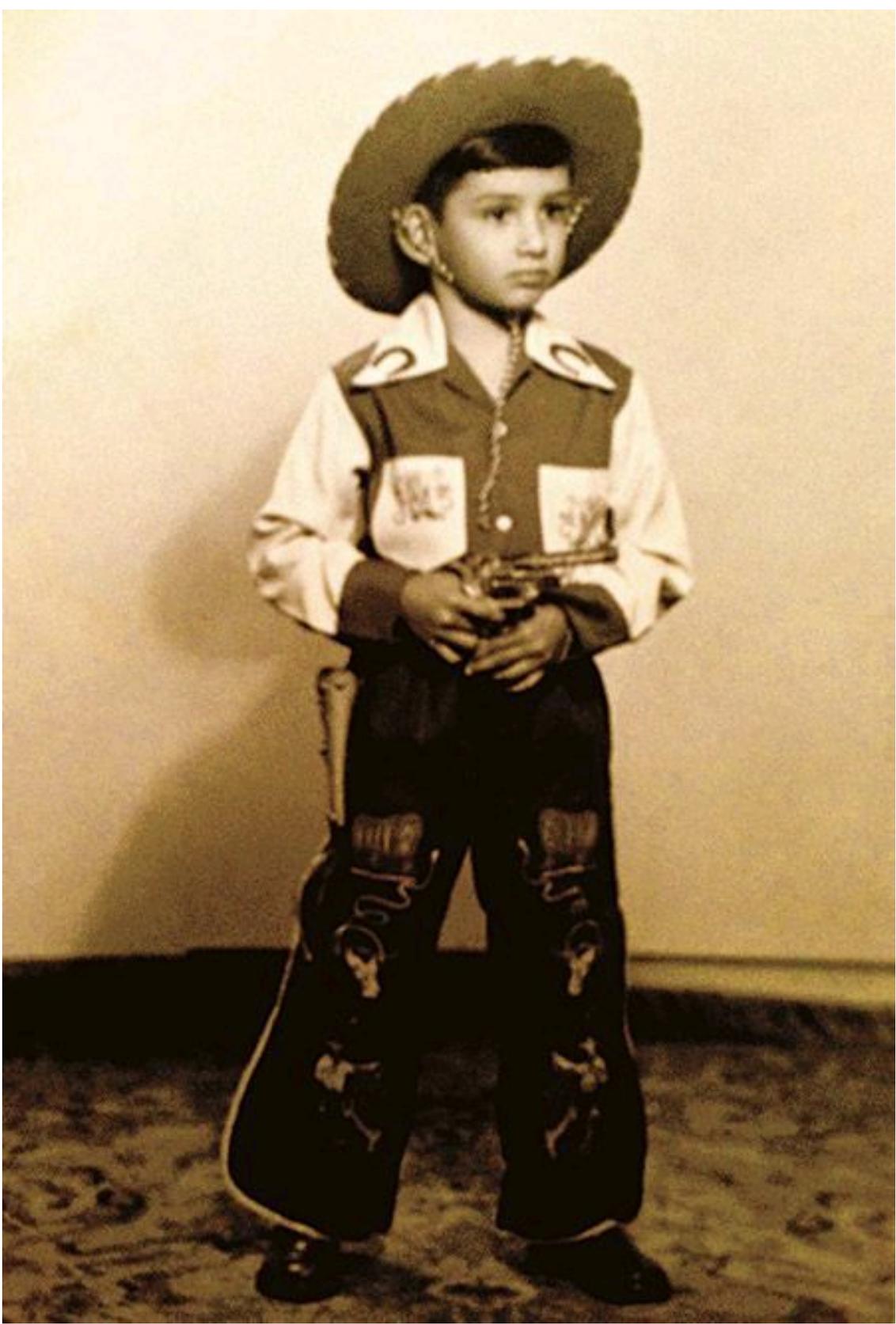
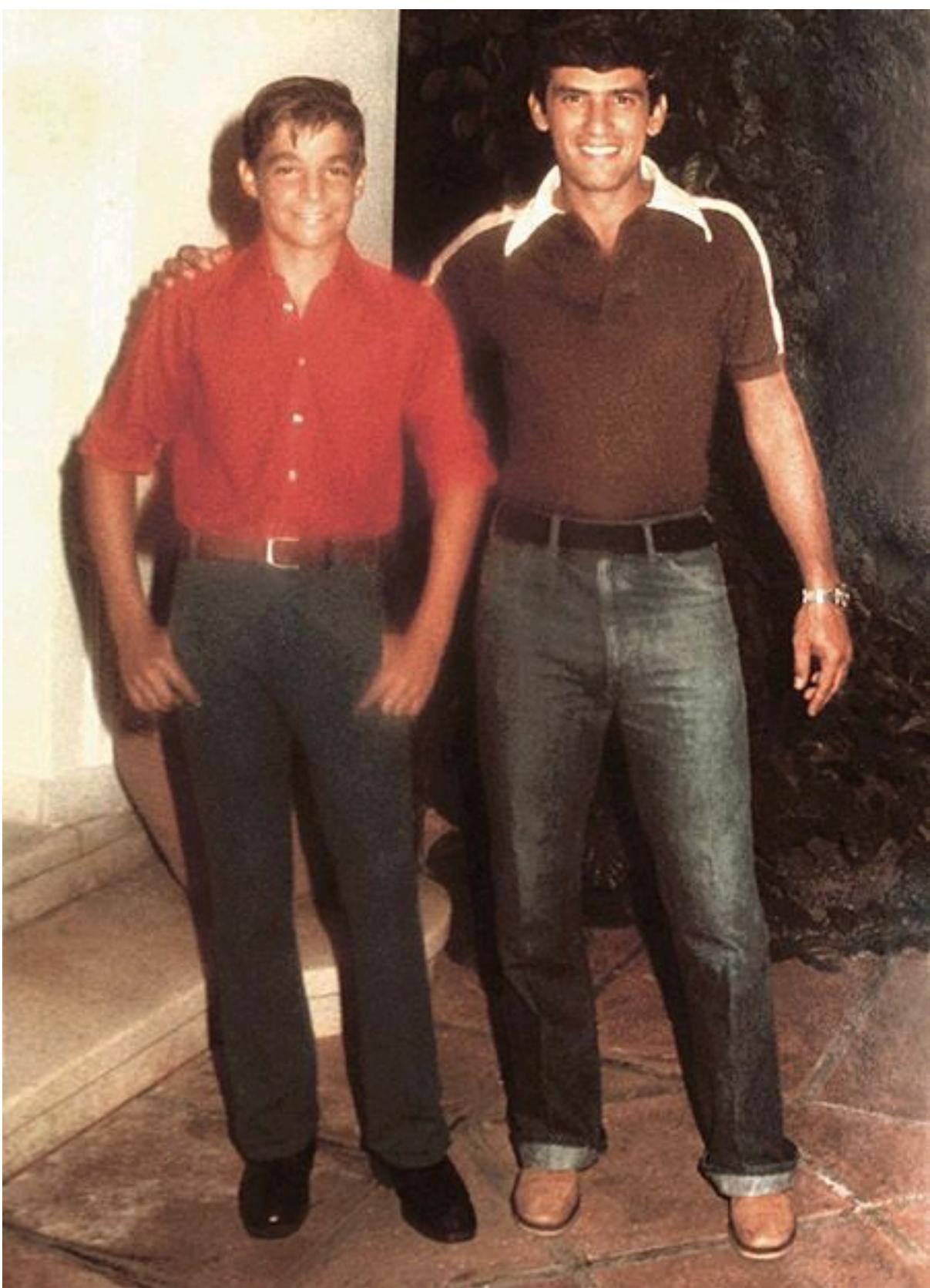
No dia seguinte, depois de uma noite curta, visitei o bairro de Little Havana e constatei que nada em sua arquitetura se parecia com Havana, apesar das centenas de milhares de exilados cubanos jogando dominó nas praças públicas, bebendo café cubano a todo momento e reconstituindo a atmosfera calorosa típica do povo a que pertenço.

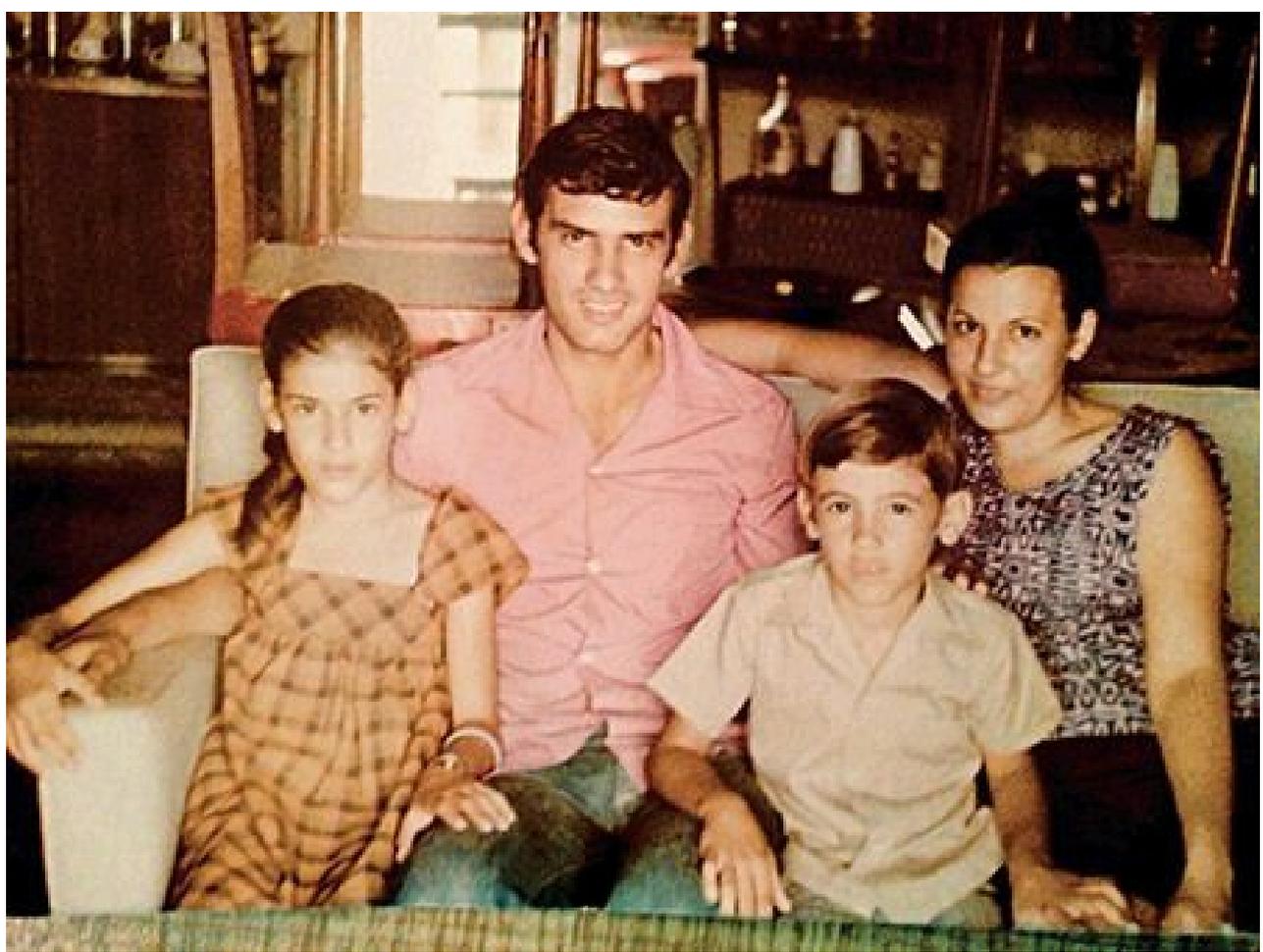
*

Depois de um ano, pude começar a trabalhar como consultor independente na proteção de pessoas e, também, como analista político de Cuba. Estou convencido de uma coisa: nada vai melhorar na ilha enquanto os irmãos Castro estiverem no poder. De longe, vejo meu antigo chefe, Fidel, afundando na velhice e na doença. Está decaindo aos poucos, cada vez menos capaz de reinar sobre as pessoas e de influenciar os acontecimentos… Ao se contemplar num espelho, sei a que ponto deve sofrer por se ver tão diminuído. Eu o conheço.

Quando penso nele, não sinto nenhum ódio, nenhum ressentimento, nenhum rancor. São sentimentos negativos que me impediriam de viver. Sempre fui um otimista, certo de que o amanhã será melhor do que o hoje. Sinto muito mais raiva de seus homens, que me acusaram no tribunal: do procurador, dos juízes, dos oficiais da Contrainteligência Militar, de alguns antigos colegas que prestaram falso testemunho e dos demais espiões. Pois são eles que fazem o serviço sujo e são eles que sustentam o sistema.

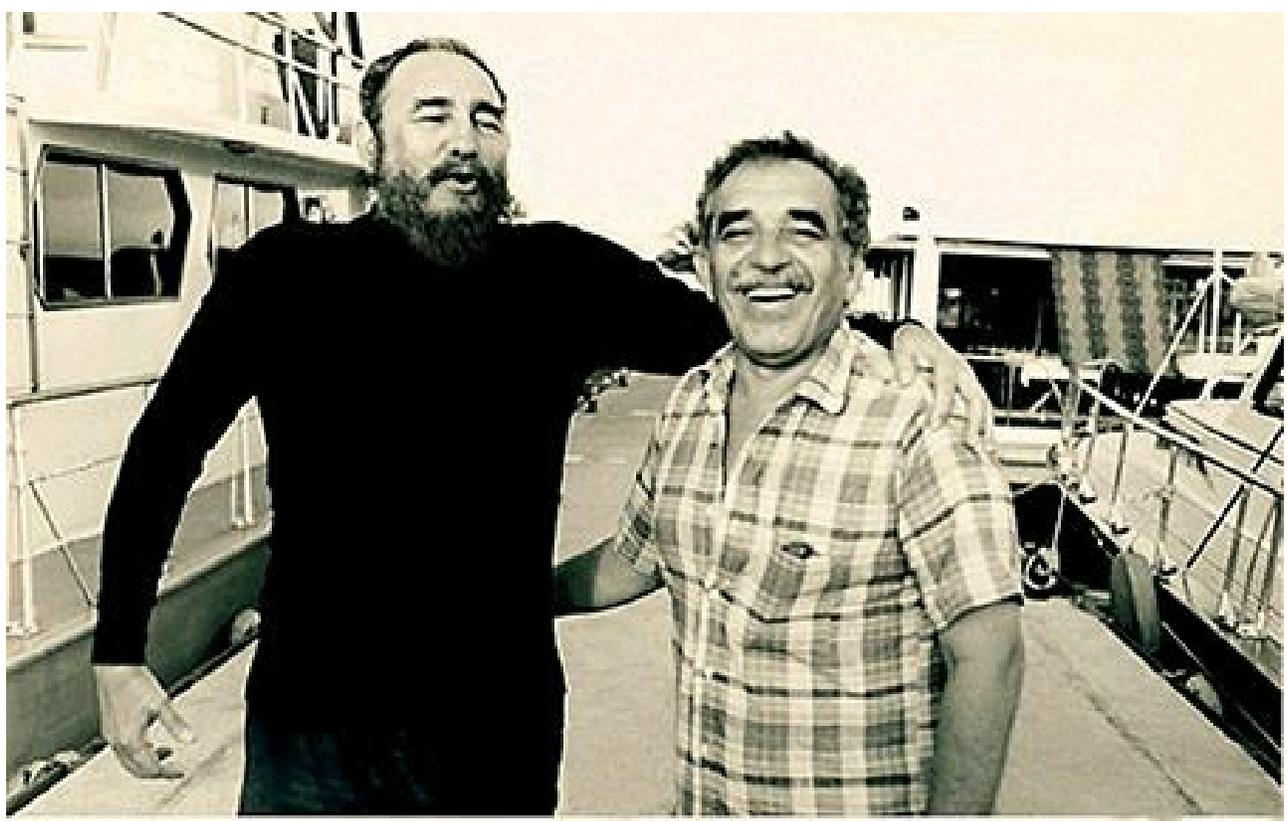
De minha parte, apenas me enganei. Cometi o erro de dedicar a primeira parte de minha vida à proteção de um homem que eu admirava, em sua luta pela liberdade do país e em seu ideal revolucionário, antes de vê-lo tomado pela febre do poder absoluto e pelo desprezo ao povo. Mais que sua ingratidão sem fim por aqueles que o serviram, condeno sua traição. Pois ele traiu a esperança de milhões de cubanos. E, até o fim dos meus dias, uma pergunta rondará minha mente: por que as revoluções sempre acabam mal? E por que seus heróis se transformam, sistematicamente, em tiranos piores que os ditadores que eles combateram?

a Ele continua ocupando essa função atualmente.
b CIM, encarregada de vigiar todos os militares cubanos.
c Qualquer latino-americano distingue com facilidade os sotaques cubano e mexicano, muito diferentes um do outro.
d *Ley de Ajuste Cubano*, em espanhol; *Cuban Adjustment Act* (CAA, em inglês).

Janeiro de 1956: ganhei de presente uma roupa de caubói e… minha primeira arma!

Aniversário de quinze anos de Antonio, em 1986. Ele fez questão de me convidar para a festa na casa de seus pais, Fidel e Dalia.

Segredo de Estado até a publicação deste livro, a ilha de Cayo Piedra, paraíso particular de Fidel Castro desde 1961, ao sul da Baía dos Porcos (21o57’53’’N – 81o07’04’’), era totalmente ignorada pelos cubanos. Visitei-a centenas de vezes.

Em família, com minha esposa Mayda, Aliette (seis anos) e Ernesto (quatro anos), em 1975.

Na casa de Fidel, em Punto Cero, por volta de 1990. Felicito-o por uma medalha que ele recebeu. À direita, Ambrosio Reyes Betancourt, o “doador de sangue”.

Na Nicarágua, em julho de 1980, com os comandantes sandinistas Jaime Wheelock (à dir. na foto) e Daniel Ortega (à dir. de Fidel). Atrás deste último: o chefe da escolta, Domingo Mainet (de farda) e o dirigente do PC cubano Julio Camacho Aguilera (de camisa branca). De roupa azul: eu.

As duas lanchas de Fidel, *Pionera I* e *II*, atracadas. Discussão preparatória antes de uma caçada submarina, com um *cameraman* e um iluminador. Eu sou o de roupa escura. Fotografia tirada por volta de 1980.

Em Cayo Piedra, a ilha secreta, com o amigo Gabriel García Márquez, em 1983. À esq.: o *Aquarama II*, o iate de Fidel. À dir.: a *Pionera I*. Ao fundo: o restaurante flutuante.

Com o primeiro-ministro de Granada, Maurice Bishop, e Juanita Vera, intérprete e amante de Fidel, em Cienfuegos (Cuba), em 1983. Na extrema dir.: eu, de boné.

Aniversário de Fidel, dentro da Unidade 160, com a presença do nicaraguense Humberto Ortega (à dir. de Fidel, de óculos e bigode), do amigo Núñez Jiménez (à esq. da foto, de barba e camisa branca), do espião Manuel Piñeiro, o *Barbarroja* (ao lado do anterior, de barba e camisa azul), de Raúl Castro (agachado, de camisa branca e bigode) e eu, também agachado, de farda (terceiro a partir da dir.).

Outro aniversário de Fidel, dessa vez em Punto Cero. Estou prestes a escrever o nome do vinho argelino na *libreta*, que está no bolso de minha camisa (à esq. da foto).

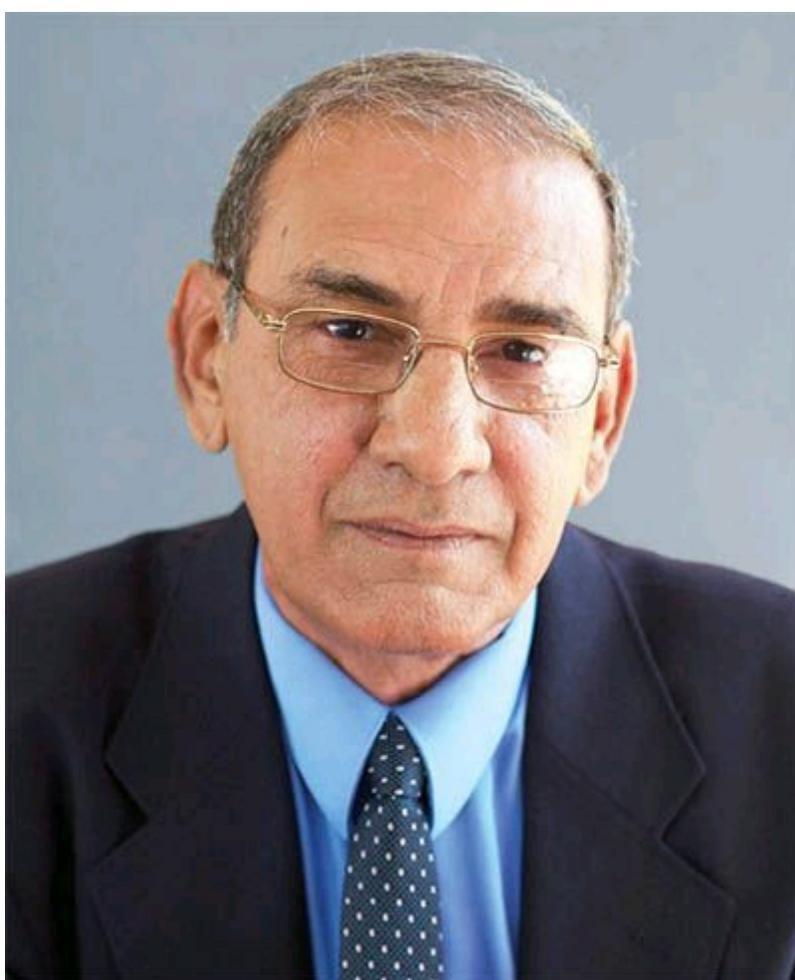
Na sala de recepções do Palácio da Revolução, em setembro de 1991, durante a visita de Manuel Fraga, presidente da Comunidade Autônoma da Galícia (Espanha), terra natal do pai de Fidel.

A casa comprada em Harare (Zimbábue) em 1986, com a maleta de dinheiro que estou segurando. O abrigo antiaéreo ficava ali onde se vê um guarda (no fundo à esq.); o quarto de Fidel, logo ao lado. A meu lado, o guarda-costas Jaime González Hernández (calça marrom).

No Iliouchine presidencial, voltando do Equador, em 1988. Eu estou agachado logo atrás de Fidel. À minha dir.: o "sósia" Silvino Álvarez, sem maquiagem e de roupa escura. De costas, no primeiro plano: o ministro José Abrantes. À esq. de Fidel: nosso embaixador em Quito (de barba). Atrás dele: o dr. Selman, médico pessoal (de bigode). No centro, de terno azul-claro: o enfermeiro. Os outros são guarda-costas.

Equador, em agosto de 1988, com uma jornalista que pedira um autógrafo. Como temíamos um atentado com uma caneta envenenada, eu apareço tirando a caneta da jornalista das mãos de Fidel.

Na Espanha, em 1992, à saída do hotel. À esq.: o diretor da Segurança Pessoal do regime cubano, o general Humberto Francis Prado. No centro: eu.

Fidel e eu no hotel Camino Real de Guadalajara (México), em julho de 1991.

DR

JUAN REINALDO SÁNCHEZ, atleta de alto nível, com treinamento militar, e acadêmico, se dedicou inteiramente à causa da Revolução. Em 1977, passou a integrar a equipe de segurança pessoal de Fidel Castro. Ele acompanhou intensamente a vida do *líder máximo* durante os dezessete anos seguintes, registrando diariamente todos os detalhes de suas ações. Escreveu este livro com AXEL GYLDÉN, repórter da revista francesa *L'Express* e autor de *Le Roman de Rio* (2007).